

LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: VOZES DISSONANTES

por

André Luiz Dias Lima

Tese apresentada à banca examinadora do Doutorado em Estudos de Literatura como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Literatura e vida cultural.

Orientador: Prof. Dr. Luis Filipe Ribeiro

Niterói
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESTUDOS DE LITERATURA

ANDRÉ LUIZ DIAS LIMA

LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: VOZES DISSONANTES

Niterói
2009

LIMA, André Luiz Dias.

LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: VOZES DISSONANTES /André Luiz Dias Lima. Niterói: UFF / PPL, 2009.

226 fl

Tese – (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense.

1. Lima Barreto. 2. Dostoiévski. 3. Análise do Discurso. 4. Tese. I. Título.

André Luiz Dias Lima

***LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: VOZES
DISSONANTES***

Tese apresentada à banca examinadora do Doutorado em Estudos de Literatura como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Literatura e vida cultural.

Aprovada em 15 de dezembro de 2009.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luis Filipe Ribeiro (UFF – orientador)

Professor Dr. Paulo Azevedo Bezerra (UFF)

Professor Dr. Dênis de Moraes (UFF)

Professora Dr.^a Lilia Moritz Schwartz (USP)

Professora Dr.^a Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ)

Renata Ciampone Mancini (UFF - suplente)

Guilherme Nery Atem (IACS/UFF - suplente)

Para minha amada Silvinha.

“O seu olhar, seu olhar melhora...
Melhora o meu”

(Arnaldo Antunes)

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final desta jornada longa e desafiadora não foi tarefa fácil. Contudo, ao olhar para trás, percebo de maneira nítida que não estive sozinho durante esses anos de descobertas. Por isso, desejo expressar a minha mais sincera gratidão e alegria por tudo que tão generosamente recebi de algumas pessoas e instituições.

Agradeço à Universidade Federal Fluminense por, desde os tempos da graduação, ter aberto portas intelectuais e afetivas que jamais se fecharam.

Ao meu mestre e mais que amigo, Professor Dr. Luis Filipe Ribeiro, pela generosidade de compartilhar seu amor pela vida e pelo conhecimento. Por todos esses anos de aprendizagem e discipulado que tanto me abriram a mente e o coração para os múltiplos sentidos da Literatura e da existência. Pela orientação firme e competente, mas sempre dialógica, encorajadora e amiga. Aquele que é e sempre será o meu terceiro do discurso!

Ao meu outro grande mestre e amigo, Professor Dr. Paulo Azevedo Bezerra, que me recebeu na graduação com suas maravilhosas aulas de Literatura Brasileira, mudando minha vida para sempre. É uma honra ser seu amigo e eterno aluno.

Aos membros da banca pela gentileza e cordialidade de aceitarem o convite, o que muito me alegra, mas também me enche de responsabilidade.

Aos meus companheiros do grupo de pesquisa e orientação, por todos esses anos de diálogo fraterno e aprendizado mútuo. Agradeço especialmente ao Professor Dr. José Antônio Andrade de Araújo pela leitura atenta e pelas sugestões dadas durante o exame de qualificação.

Aos queridos amigos da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, Carlos Calmon Du Pin e Almeida, Renato Luis Rezende de Souza, Soraia Pires, Rosimar Brandão, Simone Coriolano e Antônia Carvalho pelo afeto, pelo companheirismo, pelas preocupações e pelos risos. À Professora Livia Ferreira pela tradução do resumo.

Aos outros queridos amigos que também banham minha vida de felicidade e esperança em um mundo melhor: Caíque Maciel, Jandira Cypriano, Guilherme Nery, Andréa Vale, Renata Mancini, Pedro do Valle, Larissa Quaresma e Karla Cristina.

À minha família, pelo amor incondicional: minha mãe Marinete, meus irmãos Ingrid e Guto, meu tio/pai Mário Dias, meus sobrinhos, esperança da renovação Pedro Jorge e Lucca. Agradeço também a Bete Sampaio - minha mãe que me gerou no coração.

RESUMO

O presente trabalho é uma análise dos discursos das obras *Diário do Hospício*, de Lima Barreto e *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski. Nele busca-se avaliar como esses autores, através de suas narrativas, constroem uma crítica contundente aos valores hegemônicos em suas respectivas sociedades. A pesquisa utiliza como sustentação teórica as ideias da Análise do Discurso inspiradas no pensamento de Mikhail Bakhtin.

O percurso de análise compreende três etapas. A primeira é um estudo dos narradores das referidas obras: o objetivo é melhor compreender as condições de produção dos enunciados e identificar como eles constituíram o universo narrado. Na segunda parte, há uma análise de *Diário do Hospício* e *Memórias do Subsolo*. Aí procura-se demonstrar em que medida o primeiro se constitui, a um só tempo, como um discurso de resistência à loucura, uma análise da sociedade brasileira do início do século XX e as bases para a elaboração de um romance, cuja temática central é a loucura; e o segundo se organiza como uma apreciação do aspecto contraditório do narrador-personagem que oscila entre a rejeição à ordem social sustentada pela razão positivista e o desejo de ser aceito por ela. Acrescente-se a isto uma avaliação das consequências desta posição oscilante. Na última etapa, analisa-se o caráter dissonante dos discursos produzidos por Lima Barreto e Dostoiévski, mostrando como suas obras ousaram questionar os valores dominantes no Rio de Janeiro do início do século XX e na Rússia da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Lima Barreto, Dostoiévski, Análise do Discurso.

RÉSUMÉ

Le présent travail est une analyse des discours des oeuvres *Journal de l'Asile* d'aliénés, de Lima Barreto et *Mémoires Écrits Dans un Souterrain*, de Dostoïevski. On y cherche à évaluer comment ces auteurs, au moyen de leurs récits, construisent une critique incisive des valeurs hégémoniques dans leurs respectives sociétés. La recherche utilise comme soutien théorique les idées de l'Analyse du Discours inspirées de la pensée de Mikhail Bakhtin.

Le parcours d'analyse comprend trois étapes. La première est une étude des narrateurs des oeuvres citées: l'objectif est de mieux comprendre les conditions de production des énoncés et identifier comment ils ont constitué l'univers raconté. Dans la deuxième partie, il y a une analyse de *Journal de l'Asile* d'aliénés et *Mémoires Écrits Dans un Souterrain*. On y cherche à démontrer dans quelle mesure la première oeuvre consiste, à la fois, en un discours de résistance à la folie, en une analyse de la société brésilienne du début du XX^e siècle et dans les bases pour l'élaboration d'un roman, dont la thématique centrale est la folie; et l'autre s'organise comme une appréciation de l'aspect contradictoire du narrateur-personnage qui oscille entre le rejet de l'ordre social soutenu par la raison positiviste et le désir d'être accepté par cet ordre. À cela s'ajoute une évaluation des conséquences de cette position oscillante. Dans la dernière étape, on analyse le caractère dissonant des discours produits par Lima Barreto et Dostoïevski, en montrant comment leurs oeuvres ont osé mettre en question les valeurs dominantes à Rio de Janeiro au début du XX^e siècle et en Russie à la deuxième moitié du XIX^e siècle.

Mots-clés: Lima Barreto, Dostoïevski , Analyse du Discours.

ÍNDICE

□ Introdução.....	10
□ Capítulo I: OS NARRADORES EM DIÁRIO DO HOSPÍCIO E MEMÓRIAS DO SUBSOLO	18
1.1 – Diário do Hospício: Um Narrador Limítrofe	20
1.2 – Memórias do Subsolo: Narrar as Teses, Contar as Práticas, Reconstruir o Mundo.....	47
1.3 – Aproximações e Afastamentos Entre os Narradores do <i>Diário do Hospício e Memórias do Subsolo</i>	76
□ Capítulo II: O MUNDO DECIFRADO EM DIÁRIOS E MEMÓRIAS	84
2.1 – O Diário de um Mundo	86
2.2 – Memórias de um Mundo Averso.....	125
□ Capítulo III: LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: DESAFINANDO O CORO DOS CONTENTES	171
3.1 – Lima Barreto: A Vida Breve	174
3.2 – Dostoiévski: Um Dissonante.....	192
□ Considerações Finais	210
□ Bibliografia	221

– Não nos cabe esperar que o futuro dê um sentido a nossos atos; senão, seria impossível qualquer ação. É preciso conduzir a luta como decidimos conduzi-la, eis tudo. [...]

Não eram nem orgulhosos nem loucos, eu os compreendia agora. Eram homens que queriam realizar seu destino de homem escolhendo sua vida e sua morte, homens livres. [...]

– Amanhã será preciso lutar ainda – disse Armand. – Mas hoje somos vencedores. É uma vitória, aconteça o que acontecer. (BEAUVOIR, s.d., p. 358 – 359 e 387).

INTRODUÇÃO

– Olha, o que eu sou mesmo... digamos assim, é ainda um “aprendiz perplexo”. Mas acho que pelo menos descobri as coisas de que gosto e as que detesto ou me deixam indiferente. E isso não é pouco. (VERISSIMO, 1994, p.187).

Sentia-se como um viajante em país desconhecido e, à medida que avançava, era fascinado pela empresa. Lia comovidamente, como outros lêem literatura, e o coração lhe batia com força quando descobria, em palavras nobres, alguma coisa que já havia sentido de modo obscuro. (MAUGHAM, 1971, p. 241).

Trabalhar com Lima Barreto e Dostoiévski é optar fundamentalmente pelo prazer, pelo desafio, pelo risco, pela provocação, pela surpresa e pela inquietação! É também me desvendar no outro, é mergulhar nos sentimentos do mundo para ser muitos mesmo sendo um só, é redescobrir o demasiado humano existente em cada um de nós, é ser confrontado pela face monstruosa e sublime da raça humana, é aprender que nossas dores e nossas alegrias, ao mesmo tempo em que são nossas, são ancestrais e futuras, é, finalmente, ser provocado pelos discursos destes extraordinários inconformados.

Justificar a opção de trabalho a partir de muitas assertivas pode parecer uma postura pouco objetiva e assim bastante fora dos padrões acadêmicos consagrados. Entretanto, permitam convidar para nosso diálogo Vinícius de Moraes, que afirmou o seguinte: “Encontrar uma fórmula é, sem dúvida, uma forma de realização; mas comprazer-se nela e ficar a aplicá-la indefinidamente, porque agradou, ou compensou, constitui a meu ver uma falta de caráter artístico” (MORAES, 1998, p. 679). Assim, apesar do foco principal da discussão aqui não ser o fazer artístico, mas sim os caminhos de uma investigação acadêmica, considero a colocação do poeta também pertinente para o nosso campo de ação, em função da crítica efetuada a preceitos e padrões redutores.

Muitos estudiosos acabam aprisionados ou reféns de formas pré-estabelecidas por certa tradição acadêmica. Esta dificulta uma necessária revisão dos modelos de pesquisa e, com isso, impede a oxigenação dos trabalhos,

transformando a maioria das teses e dissertações em um grande aglomerado de citações. Com isso, resta pouco espaço para a reflexão própria e a expressão do livre pensamento, suprimidos pela “necessidade” de referendar as ideias com as formulações de estudiosos consagrados em determinadas áreas do conhecimento.

Não proponho renegar a tradição e, tampouco, desejo prescindir das contribuições apresentadas por pesquisadores mais experientes. Mas não abro mão da liberdade de justificar a escolha do objeto de trabalho pelo prazer proporcionado ao estudá-lo e, também, pela possibilidade de construir um conhecimento consistente. Tudo isso, no entanto, está sempre em constante transformação devido ao fundamental encontro com o outro, quer seja ele um leitor especializado ou não. É imprescindível ressaltar que as visões de mundo, as práticas sociais, sentimentos e desejos dos leitores nem sempre se coadunam com as ideias apresentadas pelo pesquisador. Esta situação pode provocar uma revisão do pensamento estabelecido pelo estudioso, elevando assim ao infinito a possibilidade de renovação do conhecimento.

As dezenas de razões expostas na abertura desta introdução, talvez, sejam suficientes para explicar a escolha em trabalhar com dois autores tão distantes no tempo e no espaço. Visto que Lima Barreto enunciava seu discurso do Rio de Janeiro, capital da jovem república brasileira, nos primeiros anos do século XX e Fiódor Dostoiévski desenvolvia sua produção na Rússia a partir da metade do século XIX, se estendendo até o ano de 1880, com a publicação de sua derradeira obra *Os Irmãos Karamázov*. Apesar das realidades sociais, históricas e temporais distintas vividas pelos autores, considero relevante efetuar uma análise dos discursos das suas obras. Pois, ao encarar a Literatura como um discurso sobre o real, é solidificada a convicção de que tanto a obra do escritor brasileiro, quanto a do romancista russo, nos oferecem uma valiosa interpretação de suas respectivas sociedades.

As narrativas selecionadas como objeto de investigação foram: *Diário do Hospício*, de Lima Barreto e *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski. Este trabalho

procura, então, avaliar como esses autores, através de suas narrativas, constroem uma crítica contundente aos valores hegemônicos em suas respectivas sociedades. Nesse sentido, os escritores ao construírem suas críticas assumem a posição de intelectuais dissonantes, categoria aqui compreendida como aquela que ousa divergir e questionar as ideologias dominantes em suas realidades sociais. Cabe ressaltar ainda, que a presente pesquisa utiliza como sustentação teórica as ideias da Análise do Discurso inspiradas no pensamento de Mikhail Bakhtin.

Quando olho para trás e busco na memória as razões do meu interesse pela figura de Lima Barreto e sua obra, logo percebo que, pelo menos, três momentos foram fundamentais e marcaram decisivamente meu encontro com o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Vamos a eles.

Meu primeiro contato com Lima Barreto ocorreu no início dos anos 80, mais precisamente em 1982, aos doze anos, através do samba enredo da Escola de Samba Unidos da Tijuca, que naquele ano desfilava – no Grupo 1 A, equivalente ao atual Grupo Especial do carnaval carioca – conduzida pelo enredo, “Lima Barreto: Mulato Pobre, Mas Livre”, que rendeu à agremiação um modesto 9º lugar no desfile daquele ano. Mesmo com o resultado pouco animador da Escola, a força do seu enredo e a lembrança de seu personagem central permaneceram anos a fio em minha mente, assim como a bela letra do samba que insistia, e, insiste em me visitar, como a advertir para a relevância do discurso deste homem de muitas dores e seu tempo: “vamos recordar Lima Barreto,/ mulato pobre, jornalista e escritor/ Figura destacada do romance social/ que hoje laureamos neste carnaval...” (ADRIANO, 1982, f. 7).

O segundo encontro com escritor só se daria uma década depois, em 1992, como estudante de Literatura, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, nas aulas de Literatura Brasileira ministradas pelo professor Paulo Bezerra. Ali, foi ampliado o entendimento sobre a vida e obra de um homem cuja voz ousava emergir dos subterrâneos do subúrbio, mesmo diante de uma elite ataviada pelo preconceito e ensimesmada na indiferença castradora.

Em 1995, aconteceria a terceira aproximação marcante com a vida e obra do romancista. Foi através do espetáculo teatral *Lima Barreto ao Terceiro Dia*, de Luis Alberto de Abreu, dirigido por Aderbal Freire-Filho, que tinha o ator Milton Gonçalves como protagonista. A montagem delicada e vigorosa apresentava em seu enredo um Lima Barreto submetido pela segunda vez à experiência do hospício. Lá, o escritor era constantemente “visitado” pelas personagens de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, um de seus mais importantes e sem dúvida o mais famoso de seus romances. Ao misturar elementos da biografia de Lima Barreto com seu universo literário, o autor da peça, juntamente com o diretor e elenco conseguiram criar, a meu ver, um momento singular na dramaturgia brasileira, dada a força cênica presente na recriação da história de vida de um homem aparentemente comum.

Os três momentos relatados criaram uma ressonância importante e contribuíram de maneira decisiva para acender a chama do desejo de efetuar um trabalho de pesquisa mais sistemático e profundo na obra do autor. Todavia, foi necessária a passagem de outra década até que me reaproximasse do universo narrativo do escritor que resistia geográfica e ideologicamente de Todos os Santos, bairro do subúrbio da Central quase perdido entre o Méier e o Engenho de Dentro.

As atuais condições histórico-sociais tecidas de um lado, pela necessidade constante de aperfeiçoamento e investimento na esfera profissional e, de outro, pelo desejo pessoal de aprofundar e solidificar uma trajetória de pesquisa no campo dos estudos literários serviram para promover, mais uma vez, a referida aproximação com o mulato, pobre, jornalista e escritor decantado no samba de minha infância.

Agora, na condição de pesquisador, reencontrar Lima Barreto, exigiu-me o bom senso de efetuar um corte no universo narrativo investigado, pois se assim não se procedesse, a pesquisa desenvolvida estaria fadada ao fracasso da ilusão de tentar dar conta de tudo, sem conseguir tratar adequadamente de nada. Desta

forma, estabeleci como objeto da investigação os relatos efetuados entre 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920 – período em que o escritor esteve internado pela segunda vez no Hospício D. Pedro II, na Praia Vermelha – que combinam memórias e reflexões sobre a vida no manicômio, tendo sido reunidos sob o título de *Diário do Hospício*. É importante ressaltar ainda, que esta obra foi selecionada dentro do universo narrativo do escritor, pelo fato de ela poder ser encarada como um exemplo singular do caráter dissonante do discurso de Lima Barreto.

Destaco também que, até certo ponto, o acesso às narrativas que compõem as obras completas de Lima Barreto foi relativamente fácil. No entanto, nem todas as edições são suficientemente confiáveis pelo fato de algumas delas não serem completamente fiéis aos originais do escritor. Por isso, a principal edição aqui utilizada é a organizada pelo estudioso e biógrafo do criador de *Clara dos Anjos*, Francisco de Assis Barbosa. Em 1956, este conseguiu publicar pela primeira vez, através da editora Brasiliense, uma edição completa e confiável da obra de nosso escritor em um trabalho assim definido pelo próprio organizador: “A publicação das obras de Lima Barreto, em 17 volumes em 1956, [...] significou o ponto de partida para o reexame da obra do grande romancista da Primeira Republica, [...] Foi um trabalho a que dediquei os melhores anos de minha mocidade”. (BARBOSA, 1989, p.8). Depois de mais de duas décadas de quase total esquecimento, voltava a circular – graças ao belo trabalho encabeçado por Francisco de Assis Barbosa, com a participação do eminente crítico literário M. Cavalcanti Proença e do filólogo Antônio Houaiss – a contundente crítica social presente nas obras daquele que jamais fez, a meu ver, concessão de nenhuma natureza quando se tratava do seu legado literário, Lima Barreto.

Enquanto os primeiros contatos com o mundo de Lima Barreto se deram de maneira até bastante prosaica, com relação a Dostoiévski não é possível afirmar o mesmo. Durante muito tempo o nome do autor russo foi sinônimo de mistério, dificuldade e hermetismo pelo fato do meu conhecimento, assim como de tantos outros leitores, ser ainda, em determinado momento, incipiente com relação às obras do escritor.

A falta de familiaridade com as histórias criadas pelo romancista russo aliada a uma certa visão difundida no ambiente universitário, de que determinados autores eram inatingíveis, antes de se alcançar uma pretensa formação intelectual madura, contribuía para mitificar tanto Dostoiévski, quanto suas narrativas. Penso que àquela época faltava problematizar o conceito de maturidade intelectual, além de perceber a necessidade de mergulhar na leitura das obras literárias como principal estratégia capaz de deflagrar o processo de formação do leitor. É importante dizer que até se pode localizar o ponto de partida de tal processo, entretanto determinar seu ponto de chegada constitui uma tarefa praticamente impossível, porque este desenvolvimento se dá como uma marcha irreversível, só interrompida com o fim da existência dos seres humanos.

Da tomada de consciência sobre a centralidade do ato de ler sem reservas, em especial a literatura, até chegar de maneira efetiva ao universo narrativo de Dostoiévski não demorou muito. A ideia de ler um clássico excitava-me bastante. Hoje compreendo que esta grande expectativa estava relacionada ao fato de “um clássico [ser] um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 11) e isso acaba por determinar um de seus grandes atrativos. Ou seja, cada ato de leitura é a oportunidade de estabelecer novos sentidos àqueles já conhecidos e assim é instituída uma relação dialógica que nunca se esgotará enquanto existirem enunciadores e enunciatários dispostos e prontos a relacionarem-se através dos enunciados.

O ingresso no Doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, no ano de 2005, favoreceu meu aprofundamento no universo literário do escritor russo. Ali cursei a disciplina *O Romance de Dostoiévski: Fundamentos Estéticos e Filosóficos*, ministrada pelo professor Paulo Azevedo Bezerra, tendo a oportunidade de ler de maneira sistemática uma parte significativa das narrativas de Dostoiévski. Além disso, os debates desenvolvidos ao longo do curso, ajudaram a ratificar minha decisão de definir como objeto, dentro do universo das obras do autor, a novela *Memórias do Subsolo* (1864), que

evidencia de maneira significativa a carga crítica destinada ao modelo social vivenciado pelo escritor na sua Rússia do século XIX.

O presente trabalho, como se pode perceber, nasceu do encontro de duas vontades que se uniram para pavimentar o caminho percorrido durante a elaboração da pesquisa. A primeira destas vontades está ligada, fundamentalmente, ao prazer proporcionado pela descoberta das obras de dois autores fascinantes, que souberam captar – como todo grande artista – o espírito de suas épocas, mas não se restringiram em apenas fazer isso, que já seria tanto. Lima Barreto e Dostoiévski além de interpretar as questões candentes de suas sociedades, ousaram questionar também os pensamentos reputados, por muitos, como verdades irrefutáveis. A segunda vontade relaciona-se com o desejo de desenvolver uma investigação acadêmica que pudesse contribuir para a ampliação das discussões em torno do caráter dissonante assumido por alguns artistas e intelectuais – como o caso dos autores estudados – que, ao invés de aderirem voluntária ou convenientemente aos valores hegemônicos de suas sociedades, optaram por questioná-los, relativizando a avidez de alguns grupos em transformarem suas crenças em preceitos irrevogáveis.

O empreendimento da pesquisa demandou a instauração de um percurso de análise arquitetado em três etapas. Em cada uma delas procurou-se avaliar a questão do intelectual dissonante. Para tanto, este estudo se organiza em torno de três eixos principais: Em primeiro lugar, o exame dos narradores de *Diário do Hospício* e *Memórias do Subsolo*, a fim de melhor compreender as condições de produção dos enunciados e identificar como eles constituem o universo narrado. Em um segundo momento, através de uma análise mais ampla das obras, procura-se demonstrar em que medida a narrativa de Lima Barreto se constitui, a um só tempo, como um discurso de resistência à loucura, uma análise da sociedade brasileira do início do século XX e as bases para a elaboração de um romance, cuja temática central é a loucura; já na novela de Dostoiévski são observados os aspectos contraditórios do narrador-personagem que oscila entre a rejeição à ordem social sustentada pela razão positivista e o desejo de ser aceito por ela. Acrescentou-se a isto uma avaliação das consequências desta posição

oscilante do narrador. A última etapa se constitui como uma análise do caráter dissonante dos discursos produzidos por Lima Barreto e Dostoiévski, mostrando como esses escritores, através de suas obras, tiveram coragem de questionar os valores dominantes no Rio de Janeiro do início do século XX e na Rússia da segunda metade do século XIX.

Finalizo esta introdução desejando genuinamente que as reflexões desenvolvidas por este “aprendiz perplexo”, possam provocar seus possíveis leitores, instando-os a transitar pela fundamental ponte dialógica, para que assim possamos sempre e antes de tudo, nos aproximar na dimensão da humanidade!

1 – OS NARRADORES EM DIÁRIO DO HOSPÍCIO E MEMÓRIAS DO SUBSOLO

Todos falavam ao mesmo tempo, com vozes insistentes e contraditórias e impacientes, fazendo da irreabilidade uma possibilidade, depois uma probabilidade, e por fim um fato incontestável, como costumam fazer as pessoas quando seus desejos se transformam em palavras. (FAULKNER, 2004, p. 113).

É bastante comum, sobretudo, para o leitor menos experiente, confundir o narrador de uma obra com seu autor pelas razões mais variadas possíveis. No entanto, aqui destaco apenas o fato da dificuldade de alguns leitores em perceber que a obra literária é uma representação do real, uma maneira de contar o mundo, construída por um autor. Logo, tudo que está presente em uma narrativa faz parte do edifício planejado pelo autor e realizado por suas personagens sob a orientação ou vigilância de um narrador que, ora é também personagem da trama, ora é um observador privilegiado que tudo vê, tudo conhece e ainda guia o olhar do leitor como uma espécie de mestre de cerimônias.

Sendo o narrador uma peça da engrenagem do mundo narrado – mesmo quando não é um personagem da narrativa – ele será necessariamente também uma construção do autor da obra literária. Nesse sentido, o autor será sempre a natureza criadora e o narrador sua criatura. É o primeiro, o gerador dos discursos, a consciência das consciências, por isso pode ou não interferir nas experiências das personagens, enquanto o segundo é o mediador dos discursos criados, uma ponte a aproximar os enunciados das narrativas aos leitores.

No que diz respeito à questão da autoria, o pensador russo Mikhail Bakhtin concebeu uma visão muito importante sobre o assunto e, ao mesmo tempo, bastante apropriada para auxiliar a superar possíveis dúvidas sobre os temas do narrador e do autor. Bakhtin postula, de um lado, a figura do autor primário, sempre externo à obra, aquele que lança mão da pluralidade de experiências presentes em sua realidade sociocultural consciente e inconsciente para assim representar o mundo através do discurso literário. O autor primário assume a função central de

criador de todo universo presente em uma obra literária. De outro, tem-se o autor secundário ou imagem de autor – criação do autor primário –, participante do universo narrativo, muitas vezes responsável pela narração e, por extensão, por conduzir os leitores através do mundo narrado. Em alguns casos, o autor secundário ou imagem de autor não assume o papel de narrador, entretanto, esta função é outorgada a uma outra personagem da narrativa. Vejamos as palavras do teórico russo sobre tais categorias estéticas:

A imagem de autor. Autor primário (não criado) e autor secundário (imagem de autor, criada pelo autor primário). Autor primário – *natura non creata quae creat*; autor secundário – *natura creata quae creat*¹. [...] O autor primário não pode ser imagem: ele escapa a qualquer concepção figurada. Quando tentamos imaginar em termos figurados o autor primário, nós mesmos criamos a sua imagem, isto é, nós mesmos nos tornamos autor primário desta imagem. O criador de imagem (isto é, o autor primário) nunca pode entrar em nenhuma imagem por ele criada. (BAKHTIN, 2003, p. 384 -385).

As categorias estéticas de autor primário e autor secundário engendradas por Bakhtin, além de serem imprescindíveis para todos os estudiosos do campo da Literatura, que trabalham com a questão das análises dos discursos, são também importantes na ampliação do entendimento sobre a diferença entre autor e narrador, uma vez que, em muitos momentos, a figura do autor secundário acumula também a função de narrador. Assim sendo, é preciso estar sempre atento para não confundir os papéis de autor primário e autor secundário ou imagem de autor, pois a plena compreensão da atribuição de cada uma destas entidades, além de contribuir para ampliação da visão sobre autoria, ajuda a também perceber melhor os sentidos e as atribuições do narrador de uma obra literária.

O autor, em uma obra literária, tem a função de dar vida ao mundo narrado, já o narrador tem a tarefa de tornar este mundo conhecido para os leitores, ou seja, cada um desempenhará um papel diferente diante do universo literário. Logo, confundir as figuras de autor e narrador é cometer um equívoco de princípio, podendo causar um sério comprometimento para o ato da leitura e, por extensão, para a construção de significações possíveis em torno de uma narrativa.

¹ Natureza não criada que cria / natureza criada que também cria. Tradução de Paulo Bezerra.

1.1 – Diário do Hospício: Um Narrador Limítrofe

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. (ROSA, 1986, p. 82)

Afinal de contas, quem é o narrador de *Diário do Hospício*? A aparente obviedade da questão formulada pode encobrir um problema ainda não totalmente resolvido. Vejamos; do ponto de vista oficial sabemos que os relatos narrados durante o período entre 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920 foram efetuados pelo escritor Afonso Henriques de Lima Barreto. Ou seja, aquilo que mais tarde ficou conhecido como *Diário do Hospício* foi produzido pelo romancista durante os dias de internação no Hospício Nacional dos Alienados. Hoje, sobretudo, esta memória não se perdeu graças aos esforços e diligência do crítico e pesquisador Francisco de Assis Barbosa, que contou com a inestimável participação de Antonio Hoauaiss e M. Cavalcante Proença no trabalho de compilação, reunião e preparação dos manuscritos do escritor para a edição de suas obras completas.

Na organização do crítico, a narrativa do *Diário do Hospício* ganhou lugar no volume XV da referida obra completa, apresentado sob o título *Cemitério dos Vivos* e assim disposto: *Diário do Hospício* (os registros da visão de Lima Barreto sobre a experiência de internação no manicômio); *Cemitério dos Vivos* (fragmentos de um romance inacabado); “Inventário” (Coleção Limana, o registro da relação das obras existentes na pequena biblioteca do escritor); “Uma Entrevista” (entrevista concedida por Lima Barreto, ainda internado, ao jornal *A Fôlha*, do Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 1920) e “O Caso Clínico” (reunião de documentos referentes às internações do autor no Hospício Nacional dos Alienados). Mesmo reconhecendo, em nota prévia à edição de 1956, que o *Diário do Hospício* é “um prolongamento do *Diário Íntimo*” (BARBOSA, 1956, p.25) o pesquisador decidiu coligá-lo aos documentos já apresentados em função da temática especial do universo do hospício.

O primeiro passo importante para realizar o propósito de decifrar o narrador do *Diário do Hospício* é procurar compreender como este discurso se inscreve no conjunto das obras de Lima Barreto. Antes de tudo, é preciso registrar que sua obra foi marcada pelo signo da diversidade de gêneros discursivos. Ao longo de dezessete volumes compostos por cinco romances, um livro de contos, dois de sátira, um só de artigos, três de artigos e crônicas, um de crítica literária, dois de memórias e mais dois tomos contendo a correspondência ativa e passiva do escritor, podemos ter uma idéia de como sua prosa transitou com desenvoltura pelos mais variados gêneros dos discursos. Em comum, nesta numerosa e variada produção, o fato de os grandes personagens dos livros de Lima Barreto serem, em última e em primeira instância, resultado das experiências observadas ou vivenciadas pelo escritor, independente do gênero trilhado. Como resultado direto do papel central das experiências captadas ou experimentadas pelo romancista tem-se a emersão de um discurso vigoroso, ácido, contundente, que não se furta a enumerar e criticar os desmazelos aos quais estão submetidos os menos favorecidos socialmente, além de, paralelamente, explicitar a vacuidade sobre a qual as classes dominantes do Rio de Janeiro, capital da Primeira República, encontravam seus fundamentos.

Todo discurso tem suas condições de produção marcadas por um horizonte histórico-social específico, e com o *Diário do Hospício* não há razão para ser diferente. Portanto, de um lado, este horizonte será observado a partir do prisma da organização social do Rio de Janeiro do início do século XX e, de outro, pelo viés da trajetória da história privada do romancista.

Em fins de 1919, princípios de 1920, já havia transcorrido pouco mais de uma década, desde o início das tão polêmicas reformas urbanísticas desenvolvidas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1902 e 1906, pelo prefeito Pereira Passos, com apoio e chancela total do então presidente da república Rodrigues Alves. Se, sob um certo ponto de vista, as reformas ajudaram a cidade a superar graves problemas sociais de caráter sanitário, urbanístico e econômico – boa parte advindos do crescimento rápido e desordenado, provocado pela passagem do trabalho escravo para o trabalho livre e pela imigração europeia – sob outra

perspectiva elas contribuíram decisivamente para o surgimento de uma grande massa populacional excluída das benesses da intervenção governamental, favorecendo o surgimento das favelas. Ou nas palavras do historiador:

As reformas tiveram como um dos efeitos a redução da promiscuidade social em que vivia a população da cidade, especialmente no centro. A população que se comprimia nas áreas afetadas pelo bota-abixo de Pereira Passos teve de apertar-se mais no que ficou intocado, ou de subir os morros adjacentes, ou deslocar-se para a Cidade Nova e para os subúrbios da Central. Abriu-se espaço para o mundo elegante que anteriormente se limitava aos bairros chiques, como Botafogo, e se espremia na rua do Ouvidor. [...] No Rio reformado circulava o mundo *belle-époque* fascinado com a Europa, envergonhado do Brasil, em particular do Brasil pobre e do Brasil negro. (CARVALHO, 1987, p. 40 – 41).

Lado a lado com o *status* de cartão postal da República, crescia no Rio de Janeiro o fosso social a separar os possuídos dos desvalidos. O distanciamento de mais de uma década desde o início do processo de modernização da cidade, desenvolvido na administração Pereira Passos, sem dúvida alguma favoreceu o amadurecimento de um pensamento crítico em torno do tema. Em 1920, Lima Barreto representava, ainda que para um círculo intelectual relativamente restrito, uma das vozes mais importantes no questionamento da então nova ordem social consolidada na capital federal.

De certa maneira, a internação do escritor pela segunda vez no Hospício Nacional de Alienados, no Natal de 1919 poderia contribuir, à primeira vista, para o silenciamento definitivo de uma voz incômoda, que durante anos, mesmo contra tudo e contra quase todos insistia em construir da simbólica “Vila Quilombo”, situada no bairro de Todos os Santos, subúrbio da Central, um pensamento crítico, que ao mesmo tempo era seu canto de resistência e seu grito de socorro: “... entre seus livros, no isolamento a que se entregava dias seguidos, na sala da frente da Vila Quilombo, que encontrava, na criação literária, a razão de ser da sua vida” (BARBOSA, 1988, p. 250). Estando distante do seu lugar original de criação e encerrado em um hospício localizado na Praia Vermelha, arredores de Botafogo, praticamente território “inimigo”, por ser um espaço urbano reconhecidamente das elites sociais da época, o escritor encontrava-se em condições bastante adversas. Chegara ao hospício através das mãos da polícia, tendo sido alocado no Pavilhão

de Observações, local destinado aos necessitados e carentes. Embora tivesse família, endereço fixo, fosse funcionário público – amanuense da Diretoria do Expediente da Secretária da Guerra –, jornalista e escritor, o romancista passou por um processo de degradação social deflagrado pela sua própria condição:

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia em minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. [...] Estou incomodando muito os outros, inclusive meus parentes. Não é justo que tal continue. Quanto aos meus amigos, nenhum apareceu, senão o Senhor Carlos Ventura e o sobrinho. [...] e foi com auxílio dele que me conseguiram laçar e trazer-me ao hospício. (BARRETO, 1956, p.33 – 34)

A maneira como Lima Barreto foi conduzido para o hospício, “laçado” como um elemento perigoso, já prenunciava os tempos difíceis vindouros. É bem verdade que o uso da força policial, até certo ponto, se fez necessário por conta do estado de delírio experimentado pelo escritor na ocasião. Vagava pelos subúrbios durante toda a noite procurando uma delegacia a fim de se queixar com o delegado “das cousas mais fantásticas dessa vida, vendo as cousas mais fantásticas que se possa imaginar. No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha...” (BARRETO, 1956, p. 51). Diante do quadro apresentado, seu irmão Carlindo, auxiliado pelo amigo Carlos Ventura, requisita a intervenção da polícia, que recolhe Lima Barreto e o transporta ao hospício quase como um detento. É preciso esclarecer que, naquele tempo, os conduzidos ao manicômio pela força pública eram, em geral, os sem família, os sem teto, sem emprego, os miseráveis, os párias da sociedade. Portanto, chegar em um carro da polícia ao sanatório foi, sem dúvida, um começo muito ruim, pois, além do estigma de louco, o paciente também era tratado como um indigente. Isso fica patente na descrição do Pavilhão de Observações, dependência do hospital destinada aos pobres:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. [...] Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria. (BARRETO, 1956, p.33)

A descrição do Pavilhão de Observações é crucial para a compreensão do progressivo processo de apagamento da identidade do sujeito, iniciada com a subtração de sua roupa e a imposição de um uniforme homogeneizador, capaz de tornar rarefeito o sentido de individualidade. O resultado do processo apresentado é a deformação da imagem do indivíduo, que pouco a pouco vai perdendo a autoestima, detonada pela privação do referencial de si mesmo.

Outra forma sutil da manifestação desse processo é encontrada, por exemplo, nos registros do caso clínico do escritor. Embora o registro médico feito, durante a segunda internação de Lima Barreto, apresente no item qualificação profissional o ofício de jornalista, uma leitura mais detida da anamnese feita em Lima Barreto e disponível em seu “Caso Clínico” – presente no volume XV de suas obras completas – permite entrever um certo descrédito, expresso pela relativização das informações coletadas ao longo do exame: “Indivíduo de cultura intelectual, **diz-se escritor**, [grifo meu] tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da *Careta*” (*Caso Clínico*, 1956, p.265). Atentemos para o fato de que, por trás do equilíbrio asséptico da análise médica, há uma brutal rejeição da identidade social do paciente, que é submetido a uma relativização condenatória, marcada pela expressão “diz-se”, utilizada pelo médico. Quando ele afirma “diz-se escritor” todas as outras marcas identitárias são neutralizadas e estão prestes a serem desintegradas pela força da negação encerrada na, aparente, distanciada sentença clínica. Quando a autoridade médica reproduz a fala do paciente, transfere para ele a responsabilidade de se autodenominar romancista, o que não recebe muito crédito em função da condição de interno do hospício ocupada por Lima Barreto na ocasião. Este procedimento marca uma tomada clara de posição do médico em relação ao seu paciente. Para ele, o escritor era apenas mais um miserável como tantos outros atendidos naquela seção do manicômio, sem importar muito a história, caráter ou identidade daquele homem.

Em 1919, Lima Barreto já havia escrito e publicado seus principais romances – *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) – como fica ressaltado no “Caso Clínico” do escritor. Porém,

nem mesmo a trajetória literária/profissional servira como credencial durante o período passado no Pavilhão de Observações do Hospício; o médico responsável pelo atendimento dá pouca ou quase nenhuma importância a este fato. Muito possivelmente, na cabeça de um empedernido homem da ciência, se o sujeito estava naquele setor do hospital era porque sua situação de indigência estava sacramentada, pouco importando sua experiência de vida.

Conhecidas algumas das condições sócio-históricas e privadas que marcaram a produção do discurso do *Diário do Hospício*, resta ainda tentar compreender melhor as condições pessoais do romancista durante o momento da enunciação deste discurso para assim avançar na constituição do narrador da obra. Conduzido ao hospício como indigente e exposto a uma sorte de experiências humilhantes no Pavilhão de Observações, o escritor encontrava-se física e moralmente combalido:

Passei a noite de 25 no pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio. Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Aduato. Tratou-me êle com indiferença [...] Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros pastoreado... (BARRETO, 1956, p. 34)

A afirmação de que dormira bem na noite do dia 25 pode sugerir uma contradição com a imagem de um homem abalado ou enfraquecido. Contudo, para alguém que passara a noite anterior vagando em estado de surto alcoólico, o confinamento e a privação da bebida cooperariam para o relaxamento físico e a possível entrada em um estado de depressão, que, aliada ao cansaço físico, provocaria este sono profundo. Todavia, ao amanhecer, quando Lima Barreto é conduzido à presença médica passa a se dar conta de sua condição de interno, o que o enche de desânimo e rouba suas forças morais, deteriorando ainda mais seu estado de espírito.

Será exatamente a partir do lugar de alguém com o espírito profundamente abalado pelas experiências do cerceamento da liberdade, da possibilidade da desestruturação identitária e consciente da sorte destinada aos despossuídos de

seu tempo que Lima Barreto – durante o período de internação – criará a figura de uma imagem de autor, a quem caberá o trabalho de narrar uma história do escritor, agora feito personagem, sob três vertentes majoritárias. A primeira organizada em torno da tarefa da realização de um auto-exame da trajetória de vida do romancista, com seus anseios, frustrações, temores e desejos – serão apresentadas as causas e os processos que contribuíram para a sua internação no Hospício Nacional de Alienados; a segunda buscará refletir sobre as condições estruturais do manicômio e os tipos de médicos, enfermeiros, guardas e pacientes ali encontrados; e a terceira será capaz de revelar como o hospício – local destinado aos doentes mentais – pode ser encarado como uma metáfora da sociedade existente fora dele, que se crê racional e lúcida. A narrativa arquitetada sob estas três perspectivas será fundamental para a manutenção da identidade do escritor e para a reafirmação de sua lucidez. Pois, para o romancista, narrar era acima de tudo resistir, não se perder de si mesmo, manter a sintonia fina com o mundo ao redor. Cada linha de seu diário pode ser compreendida como a maneira por ele encontrada de afirmar que o manicômio era uma parte do mundo – deveras áspera, é bem verdade –, mas não o mundo todo.

Diante do quadro exposto até aqui, além de ficar evidente que o narrador do *Diário do Hospício* não é o escritor Lima Barreto, também vem à tona o tipo de relação especial que o escritor mantém com seu narrador, construído a partir de uma projeção de si mesmo. A obra pertence ao romancista, mas este cria uma imagem de autor projetada a partir de si mesmo que refratará simultaneamente as experiências do escritor, que gozava de algum prestígio intelectual no início do século XX, do mulato pobre que sofria na pele o peso da discriminação social e do perturbado alcoólatra, taxado de louco neurastênico. Todos esses perfis são aglutinados simultaneamente, constituindo assim a representação da face do sujeito – transformado nos relatos do diário em narrador personagem – que tentava resistir e se rebelar contra a progressiva degradação humana e moral a qual estava submetido durante o tempo de internação na casa dos alienados da Praia Vermelha.

À imagem de autor e também narrador, criado por Lima Barreto, cabe o papel de apresentar sua versão sobre o manicômio, as dificuldades de um certo homem brasileiro – ali feito personagem – as contradições de um pretenso sistema de saúde e mostrar ainda, como dentro de uma instituição destinada a tratar os loucos, reproduz-se o modelo perverso de exclusão, apagamento de identidade, jactância, corrupção, abandono e degradação moral também presente no mundo fora do hospital psiquiátrico. Um momento emblemático na exposição da incongruência da rotina do hospital fica explicitado na seguinte observação do narrador sobre as condições aviltantes a que estão entregues uma parcela significativa dos internos:

Paro por aqui, pois me canso; mas não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus. Na Pinel, dez por cento assim viviam, num pátio que era uma *bolgia* do inferno. Porque será? (BARRETO, 1956, p. 39).

O narrador apresenta seu estranhamento e perplexidade diante do fato de os pacientes, sobretudo os mais pobres, andarem nus pelo pátio do hospital, sem que nenhuma autoridade médica ou administrativa manifeste preocupação ou cuidado com as condições de socialização dos enfermos. Ao narrador só resta a pergunta cansada – por que será? – e jamais respondida. Se por um lado os doentes, sobretudo os mais pobres, ficavam privados de condições que permitissem uma apresentação socialmente digna em função de se encontrarem nus, por outro, a privação da sanidade não é uma prerrogativa exclusiva das classes mais pobres – os necessitados sofrem mais os efeitos devastadores da loucura, agravados pela falta de recursos materiais – os instruídos e bem sucedidos financeiramente também são acometidos pelo mal:

Nesta secção, como na outra em que estive, não faltam sujeitos que tenham recebido certa instrução; há até os formados. [...] Coisa curiosa, entretanto, os formados nisto ou naquilo, que me apontam aqui, quase todos eles são possuídos de uma mania depressiva que lhes tira não só a ênfase doutoral, como também se votam, em geral, a um silêncio perpétuo. Mostraram-me vários, e todos eles eram de um mutismo absoluto. Contudo, um deles, bacharel, o mais mudo de todos, na sua insânia, não se esquecera do anel simbólico e, com um pedaço de arame e uma rodela não sei de que, improvisara um, que ele punha à vista de todos, como se fôsse de esmeralda. (BARRETO, 1956, p. 57 – 58).

É relevante observar, no trecho apresentado, além da conjuntura já destacada da loucura alcançando diversas classes sociais, a capacidade do narrador de imprimir e lançar um olhar arguto sobre a realidade circundante. Na sua enunciação, mostra uma capacidade de concentração e análise desconcertantes. Esta situação ganha especial importância quando atentamos para o fato de ele personificar a imagem de um homem que também ali se encontrava na qualidade de paciente. Paciente conduzido ao hospital por causa de um surto alcoólico e, por isso, desprestigiado socialmente, em tese, sem condições de discernir ou analisar qualquer situação com um grau de profundidade ou coerência aceitável. Porém, este indivíduo marcado pela imagem de perturbado foi capaz de desenvolver uma observação lúcida e também rica em detalhes capazes de nos fazer compreender que mesmo em meio à loucura a divisão de classes está presente. Através de ritos e formas definidoras de diferenças sociais, mesmo nas situações mais inimagináveis, a segregação social se manifesta. O bacharel, possivelmente esquizofrênico com seu anel de arame, tão bem percebido pelo narrador, é um exemplo irrefutável desta circunstância.

Aos olhos de lince do narrador criado por Lima Barreto e “coparticipante” da vida no hospício quase nada se perde, e a riqueza de detalhes dos seus apontamentos, aliada à capacidade do desenvolvimento de análises incisivas, nos faz lembrar – guardadas as devidas proporções – o relato presente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O engenheiro e escritor constrói sua narrativa privilegiando uma arquitetura capaz de apresentar a topografia, o homem e a luta, dando assim um caráter abrangente à obra. Este procedimento concedeu ao leitor a possibilidade de lançar o olhar para ângulos diferentes do conflito instaurado em Canudos, o que favoreceu uma visão pormenorizada do episódio. Assim como seu contemporâneo Euclides da Cunha, Lima Barreto cria um narrador cujos olhos servem de guia para o olhar dos leitores, uma espécie de convite a penetrar no espaço do hospício como um interno a caminhar pelas várias dependências, esbarrando em almas atormentadas, guardas intransigentes, enfermeiros dedicados, outros nem tanto, médicos assépticos cheios de certezas científicas e esvaziados de humanidade, mentecaptos dos mais variados matizes, acomodações impessoais que em nada contribuíam para a estruturação da

identidade dos internos. Vejamos, como a partir de uma postura mordaz e precisa, o narrador constrói uma visão profundamente lúcida e dramática da realidade do Hospício Nacional de Alienados, na capital da Primeira República:

Amaciado um pouco, tirando dêle a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismos, bruxarias, etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o seqüestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate ao homem da loucura. Aqui, no hospício, com suas divisões de classes, de vestuário, etc, eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a Loucura zomba de tôdas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis. (BARRETO, 1956, p. 76).

Ao representar o mundo narrado, o narrador estabelece um parecer bastante equilibrado sobre o modelo dos hospitais psiquiátricos brasileiros. Sem meias palavras, com um estilo direto ele revela o caráter trágico de um sistema que se pretende científico e moderno, mas em sua prática permanece atrelado aos modelos medievais. Suprimir a liberdade do denominado louco ou simplesmente escondê-lo do restante da sociedade não é cuidar para a cura, mas sim condenar o enfermo à morte por antecipação. Os apontamentos feitos ao longo da obra sobre a completa incapacidade do ser humano para vencer a morte ou a loucura impressionam e assustam pela profundidade e alcance contidos na crítica. Algo de trágico se instaura na reflexão do narrador, que compreende perfeitamente a incapacidade dos acometidos pela demência de fugir ou rejeitar os seus desígnios transformadores de homens em criaturas que velam a si mesmas enquanto não chega a hora do definitivo sepultamento. Independente de classe, credo, vaidades ou orientação sexual, uma vez nos domínios da loucura o sujeito está condenado ao cemitério por antecipação.

Sobre a visão da loucura e do hospício é importante perceber que o discurso do narrador, diferente do discurso do médico, não se constrói a partir de uma visão científica ou externa ao problema. Muito pelo contrário, o narrador encontra-se em situação semelhante aos outros internos, recluso e submetido ao “tratamento”, como os demais desventurados doentes, companheiros de internação. O hospício, tão cruamente apresentado pelo narrador, é fruto de um olhar comprometido com a

perspectiva de alguém ali colocado como paciente, mas que luta pela lucidez e vê na narrativa um mecanismo de afirmar sua razão. Este “olhar de dentro” permite ao leitor visualizar e compreender o enorme contrassenso sobre o qual se ergueu a instituição do hospício, não só no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Quando lançamos um olhar panorâmico sobre a história desta organização, percebemos a sua origem marcada pela segregação. Especialmente se levarmos em consideração o fato de a reclusão dos loucos – antes, naquele momento e quem sabe hoje também – estar atrelada à “necessidade” social de excluir aqueles que incomodam a ordem dominante.

A reclusão de loucos, ou a chamada “institucionalização”, teve, no curso da história, várias modalidades. A mais antiga era a prática de recolher os loucos, junto com outras minorias sociais, em edifícios mantidos pelo poder público ou por grupos religiosos. Frequentemente tais edifícios eram antigos leprosários, antes usados para segregar o leproso em defesa da saúde pública, agora para abrigar e dar alguma assistência aos marginalizados de todo tipo. (PESSOTTI, 1996, p.151).

Na “arqueologia” dos hospícios tem-se um alto grau de parentesco destes com os leprosários. Isso é sintomático e, ao mesmo tempo, revelador do destino dos designados como loucos. A necessidade de exclusão dos indesejados em nome do “bem” público através da prática do recolhimento será o principal “tratamento” dado aos enfermos da razão em fins do século XVIII, início do XIX na Europa. É imprescindível notar que os locais destinados aos leprosos e, posteriormente, aos loucos eram edifícios públicos transformados em depósitos de seres humanos rejeitados. Para lá eles eram encaminhados a fim de não inviabilizarem a ordem dominante da época, mesmo que o discurso do poder público fosse o de recolher para assistir os doentes. O tratamento médico ainda demoraria a chegar a estes “doentes da razão”, por isso, em um primeiro momento inexistirá assistência médica especializada:

Posteriormente, aparecem, na Europa, instituições hospitalares (muitas vezes filantrópicas) destinadas a dar tratamento médico a doentes sem recursos e que passam a acolher e tratar *também* os loucos. O tratamento da loucura nessas instituições ficava, via de regra, a cargo de pessoas sem formação médica, religiosos, quase sempre. Tais instituições não têm qualquer propósito “psiquiátrico”. São hospitais que dão ao alienado alguma assistência e um tratamento quase sempre alheio ao saber médico. Muitas dessas instituições destinavam espaços ou edifícios inteiros exclusivamente ao recolhimento de alienados. Esses

edifícios, administrados como partes de hospitais gerais, recebiam, às vezes, o nome de *hospícios*. Havia também *hospícios* (exclusivos para loucos) nos quais não se dava tratamento médico. Apenas abrigavam e alimentavam os alienados, separados dos demais doentes ou marginalizados sociais. (PESSOTTI, 1996, p. 152.)

Embora, a partir dessa época, tenha ocorrido um avanço com o deslocamento dos alienados para instituições hospitalares, pouco ou quase nada havia mudado no tratamento dispensado a estes indivíduos. Ainda estavam sob a guarda de filantropos, tratados por religiosos afastados do alcance do saber médico e ainda confinados como antes. O surgimento mais ordenado de manicômios, cujos propósitos serão o de acolher e dispensar um atendimento médico especializado aos alienados acontecerá, efetivamente, a partir das primeiras décadas do século XIX:

Um terceiro grupo de instituições, mais freqüentes desde as primeiras décadas do século XIX, caracteriza-se por acolher apenas doentes mentais e dar-lhes tratamento médico sistemático e especializado. A esses chamaremos de *manicômios*. Existiam já antes do século XIX, embora sua função hospitalar ou médica fosse, então, reduzida a bem pouco, visto que a figura do médico especialista em tratar loucos, o alienista ou o freniatria, surgiria apenas no século XIX. (PESSOTTI, 1996, p. 152.)

Apesar de existirem antes mesmo do século XIX, será a partir daí que os manicômios terão um papel institucional decisivo para a condução do tratamento dos doentes mentais. Dois nomes serão fundamentais para a consolidação do pensamento psiquiátrico da primeira metade do século XIX: Philippe Pinel e seu discípulo Jean-Étienne Esquirol. Este último teve um papel indispensável para o aprimoramento e desenvolvimento do pensamento do mestre. Seus estudos contribuíram para a construção de uma classificação das formas da loucura que até hoje é considerada clássica, embora tenha sido bastante contestada a partir da segunda metade do século XIX.

Mesmo com as significativas mudanças na maneira de compreender a loucura, instauradas a partir das contribuições do pensamento de Pinel e Esquirol, não é possível afirmar que ocorreu, paralelamente, uma transformação relevante no sistema de administração dos hospícios, pois os doentes mentais ainda estavam submetidos cotidianamente a situações muito precárias. O pesquisador

Isaias Pessotti em sua obra *O Século dos Manicômios*, apresenta um trecho da carta escrita em 1818 por Esquirol ao ministro do Interior da França. Essa carta constitui-se numa fonte bastante reveladora da condição de vida dos doentes mentais internos em hospícios por onde Esquirol passara:

Eles são mais maltratados que os criminosos; eu os vi nus, ou vestidos de trapos, estirados no chão, defendidos da umidade do pavimento apenas por um pouco de palha. Eu os vi privados de ar para respirar, de água para matar a sede, e das coisas indispensáveis à vida. Eu os vi entregues às mãos de verdadeiros carcereiros, abandonados à vigilância brutal destes. Eu os vi em ambientes estreitos, sujos, com falta de ar, de luz, acorrentados em lugares nos quais se hesitaria em guardar até bestas ferozes, que os governos, por luxo e com grandes despesas, mantêm nas capitais. (ESQUIROL², 1818 apud UGOLOTTI, PESSOTI, 1996, p. 154)

A descrição de Esquirol é assombrosa, porque apresenta um tratamento destinado aos loucos que é contrário a qualquer sentido de humanidade. Como falar de fraternidade diante da bestialização dos indivíduos? Como acreditar em um tratamento viável para a loucura em um ambiente inumano? O tom indignado da carta mostra o desgosto de seu autor com a instituição que em quase nada se diferenciava do abandono presente nas masmorras e prisões da época.

Note-se que a referida carta foi escrita e entregue no início do século XIX, na França. Entretanto, no relato do eminente psiquiatra, se fossem omitidas a autoria e o ano da confecção da epístola, poderíamos facilmente supor que se tratava de mais um apontamento do narrador de Lima Barreto sobre o Hospício Nacional dos Alienados. Impressiona a semelhança da sorte que atinge os loucos da França das primeiras décadas século XIX e os do Brasil do início do XX. Após um século da carta indignada do francês, no Rio de Janeiro, capital da *belle époque* tropical, quase nada mudara nas condições de vida – seria vida mesmo? – dos internos de um hospital psiquiátrico.

A despeito da crença quase inabalável – de uma parcela significativa da mentalidade brasileira supostamente desenvolvida e moderna da época – na ciência como resposta aos males humanos do início do século XX, um inegável

² ESQUIROL, Jean-Étienne. Carta ao ministro do Interior da França, 1818.

atraso marcará o modelo de tratamento destinado aos considerados loucos de então. Este atraso será captado e descrito a partir de um ponto de vista fundamental, ainda que bastante desprestigiado no Brasil naquele momento e quiçá hoje, na alvorada do século XXI, também. Qual a credibilidade do discurso de um sujeito considerado louco pelo poder de em uma instituição psiquiátrica e pelo saber científico, representado pela imagem dos alienistas? O discurso da autoridade cancelado pela razão hegemônica estava presente no suposto conhecimento médico, mas os enunciados elaborados nos pavilhões, alojamentos, corredores, catres e porões do hospício carregam a voz da dissonância. Será esta voz a de um narrador que precisa contar o que vê, vive e sente para reafirmar sua razão e seu ser diante de uma realidade que, ao contrário do que se poderia supor, era muito parecida com aquela existente no mundo exterior ao hospício.

No ambiente do hospício, através de um narrador que fala a partir da perspectiva de um doente, emerge a voz dos, supostamente, esquecidos pela razão. Porém, o surpreendente na narrativa é o fato de as análises contidas nos apontamentos do narrador conduzirem a uma simetria bastante clara entre o mundo do hospício com suas possibilidades, vícios e limitações e o mundo do lado de fora, considerado são. Nos detalhes dos registros sobre o hospício vemos a habilidade do narrador que, a um só tempo, constrói uma estratégia de manutenção de sua identidade e uma perspicaz metáfora capaz de revelar como o hospício – lugar de guardar os loucos – é uma extensão incontestada da sociedade que se encontra fora daquelas dependências e se arvora como são.

Vive-se aqui pensando na hora das refeições. Acaba-se do café, logo se anseia pelo almoço; mal se vai dêste, cogita-se imediatamente no café com pão; à uma hora, volta-se e, no mesmo instante, se nos apresenta a imagem do jantar às quatro horas. Daí até dormir, são as horas piores de passar. (BARRETO, p.106, 1956).

No trecho apresentado temos o registro da completa falta de sentido na vida cotidiana do hospício e da redução zoomórfica destinada aos internos que “viviam” apenas para satisfazer o instinto animal primário de alimentação. O narrador apresenta uma característica marcante no dia-a-dia do hospital, a saber, a ausência de projetos existenciais capazes de alimentar alguma perspectiva aos

que estão submetidos à condição de internos. Como resultado da falta de horizonte, a experiência da angústia aflora de maneira incontestável, sendo expressa na dor da solidão, no ócio improdutivo entre o jantar e a hora de dormir. Ao registrar sua angústia com o tempo que demora a passar, o narrador reafirma, simultaneamente, para si e para o outro – que será seu leitor – a consciência da necessidade de atribuir sentido à vida, característica imprescindível daqueles comprometidos com a lucidez do mundo.

Se, dentro do hospício, temos a experiência da angústia manifestada pela falta de alternativas existenciais, há sólidas razões para acreditar que entre os setores da sociedade considerados guiados pela razão – independente da classe social – a coisa não seja muito diferente. Vejamos qual o sentido de racionalidade presente na vida de muitas pessoas que trabalham dez, doze, às vezes, até dezesseis horas por dia para garantir no fim do mês um salário capaz de, em muitos casos, propiciar menos que o necessário para atender as demandas básicas como alimentação, saúde e educação? Ou então, como pensar a categoria de sanidade quando lançamos um olhar para as elites de países como o Brasil, que, em grande parte, pautam sua razão na prática do alheamento, e, por isso, desconsideram o outro, o diferente de si, como ser moral, passando a encará-lo apenas como refugo social? A conclusão a que chegamos é que em ambos os exemplos os dois grupos operam dentro de suas razões. O assalariado é guiado pela razão da produção e sobrevivência, já as elites econômicas são regidas pela razão do *status* social conferido pelo consumo. O que há de comum entre elas é o fato de serem instituídas a partir de uma lógica capitalista. No entanto, sob a égide de uma razão humanista – aqui entendida como aquela que valoriza as potencialidades do ser humano como ser transformador da realidade natural e social, não conformado com os supostos poderes transcendentais ou subordinações naturais e históricas – ambas as razões, a da elite e das classes trabalhadoras, apresentam-se como falhas e isso nos direciona para o entendimento de que o mundo narrado de dentro do hospício guarda uma similaridade intensa com o mundo fora dele.

Em *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, a noção de limite é posta à prova o tempo todo. Primeiro do ponto de vista literário, em função de nos confrontarmos com um discurso, que, mesmo não se pretendendo literário, terá uma grande relevância para a produção literária do romancista, pois fará parte de uma estratégia de coleta de elementos para construção de um romance inacabado, cujo tema principal seria o mundo da loucura, como analisaremos melhor mais à frente. As condições de produção da narrativa também serão pautadas por um aspecto limítrofe, devido à situação de interno vivida pelo romancista durante a confecção da obra. Nesse sentido, a imagem de autor criada por Lima Barreto enuncia seu discurso na condição de um paciente do hospital psiquiátrico e não na qualidade de visitante, médico, enfermeiro ou qualquer outro observador externo ao mundo narrado. Esse fato fará toda a diferença na construção da narrativa, uma vez que, na categoria de paciente, o narrador apresentará sua versão do hospício a partir da realidade específica da vida de alguém que ali se encontrava internado para tratamento, o que o coloca, pelo menos em tese, na fronteira entre a loucura e a sanidade. A partir desta experiência, teremos um narrador capaz de questionar, nas camadas mais profundas da vida no manicômio, os sentidos de razão e irracionalidade através de uma caminhada pela instituição que, ao mesmo tempo, cerceia sua liberdade e o faz reafirmar sua identidade crítica diante de si e diante do mundo circundante.

O narrador de *Diário do Hospício*, tanto do ponto de vista estético quanto da perspectiva do mundo narrado, está necessariamente inscrito em uma zona limítrofe. Do ponto de vista estético isto ocorre porque, como se sabe, na maioria das vezes em um romance ou novela, o autor primário procura desassociar sua imagem da figura do narrador, para evitar uma possível confusão entre as duas categorias. Já a narrativa produzida por Lima Barreto vai privilegiar a aproximação entre estas duas categorias sem, no entanto, fundi-las. A aproximação entre a figura do narrador e do autor primário em *Diário do Hospício*, a meu ver, se constitui como uma estratégia enunciativa em que o discurso do autor primário é refratado através de uma imagem de autor. Esta é configurada na voz do narrador, sem, no entanto, perder suas características fundamentais. Este procedimento faz

com que o escritor consiga criar uma distância segura entre sua experiência pessoal e o mundo narrado.

Com relação ao mundo narrado a situação limite que se instaura é, supostamente, mais simples de compreender. Ela consiste na dicotomia loucura e sanidade vivenciada pelo narrador, interno de um manicômio e, em tese, uma pessoa fora de seu juízo perfeito. Será exatamente este homem, internado como louco devido ao alcoolismo, que travará um embate ao mesmo tempo pessoal e coletivo para reafirmar para si e para o mundo sua sanidade de dentro do lugar dos insanos, vivenciando assim diariamente a experiência de uma vida entre dois mundos, correndo todos os riscos de viver à beira do abismo existencial, no limite máximo do humano.

No que diz respeito à estruturação dos capítulos e sua titulação é possível notar que a maneira como estão dispostos os dez capítulos constituintes do *Diário do Hospício* será bastante significativa. Até o quinto capítulo, cada um deles recebe um título que expressará o tema central a ser ali desenvolvido. No capítulo I, intitulado “O Pavilhão e a Pinel”, o narrador apresenta suas impressões sobre estas duas seções do hospício; o capítulo II é designado de “No Calmeil”, setor originalmente destinado aos pensionistas – pacientes que gozavam de uma condição financeira melhor. A experiência de nosso narrador nesta seção se deu por força da gentileza do diretor do hospício, Doutor Juliano Moreira, que para lá o encaminhou, após breve encontro com o emérito médico; no capítulo III, que tem o significativo título, “A Minha Bebedeira e a Minha Loucura,” o narrador faz uma série de reflexões rigorosas e precisas sobre as razões do seu alcoolismo e de sua possível loucura; o capítulo IV, sob o título de “Alguns Doentes,” será a parte destinada aos relatos em que mais intensamente será manifestada a capacidade do narrador de efetuar análises críticas sobre a condição de vida dos companheiros de internação, expressando a extrema lucidez de seu discurso; no capítulo V, denominado de “Guardas e Enfermeiros”, temos o narrador exercendo sua análise lúcida sobre esse grupo de funcionários.

Do sexto capítulo em diante haverá ausência de títulos e esta falta aponta para uma simultaneidade de temas, como se a ordem a ser seguida na narração fosse a do fluxo de consciência. Há notadamente uma urgência do narrador em apresentar, no capítulo VI, por exemplo, suas visões sobre as mais variadas questões, desde aquelas de âmbito pessoal, passando por outras voltadas para problemas concernentes ao fazer literário, ou, ainda, fatos da vida no manicômio com sua variedade de doentes e até mesmo casos de pacientes forjadores de doenças mentais que buscavam simplesmente fugir da justiça.

O outro uxoricida militar parece-me não ter nada. Creio que ele está aqui para fugir a cárcere mais duro. Não se pode compreender este homem assassino; é polido, culto, gosta de leitura e de conversar cousas superiores. Nestes últimos dias, houve na cidade um assassinato de uma mulher, perpetrado por um tenente. Evitei falar nisto a ele; e a custo tenho me contido. Quisera a sua opinião. (BARRETO, 1956, p. 75)

O arguto narrador, durante o convívio no hospício, passa a distinguir a diversidade dos loucos e alguns internos que, pelo menos na aparência, não davam mostras concretas de insanidade. É importante destacar o grau crítico do narrador que percebe os vários matizes de loucura presentes no cotidiano do hospital e compreende bem que alguns internos ali estavam para se esquivar do alcance da justiça. Ao narrador causava estranheza ainda o fato de que um homem polido e culto pudesse ser um assassino. Aos seus olhos esta situação repercutia como um disparate da existência. A surpresa presente neste discurso pode nos encaminhar, para ao menos, duas leituras plausíveis sobre a questão: a primeira gira em torno de uma possível visão idealizada do narrador sobre as noções de polidez e intelectualidade, como se estas qualidades por si só fossem a garantia da neutralização dos instintos mais primitivos do ser humano; a segunda remete à postura de um sujeito humanista no sentido estrito do termo, para quem a formação cultural sólida mediada pela arte acentuava, necessariamente, o grau de humanidade dos indivíduos, tornando incompatível qualquer ação violenta, sobretudo aquelas que atentassem contra a vida. Sem dúvida, para assumir tal posição, é preciso ter uma fé quase idealizada na ideia de arte e de humanismo, mas não podemos esquecer que “querer ser diferente do que se é tem sido a aspiração humana por excelência” (VARGAS-LLOSA, 2004, p.21), e, neste sentido,

a arte só pode comunicar algo aos inconformados e indóceis com este mundo, como era o caso do narrador do *Diário do Hospício*.

É importante observar ainda, com relação ao fracionamento de assuntos abordados pelo narrador a partir do capítulo VI, que isto acontecerá sem uma preocupação explícita em estabelecer uma escala gradativa de importância de temas explorados. Contudo, mesmo sem esta preocupação em graduar a relevância de assuntos existirá, sem sombra de dúvidas, a ocorrência de temas-chave que perpassarão toda a narrativa, mesmo quando ela está visivelmente envolta em um clima de ansiedade, cansaço, desesperança ou indignação. Assim, como exemplo de proposições sempre presentes no discurso do narrador podemos citar as seguintes matérias: expressão da dor por sua condição de interno em um manicômio (capítulos VII, VIII e X), apontamentos literários e seu ofício de escritor (capítulos VI, VII e VIII), condições encontradas para a manutenção do hábito da leitura e situação da biblioteca do hospital (capítulo VIII) crítica ao governo e ao modelo das leis brasileiras (capítulos VIII, IX e X), considerações sobre sua família e sobre o medo de enlouquecer definitivamente no hospício (capítulos VII e X), crítica ao fetiche do título de doutor no Brasil (capítulo VII), situação do conjunto arquitetônico que compunha o Hospício Nacional dos Alienados (capítulos VII, VIII, IX e X), crítica à Igreja e aos sacerdotes católicos (capítulo X) e apontamentos variados sobre a loucura alheia e os vários tipos de loucura (estes temas encontram-se presentes em toda a obra). Vejamos um exemplo significativo de expressão quase simultânea de loucura e lucidez de um interno, registrado pelo narrador. O trecho é um pouco longo, mas emblemático:

Mastigava êsse raciocínio, quando um colega de manicômio me chamou, para ver um doente da Secção Pinel, que fica na loja, impando no telhado. Lá fui eu e vi-o. Era o D. E., parente de um funcionário da casa, de real importância. **Tinha o vício da bebida, que o fazia louco e desatinado.** (grifo meu) Já saíra e entrara no hospício, mais de vinte vezes. Apesar de tudo, era simpatizado, e muito, pelo pessoal subalterno. Não subira propriamente à cumieira do edifício, mas à de uma dependência, no flanco esquerdo do edifício, onde fica a rouparia. Chegando ao alto, começou a destelhar o edifício e atirar telhas em tôdas as direções, sobretudo para a rua, para as ruas, pois a tal rouparia ficava numa esquina.

Entre um e outro arremêso, prorrompia em descomposturas à diretoria e **sorvia goles de cachaça, que levava num vidro de medicamentos.**

Não era a primeira vez que, zombando de todos os esforços da administração, do inspetor e guardas, obtinha aguardente e se embriagava, prêso, no estabelecimento. (grifo meu)

Desta vez, éle o fazia em presença da cidade tôda, pois na rua se havia aglomerado uma multidão considerável.

Jogava telhas e êles se apartavam para a borda do cais que beira o mar, no momento, turvo, e atmosfera fôska. Num dado momento, tirou o paletó. Ficou semi-nu; estava sem camisas. Atirava telhas e berrava. Alguém, de onde nós estávamos, um tanto próximo dêle, gritou-lhe:

– Atira para aqui!

– **Não, entre nós, não! Vocês são infelizes como eu.** (grifo meu)

Continuou, durante algum tempo, nessa pantomima, quando acudiu o corpo de bombeiros com escada. (BARRETO, 1956, p. 84 – 85)

A descrição do episódio feita pelo narrador assemelha-se a de um hábil cronista, cujo trabalho é o de capturar o todo da cena sem perder a riqueza dos detalhes. A conjuntura apresentada no relato permite avaliações em algumas direções importantes, a primeira delas centrada na semelhança do caso observado pelo narrador com sua própria situação, visto que também deu entrada no hospício devido ao alcoolismo tal qual o doente da seção Pinel amotinado no telhado. É sintomática, para a própria experiência do narrador, a figura daquele homem que atirava telhas como se elas fossem munições da sua revolta, formalizada nos improperios por ele proferidos contra a administração do hospício e contra o mundo. É inegável o tom pitoresco da situação, entretanto, paralelamente a isso, instalava-se um sopro de melancolia na ação desesperada do interno que, ao seu modo e involuntariamente, se fez por um breve tempo porta-voz da resistência contra a sombra da loucura. Presenciar os gritos de protesto do homem entrincheirado no telhado do hospício fortaleceu no narrador a convicção da importância de continuar o seu brado silencioso – em forma de diário – contra o peso da insanidade.

O segundo caminho relevante de análise é manifestado pela presença clandestina de bebida alcoólica numa instituição médica. De imediato, este fato compromete bastante o discurso da pretensa assepsia científica, pautada no rigor e austeridade com os quais deveriam ser tratados os casos clínicos. O comércio ilegal de substâncias proibidas em instituições médicas vai se mostrar como um elemento desmoralizador de uma certa ordem do hospício, e, simultaneamente, apresentará uma face nefasta da instituição e seus bastidores pouco ou quase nada divulgados pelo discurso oficial, mas percebido e registrado agudamente pelo

olhar do narrador que mais à frente na narrativa indagaria desgostoso: “êsse pobre homem surgiu-me como a imagem da revolta... contra quem? Contra os homens? Contra Deus? Não; contra todos, ou melhor, contra o Irremediável!” (BARRETO, 1956, p. 86).

Curiosamente, este homem descrito como revoltoso contra o Irremediável, internado, mais de vinte vezes, devido ao alcoolismo como louco, terá um vigoroso e pungente arroubo de consciência. O arrebatamento de lucidez, mesmo deflagrado pela provocação de um companheiro de infortúnio, possibilita a verbalização da expressão que poderia sintetizar perfeitamente a situação de praticamente todos os internados no Hospital Nacional dos Alienados – quem sabe em qualquer hospício, independente do tempo histórico. Incentivado a atirar pedaços de telha para dentro do adro do manicômio, o sujeito responde prontamente: “– Não, entre nós, não! **Vocês são infelizes como eu** [grifo meu].” (Idem, p.85). A sensatez manifestada nesta sentença é veloz e certa como as pedradas por ele desferidas na direção das ruas, e, não por acaso, rapidamente um grande número de pessoas se juntou para assistir ao “espetáculo” da loucura alheia, sem se dar conta de que presenciava uma espécie de desmascaramento quase carnavalizado da instituição manicomial e da sociedade existente fora do hospício, presunçosamente livre e muito menos sã do que se poderia imaginar.

O episódio do homem amotinado no alto do hospício pôs em xeque a ordem cientificista representada pela instituição psiquiátrica. Com a autoridade de um bufão involuntário, o paciente fez do telhado do hospital sua praça carnavalizada, onde provisoriamente as diferenças hierárquicas foram abolidas criando “um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária” (BAKHTIN, 1993, p. 14). Através de seus atos supostamente patéticos, aquele homem conseguiu, de certa maneira, romper as barreiras sociais que separavam os discursos da loucura – encarnado nos doentes – e da sanidade – encampado pelos médicos, enfermeiros, guardas e pelos distintos cidadãos que desfrutavam da liberdade de ir e vir pelas ruas da cidade. Seu grito de insatisfação contra o “irremediável”, se convertera em um comunicado direto e inequívoco, de que, em muitos casos, louco era tão somente

aquele que ousava divergir da ordem dominante. A vida ordinária do hospício e das ruas, suspensa durante o tempo da revolta, só foi retomada com a chegada dos bombeiros com a escada que abria caminho para o fim da pantomima e o retorno da ordem positivista, demasiadamente monocórdica e repleta de lacunas irreparáveis.

No capítulo X do *Diário do Hospício*, encontramos a exploração dos aspectos fragmentários do discurso do narrador desenvolvidos na sua potencialidade máxima. Há uma radicalização discursiva materializada na enorme quantidade de temas abordados pelo narrador – mais de uma dúzia diferentes, sem contar a retomada de outros presentes na mesma etapa – ao longo das dezenove páginas que compõem a parte final e mais extensa da narrativa. Muitas das notas ali encontradas foram objeto de registro em outras partes da obra, e isto pode conduzir ao entendimento de que o capítulo X se constituiu como uma espécie de súpula temática, ao mesmo tempo em que também foi utilizado para a expansão das visões sobre a loucura e a vida cotidiana no hospício, com suas peculiaridades, desventuras, sobressaltos e constatações duras sobre a realidade de conviver entre a parcela economicamente pobre e intelectualmente mediocrizada da população.

O meu transplante forçado para outro meio que não o meu. A necessidade de convivência com os de meu espírito e educação. Estranheza. A minha ojeriza por aqueles meus companheiros que se animam a falar de cousas de letras e etc. O J.P., que se animava a discutir comigo Zola e falar sobre edições, datas, etc. Entretanto, eu gostava dêele. **Ri-me mais que nunca quando, percebendo tudo isto, lembrei-me que me supunha um homem do povo e capaz de lidar com o povo** [grifo meu]. (BARRETO, 1956, p.99).

O narrador revela um Lima Barreto, do ponto de vista econômico, inegavelmente ligado às classes populares, porém, do ponto de vista intelectual a história era bem outra. Submeter-se à vida no hospício era por demais doloroso para o escritor, pois ter de se afastar da vida intelectual e boêmia para conviver num meio no qual a liberdade era suprimida e toda tentativa de revolta categoricamente reprimida ou onde o furto era uma prática bastante comum constituía-se num verdadeiro martírio para quem, como ele, lutava para reafirmar sua lucidez. A situação adversa apresentada pelo narrador revelou um aspecto

importante do perfil do romancista. Lima Barreto era, acima de tudo, um homem dissonante dentro das lógicas sociais, quer fossem elas ligadas aos extratos mais elevados economicamente ou não. A narrativa evidenciava que o escritor estava condenado às zonas limítrofes do mundo, independente do plano social em que se encontrasse.

Podemos observar ainda, como exemplos concretos dos aspectos da fragmentação temática presente no capítulo X, a ocorrência degradante da prática do furto e a repressão às tentativas de revoltas registradas pelo narrador, mencionadas anteriormente. É relevante insistir na ideia de que a maneira de registrar estes acontecimentos não segue uma gradação de importância ou prioridade que não seja aquela ligada a razão da reafirmação de sua lucidez. O narrador resolve fazer apreciações críticas seguindo a lógica da simultaneidade temática das notas, oriundas do fluxo de consciência e da urgência de narrar. Vejamos dois exemplos:

Os furtos aqui, antes dêle, eram de onde em onde; agora se sucedem com freqüência. É preciso saber que não tenho dormitório e tudo que tenho – livros, toalha, papel, sabonete, etc – guardo debaixo do colchão. Na primeira vez que aqui estive, consegui não me intrometer muito na vida do hospício; agora não, sou a isso obrigado, pois todos me procuram e contam-me mexericos e novidades. Esse convívio obrigado, com indivíduos dos quais não gostamos, é para mim, hoje, insuportável e ainda mais esse furto e as minhas apavorantes dívidas fazem-me desejar imensamente sair daqui.(BARRETO, 1956, p.110).

Ao falar sobre o problema dos furtos praticados por alguns internos, o narrador, expõe também sua condição de precariedade. Ela o obriga a tentar guardar os poucos pertences embaixo do colchão, para assim tentar resistir às ações dos gatunos. A vida não era nada fácil no convívio com os companheiros de hospício. Manter a sanidade diante desta realidade era um desafio constante para o homem que se via obrigado a relacionar-se com indivíduos que considerava indesejáveis. Este fato reforçava sua convicção da necessidade de estar fora daquela realidade; entretanto, para dali sair era preciso a certificação de sua lucidez, e, neste sentido, narrar se fazia necessário e urgente para assegurar a consciência de si e do mundo.

A reafirmação consciente da necessidade de sair do hospício manifesta-se também na experiência de dor e medo apresentada pelo narrador que descreve detalhadamente um motim realizado pelos doentes recolhidos à casa-forte, equivalente no hospício a uma ala de segurança máxima em um presídio.

Revolta dos presos na casa-forte, às sete horas da noite. Baderna, etc. A revolta é capitaneada pelo D... E... , o tal que subiu no telhado. Estão chegando bombeiros e força de polícia. Previ isto. Os revoltosos são vizinhos de quase metade da Secção Pinel. Armaram-se de trancas. Vejo-os cá de cima. O resto da Secção Pinel mantém calma. A nossa está quase sem guardas nem enfermeiros, mas a atitude de todos é de curiosidade. Um acontecimento dêsses quebra a monotonia, distrai. [...] A rua encheu-se; há um movimento de carros, automóveis com personagens, e fôrça de polícia e bombeiros; há toques de corneta – um aspecto de grosso motim. Consta que êle lançou cimentos e varões de ferro. **Já tenho medo de ficar aqui** [grifo meu]. (BARRETO, 1956, p. 113 – 114).

A riqueza dos detalhes – a precisão da hora do acontecido, a confusão que se apoderara de parte do hospício, o reconhecimento do líder do motim, a identificação da seção exata tomada pela revolta, a noção clara do perigo que um evento desse tipo representa e o medo manifestado – fazem saltar aos olhos a capacidade de apreensão da situação apresentada pelo narrador. Esta capacidade funciona também como uma espécie de termômetro para medir o grau de discernimento presente no discurso do narrador. A expressão do medo apresentada em seu discurso contribui para a construção da imagem de um homem preocupado com a autopreservação, dando subsídios para que olhemos para ele e vejamos, através de seus apontamentos, a imagem de uma pessoa refém de uma suposta loucura, contra a qual lutava firmemente. Sabia que, nesta luta, valia-se principalmente do seu discurso muitas vezes fragmentado, intercalado e desgovernado como aquele defendido por Riobaldo, narrador-personagem, de *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, que ousava afirmar: “contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.” (ROSA, 1986, p. 82).

Os passos percorridos pelo narrador do *Diário do Hospício* e a maneira de caminhar pelas veredas do manicômio nos conduzem necessariamente de volta à presença do autor da obra, Lima Barreto. Ao criar esta imagem de autor a partir de suas próprias experiências, o escritor nos apresenta marcas inequívocas da

importância deste episódio para seu ofício. Mais do que indícios o escritor confessará seu objetivo de aproveitar os apontamentos sobre o hospício para a construção de um romance sobre este tema. Próximo do fim de sua internação no Hospício Nacional de Alienados, Lima Barreto recebe a visita de um repórter do jornal carioca *A Fôlha* e concede-lhe uma entrevista bastante importante e reveladora. Ao contrário do que poderia se esperar, a ênfase dada na reportagem não será sensacionalista ou escandalosa, mas, pelo contrário, o jornalista encarregado de fazer a entrevista vai dispensar ao escritor um tratamento respeitoso e até reverencial. A manchete poderia deixar em aberto a condução da matéria – “Lima Barreto no Hospício” – mas o *lead* encerra qualquer dúvida sobre o enfoque: “Uma interessante palestra com o notável romancista. O seu novo livro será um estudo sobre loucos e suas manias” (*A Fôlha*, 1920 apud BARRETO, 1956, p. 257). De chofre, mas com consideração, os leitores do jornal seriam introduzidos no mundo habitado pelo escritor durante o período de internação no manicômio. Com um senso de profissionalismo e apreço pelo entrevistado, o jornalista continuaria – no texto de introdução à entrevista – a apresentar sua visão sobre o romancista:

Lima Barreto, o romancista admirável de *Isaías Caminha*, está no Hospício: Boêmio incorrigível, os desregramentos de vida abateram-lhe o ânimo de tal forma, que se viu obrigado a ir passar uns dias na Praia da Saudade, diante do mar, respirando o ar puro desse recanto ameno da cidade. Lá está seguramente há um mês. É verdade que não está maluco, como a princípio se poderá cuidar; apenas um pouco excitado e combalido. O seu espírito está perfeitamente lúcido, e a prova disso é que Lima Barreto, apesar do ambiente ser mui pouco propício, tem escrito muito. Ainda há dias, numa rápida visita que lhe fizemos, tivemos ocasião de verificar a sua boa disposição e de ouvi-lo sobre os planos de trabalho que está construindo mentalmente, para realizar depois que se libertar das grades do manicômio. (*A Fôlha*, 1920 apud BARRETO, 1956, p. 257).

A introdução da entrevista ajuda a repensar a ideia de desprestígio difundida entre alguns menos familiarizados com a obra e a trajetória de Lima Barreto. Ao contrário de uma certa imagem fixada de escritor desprestigiado e completamente esquecido em seu tempo, esta abertura da entrevista deixa evidente a cortesia de alguns setores da imprensa e o reconhecimento da importância do trabalho do escritor, ali classificado como “romancista admirável”. Há um caráter bastante elucidativo nesta apresentação, pois encontramos enumerados alguns motivos que

contribuíram para a reclusão de Lima Barreto ao hospício – a boêmia e os desregramentos da vida. Mesmo quando o jornalista usou de um eufemismo para descrever o manicômio, chamando-o de “recanto ameno da cidade”, não há como afirmar que assim o faz para construir um efeito irônico em seu discurso. O restante do enunciado evidenciará uma posição centrada com relação à realidade do hospital, pois vai considerá-lo um lugar “mui pouco propício” para alguém empreender uma obra literária.

Quando o entrevistador dá voz a Lima Barreto, vem à tona, sem nenhuma “cortina de fumaça” ou maneirismo discursivo, a decisão do escritor de utilizar a experiência no hospício para colher material para um futuro romance sobre a temática do mundo dos loucos, a loucura e suas manifestações. Vejamos um trecho da entrevista:

– Boa, então, esta vidinha?

– Boa, propriamente, não direi; mas afinal, a maior, senão a única ventura, consiste na liberdade, o Hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal permitem chegar à janela. Para mim, porém tem sido útil a estadia nos domínios do Senhor Juliano Moreira. **Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos.** [Grifo meu] Leia *O Cemitério dos Vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas. (*A Fôlha*, 1920 apud BARRETO, 1956, p. 258).

Àquela altura, Lima Barreto, possuía mais do que alguns apontamentos. A maneira como descreve o hospício, comparando-o a uma prisão, e fala sobre a importância da liberdade são indicativos expressivos do quanto a experiência da internação o marcara. Além disso, do ponto de vista literário, além de ressaltar seu trabalho de organizar notas sobre o cotidiano do hospício, que mais tarde seriam conhecidas como o *Diário do Hospício*, ele também apresenta um plano geral do futuro romance a ser empreendido a partir do diário, e, adianta em primeira mão o nome da pretendida obra: *O Cemitério dos Vivos*.

Infelizmente, do romance desejado o escritor produz apenas um esboço, e organiza o primeiro capítulo, denominado “As Origens”, tendo publicado este, em janeiro de 1921 na *Revista Sousa Cruz*. Para o crítico e pesquisador Francisco de

Assis Barbosa, tudo levava a crer que *O Cemitério dos Vivos* seria a obra mais importante de Lima Barreto. No entanto, após sua saída do Hospício em 1920, o romancista começa o trabalho de escrever a esperada narrativa, sem, no entanto, concluí-la:

Pouca coisa, entretanto, acrescentará ao livro apenas esboçado, o bastante, porém, para que se deixe entrever **uma obra de grande envergadura, talvez sua obra prima** [grifo meu]. No *Cemitério dos Vivos* houve quem visse, e com acerto, **“momentos de poesia, de enternecimento, e até de misticismo”** [grifo meu]. (BARBOSA, 1988, p. 252).

A afirmação – destacada no fragmento apresentado de Francisco de Assis Barbosa – sobre a existência de momentos de poesia, enternecimento e misticismo presentes no esboço do romance inacabado, foi feita pela professora e pesquisadora Lúcia Miguel Pereira, que em sua *História da Literatura Brasileira*, no volume XV dedicado à prosa de ficção, assim define o trabalho do romancista no *Cemitério dos Vivos*. Aos olhos da crítica especializada, a narrativa não concluída dava mostras concretas de que aquela seria a obra de superação e a expressão do mais alto grau de maturidade do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Compreender de maneira plena as razões que levaram o escritor a abandonar o projeto é, inegavelmente, uma tarefa árdua que continua a instigar as novas gerações de estudiosos. Entretanto, é preciso não esquecer que o objetivo deste tópico da pesquisa é o de averiguar, prioritariamente, a configuração do narrador no *Diário do Hospício*, o que vem se mostrando como uma empreitada, algumas vezes sinuosa, outras instigante, mas não menos prazerosa e desafiadora do que a de tentar encontrar os motivos da desistência da produção do *Cemitério dos Vivos*.

No presente capítulo, que buscou entender a constituição do narrador de *Diário do Hospício*, é imperioso registrar que a estratégia de criar uma imagem de autor adotada pelo escritor – que assume o papel de narrador – baseado em suas próprias experiências no mundo do hospício constituiu-se como mais uma prova cabal da inteligência do romancista, que foi capaz de compreender de maneira prática e pulsante que narrar é, antes de tudo, resistir. No caso particular de Lima Barreto podemos entender que seu ofício, além de preservá-lo da loucura, contribuiu para o aprofundamento da percepção do fato de que mesmo tendo sido

conduzido para o hospício como indigente e apesar de conviver com sujeitos submetidos, muitas vezes, à indigência física, moral e social, sua identidade de ser humano continuou preservada e a confiança de se saber um homem das letras renovada.

O aspecto limítrofe do narrador do *Diário do Hospício* é, a um só tempo, instigante e provocador. Instigante porque ao decidirmos seguir seus passos dentro do hospício, optamos por olhar pelos olhos do narrador submerso no ambiente do manicômio, local onde distinguir noções de sanidade e loucura nunca é tarefa simples. A cada momento este narrador nos convoca a deixar as certezas de lado e caminhar na corda bamba da existência, sem direito a redes para nos amparar caso haja alguma queda. Já sua configuração provocadora é manifestada na medida em que somos desafiados a ampliar nossa visão sobre o fato literário. O discurso do narrador do *Diário do Hospício* é absolutamente prenhe de Literatura, e este acontecimento só ressalta a plenitude da obra que não se pretendia literária, mas se relaciona com ela como uma ardente amante!

1.2– Memórias do Subsolo: Narrar as Teses, Contar as Práticas, Reconstruir o Mundo

É preciso conhecer os detalhes, porque não se pode saber qual será importante depois, e que palavras esclarecerão alguma coisa. É preciso contar de forma ordenada. (MÁRAI, 2006, p. 129 – 130).

Novela escrita entre janeiro e maio de 1864 – período em que o autor acompanhava os últimos momentos da vida de sua primeira mulher que fora devastada por uma tuberculose – e publicada originalmente na revista *Epokha*, de propriedade de Dostoiévski e seu irmão. *Memórias do Subsolo*, em uma linha temporal antecede a fase denominada pela crítica especializada como a dos grandes romances do escritor representados, por exemplo, pelas obras *Crime e Castigo* (1866), *O Idiota* (1868) e *Os Demônios* (1871), sem que seja caracterizada como uma narrativa incipiente ou imatura; ao contrário, sua vocação já era para a polêmica e a provocação.

O autor desafia seus leitores desde o título até às ideias apresentadas na história por seu narrador filósofo e paradoxal, como constataremos adiante na análise. Importante perceber que a narrativa recebe o título de *Memórias do Subsolo*, e está organizada em duas partes. A primeira possui onze capítulos, e a segunda dez, perfazendo um total de vinte e um capítulos. Mesmo com toda ordenação apresentada, em uma nota introdutória, o escritor dá algumas pistas do que iremos encontrar ao longo das páginas da novela:

No primeiro trecho, intitulado 'O Subsolo', o próprio personagem se apresenta, expõe seus pontos de vista e como que deseja esclarecer as razões pelas quais apareceu e devia aparecer em nosso meio. No trecho seguinte, porém, já se encontrarão realmente 'memórias' desse personagem sobre alguns acontecimentos da sua vida. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.14).

Esta nota revela um princípio paradoxal que não se restringiu apenas ao narrador personagem das *Memórias do Subsolo*, como mostraremos mais à frente, mas marcou também o próprio autor. Do ponto de vista estético, a nota de introdução à novela se configura como uma novidade importante para o fazer literário porque ao afirmar que “tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 14), o escritor ressalta de maneira tácita que a literatura é um discurso sobre o real. A posição do grande romancista russo pode ser compreendida como uma antecipação de preocupações teóricas presentes nas reflexões sobre a arte literária, sobretudo, a partir do segundo decênio do século XX, com as proposições desenvolvidas por Mikhail Bakhtin sobre o caráter dialógico dos discursos.

Outro aspecto bastante relevante na constituição da arquitetura das *Memórias do Subsolo* diz respeito ao fato de Dostoiévski criar um autor secundário, que também será o narrador, fundamental para o desenvolvimento da novela, e, também, para a apresentação de teses que refutavam de maneira veemente a crença na razão Positivista, um dos principais pilares de sustentação das ideologias hegemônicas da Rússia do período. A atitude crítica expressa no discurso do narrador definirá de maneira decisiva os caminhos percorridos por ele, além de delinear e explicar a sua posição de *outsider* assumida durante a enunciação de seu discurso:

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso – que para nada serve – de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem. Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter; e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada. Esta é a convicção dos meus quarenta anos. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.17)

Ao afirmar que nunca chegou a ser nada, o narrador protagonista não está em busca de despertar a piedade de ninguém, muito menos pretende assumir o papel de vítima de qualquer situação, tampouco tenciona apresentar-se como um sujeito abnegado para quem a palavra altruísmo resumiria sua condição. Em sua fala encontramos a amargura daqueles que têm um espírito suficientemente arguto para compreender que, para ser respeitável em um meio social como aquele no qual enunciava seu discurso, somente sendo um perfeito idiota, ou seja, incapaz de visualizar em profundidade o jogo de manipulação existente em tal meio. Na maneira de perceber do narrador, tornar-se um sujeito de caráter e ação exige dos indivíduos a aceitação de uma visão limitada sobre si e sobre o mundo circundante. Sua postura de tentar ser sem caráter é a manifestação explícita do modo encontrado por ele para rejeitar a ordem hegemônica instituída e, ao mesmo tempo, desnudá-la para nós leitores e testemunhas de suas confissões nada sentimentais. Em função disso, a primeira parte da novela se converterá naquilo que classifico como as **memórias das teses**, e a segunda parte, por mim denominada de **memórias das práticas**.

A primeira parte da novela, em que o narrador personagem expressa sua visão de mundo, seus valores, seus questionamentos, angústias e aflições ainda não é exatamente aquilo que conhecemos como memórias, no entanto, também não podemos deixar de considerá-la como tal, uma vez que ali encontramos o registro, o histórico, os mecanismos a partir dos quais o narrador faria a mediação de sua existência com o mundo ao seu redor. Ou seja, o que se tem ao longo dos onze capítulos são respectivamente: a topografia, a arquitetura, o plano geral da mente de um homem aparentemente singular, em muitos momentos

desencantado, infeliz, vil, “doente e desagradável”. Na realidade, podemos designar esta primeira parte como **memórias das teses**. Sim, exatamente isto que temos ali, um narrador que rememora e reafirma para si suas posições frente à existência, diante do mundo e, que para nós leitores, esquadrinha sua natureza, suas crenças, seus valores, para que assim tentemos compreender suas escolhas e comportamentos relatados na segunda parte da novela.

Na segunda parte da narrativa temos um sujeito que conta fatos acontecidos em sua vida ou presenciados ao longo dela. No conjunto dos dez capítulos constituintes da segunda e última parte das *Memórias do Subsolo*, testemunhamos os relatos de uma série de eventos que, separadamente, poderiam ser considerados apenas o inventário da vida de um indivíduo esquisito, rancoroso, obsessivo, perverso e inadequado ao mundo que o rodeia. Porém, quando olhados em conjunto, os mesmos eventos adquirem a função de referendar a visão de mundo do narrador, como uma espécie de síntese da prática de suas teses apresentadas e defendidas na primeira parte da obra, daí a denominarmos de **memórias das práticas**.

Há, entre as várias situações relatadas, pelo menos um ponto em comum: a sensação de que o narrador vive todo o tempo em um turbilhão que o sorve completamente, conduzindo sua vida sempre para um imenso desalinho. Para compreendermos melhor, basta observarmos, por exemplo, sua relação no trabalho, que vai do total desprezo pelos colegas – “(...) na repartição forçava-me a não olhar para ninguém...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 55) –, passando pelo rancor – “Está claro que eu odiava todos os funcionários da nossa repartição, do primeiro ao último, e desprezava-os a todos...” (Idem, p.57) – até chegar à experiência da mais profunda solidão que o torturava até massacrá-lo: “torturava-me então (...) o fato de que ninguém se parecesse comigo e eu não fosse parecido com ninguém. Eu sou sozinho e eles são todos...” (Idem, p.58). Esta multiplicidade de sentimentos experimentada pelo narrador, apenas na esfera profissional, serve para dar uma ideia de como o seu discurso é afetado pela inadequação e rejeição do modelo Positivista questionado na narrativa.

O narrador protagonista das *Memórias do Subsolo* pertence à classe das personagens atormentadas que povoam amplamente a grande literatura de todos os tempos. Contudo, seu tormento não é, necessariamente, fruto do malogro de uma relação afetiva, tampouco é provocado pela penúria financeira, também não é desenvolvido por conta da morte de um ente querido ou causado por algum tipo de desastre natural. Sua angústia é de outra ordem, é forjada nas regiões mais profundas do ser, seu drama advém da consciência do engano sobre o qual se erigiu a noção de civilização, quase sempre atrelada a uma visão racionalista do mundo. Em sua exposição de ideias organizada em forma de confissão, o narrador enuncia seu discurso necessariamente na expectativa da palavra do outro, a quem deseja renegar, combater, contestar, mas também diante de quem pretende se afirmar pela diferença, daí o caráter muitas vezes grosseiro, impertinente e rancoroso de seu discurso, fruto de uma ação ideologicamente organizada.

Como defender a proposição de que a razão Positivista, sustentadora do modelo burguês de felicidade, não passa de mais um discurso sobre o real e, portanto, passível de falhas, excessivamente parcial e merecedor de profundas críticas? Na busca de aplainar o terreno para refutações tão difíceis, somente a habilidade de um grande escritor seria capaz de compreender e dar conta da necessidade de construir uma obra que privilegiasse a figura do narrador, tornando-o a um só tempo, autor secundário e, necessariamente, um personagem protagonista. Mas não um protagonista cheio das virtudes, destemido em suas ações, porta-voz de tudo que é belo, de tudo que há de divino e maravilhoso no ser humano. O narrador destas memórias, apesar de ter a liberdade de enunciar seu discurso a partir da perspectiva de um coparticipante do sistema social hegemônico, escolhe deliberadamente o Subsolo, o que se mostrará muito significativo, pois, ao escolher narrar daquela perspectiva, acaba por pontuar claramente seu desejo de se contrapor à ordem dominante:

Pensais acaso, senhores, que eu queria fazer-vos rir? É um engano. Não sou de modo algum tão alegre como vos parece, ou como vos possa parecer; aliás, se, irritados com toda esta tagarelice (e eu já sinto que vos irritastes), tiverdes a idéia de me perguntar quem, afinal, sou eu, vou responder: sou um assessor colegial. Fiz parte do funcionalismo

a fim de ter algo para comer (unicamente para isto), e quando, no ano passado, um dos meus parentes afastados me deixou seis mil rublos em seu testamento, aposentei-me imediatamente e passei a viver neste meu cantinho. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.17)

Na passagem apresentada o discurso do narrador é construído a partir da perspectiva da mirada em torno. Ou seja, ao apresentar seus relatos, o homem do subsolo não visa apenas o objeto de seu discurso em si, mas ele também busca polemizar com um suposto interlocutor. Entretanto, aos leitores não é dado conhecer diretamente a voz desse interlocutor. Ela nos chega através do artifício da antecipação de sua réplica, realizada pelo narrador. No âmago desta antecipação reside uma polêmica que se apresenta ora velada, ora aberta. Esta polêmica é instaurada pela desestruturação do narrador face ao discurso do outro que o espreita e avalia. A presença do outro muito o incomoda porque ele teme que a sua autoafirmação necessite da afirmação e do reconhecimento deste outro. Por isso, “a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere. Aqui a palavra do outro [...] influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor” (BAKHTIN, 2008, p.223).

É importante perceber ainda que, em sua confissão, o narrador protagonista faz questão de esclarecer, em primeiro lugar, que a acidez presente em seus enunciados não tem pretensões humorísticas, além de pouco se importar se o seu excesso de “eloquência” pode aborrecer ou importunar qualquer pessoa. Logo após, ressalta sua origem de pequeno funcionário público, depois, de pequeno herdeiro também e aposentado por escolha própria. Ou seja, este era um indivíduo ativo dentro de um modelo social, um típico representante das classes médias, mas que por opção ideológica decide falar do subsolo para dali, abertamente, se contrapor à ordem social de onde era egresso, passando a agredi-la para com ela romper.

É preciso ter em vista, antes de qualquer coisa, que o discurso do narrador de *Memórias do Subsolo* será um apelo em diversas direções: endereçado a si mesmo, ao outro, ao mundo, sem fazer concessões de nenhuma ordem. Seu estilo será rápido e feroz como um animal selvagem acuado diante da

possibilidade da jaula ou da arma do caçador. A virulência discursiva é sua resposta e aceno de descontentamento com um mundo em eterno desacordo, apesar da aparente harmonia. Ciente da fragilidade contida na ideia de belo e sublime presentes no mundo resta ao narrador dissecar o que há de abjeto e repugnante na existência. Para tanto, será necessário assumir um discurso que se contraponha radicalmente à ordem das coisas e nada melhor para atingir tal intento do que efetuar, de certa maneira, o elogio da mediocridade.

Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe em um homem instruído do nosso infeliz século dezanove e que tenha, além disso, a infelicidade de habitar Petersburgo, a cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 18).

Em seu apelo, o narrador declara o desejo de ser um inseto, para logo reconhecer sua incapacidade de sê-lo. Não conseguir ser nem um inseto é a declaração aberta, à primeira vista, da total mediocridade. Para ele há uma necessidade premente de ser medíocre, pois, só assim, conseguiria sobreviver em uma cidade envolta numa aura de profundidade meditativa como Petersburgo. Em um lugar pretensamente regido pela razão como a Rússia do século XIX, somente uma posição contrária a ela seria capaz de desvelar o equívoco de se supor objetivo durante a maior parte do tempo. Neste trecho ocorre uma refutação do ideal de racionalidade positivista. Ao olhar para a Petersburgo erguida por Pedro, O Grande – ainda no raiar do século XVIII para ser a capital do Império Russo que se pretendia moderno e mais próximo das potências ocidentais – comparando-a com aquela do século XIX, nosso narrador compreende que o mais acertado a fazer é negar o modelo de razão que ali vigorava, em virtude da artificialidade nele contido. Para isso, é necessário assumir uma postura mediocrizada em relação à noção de sapiência, pois assim agindo ele estava mostrando o alcance de sua visão capaz de apreender a necessidade de se desligar completamente daquele modelo social.

Ainda na primeira parte da novela, aqui denominada de **memórias das teses**, temos o narrador caracterizando a si mesmo, mas sempre na perspectiva da palavra do outro. Ou seja, ao falar de si, nosso anti-herói assume um tom absolutamente polêmico para marcar de maneira inequívoca a sua distância em relação ao seu interlocutor imediato, apresentado na obra como o “homem direto e de ação”. Apesar de rejeitar com todas as forças esta figura, o narrador mantém com ela uma ligação muito intensa em função da necessidade de autoafirmação diante do outro, diante de si e do mundo. Há, ainda, um tom negativo em seu discurso que visa a dois objetivos simultâneos: o primeiro confrontar e contrariar abertamente seu interlocutor e, o segundo, marcar sua diferença em relação ao outro pela negação exacerbada do modelo existencial e comportamental que este outro refrata através do discurso do homem do subsolo:

Mas chega... Eh, tagarelei muito, mas o que ficou explicado?... Como se explica aí o prazer? Mas eu explico! Hei de ir até o fim! Foi por isso que tomei da pena...

Tenho, por exemplo, um terrível amor-próprio. Sou desconfiado e me ofendo com facilidade, como um corcunda ou um anão, mas, realmente tive momentos tais que, se me acontecesse receber um bofetão, talvez até me alegrasse com o fato. Falo sério, com certeza, eu saberia encontrar nisso uma espécie de prazer – naturalmente o prazer do desespero, mas é justamente no desespero que ocorrem os prazeres mais ardentes, sobretudo quando já se tem uma consciência muito forte do inevitável da própria condição. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 20 -21).

Na abertura do trecho em análise ocorre uma antecipação da reação do interlocutor, marcada nos dois questionamentos apresentados pelo homem do subsolo. Ao reconhecer que falara bastante e explicara pouco sobre o prazer nas experiências abjetas, o narrador antecipa e prevê a voz do outro e trata de rechaçar o possível questionamento com a afirmação ríspida de que explicaria tudo até o fim. É fundamental perceber a importância da palavra do outro – ainda que ela não apareça explicitamente – na constituição do caráter do narrador que, para ser quem é, necessita compreender de maneira profunda a constituição do seu interlocutor, de quem precisa se distanciar por não compartilhar de sua visão de mundo, mas de quem não consegue se desvincular porque é exatamente a partir daquele diferente de si que nosso narrador consegue saber quem ele mesmo é.

Ao caracterizar-se, o narrador escolhe deliberadamente se aproximar de tipos humanos em geral discriminados ou postos à margem dos modelos sociais considerados por muitos “normais” e aceitos pela média das pessoas. Ao afirmar que sua desconfiança e suscetibilidade às ofensas são semelhantes às de um corcunda ou um anão, a escolha destas categorias não se dá ao acaso, ela tem intenção de marcar bem o quanto ele é diferente do seu interlocutor. Contra as noções de equilíbrio e harmonia social, o filósofo do subsolo se apropria daquelas imagens que suscitam a repulsa entre aqueles que se supõem regidos pela racionalidade positivista. Ao mesmo tempo, ao comparar-se com aqueles tipos considerados grotescos, o homem do subsolo ajuda a desvendar como a sociedade, supostamente sadia, racional, consciente e meditativa é mesquinha, segregadora, intolerante e rejeita, com frequência, o diferente. Se assim não fosse, indivíduos como os corcundas e os anões não seriam marginalizados, nem sofreriam as consequências do alheamento. Diante do apresentado, como acreditar neste sistema discriminador? Como não desafinar o coro dos contentes? Por mais reconfortante e sedutora que seja a ideia de equilíbrio sugerida pela noção de racionalidade, nosso narrador não nos deixa esquecer que este equilíbrio é sempre delicado, distante e, quase sempre, parecido com um belo canto da sereia, sedutor em toda sua beleza, mas destinado à danação humana.

Um narrador desagradável. Desagradável, sobretudo, por recusar o modelo racional pautado nas noções positivistas de seu interlocutor e marcar sua posição com uma violência de ideias cujo objetivo final era o de scandalizar através do radicalismo das experiências abjetas. Ao defender o prazer na dor da bofetada, o homem do subsolo denuncia o torpor, a indiferença, a estagnação, a apatia na qual estão encerrados os denominados por ele ironicamente de “homens diretos e de ação”, incapazes de compreender o engano sobre o qual estão instaladas suas existências. O problema desta postura está na incompreensão e estranheza por ela gerada ou a tendência em supor que se está diante do discurso de um louco ou um sádico para quem a dor é fonte de gozo eterno. No entanto, muito para além desta visão, a agressividade presente no discurso do narrador é, antes de tudo, a melhor maneira encontrada para se desincompatibilizar por completo do outro, seu interlocutor e, de certa forma, seu

algoz por representar exatamente toda a lógica por ele violentamente rejeitada, por julgá-la, sobre todas as coisas, uma causa perdida.

Esse narrador conscientemente repulsivo reunirá em si características paradoxais manifestadas em suas posições oscilantes e antagônicas. Se, em muitos momentos, fica bem definida sua postura de rejeição do paradigma social cartesiano, positivista e superficialmente socialista, em outros, há indicativos expressivos do desejo de participar e se integrar, sem maiores questionamentos, ao modelo social que é repudiado com força e com intensidade. Um instante, por exemplo, em que toda contradição presente nas formulações e atos do narrador vem à tona de maneira direta e incontestável é quando este passa a discorrer sobre o desejo de se lançar sem reservas ou cerimônias nos domínios da paixão, mesmo que para isso corresse o risco de vivenciar as dores e sofrimentos decorrentes da não retribuição do sentimento:

De outra feita quis por força apaixonar-me; isto me aconteceu duas vezes. E realmente sofri, meus senhores, asseguro-vos. No fundo da alma, não acreditamos estar sofrendo, há uma zombaria que desponta, mas, assim mesmo, sofria de verdade; tinha ciúmes, ficava fora de mim... E tudo isso por enfado, senhores, unicamente por enfado; a inércia me esmagara. Com efeito, o resultado direto e legal da consciência é a inércia, isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados. Já aludi a isto há pouco. Repito, repito com insistência: todos os homens diretos e de ação são ativos justamente por serem parvos e limitados. Como explicá-lo? Do seguinte modo: em virtude de sua limitada inteligência, tomam as causas mais próximas e secundárias pelas causas primeiras e, deste modo, se convencem mais depressa e facilmente que os demais de haver encontrado o fundamento indiscutível para sua ação, e, então se acalmam; e isto é de fato o mais importante. Para começar a agir, é preciso, de antemão, estar de todo tranqüilo, não conservando quaisquer dúvidas. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 29).

A ideia de “apaixonar-se” pode ser compreendida como uma maneira possível de aproximação com o mundo regido pela lógica racionalista. Ceder espaço para a paixão equivaleria para o narrador, sair de dentro de si mesmo, abrindo-se para o outro e superando a solidão, deixar o subsolo. Ao aceitar sair de sua trincheira para comungar com o outro, através do signo da paixão, o narrador assume seu desejo de se integrar no ideário de ordenação social proposto pelo modelo burguês de felicidade, que tem na paixão romântica uma das suas bases mais sólidas.

Ao desejar e experimentar os caminhos da paixão, nosso narrador reconhece logo as muitas agruras presentes nestas sendas. As dores da paixão apontam simultaneamente para as dificuldades em lidar com os sentimentos e para a reiteração da “vocação” do narrador em se regozijar com as experiências evocadas pelo sofrimento. Ou seja, homem do subsolo, teu nome é paradoxo! E, de contradição em contradição, presenciamos a construção do imenso mosaico do seu desencanto. Desencanto gerado pela consciência da profunda mediocridade sobre a qual estão construídos os fundamentos dos “homens diretos e de ação”. Estes homens, supostamente, regem seus rumos, escolhem seus caminhos e creem serem guiados pela verdade, – como se fosse possível dar conta dela apenas no singular – diante da qual não resta espaço para nenhum tipo de dúvida, criando assim, uma sensação de tranquilidade estimuladora de ações sempre “conscientes”, “acertadas”, “virtuosas” e, fundamentalmente, modelares – ainda que sejam sempre modelos ilusórios.

Uma característica que não pode ser atribuída ao narrador de *Memórias do Subsolo* é a da tranquilidade. Quase todas as suas formulações e práticas apontam para o oposto deste adjetivo, talvez o vocábulo que melhor o qualifique seja atormentado. Por isso, em muitos momentos, em função deste predicado, o aspecto paradoxal do narrador é potencializado a tal ponto que julgamos estar diante do discurso de um louco. Quando nos dedicamos, por exemplo, a enumerar suas experiências registradas na segunda parte da novela intitulada de “A Propósito da Neve Molhada”, temos a reunião de diversos episódios que apontam, em uma avaliação preliminar, realmente para a figura de um sujeito acometido por transtornos psíquicos.

Como uma parte significativa do “Capítulo II” deste trabalho será dedicada à efetivação de uma análise detida das experiências do homem do subsolo, neste momento, enumerarei apenas algumas delas para que se possa melhor enxergar a suposta loucura presente em suas ações. Por isso, a partir de agora, destaco as seguintes circunstâncias: a relação incomum que o narrador mantinha com Apolón, seu empregado doméstico, marcada pela quase inversão de papéis; o

caso do esbarrão com o oficial e o surgimento da ideia obsessiva de retratação da “humilhação” sofrida; as visitas ao seu chefe de seção, Antón Antônitch Siétotchkin, em busca de socialização e a recorrente sensação de, ali, desempenhar o papel de um perfeito imbecil; a insistência em se autoconvidar para o jantar de despedida oferecido a Zvierkóv, por antigos colegas dos tempos de escola e a multiplicação de experiências desprezíveis vivenciada pelo narrador em decorrência do jantar e, finalmente, o encontro com a prostituta Liza, primeiro no prostíbulo e, posteriormente, na residência do narrador, onde este assume uma postura absolutamente perversa em relação à moça, numa atitude oposta àquela adotada em seu contato inicial com ela.

Mesmo resumidamente, os episódios apresentados dão uma ideia do comportamento absolutamente inconstante e contraditório do narrador-personagem. Além do comportamento, o seu discurso também pode induzir o leitor a supor que realmente está diante de um sujeito privado da lucidez. Quando nos deparamos com um narrador que enuncia seu discurso em forma de confissão para um interlocutor não definido claramente e diante de quem pretende, ao mesmo tempo, afirmar-se, repudiar e a quem antecipa a réplica, organizando assim sua própria tréplica, pode até parecer, à primeira vista, que este narrador discute consigo mesmo, como aquela imagem clássica do louco que “conversa com seus próprios botões”. Vejamos um exemplo destes enunciados:

Destruí os meus desejos, apagai os meus ideais, mostrai-me algo melhor, e hei de vos seguir. Direis talvez que não vale a pena mesmo ocupar-se disso; mas, neste caso, posso responder-vos de modo idêntico. Estamos argumentando a sério, mas, se não vos quiserdes dignar a dirigir-me a vossa atenção, não serei o primeiro a inclinar a cabeça. Tenho meu subsolo. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 49 -50).

O narrador entra, neste trecho, em contenda aberta com seu interlocutor a quem trata com o maior grau de formalidade possível, dirigindo-se a ele exclusivamente na segunda pessoa, questionando-o a todo o momento, desafiando-o a apresentar uma visão de mundo mais convincente que a sua. Embora os enunciados das *Memórias do Subsolo* tenham assumidamente um caráter confessional, toda a obra organiza-se na expectativa da palavra do outro.

Entretanto, este outro jamais terá uma voz própria, ela será manifestada, fundamentalmente, através da palavra do narrador, que fornecerá ao leitor o perfil do seu interlocutor imediato. Para alguns leitores este procedimento narrativo adotado pelo homem do subsolo pode dificultar bastante o entendimento de seu discurso e, até mesmo, levar à confusão de se supor estar diante realmente dos enunciados de um desequilibrado que “fala” sozinho.

Tanto as experiências quanto os discursos do narrador, observados à distância ou de maneira menos atenta, podem levar a conclusão equivocada de que estamos diante de uma pessoa efetivamente louca. Porém, ao lançar um olhar mais profundo e minucioso sobre estes mesmos discursos, será possível trazer à tona justamente a conclusão contrária à ideia de loucura. Tudo na obra aponta para o aspecto da extrema lucidez que envolve o discurso do homem do subsolo. Se na superfície da narrativa paira uma aparente imagem de loucura, esta é suplantada em sua totalidade quando mergulhamos sem reservas nas quase cento e cinquenta páginas que compõem a obra e nelas identificamos a habilidade da imagem de autor, que assume o papel de narrador, em polemizar o tempo inteiro a partir de seu discurso agressivo, provocador e, muitas vezes, repugnante.

Desde a arquitetura da narrativa, com sua organização bem definida e estabilizada em cada uma das partes que compõem a novela, até chegar aos enunciados nela contidos, podemos perceber a preocupação do narrador em construir um discurso cuja coerência seja a marca indelével – mesmo que inicialmente possa parecer o contrário desta ideia. A manifestação desta coerência que não se pode apagar ocorre, tanto nas teses apresentadas na primeira etapa da narrativa quanto nas experiências apresentadas na segunda parte. Neste sentido, a epígrafe de abertura deste tópico diz muito sobre a posição do narrador em relação ao mundo narrado, uma vez que sua postura será a de organizar diligentemente suas memórias, pois “É preciso conhecer os detalhes, [...] e que palavras esclarecerão [...]. É preciso contar de forma ordenada.”(MÁRAI, 2006, p. 129 – 130).

E será exatamente a ordenação das ideias que contribuirá de maneira indiscutível para o questionamento de algumas instâncias sociais pouco colocadas à prova ou indagadas durante um longo tempo. A sensatez atribuída à história universal é quase um tabu ratificado pela mentalidade racionalista, em função desta muito prezar o princípio da objetividade, supostamente norteador das instâncias históricas. No entanto, nosso narrador, sem fazer qualquer tipo de concessão, através de seu discurso, contestará frontalmente a possibilidade de existir um grau de sensatez confiável encerrada na ideia de história universal:

Experimentai lançar um olhar para a história do gênero humano: o que vereis? É grandioso? Vá lá! É, de fato, grandioso. [...] luta-se e luta-se. Luta-se atualmente, já se lutou outrora e tornar-se-á a lutar ainda mais. Concordai comigo: é até demasiado monótono. Numa palavra, pode-se dizer tudo da história universal – tudo quanto possa ocorrer à imaginação mais exaltada. Só não se pode dizer o seguinte: que é sensata. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 43).

No trecho apresentado, temos o narrador tocando em um tema sempre presente e caro ao “gênero humano”, a saber, a luta pela sobrevivência. Sob uma perspectiva, o narrador destaca o perpétuo embate do ser humano em busca de sua permanência e perenidade sobre a face da terra através dos tempos. A partir de outra, ele qualifica de insensata a noção de história justamente por considerá-la a expressão de uma quimera, uma vez que ela – ao contrário do que muitos supõem – não expressa a realidade dos fatos, mas sim, representa apenas mais uma versão sobre o real, portanto, passível de desconfiança, questionamento e erros.

A astúcia do narrador e a capacidade de polemizar, sobretudo com o legado da razão cartesiana herdado pelo pensamento positivista, permeiam todo seu discurso. Desde o momento em que expressa suas teses, na primeira parte da narrativa, até quando apresenta as memórias de suas práticas, na segunda parte da obra, presenciamos o narrador construindo um discurso totalmente comprometido com a questão da relativização da ideia de bom senso. Para ele, indagar sobre a validade universal das concepções de objetividade, de lógica e de sensatez constitui a tarefa mais importante a que o indivíduo pode se lançar, em função da necessidade humana de duvidar de todas as certezas, de desconfiar de

todos os discursos, para assim buscar pensar com profundidade sobre si e sobre o mundo.

Senhores, os problemas me atormentam; resolvi-os para mim. Quereis, por exemplo, desacostumar uma pessoa dos seus velhos hábitos e corrigir-lhe a vontade, de acordo com as exigências da ciência e do bom senso. Mas como sabeis que o homem não apenas pode, mas *deve* ser assim transformado? De onde concluís que a vontade humana é tão indispensavelmente *necessário* corrigir-se? Numa palavra, como sabeis que uma tal correção realmente trará vantagem ao homem? E, se é para dizer tudo, por que estais tão *certamente* convictos de que não ir contra as vantagens reais, normais, asseguradas pelas conclusões da razão e pela aritmética, é de fato sempre vantajoso para o homem e constitui uma lei para toda a humanidade? (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.45).

Presenciamos o narrador, com a habilidade de sempre, interrogando sobre a relevância e o sentido de se atribuir autoridade à razão. Em seu discurso há a construção de uma teia ideológica engenhosa, manifestada a partir do diálogo com seus interlocutores, aos quais apela, ironicamente, para que o livrem dos problemas da falta de confiança e de credulidade na ciência e no bom senso. Este apelo serve apenas de mote para nosso narrador refutar a crença na racionalidade apoiada pela ciência. Em seu questionamento fica patente o mal estar causado pelas suas perguntas, aparentemente, simples, mas carregadas de uma carga ideológica que se contrapõem frontalmente à concepção de razão como diretriz central a conduzir os passos de toda a humanidade. Ao longo de toda a narrativa o paradoxalista polemiza com a filosofia positivista de Auguste Comte, especialmente com a prática de submeter tudo a números. Seu discurso, neste momento, apesar do tom amistoso, se constitui como uma tentativa intransigente de bombardear o modelo social positivista bastante apreciado pelos “homens diretos e de ação” de seu tempo.

Na cruzada pela dessacralização da ideia de razão, o narrador lança mão de diversas estratégias discursivas: argumentação agressiva, zombaria, antecipação da voz do outro, expressão de apreço pelas experiências abjetas, elogio da mediocridade, ruptura com os padrões sociais hegemônicos, contestação da autoridade creditada à objetividade e ao bom senso e também a comparação entre os desígnios do desejo e a existência pautada na

racionalidade. No centro de cada uma das práticas discursivas enumeradas, reside a opção franca do narrador pela decisão de desestabilizar os postulados positivistas, supostamente verdadeiros por isso mesmo, intransigentes e intolerantes com o diferente ou divergente.

E, em particular, talvez seja mais vantajoso que todas as vantagens, mesmo no caso de nos trazer um prejuízo evidente e de contradizer as conclusões mais sensatas da nossa razão, a respeito de vantagens; pois, em todo caso, conserva-nos o principal, o que nos é mais caro, isto é, a nossa personalidade e a nossa individualidade. Alguns afirmam que isto constitui de fato o que há de mais caro para o homem; a vontade pode, naturalmente, se quiser, concordar com a razão, sobretudo se não se abusar desse acordo e se ele for usado moderadamente; isto é útil e, às vezes, até louvável. Mas a vontade, com muita frequência e, na maioria dos casos, de modo absoluto e teimoso, diverge da razão, e... e... sabeis que isto é útil e às vezes muito louvável? (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.42).

No trecho apresentado, o narrador passa a problematizar a questão de tentar conciliar duas visões de mundo quase inconciliáveis. Sob um ponto de vista dirigido pela visão racional, os indivíduos precisam obedecer a certos padrões comportamentais que têm como objetivo final proporcionar uma vida de vantagens que se estendem da esfera material até a emocional. Mas, para se alcançar estas vantagens, é preciso obedecer e seguir os ditames da lucidez, da objetividade, e, fundamentalmente, da razão ordenadora do mundo e das coisas nele presentes. Em um ponto equidistante ao da racionalidade situa-se o desejo, articulado em linha direta com a negação dos valores apregoados e difundidos pelos militantes da razão positivista. A visão de mundo preconizada e mediada pelo desejo vai defender de forma inflexível o primado da individualidade. Esta, necessariamente, compele o sujeito à aspiração de preencher um sentimento de falta ou incompletude, expressão máxima da liberdade. Neste sentido, o narrador – mantendo a coerência indagativa – colocará em pauta a questão de uma possível harmonização entre razão e desejo, para logo desacreditar a suposta conciliação, marcando desta maneira, sua posição de recusa diante da lógica positivista. Para ele, defender o princípio do desejo é tarefa urgente, indispensável e a mais importante de todas para o ser humano.

Como difundir a crença no desejo a partir do exíguo subsolo? Pior ainda, como se fazer escutar pelos “homens diretos e de ação” de seu tempo? O que esperar destes indivíduos com os quais dialoga sem, no entanto, se fazer compreender plenamente? Qual a melhor tradução destes sujeitos, supostamente, guiados pela razão, objetividade e bom senso? Observemos a visão muito particular de nosso narrador filósofo sobre a questão:

[...] Surgem continuamente homens de bons costumes, sensatos, sábios e amantes da espécie humana, que têm justamente como objetivo portar-se, a vida toda do modo mais moral e sensato, iluminar, por assim dizer, com a sua pessoa, o caminho para o próximo e precisamente para demonstrar a este que, de fato, se pode viver de modo moral e sensato. E então? É sabido que muitos desses amantes da humanidade, cedo ou tarde, [...] traíram-se, dando motivo a anedotas [...]. Pergunto-vos agora: o que se pode esperar do homem, como criatura provida de tão estranhas qualidades? Podeis cobri-lo de todos os bens terrestres, afogá-lo em felicidade, [...] dar-lhe tal fartura, do ponto de vista econômico, que ele não tenha nada a fazer a não ser dormir, comer pão-de-ló e cuidar da continuação da história universal – pois mesmo neste caso o homem, unicamente por ingratidão e pasquinada, há de cometer alguma ignomínia. Vai arriscar até o pão-de-ló e desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, [...] apenas para acrescentar a toda esta sensatez positiva o seu elemento fantástico e destrutivo. Desejará conservar justamente os seus sonhos fantásticos, a sua mais vulgar estupidez, só para confirmar a si mesmo [...] que os homens são sempre homens e não teclas de piano, que as próprias leis da natureza tocam e ameaçam tocar de tal modo que atinjam um ponto em que não se possa desejar nada fora do calendário. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 43 – 44).

Apesar de escasso, o subsolo será para nosso narrador-personagem a trincheira necessária no trabalho de resistência à força preponderante da razão positivista, assumida como verdade indiscutível pelos homens supostamente esclarecidos. Portanto, apesar do subsolo, é preciso levantar uma voz dissonante diante da opressão da certeza racional, quase sempre, naturalizada como algo inerente à vida dos seres humanos. Já para se fazer ouvir, o homem do subsolo constrói um percurso narrativo pautado em um discurso que privilegia a indagação sobre a validade do modelo social considerado “normal”, “sadio” e recomendável para todos aqueles dispostos a pertencer ao sistema dominante.

A partir de um discurso bastante elaborado e envolvente, o narrador tece uma série de reflexões sobre a moralidade e a sensatez – qualidades muito apreciadas entre os “homens diretos e de ação”. Em um primeiro momento, o

narrador apresenta a posição harmoniosa assumida por aqueles comprometidos com uma visão de mundo positivista e a pretensão de alguns homens mais determinados servirem de modelo aos seus semelhantes. Contudo, até mesmo estes sujeitos mais convictos acabam, segundo nosso narrador, fraquejando em seus propósitos e servindo de chacota diante da sociedade. Isso acontece, segundo a perspectiva do sagaz narrador, por causa do primado do desejo, que mais cedo ou mais tarde cobra seu tributo aos seres humanos. A cobrança é manifestada pela necessidade de rejeitar – ainda que momentaneamente – o legado da razão, para assim reafirmar diante de si e do mundo que mais importante do que a objetividade e o bom senso é satisfazer o desejo, legitimador das aspirações capazes de reafirmar os sentidos de humanidade dos indivíduos.

Os enunciados produzidos pelo narrador se configuram como uma defesa explícita da liberdade de escolha e do perpétuo estado de mutação a que estão submetidos todos os sujeitos minimamente sensíveis aos apelos do desejo. Para estes, a vida só vale a pena, realmente, quando é permeada por sucessões de projetos capazes de contribuir para a construção de sentidos para o ato de existir. Desta maneira, para desfrutar de uma existência larga e pródiga, o indivíduo há de se convencer da função precípua desempenhada pelos projetos na trajetória de cada pessoa, independente de classe social, credo, gênero ou situação socioeconômica. Entretanto, com relação aos projetos, é preciso observar que, na maioria das vezes, mais importante mesmo do que concluí-los é desenvolvê-los, pois é preciso ter em conta que a alegria não está nem na partida, tampouco na chegada, ela se apresenta justamente no caminho.

Mas o homem é uma criatura volúvel e pouco atraente e, talvez, a exemplo do enxadrista, ame apenas o processo de atingir o objetivo, e não o próprio objetivo. E – quem sabe? –, não se pode garantir, mas talvez todo o objetivo sobre a terra, aquele para o qual tende a humanidade, consista unicamente nesta continuidade do processo de atingir o objetivo, ou, em outras palavras, na própria vida e não exatamente no objetivo, o qual, naturalmente, não deve ser outra coisa senão que dois e dois são quatro, isto é, uma fórmula; mas na realidade, dois e dois não são mais a vida, meus senhores, mas o começo da morte. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 46 -47).

O narrador filósofo, na passagem apresentada, com seu estilo agressivo provoca seu interlocutor – a quem durante todo o tempo apela e de quem antecipa a voz – ao classificar o homem de volúvel. Contudo, a inconstância humana aqui destacada não terá um valor negativo, mas, se constituirá como um traço de distinção fundamental dos seres humanos, aquilo que pode diferenciá-los dos demais seres, sua capacidade de negar o fatalismo de uma vida conduzida por uma tabela aritmética da qual não se pode sair ou negar. Nosso narrador, sem transigir de forma alguma com o ideário positivista, afirma categoricamente que a exacerbação da racionalidade contida na máxima: “dois e dois são quatro” faz os sujeitos deixarem de viver, pois guiar a existência apenas por uma tabela é declarar a própria morte.

Na segunda parte da novela, aqui qualificada de **memórias das práticas**, encontramos nosso narrador refletindo sobre sua inadaptação ao ambiente de trabalho repleto de homens embotados. Para o narrador do subsolo, os colegas de repartição eram antes de tudo seres sem a energia vital ou a sensibilidade necessária para assumirem uma identidade individual capaz de diferenciá-los uns dos outros. Todos faziam parte de uma massa homogênea, ligados por interesses semelhantes e disfarçavam sua mediocridade com a ilusão do pertencimento. Em sua maneira particular de analisá-los, nosso narrador esquadrinha-lhes as práticas para externar uma posição bastante incômoda e, sob muitos aspectos, difícil de assumir não fosse ele o homem do subsolo, ou seja, um provocador por crença e profissão. Para ele, os funcionários de sua seção – assim como quase todos as outras pessoas – viviam sob a ilusão da normalidade, pois eram cordatos, incapazes de questionamentos de nenhuma natureza e sempre prontos a cumprir suas funções em nome da ordem e da objetividade.

Eu era doentamente cultivado, como deve ser um homem de nossa época. Eles, pelo contrário, eram todos embotados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho. É possível que eu fosse o único em toda a repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo, e talvez tivesse esta impressão justamente porque era cultivado. Mas não se tratava apenas de impressão; isto se dava na realidade: eu era um covarde e um escravo. Digo-o sem qualquer acanhamento. Todo homem decente de nossa época é e deve ser covarde e escravo. É a sua condição normal. Estou profundamente convicto disso. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.57).

Para o narrador, enquanto todos os trabalhadores da repartição viviam como um manso rebanho de carneiros, ele guardava a convicção de ser um covarde e escravo. A qualificação de covarde e escravo pode ser encarada como uma estratégia ambivalente: de um lado tinha como objetivos fustigar e, – escandalizar seus interlocutores e polemizar com eles, a quem deseja negar e diante de quem pretendia se auto-afirmar, pela negação dos valores sociais por eles reverenciados. De outro lado, buscava demonstrar que para ser livre e independente das estruturas sociais que pactuavam com a lógica racionalista – muitas vezes também a representavam – era preciso construir um discurso que se opunha violentamente a ela, para assim, marcar claramente sua divergência em relação ao pensamento positivista, ainda que isso lhe custasse a denominação de covarde e escravo.

Outro momento importante na demonstração da trajetória sombria e radical do narrador aconteceu quando ele caminhava pela Avenida Niévski, uma das principais da cidade de Petersburgo do século XIX. Lá o homem do subsolo vai encarar de frente o imenso abismo que o separava da realidade dos “homens de bem” da sociedade. Durante a caminhada suas reflexões deixarão transparecer sua incapacidade de agir dentro das expectativas mínimas esperáveis, para aquele modelo social baseado no ideário racionalista e burguês. A consequência desta incapacidade é a reafirmação do sentimento de nulidade em relação ao outro e a si mesmo.

Esgueirava-me, como uma enguia, do modo mais feio, por entre os transeuntes, cedendo incessantemente caminho ora a generais, a oficiais da cavalaria ou dos hussardos, ora a senhoras; sentia nesses momentos, dores convulsivas no meu coração e calor nas espáduas, à simples idéia da miséria do meu traje e da vulgaridade da minha deslizante figurinha. Era o cúmulo do suplício, uma humilhação incessante e insuportável, suscitada pelo pensamento, que se transformava numa sensação contínua e direta de que eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais culta e mais nobre que todos os demais, está claro, mas uma mosca cedendo sem parar diante de todos, por todos humilhada e por todos ofendida. Para que recolhia em mim tal sofrimento, para que ia à Avenida Niévski, não sei; mas algo me arrastava para lá sempre que era possível. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p.66)

No episódio apresentado uma contradição vivida pelo narrador fica bastante evidente. A maneira como age na avenida, esgueirando-se das outras pessoas, demonstra mais do que um comportamento arredio, um modo de agir retraído, acovardado, completamente diferente do esperado de um homem que tem segurança de sua superioridade em relação aos outros. Ao invés de altaneiro, nosso narrador deixa-se intimidar pela variedade de pessoas com seus títulos e patentes, expressando sua eterna sensação de humilhado perante o outro. Este fato sugere um estado de vacilação em relação ao modelo social pretensamente desprezado. Os andrajos trajados reforçavam a imagem de sua vulgaridade diante dos outros, porém, mesmo se sentindo humilhado nosso narrador buscava resistir à situação a partir da argumentação de sua, suposta, mais elevada inteligência, cultura e nobreza. Apesar de relevante, a alegação não impede que ele se perceba, resignadamente, como um desnecessário inseto, pronto a ser destruído pela força da cadeia social que age ao modo darwinista, devorando e destruindo os mais fracos.

No final da passagem em análise, temos o narrador antecipando a voz do outro através do questionamento sobre os motivos que o levavam de maneira recorrente até a Avenida Niévski. Ao antecipar a voz do seu interlocutor, o homem do subsolo aproveita a ocasião para questionar-se sobre seu comportamento. Mesmo não havendo uma resposta direta ao problema, na sequência do enunciado é possível perceber que, independente de se sentir humilhado, o narrador necessitava flunar por entre aqueles a quem rejeitava violentamente, a fim de ressaltar o imenso abismo que o separava das outras pessoas.

Ao que parece, nem o próprio homem do subsolo, nem seus interlocutores foram capazes de mensurar precisamente a profundidade do fosso que o afastava dos demais indivíduos. No entanto, o seu comportamento de alternar longos espaços de tempo entregue a sua “devassidãozinha,” – que consistia em vivenciar as experiências mais abjetas possíveis – com períodos de refúgio no devaneio mediado pelos ideais do “belo e sublime”, ajudava a dar uma ideia de como a existência deste homem era profundamente cindida.

Chegava, porém, ao fim a fase da minha devassidãozinha, e eu começava a ter náuseas terríveis. [...] Mas eu tinha uma solução apaziguadora: era refugiar-me no que fosse “belo e sublime”, em devaneios, é claro. Devaneava terrivelmente, três meses seguidos em meu canto [...] Os devaneios vinham-me com particular doçura e intensidade após a devassidãozinha, vinham com arrependimento e lágrimas, com maldições e êxtases. Eu tinha momentos de tão positiva embriaguez, de felicidade tal, que, juro por Deus, não havia em mim a menor zombaria. O que havia era fé, esperança, caridade. [...] Não podia compreender sequer um papel secundário e justamente por isso desempenhava bem tranquilamente, na realidade o último dos papéis. Herói ou imundice, não havia meio-termo. Foi exatamente isto que me perdeu, porque na imundice eu me consolava com o fato de ser herói em outra hora, e o herói disfarçava consigo a imundice, como se dissesse: ‘ao homem comum é vergonhoso chafurdar na imundice, mas um herói paira demasiado alto para ficar completamente sujo’; por conseguinte, lhe é permitida a imundice. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 70 – 71).

As pessoas, de uma maneira geral, têm duas vidas: a que sonham e a que vivem. Com o narrador do subsolo não é diferente. A aridez de sua realidade construída a partir da constatação do equívoco sob o qual se estabeleceu a noção de racionalidade, propiciou-lhe o entendimento da necessidade de negar este modelo social. Para ele, os “homens diretos e de ação” assim o são por julgarem guiar suas vidas pela ótica racional, ou seja, supõem agir durante todo tempo sob os auspícios da objetividade, da verdade e do bom senso. Por constatar a falibilidade dessa visão de mundo, o nosso narrador filósofo já inicia a novela rompido com ela, daí sua polêmica. Ele passa a combatê-la implacavelmente, e este combate se manifestava na opção por seguir um caminho praticamente sem volta, a saber, o caminho da provocação, do escárnio, da violência discursiva, da autoexclusão, do exílio em si mesmo, da desconfiança em relação às práticas e discursos dos outros. Porém, toda decisão tem seu preço, e o tributo pago pelo homem do subsolo é o da dilacerante clareza de sua solidão e da impossibilidade de ser compreendido por seus semelhantes. O custo pela escolha da independência é muito alto, sendo pago pela dor e pela delícia de se saber ser quem se é. Em função disso, muitas vezes explode a convicção de que é preciso abdicar de seu ponto de vista e se abrigar sob a proteção dos sonhos, o que explica o comportamento ambíguo do narrador, que ora decide pela imundice, ora anseia pelo belo e sublime.

A hesitação comportamental do narrador expressa simultaneamente o medo do isolamento total, a inconformidade com o sistema dominante e a negação do aniquilamento do desejo. A alternância entre a imagem do herói e a do sujeito imerso na imundice ilustra perfeitamente a situação do narrador filósofo. De certa maneira, uma imagem serve de consolo e de sustentação à outra. A vida de herói era o desejo pelo caminho da elevação moral e espiritual, o anseio pelo admirável. Por assim dizer, era a vida sonhada. Mas, a realidade se apresentava para nosso filósofo de maneira oposta, ela guardava a trajetória da negação, da renúncia, do desprezo por tudo que, de alguma maneira, representasse o legado da razão, mesmo que para realizar seu intento fosse necessário mergulhar numa vida de degradações.

A trajetória de experiências degradantes do narrador é amplamente registrada na segunda parte da obra, aqui, denominada de **memórias das práticas**. E será a expectativa de uma dessas vivências que revelará como o problema da estruturação da negativa do modelo social pretensamente racional foi algo desenvolvido pelo homem do subsolo, paulatinamente, ao longo da sua caminhada na constituição como indivíduo. O episódio que nos permite compreender como suas convicções foram forjadas desde a mais tenra idade acontece na véspera de um jantar com um grupo de contemporâneos dos tempos de escola. Mesmo contra a vontade de todos, nosso narrador paradoxal insiste em participar da reunião que marcaria a despedida de um dos colegas que partiria em viagem. Porém, o que nos interessa, neste momento, é a noite anterior ao encontro, passada envolta em terríveis pesadelos que o fazem rememorar os tempos de escola.

Nessa noite, tive os mais abomináveis pesadelos. Não é para estranhar: antes de dormir, ficara oprimido, o tempo todo pelas recordações dos anos patibulares da minha vida escolar, e não pude libertar-me delas. [...] Em nossa escola, as expressões de rosto como que se estupificavam e transformavam de modo especial. Quantos meninos encantadores ingressavam no estabelecimento! Alguns anos depois, até dava nojo olhá-los. Já aos dezesseis anos eu me surpreendia, taciturno, com eles; já então a mesquinhaz do seu pensamento e a estupidez das suas ocupações, jogos e conversas me deixavam perplexo. Havia coisas tão fundamentais que eles não compreendiam e assuntos tão impressionantes e importantes pelos quais não se interessavam, que, sem querer, passei a considerá-los inferiores a mim. [...] Reagiam de

modo tão estupidamente fantástico à realidade mais evidente, que até feria olhar, e já então estavam acostumados a venerar unicamente o êxito. Riam cruel e vergonhosamente de tudo o que era justo, mas humilhado e oprimido. Confundiam um posto elevado com inteligência e, aos dezesseis anos, já discutiam possíveis sinecuras. Está claro que uma boa parte de tudo isso provinha da estupidez e dos maus exemplos que lhes rodeavam incessantemente a infância e a adolescências. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 81 – 82).

Percebam que a expectativa do encontro com os colegas dos tempos de escola, agora na idade adulta, funcionou como uma oportunidade de visitar o passado, lançando-lhe um olhar categórico e crítico, especialmente sobre a infância e adolescência. Importante não perder de vista que o episódio funcionou como um momento em que o adulto pôde se reencontrar com o mundo infanto-juvenil no cenário escolar. Este reencontro proporcionou a efetuação de uma revisão da ideia de socialização no ambiente da escola. Ao invés de um olhar idealizado e generoso para os colegas e para a instituição de ensino – como seria comum de se esperar nestes casos – temos pareceres ácidos, desencantados e melancólicos, bem ao gosto deste narrador “doente e mau”. Sem fazer concessão a sentimentalismos de nenhuma espécie, o homem do subsolo passa a denunciar a estupidez e a frivolidade a que estavam entregues os meninos e rapazes nos tempos de escola. O ingresso na instituição educacional marcava, de certa forma, o adeus à inocência. Após alguns anos inseridos nela, os alunos estavam perfeitamente moldados à sordidez do ambiente. Como consequência das práticas sociais desenvolvidas no espaço escolar, solidificava-se entre os estudantes uma especial confiança na tríade: êxito pessoal, ascensão social e cobiça pelas possíveis sinecuras.

Os anos escolares tiveram como consequência para o narrador o estabelecimento da convicção de que aquele modelo, embora amplamente aceito, era uma farsa. A ele restava a perplexidade e a rejeição do vazio existencial assumido pelos colegas de escola como valor inquestionável e prática comum entre a mocidade estudantil do seu tempo. O narrador compreendia claramente que a postura adotada pelos alunos de vilipendiarem o que era justo e de prezarem exclusivamente o êxito era fruto do modelo social no qual eram educados. Podemos assim dizer, que tal modelo pautava-se por uma visão de mundo comprometida com a noção de uma racionalidade utilitária.

O discurso do narrador de *Memórias do Subsolo* é carregado de ambiguidades. Em muitos momentos é rancoroso recheado de cinismo, agressivo, seco, pronto a scandalizar os possíveis interlocutores. Em outros, é equilibrado, solene, mais cordial, afável cheio de preocupações humanitárias, carregado de tons moralizantes, assumindo aspectos pedagógicos, e até certo ponto paternalista.

O episódio do primeiro encontro com a jovem prostituta Liza, ainda no prostíbulo, ajuda a entender melhor a sucessão de contradições presentes em seu comportamento e discurso. Após se submeter às experiências mais repugnantes durante o jantar de despedida de Zvierkóv – contemporâneo dos tempos de escola – de ser sumariamente desprezado por todos os partícipes da ceia, de ficar em estado quase de surto psicótico a ponto de ser abandonado pelos celebrantes, que deixaram o restaurante em direção ao fim de noite na casa de tolerância, nosso narrador, ainda em estado de delírio, sai em busca dos homens que tanto o humilharam com seus gestos e indiferença. O objetivo da jornada era o de promover o desagravo contra todos, mesmo que para isso tivesse de pagar qualquer preço, o que importava era tentar se refazer das mágoas e sujeições sofridas durante o humilhante jantar.

Depois da mal sucedida busca pelos seus algozes, que haviam partido antes de sua chegada ao bordel, e de, ali mesmo, cair em um sono profundo, exaurido pela bebedeira e transtornos vividos durante a longa noite, o narrador, ao acordar, se dá conta de que está sendo observado: “De repente vi, a meu lado, dois olhos abertos que me examinavam curiosa e fixamente.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 103). Eram os olhos da jovem iniciante na vida de messalina, Liza. A partir desse instante será travado um extenso diálogo entre o homem do subsolo e a prostituta, que se estenderá ao longo das vinte páginas seguintes que compõem os capítulos VI e VII, da segunda parte da novela. Como este diálogo será analisado mais detidamente no capítulo II deste trabalho, por enquanto, vamos nos ater apenas a um aspecto específico da referida conversação.

O diálogo travado entre o homem do subsolo e a prostituta Liza se constituirá como um aparente grande jogo discursivo, em que o narrador exercitará – à primeira vista – sua capacidade de persuasão e convencimento de que uma outra vida é possível para a jovem. Construído a partir de um apelo à razão, o diálogo faz um exame através da análise lógica do percurso a ser seguido por Liza durante a vida de meretriz. A todo momento a moça é instada a refletir sobre seu caminho. Esse questionamento recomenda que ela lance mão do bom senso, a fim de recusar o caminho cujo fruto seria natimorto.

O ponto do apelo que nos interessa, nesse momento, é o da artificialidade livresca contida nas ponderações do narrador. Em uma análise apressada, poderíamos ser levados a concluir que o discurso de preocupação e piedade dirigido à jovem era, na realidade, apenas mais um momento de vacilação e ambiguidade do homem do subsolo. Seguindo em frente na leitura da narrativa, até reconhecermos a questão da ambiguidade, porém, ela não será suficiente para a compreensão ampla deste episódio da obra. É preciso que olhemos dialogicamente o primeiro encontro entre o narrador e Liza, para assim trazermos à tona outras potencialidades presentes nos enunciados ali destacados. Vejamos um extrato deste encontro, que se mostrará bastante significativo para a leitura aqui desenvolvida:

Eu pressentia, desde muito, que lhe transformara a alma inteira e lhe rompera o coração, e, quanto mais eu me convencia disto, tanto mais queria atingir o objetivo o mais depressa e o mais intensamente possível. Fui levado pelo jogo; aliás, não era apenas o jogo... Eu tinha noção de que falava de modo tenso, artificial, livresco até, numa palavra, eu não sabia falar de outro modo a não ser “exatamente como um livro”. Mas isto não me confundia; bem que eu sabia, pressentia, que seria compreendido, e que este próprio falar livresco podia até servir de ajuda no caso. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 119).

No trecho em questão, temos o narrador refletindo sobre o caráter artificial e livresco usado para se dirigir à moça e, temos também, sua apreciação sobre o jogo de convencimento e dominação que mantinha sobre ela. Quando avançamos na leitura da narrativa e chegamos ao fim do diálogo entre o narrador e Liza, logo compreendemos a atitude sórdida do homem do subsolo. A atitude consistia em construir um longo discurso sobre o destino de uma prostituta, a importância em

renunciar à vida no bordel, a possibilidade da regeneração, e o valor da vida. Ao eleger estes temas, durante a conversação com a moça, o homem do subsolo acaba por criar uma expectativa na mente e no coração de sua interlocutora, a ponto desta fazer uma revisão da própria vida e vislumbrar a possibilidade de outro destino. Seria belo e edificante tal encontro caso não se tratasse de um momento de extrema crueldade por parte de nosso narrador. Crueldade porque, após encher o coração de Liza de esperança, ele faz questão de, no momento do segundo encontro com ela, já na segurança de seu subsolo, destruir completamente as expectativas da moça, reduzindo seus sonhos a pó, através de um discurso duríssimo, não mais de exortação, mas de acusação e difamação.

Pois bem, o comportamento descrito anteriormente seria suficiente para aferirmos o alto grau de insânia, hesitação e ambiguidade do narrador. Todavia, não se tratava apenas de um jogo discursivo e perverso. Liza representava para o homem do subsolo um momento de autorreflexão, ela era como um espelho de sua própria degradação. Quando faz o discurso sobre a restauração da vida da prostituta, de alguma maneira faz um apelo a sua própria regeneração e inserção dentro da ordem social amplamente rejeitada a partir da opção pelo subsolo.

Ao observarmos mais detidamente o pensamento expresso na primeira parte do trecho destacado e em análise, vemos o homem do subsolo seguro do seu domínio sobre os sentimentos, a alma e as ações da prostituta. Há um prazer incontido em dominá-la. Assim ele o faz como parte de um jogo perverso, em que provocar prazer e dor revela-se apenas como um objetivo a ser alcançado. Entretanto, há um dado quase não percebido na continuidade da reflexão do narrador, em função da centralidade adquirida pela idéia do jogo. Ao afirmar: “Fui levado pelo jogo; aliás, não era apenas o jogo...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 119), nosso narrador filósofo faz uma ressalva; apesar da importância do jogo, não era apenas este que o movia. As reticências do segmento são de extrema importância para a compreensão de que todo aquele discurso livresco e artificial, que em um primeiro momento era apenas parte de uma estratégia, referia-se também a si mesmo. Sim, a si mesmo porque, apesar de rejeitar a moral social positivista, nosso narrador sentia na pele as dificuldades geradas pela exclusão

desta moral, materializadas no isolamento e na inaptidão em conviver socialmente com as demais pessoas.

Contudo, uma estrutura intrincada e sofisticada é utilizada na organização destas reflexões. Ao mesmo tempo em que os enunciados do narrador são dirigidos à Liza, também são dirigidos a si mesmo. Nesse sentido, quando utiliza um “dialeto” artificial e livresco, embora muito convincente para alcançar o imaginário da prostituta, ele o faz visando atingir o efeito de dominação. Porém, quando o discurso se volta em sua própria direção, isso se torna mais uma oportunidade de expressar a arbitrariedade sobre a qual se organizou o modelo social baseado na ideia de razão, profundamente comprometido com os ideais livrescos e, quase sempre, distante do desejo.

Após destruir as esperanças e o enlevo amoroso de Liza durante o segundo e definitivo encontro mantido com ela, na intimidade de seu subsolo, nosso narrador filósofo interrompe, provisoriamente, as **memórias das práticas** e passa a interpelar seus possíveis interlocutores, antecipando-lhes a voz com o objetivo de manter a primazia de seu próprio discurso sobre os demais. Ao inquirir seus interlocutores, o narrador dá início a uma série de considerações sobre a questão do amor, a partir do seu ponto de vista:

Sei que me dirão que isto é inverossímil; que é inverossímil ser tão malvado e estúpido como eu; acrescentarão talvez que era inverossímil não passar a amá-la ou, pelo menos, não avaliar aquele amor. Mas inverossímil por quê? Em primeiro lugar, eu não podia mais apaixonar-me, porque, repito, amar significava para mim tyrannizar e dominar moralmente. Durante toda a vida, eu não podia sequer conceber em meu íntimo outro amor, e cheguei a tal ponto que, agora chego a pensar por vezes que o amor consiste justamente no direito que o objeto amado voluntariamente nos concede de exercer a tyrannia sobre ele. Mesmo nos meus devaneios subterrâneos, nunca pude conceber o amor senão como uma luta: começava sempre pelo ódio e terminava pela subjugação moral; depois não podia sequer imaginar o que fazer com o objeto subjugado. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 142).

As considerações desenvolvidas sobre a questão do amor vão se revelar absolutamente distantes da visão doce e conciliadora, geralmente atribuída a este sentimento. Quando a visão de amor do narrador é apresentada, de imediato, em muitas pessoas, podem emergir o estranhamento, a recusa, o espanto e a

discordância desta visão. Sobretudo para aqueles educados sob a orientação do amor idealizado, como entender esta imagem tão dura e, em muitos aspectos, até amarga? Como tyrannizar moralmente pode, de alguma maneira, se relacionar com amor? Pois bem, olhado à distância e a partir de uma ética cristã, o conceito de amor defendido pelo narrador, sem dúvida alguma, vai se mostrar como algo repulsivo. Todavia, olhado pelo prisma da negação do modelo social burguês a posição assumida pelo narrador será absolutamente coerente. Esta coerência diz respeito ao aspecto da negação de tal modelo e o desejo de escandalizar a fim provocar seus interlocutores para reafirmar, diante de si e do outro, a diferença gritante existente na concepção particular de amor preconizada pelo homem do subsolo.

Caminhando para o final da novela, encontramos o narrador refletindo sobre como lhe soaram suas memórias. Para ele, mesmo depois de transcorrido tanto tempo – não nos esqueçamos, a segunda parte da novela, por mim denominada de **memórias das práticas**, vai reportar a fatos acontecidos há dezesseis anos – suas experiências retratavam o percurso de um homem desiludido, a quem só restava narrar para tentar exorcizar os demônios do seu subsolo.

Mesmo agora, passados tantos anos, tudo isso me vêm à memória de modo demasiado *mau*. Muita coisa lembro agora realmente como um mal, mas... não será melhor encerrar aqui estas “memórias”? [...] De fato, contar, por exemplo, longas novelas sobre como eu fiz fracassar minha vida por meio do apodrecimento moral a um canto, da insuficiência do ambiente, desacostumando-me de tudo que é vivo por meio de um enraivecido rancor no subsolo, por Deus que não é interessante: um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados *intencionalmente* todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isso dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 145 – 146).

Narrar suas visões de mundo e experiências – por mais repugnantes que fossem – era a maneira encontrada pelo homem do subsolo para passar sua vida a limpo, rever seus posicionamentos, se certificar da inadequação ao modelo

social dos “homens diretos e de ação”. Além disso, era também reconhecer que a vida, tal qual se apresentava para ele, era, efetivamente, um engano. Por isso, entre transitar pelo mundo dos racionalmente “vivos” – mas incapazes de perceber o quanto há de morte na prática da rejeição dos propósitos do desejo – ou escolher resistir através da posição de anti-herói, assumida em seu discurso, nosso narrador optou voluntariamente pela segunda alternativa. Essa escolha é fruto do entendimento de que a vida é uma causa perdida e, por isso, o melhor caminho a seguir é buscar abrigo no universo de suas memórias. Este será capaz de lhe fornecer os instrumentos necessários na difícil tarefa de reconstruir, não apenas seu mundo interior, mas também, o mundo que o cerca e oprime. Através do ato de narrar nosso narrador filósofo extrai seu alimento diário, suas energias, anseios e êxtases: o seu vigor consciente.

1.3– Aproximações e Afastamentos Entre os Narradores do *Diário do Hospício* e *Memórias do Subsolo*

Sobre as vidas que fogem da sombra da morte parece pairar a sombra da loucura. (CONRAD, 1982, p. 93).

O que pode haver de comum entre dois narradores tão afastados no tempo e no espaço? Como as experiências descritas na Rússia da segunda metade do século XIX podem se aproximar, se é que se aproximam, daquelas relatadas no Rio de Janeiro do início do século XX? Qual a importância destes narradores registrarem suas memórias? Em primeiro lugar, as interrogações apresentadas não devem ser encaradas como meros recursos retóricos utilizados para encobrir respostas prontas *a priori*. Pelo contrário, elas funcionam como bússola para inquietações e reflexões indispensáveis ao trabalho. Por isso, sem mais delongas, vamos ao enfrentamento das perguntas propostas.

A epígrafe aqui apresentada ajuda a situar bem as questões levantadas. Sem dúvida, uma resposta possível, mas nunca definitiva, à primeira indagação pode ser ilustrada com a idéia de que tanto o narrador do *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, quanto o narrador de *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski,

procuram fugir da morte. O primeiro busca resistir simultaneamente à morte física e das ideias em função da situação excepcional na qual se encontrava, como interno de um hospital psiquiátrico. Já o segundo, rejeita com todas as forças a morte dos desejos, mesmo que para isso seja necessário renunciar à convivência social – com todos seus os modelos de objetividade e sensatez – e refugiar-se em seu subsolo existencial.

No caso do narrador do *Diário do Hospício*, é importante ter em vista que a internação em um manicômio, com todas as restrições ali impostas, poderia corresponder a uma sentença de morte. Recolhido na condição de paciente, sem a liberdade de ir e vir pelas ruas da cidade, afastado dos cafés, distante da boêmia, e em companhia de centenas de outros internos, só restava a ele tentar resistir através da construção de enunciados capazes de atribuir algum sentido mais profundo àquela experiência devastadora. Durante todo o período de internação, o narrador procura reafirmar os sentidos da sua existência organizando apontamentos sobre aquela estada forçada no hospital.

As notas do hospício se constituíram como a principal estratégia encontrada pelo narrador do *Diário do Hospício*, na organização simultânea do seu mundo interno e externo, durante o período passado na instituição manicomial. Nesse sentido, ele logra êxito, pois ao procurar conhecer e apresentar sua versão para o mundo contido no asilo psiquiátrico, também passa a atribuir sentido para sua própria existência diante do imenso desafio de viver confinado em uma realidade, onde, em geral, as pessoas acabam por se perder de si mesmas, em função do alheamento a que estão sujeitas.

A partir de seus enunciados, o narrador resiste à morte, ao alheamento e ainda apresenta uma visão pormenorizada dos vários aspectos da rotina do Hospício Nacional dos Alienados. O leitor, ao longo da narrativa, é apresentado às diversas seções que compõem o hospital, com a descrição de seus ambientes, o detalhamento da função de cada um deles. Da mesma forma, toma conhecimento da imagem construída pelo narrador dos médicos, dos residentes, enfermeiros, guardas e os mais diversos tipos de sujeitos acometidos pela

desventura da insânia. Também lhe é dado a conhecer os estados de alma do narrador, suas avaliações sobre os motivos que o conduziram até à internação, as possíveis razões para seu alcoolismo, sua postura anticlerical, as críticas efetuadas ao governo e ao sistema legislativo brasileiro, as reflexões sobre a leitura, a literatura como ofício e o desejo de uma outra vida possível.

O narrador de *Memórias do Subsolo* travava, a partir da enunciação de seu discurso, uma luta para resistir às imposições da lógica positivista. Para ele, estava claro que, ao contrário do que preconizava essa visão de mundo, nem a razão e tampouco a ciência eram suficientes para humanizar, de fato, os indivíduos. Ao perceber a fragilidade existente na concepção positivista que sustentava a sociedade considerada civilizada, passa a defender a idéia central da impossibilidade de viver apenas movido por essa lógica. Na sua maneira de compreender, todos que aceitavam pacificamente os desígnios da razão positivista, viviam um engano e se encontravam como mortos vivos, porque vinculavam suas existências, fundamentalmente, ao primado da objetividade total, prescindindo dos propósitos da liberdade e da subjetividade individuais. Ter uma vida pautada exclusivamente por essa razão, obedecendo a uma lógica matemática equivaleria a limitar a existência a uma operação mecânica, sem brilho próprio, o que seria o mesmo que decidir por uma vida menor, sem gozo ou fruição.

Ao expressar seus pontos de vista, o homem do subsolo o faz através de um discurso árido e agressivo que funciona como uma espécie de grito de alerta para a insuficiência de pautar a vida segundo os parâmetros racionais. Ao mesmo tempo, este mesmo discurso apresentava-se como um manifesto veemente e sombrio de discordância em relação ao modelo positivista, por ele entendido como intrinsecamente perverso, por tolher a força criadora das aspirações humanas em nome de uma embotada e domesticada sensatez. Toda sua enunciação segue na direção de questionar a visão positivista de mundo, mesmo que para isso fosse necessário viver de maneira deplorável, desligado da parcela da sociedade, supostamente, civilizada. Importante para ele era resistir à morte

da liberdade e da subjetividade, princípios fundamentais para o reconhecimento do caráter humano dos indivíduos.

Apesar de mais de meio século de separação no tempo e de um oceano a dividir seus territórios, há muito mais a aproximar os narradores do *Diário do Hospício* e de *Memórias do Subsolo*, do que a afastá-los. De imediato, salta à vista o fato de que a enunciação de ambos foi construída no espaço da clausura. Um encontrava-se enclausurado no manicômio e o outro na clausura do seu subsolo. Os dois a partir das suas experiências na reclusão procuravam se distanciar e, de alguma maneira, fugir da morte. Além dessas questões, a matéria da loucura é também outro ponto de convergência muito importante que permeia toda a trajetória dos narradores nas duas obras. Cada qual, em seu percurso experimentou as dificuldades e as implicações de terem suas existências, de alguma maneira, marcadas pelo estigma da insanidade. No entanto, a suposta loucura do narrador do *Diário do Hospício* e o caráter paradoxal do narrador de *Memórias do Subsolo* – ao longo da construção de seus enunciados e da veiculação de seus discursos – vão se configurar como uma oportunidade para que eles, com estilos e perspectivas distintas, apresentem suas críticas, contestações, visões e versões do mundo.

No *Diário do Hospício* – em função das condições excepcionais em que se encontrava o narrador – podemos dizer que a loucura é o mote a desencadear vários apontamentos que nos possibilitaram apreciar uma visão sobre a organização e o modo de vida em uma instituição psiquiátrica do Rio de Janeiro do início do século XX. A partir da construção dos enunciados de um sujeito recolhido ao hospício na condição de paciente, temos a oportunidade de também acompanhar o percurso de um narrador que lutava com as palavras para manter e reafirmar a sua sanidade. Esta mesma situação se revelou como uma excelente circunstância para efetuarmos uma reflexão mais detida sobre a possibilidade de vislumbrar limites concebíveis entre insânia e lucidez.

Os relatos apresentados pelo narrador do *Diário do Hospício* são de suma importância, entre outras razões, porque representam, não o ponto de vista

exterior ao manicômio e tampouco corresponde à perspectiva da classe médica. Todavia, vai representar, sim, o olhar do sujeito alocado e entregue ao hospício na condição de interno, de paciente acometido pelo mal da loucura. Neste sentido, esta visão que emerge dos relatos do hospício se mostrará bastante instigante e enriquecedora. Pois, tudo que nos é apresentado com relação ao manicômio, suas rotinas e práticas, tem como ponto fundamental de partida o olhar mediado pelo prisma de um “louco”, quase sempre esquecido, desprezado, silenciado e, na maioria das vezes, raramente ouvido.

No caso do narrador das *Memórias do Subsolo*, apesar de não se encontrar internado em um hospício e de ter a liberdade de ir e vir, ele pode ser encarado como louco, se analisado sob uma ótica positivista. Suas idéias questionadoras da visão de mundo pautada pelo positivismo podem ser atribuídas a uma pessoa desequilibrada, sobretudo se observadas a partir da perspectiva dos defensores de tal concepção. Em sua caminhada pela afirmação da proeminência da liberdade e da subjetividade sobre o princípio da racionalidade exacerbada, o homem do subsolo expressa visões de mundo e adota comportamentos reprovados pelo bom senso dos indivíduos de espírito “sensato”. Em função destas visões e posições dissonantes dos padrões hegemônicos, ele pode acabar também sendo enquadrado como louco.

Muitos leitores, independente do grau de familiaridade com a leitura de obras literárias, podem considerar o narrador de *Memórias do Subsolo* um insano. Isto é possível de acontecer, caso não desenvolvam a acuidade necessária para compreender que toda a virulência e cólera, encerradas em sua maneira de pensar e em seus modos de agir, tinham como principal objetivo alcançar um prenunciado exagero. Esse esforço para atingir o exagero se configurava como parte de uma estratégia que marcaria toda a sua contrariedade, rejeição e não consonância com o modelo de vida adotado segundo uma perspectiva positivista de mundo.

Todo o “excesso” de suas ideias e posições aponta para uma crítica contundente ao legado da razão, feita através da valorização dos aspectos

caricaturais presentes em seu discurso e comportamento. Rancor, ódio, falsa compaixão, melancolia, agressividade, todos estes sentimentos vão se agrupar, sempre potencializados pelo excesso, para assim definirem o quanto pode haver de caricato em um indivíduo. O efeito deformador da caricatura ajuda a ressaltar, de um lado, o quanto há de artificial e segregador nos discursos daqueles comprometidos o tempo inteiro em apenas criticar. De outro, o discurso exageradamente crítico se aproxima do caricatural, ajudando a construir o que poderíamos chamar de “superracionalidade”.

Ao questionar agressivamente o modelo social positivista – sem medo do exagero – o homem do subsolo acaba por elevar a sua consciência acima das outras, através da estratégia de se inserir no outro socialmente definido para implodi-lo. Essa postura pode ser encarada como uma estratégia do narrador para expor o quanto de desumano há tanto na posição de não exercer um pensamento crítico diante do mundo, como o de radicalizar na ideia de crítica a qualquer modelo, sem propor nenhum outro exequível, sob o ponto de vista da valorização da subjetividade do ser humano.

Porém, além do que já foi exposto ainda é possível ver um outro tipo de associação entre estes narradores. Eles podem ser aproximados a partir das suas trajetórias narrativas, cada um em sua realidade social e em sua época. As situações apresentadas pelo narrador localizado no Rio de Janeiro do início do século XX se coadunam com aquelas expostas pelo homem do subsolo, situado na Rússia do fim do século XIX, através das temáticas da recusa das várias manifestações da morte, da loucura e da solidão.

Quando analisamos as experiências dos nossos narradores a partir do horizonte da solidão, imediatamente, encontramos identificações e proximidades, inequívocas, entre suas trajetórias. Um passava pelo drama da solidão vivida nos dias de internação no hospício. O outro, apesar da solidão física voluntária de seu subsolo, provou também da solidão existencial, gerada pelas suas posições defendidas a partir de um discurso contrário à negação da liberdade e da subjetividade.

O primeiro, além de quase nunca receber visitas durante sua estada no manicômio, também não podia contar, ali, com interlocutores capazes de assimilar seus discursos e sustentarem um diálogo mais consistente do ponto de vista intelectual. Além disso, encontrava-se, ainda, completamente alijado dos processos sociais em andamento no mundo fora da realidade do hospital psiquiátrico. Como consequência das visitas cada vez mais incertas, restava a necessidade de preservar a lucidez naquele ambiente regido por uma razão dissonante, distinta daquela considerada sensata e racional. Em função disso, é preciso levar em consideração que o *Diário do Hospício* constituiu-se não como uma narrativa sobre a loucura, mas sim como um ensaio sobre a lucidez e a solidão humana.

Já o segundo narrador, ao optar pela negação do convívio social, decide, através desse comportamento, questionar o modelo social positivista. Sua decisão pautava-se no entendimento de que uma existência balizada, exclusivamente, pela racionalidade estava fadada a se configurar como uma não existência. Na perspectiva do homem do subsolo, para que um sujeito fizesse jus ao título de ser humano era indispensável manter acesa a chama do desejo de liberdade, caso isso fosse impossível, seria preferível o caminho do isolamento e da solidão.

Quanto à indagação sobre a relevância dos narradores se lançarem na empreitada de registrar suas memórias, penso que esta ação foi fundamental para ambos. Narrar para eles representava uma maneira contundente e eficaz de ordenar seus mundos internos e externos, resistir à loucura e à sombra da morte – em suas múltiplas significações. Configurava-se também como uma oportunidade concreta de atribuir novos e mais profundos sentidos para suas existências e para este extraordinário mundo, que ora se apresenta como um enigma, ora se converte na própria solução. Tais relatos, apesar de soturnos, nos fazem compreender, ainda, que contar é uma maneira de reafirmar a vida. Por isso, em cada frase, em cada período e em cada enunciado produzidos pelos

nossos narradores pulsa um desejo sedicioso que não aceita se curvar diante das regras de interdição dos sujeitos, muitas vezes adotadas na sociedade.

2 - O MUNDO DECIFRADO EM DIÁRIOS E MEMÓRIAS

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. (BUARQUE, 2009, p. 41).

As condições históricas e sociais de produção dos atos de leitura são irreproduzíveis e, conseqüentemente, cada leitura será sempre única e, ao mesmo tempo, diversa das demais. Ainda que se esteja relendo uma obra literária será inevitável a instauração de novas significações que, ora se agregarão, ora se confrontarão com àquelas estabelecidas em leituras anteriores. Essa trama acaba por infundir uma relação tensa entre as significações cristalizadas e as novas significações que surgem a partir da realização de novas leituras. Nesse cenário, cabe ao leitor o papel de protagonista, uma vez que a ele é legada a importante tarefa de atribuir sentidos às obras lidas.

Todo escritor, além de autor de suas próprias obras literárias é também um leitor a construir significações tanto dos seus, como dos discursos de outros. Cada história produzida comporta narradores externos ou internos ao universo narrado, personagens que habitam cenários delimitados num tempo e num espaço, por onde desfilam suas grandezas e misérias, dramas e alegrias, beleza e feiura que não são apenas suas, mas antes dizem respeito ao que é próprio da condição humana. Ao produzir uma obra literária, o escritor constrói um discurso sobre o real, que o situa na categoria de intérprete do mundo em determinado tempo histórico.

Lima Barreto no *Diário do Hospício* e Dostoiévski em *Memórias do Subsolo* criaram universos narrativos impressionantes não apenas pela arquitetura de cada obra, mas também pela qualidade do mundo criado. O primeiro constrói um discurso que é um verdadeiro ensaio sobre a lucidez e a solidão humana, que mesmo, inicialmente, não se pretendendo literário, acaba por exalar literatura por todos os lados. O segundo elabora uma narrativa cuja premissa fundamental é a polêmica capaz de questionar os valores da razão positivista. Desta maneira, a

leitura dessas obras fortalece a convicção de que suas narrativas se configuram como uma procura obstinada de interpretações do mundo, mediada pelo turbilhão da memória apresentada em forma de diário ou, simplesmente, configurada como um provocante diálogo.

Deste modo, a opção de Lima Barreto em trabalhar com o discurso memorialístico e de Dostoiévski em construir uma novela pautada em torno da ideia de notas se constituiu como uma estratégia narrativa que favoreceu a ampliação do alcance das críticas sociais presentes em suas obras. Essa questão se evidencia, por exemplo, quando observamos detidamente a arquitetura do discurso do *Diário do Hospício*. Apesar de sua curta extensão, se comparado com outras obras do gênero, os relatos efetuados por Lima Barreto durante o tempo de internação no Hospício Nacional de Alienados, mostram-se ricos em constatações, críticas e reflexões.

Ao focar aspectos existenciais – as condições de vida, agruras, impasses, escolhas e destino do escritor feito personagem –, institucionais – a exploração das condições estruturais do hospício, a variedade de pacientes, os procedimentos de médicos, enfermeiros e guardas – e sócio-históricos – a vivência no hospício como metáfora da sociedade existente fora dele – a obra contribui decisivamente para a construção de um amplo mosaico crítico da trajetória pessoal do escritor personagem e de uma parcela significativa da sociedade brasileira do início do século XX. *Diário do Hospício* é, então, a personificação do diário lúcido de um mundo solitário. Lúcido porque, apesar de Lima Barreto encontrar-se internado em um hospício, ele ali estava em decorrência de uma crise alcoólica, que o levou a um delírio temporário.

De maneira correlata Dostoiévski cria em *Memórias do Subsolo* a figura de um narrador-personagem provocador, desagradável e grosseiro que apresenta suas memórias em forma de um áspero diálogo. No entanto, é interessante observar que seus interlocutores não falam por si mesmos, mas, têm suas vozes antecipadas por este narrador personagem, que orienta com pulso firme todos os temas abordados durante o diálogo. Ao agir assim, o homem do subsolo imprime

um ritmo de diatribe à narrativa. Isso além de amplificar o caráter polemista do seu discurso, reforça a coerência interna da obra construída em forma de diálogo com um interlocutor ausente. De polêmica em polêmica, o narrador-personagem vai se transformando em porta voz das mais abrangentes críticas sociais, o que faz de suas notas as memórias de um mundo avesso às verdades inquestionáveis.

Nota-se então que Lima Barreto a partir do seu *Diário do Hospício* acaba por criar o diário de um mundo e Dostoiévski ao escrever *Memórias do Subsolo* cria as memórias de um mundo avesso aos dogmas. Em comum entre um e outro e suas respectivas obras, a tarefa de decifrar seus mundos. A partir de agora, na qualidade de leitor, esta também passa a ser minha tarefa e desafio.

2.1 – O Diário de um Mundo

E esta é a vida? Estar perdido, sempre perdido! Mas eu serei realmente o que sou? Ou serei outro? A estranheza! Viver com estranheza! É isso o que acontece comigo. (ARLT, 2000, p. 65)

Quantos boêmios embalados por clássicos do samba, belas moças e muitas cervejas não acordaram no dia seguinte com a visão nublada pela noite de desvario? Ou então, quantos desafortunados, depois do fim de um longo e tumultuado romance, não resolveram acertar as contas com a tristeza, bebendo excessivamente, em meio a juras de nunca mais amar a ninguém? Mais estranho ainda: quantos já não se entregaram à celebração e à alegria por alguma vitória com tanta vontade, que acabaram perdendo a conta dos brindes e junto com ela a compostura, transformando-se em bêbados contumazes, protagonistas de histórias hilárias e vexatórias? Agora, imaginar a situação de um sujeito que após uma bebedeira avassaladora acorda e se dá conta de que está internado em um hospício para onde fora levado pelas mãos da polícia é, no mínimo, assustador ou parte de um pesadelo kafkiano. Pois será exatamente esta a situação inicial descrita no *Diário do Hospício*, de Lima Barreto.

Internado no Hospício Nacional de Alienados em 25 de dezembro de 1919, por conta do excesso de álcool e do estado de delírio em que se encontrava, o escritor tinha motivos de sobra – tanto pessoais, quanto sociais – para encarar o período passado ali como uma página infeliz de sua história, um tempo a ser esquecido. Ao contrário do que muitos outros submetidos à situação semelhante poderiam fazer, Lima Barreto não transformou a experiência do hospício em página desbotada de sua memória, mas fez justamente o oposto: em pouco mais de um mês de internação, suas memórias se mostrarão vivas e de uma lucidez penetrante.

Os primeiros registros do diário datam do dia 29 de dezembro de 1919, portanto, cinco dias após a entrada de Lima Barreto no hospício. É importante perceber que este hiato temporal entre a chegada ao hospital e o início das notas aponta para, pelo menos, duas questões: a primeira, relacionada ao estado de alucinação que marca sua entrada no manicômio e a recuperação progressiva da consciência. A segunda, talvez mais prosaica porém não menos importante, diz respeito à dificuldade em conseguir um local adequado e provido dos recursos materiais minimamente necessários para o início da empreitada do diário.

Somente após superar a peregrinação de passar por duas seções do hospício – o *Pavilhão de Observações* e a *Pinel* –, e de ter sido atendido por três médicos diferentes – Adauto Botelho, Henrique Roxo e José Carneiro Airosa – é que Lima Barreto consegue chegar à presença do Dr. Juliano Moreira, então diretor geral do Hospício Nacional de Alienados. Este concede ao romancista a transferência para a seção *Calmeil*. Onde o escritor foi atendido pelo médico Humberto Gotuzzo; homem afeito às coisas da arte e da literatura que “dispensaria cuidados especiais ao romancista, que entrara no Hospício como indigente, e pela mão da polícia” (BARBOSA, 1988, p. 239). O alienista, em respeito e reconhecimento à pessoa do escritor, ofereceu seu gabinete para que ali ele tivesse a tranquilidade para escrever suas cartas e o diário.

Superadas as dificuldades dos recursos logísticos, materiais e físicos, as condições para a produção do *Diário do Hospício* estavam dadas. A partir daí, o

que se verá ao longo dos dez pequenos capítulos que compõem a obra será uma minuciosa análise da existência mediada pelas experiências dos tempos de escassez, angústias, questionamentos, ironias, críticas, frustrações, dor, fragilidade, insatisfação, desejos, perplexidade, desânimo e consciência vividos no hospício. O período forçosamente passado no manicômio insta o romancista a apurar o seu olhar sobre aquele mundo em particular, e sobre a vida em um sentido mais amplo. Apesar de se encontrar na sua segunda internação, a experiência do hospício nunca deixaria de ser perturbadora. Este fato confere ao seu diário o caráter de um precioso registro da lucidez de um homem desassossegado que, ao buscar ordenar seu mundo externo e interno, acaba por resistir aos fantasmas da insanidade, além de nos legar um relato de um mundo particular.

Aplacado o primeiro impacto de revolta pela internação e já alocado na Seção *Calmeil*, datam dali algumas impressões muito importantes sobre o estado psicológico do romancista feito personagem em seu próprio diário. Após ser examinado e admoestado contra o vício da bebida pelo alienista Humberto Gotuzzo – a quem reconhecia como uma alma boa – ele inicia um momento de reflexão sobre a sua trajetória no alcoolismo.

Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que tôdas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a êle, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como tôda espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer um porco, me faz um burro. (BARRETO, 1956, p. 45).

A primeira questão evidenciada é a da dificuldade para se ver livre do vício da bebida. Ou seja, temos nesta passagem o reconhecimento do alcoolismo a que estava submetido, e, como resultado da doença, a ruína moral e financeira que o perseguia. A clareza do peso de seu problema levava Lima Barreto a desejar uma saída através de uma ruptura brusca e forte como mecanismo de recuperação. Consciente de que nem mesmo as privações físicas e financeiras

foram suficientes para afastá-lo do problema, reconhecia a necessidade de algo mais intenso e positivo. Assim, talvez pudesse recompor a vida e os anseios praticamente abandonados pela falta de perspectiva, potencializada pelo vício que o amesquinhou, reduzindo-o praticamente à condição de alimária.

Na passagem apresentada, impressiona a capacidade do romancista de analisar lucidamente a situação em que se encontrava. Apesar da confusão mental dos primeiros dias de hospício, do confinamento em uma instituição para loucos, da humilhação de para ali ter sido conduzido como indigente e do possível preconceito que encararia por mais uma internação, emerge do diário uma visão sem miopia. Por outro lado, fica evidente que o choque provocado pela progressiva loucura do amado pai e o entendimento de estar privado de realizar seus projetos pessoais, funcionaram justamente como elementos estimuladores do alcoolismo. Não importa se o mergulho na bebida foi uma tentativa de fugir da realidade ou a maneira encontrada de expressar seu desgosto. O fato é que esta escolha contribuiu, e muito, para sua paulatina degradação.

Os dias passados na *Calmeil*, especialmente as horas entregues aos apontamentos no diário, no gabinete do seu “protetor” foram prolíficos. Os registros dali advindos possibilitam um aprofundamento da compreensão não apenas das razões para o alcoolismo de Lima Barreto, mas também nos fornecem importantes elementos para apreendermos o elenco de questões que povoavam seu imaginário, atormentando o escritor sobremaneira e, ao mesmo tempo, funcionando como combustível para os momentos de desestruturação experimentados por ele.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *whisky* as noites, amanhecendo na casa deste ou daquele. (BARRETO, 1956, p. 47 – 48).

A passagem em destaque não apresenta apenas os aspectos que contribuíram para a transformação gradual de Lima Barreto em um dependente químico. Ela fornece também subsídios para uma melhor compreensão dos elementos e fatos que constituíram o universo das paranoias do escritor. Estas questões, quando transformadas em ideias fixas, acabam por produzir um alto grau de sofrimento psicológico no indivíduo. No caso do romancista, o sofrimento era oriundo, basicamente, de duas vertentes bem definidas: a primeira, estabelecida a partir do medo de ver seu pai acometido por doença grave ou mesmo pela morte repentina, sem poder contar com recursos financeiros suficientes para acudi-lo na hora da angústia. A segunda, marcada pela fobia do desemprego e a consequente situação de privação dos recursos financeiros necessários para manter seus compromissos em dia.

A obsessão pela ideia do desemprego e o pânico gerado por tal situação chamam a atenção para algumas questões ideológicas que não podem passar despercebidas. Em primeiro lugar, o temor manifestado não apenas pela demissão, mas também pela ausência de uma rede de relações que fossem capazes de garantir nova colocação profissional para o romancista, caso fosse confirmada a situação de desemprego. Ao observarmos atentamente a expressão deste receio, passamos a compreender melhor que, naquele contexto social do Rio de Janeiro, Capital da primeira República, não era suficiente ser apenas preparado intelectualmente para desempenhar uma função. Era indispensável que além dos atributos profissionais, o indivíduo fosse ainda muito bem relacionado socialmente, para que assim assegurasse sua empregabilidade, a despeito de qualquer turbulência pessoal ou social que, porventura pudesse vir a acometê-lo. Situação ainda notória mesmo passado quase um século depois destes registros, o tema das redes de relações ainda mantém-se arraigada como prática corrente no conjunto da atual sociedade brasileira.

A segunda questão, também ligada ao temor do desemprego, expressa uma preocupação relacionada ao campo da vaidade intelectual. Percebe-se que o medo não é apenas o de ficar desempregado. Esta situação, por si mesma já se mostraria como um grande tormento. Além da perda iminente do posto de

trabalho, assombrava o escritor, a possibilidade de não conseguir uma colocação profissional à altura do seu valor intelectual. Para ele, assumir uma função subalterna equivaleria à acumulação de mais uma humilhação para o rosário de situações ultrajantes vividas ou sentidas. Sem encontrar soluções concretas para os males que oprimiam seus pensamentos e sentindo-se cada vez mais açodado pelos problemas, o romancista buscou, nas noites insones da boêmia, distração e refúgio contra as dores e opressões da alma.

O tema da vaidade intelectual aponta para o fato de que ninguém enuncia um discurso no vazio. Lima Barreto, em termos econômicos nunca fez parte da elite brasileira – haja vista a trajetória humilde vivida na casa do subúrbio de Todos os Santos. No conjunto de sua obra, fica evidente a forte marca do discurso de um crítico severo das elites brasileiras. O intelectual que transitava com traquejo pela vida cultural da Capital da Primeira República era o mesmo que não se furtava a emitir duras críticas contra as classes econômicas dominantes naquele momento. Denunciava vigorosamente a síndrome de “doutor”, a obsessiva aspiração pelo anel de bacharel e o afã pelo poder político como forma de locupletação, tanto dos aspirantes às classes dominantes como daqueles que já gozavam das suas benesses.

No entanto, se em termos econômicos estava claro que Lima Barreto não fazia parte da elite brasileira, sob a ótica intelectual não era possível afirmar o mesmo. O escritor era um ativo participante da intelectualidade carioca do início do século XX, um polemista de mão cheia, crítico feroz do *dandismo* que impregnava tanto os comportamentos, como os discursos de muitos dos seus contemporâneos. O romancista tinha plena consciência de que seu discurso emergia do subúrbio, longe de Botafogo, dos cafés da Rua do Ouvidor, da Carioca ou Cinelândia. Ele compreendia bem os sentidos de ser um intelectual que “falava” do subúrbio, e, talvez, por isso mesmo tenha sido tão reticente com relação a certa intelectualidade carioca de então.

Apesar do perfil combativo, que marcava indelévelmente a trajetória do escritor, ele acabou se sentindo afetado e fragilizado pela possibilidade de ter de

ocupar um posto de trabalho inferior às suas potencialidades intelectuais – o que poderia denotar certa tendência à vaidade intelectual. Porém, só para lembrar, não se pode afirmar – sob pena de incorrer em grave erro – que a função de amanuense da Diretoria do Expediente da Secretária da Guerra, ocupada durante anos por Lima Barreto, lhe exigisse grandes esforços intelectuais. Contudo, uma coisa é certa: esta situação seguramente alimentou vários conflitos existenciais ao longo da vida do escritor. Por isso, antes que algum crítico apressado acuse o romancista de elitista, é muito importante mostrar que, acima de tudo, Lima Barreto foi um homem sujeito a todas as dúvidas, hesitações e contradições inerentes a qualquer ser humano.

O cansaço que conduziu o escritor a uma quase situação de indigência física e mental foi paulatinamente sendo gerado por angústias e dores, muitas das vezes alimentadas pelos medos obsessivos. Entregue ao alcoolismo sem reservas, a vida do romancista ficou literalmente à deriva, abandonada à sorte das situações mais estranhas e humilhantes.

Não me preocupava com meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada. Outras muitas me aconteceram, mas são banais a todos os bebedores. Dormi em capinzais, fiquei sem chapéu, roubaram-me mais de uma vez quantias vultosas. Um dia, furtaram-me cerca de quinhentos mil-réis e eu amanheci sentado a uma soleira, na Praça da Bandeira, com mil-réis no bolso, que, creio, me deixaram por comisseração os que me roubaram. Tenho vergonha de contar algumas dessas aventuras, em que felizmente ainda me deixaram com roupa. Elas seriam pitorescas, mas não influiriam para o que tenho em vista. (BARRETO, 1956, p.50).

Em cada depoimento sobre o problema do alcoolismo a degradação física e moral vai ficando mais evidente. Se antes havia o desejo de um choque moral positivo capaz de conduzir o romancista à superação do vício da bebida, agora somos confrontados com a imagem de um homem com a estrutura emocional bastante abalada, prostrado e sem nenhum tipo de perspectiva futura. Desespero e desesperança são as palavras-chave para compreender a situação em que se encontrava o escritor. A única certeza assimilada acerca de si, era de que deveria esquecer completamente qualquer possibilidade de vir a ser qualquer coisa

diferente do homem decadente, afundado até o pescoço nas experiências mais lamentáveis.

A bebida, além de devastar a sua aparência e seu físico, o empobrecia também financeiramente. Os sucessivos furtos sofridos durante os muitos momentos de embriaguez contribuíram para o estado de penúria de Lima Barreto, que, cada vez mais, passava a depender da boa vontade dos poucos amigos e do minguado salário de amanuense da Secretária de Guerra. Se a falta de recursos econômicos resultava numa situação de vida malsucedida no plano social, imaginemos a intensidade do impacto com que esta situação se refletia na esfera psicológica do romancista. Entretanto, – mesmo moral e psicologicamente abalado – na reclusão do hospício, no isolamento do gabinete médico, as notas do diário deixam entrever a figura de um sujeito que, embora se encontrasse ali em função da suposta perda do juízo, era capaz de apresentar e analisar profundamente sua trajetória. O percurso de suas “venturas” e desventuras etílicas, apesar de alguns aspectos pitorescos, são, aos olhos críticos do escritor, apenas uma banal rotina de todos aqueles submetidos ao regime excessivo do álcool. Ou seja, no seu íntimo não existia nenhum charme ou glamour na vida de bebedeiras; ao contrário, o sentimento que preside esta parte do relato é o de vergonha da sua própria condição.

Nem mesmo a consciência de estar andando a beira do abismo foi suficientemente forte para convencer o escritor, de que insistir na trajetória iniciada, era caminhar a passos largos rumo ao suicídio físico e existencial. Como um abismo leva a outro, cada bebedeira suplantava a outra em intensidade e empurrava o romancista para os profundos domínios do alcoolismo.

Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores de minha casa, desbragadamente. Embriagava-me antes do almoço, depois do almoço, até ao jantar, depois dêste até a hora de dormir. (BARRETO, 1956, p.50)

Como se pode perceber, a bebida, inicialmente, ingerida recreativamente, depois utilizada como instrumento para aplacar as dores da alma, em um curto

espaço de tempo se assenhoreou do romancista a ponto de este dedicar seus dias integralmente a ela. Pouco importava se estava nas rodas dos boêmios e intelectuais do Centro do Rio de Janeiro, ou entre os pobres diabos esquecidos do subúrbio, importante mesmo era beber. Ou melhor, mais do que importante, era necessário beber a fim de tentar saciar o vício. Por isso, qualquer motivo se transformava em oportunidade para se entregar ao álcool, quer fosse pela manhã, à tarde ou à noite.

Além do temor pelo desemprego e do absoluto pânico gerado pela doença e iminente morte do pai, outras questões causavam sofrimento ao romancista. Sua carreira de escritor tomava um rumo diferente daquele por ele desejado. Ao contrário da polêmica que imaginara suscitar, a publicação de *Recordação do Escrivão Isaías Caminha* passou quase despercebida, com algumas poucas críticas elogiosas, mas com pouca repercussão. Além disso, as dívidas continuavam a crescer, sem perspectivas de serem sanadas.

O aparecimento de meu primeiro livro não me deu grande satisfação. Esperava que o atacassem, que me descompusessem e eu, por isso, tendo o dever de revidar, cobraria novas forças; mas tal não se deu; calaram-se uns e os que dêle trataram o elogiaram. É inútil dizer que nada pedi. (BARRETO, 1956, p. 48)

Frustrado na vida familiar pela multiplicidade de problemas, desgostoso com a recepção do seu primeiro trabalho como romancista, Lima Barreto era o retrato do homem nocauteado pelos acontecimentos da vida. A recepção morna, quase fria de sua obra o desnorteou. Sem nem mesmo receber ataques ou detrações ao seu primeiro livro por parte da crítica especializada, mais uma oportunidade de se reerguer interna e externamente se esvaía pelas suas mãos. O silêncio da crítica impedia o surgimento de um debate acalorado que poderia dar ao escritor uma causa pela qual lutar e ideias a defender. Sem um diálogo, não haveria espaço para nenhuma provocação e, conseqüentemente, nenhum projeto intelectual a defender ou realizar. Sua vida continuava sem uma razão de ser mais profunda. O pior de tudo, a literatura que abraçara como a grande paixão de sua existência, até aquele momento, lhe acenava apenas como um fogo-fátuo, sem chegar a ser a desejada luz para seu caminho. Assim sendo, até mesmo os

breves elogios ao seu romance se mostraram inúteis, pois a carga simbólica por ele depositada no ofício de escritor e na literatura ia muito além de uns lacônicos e tímidos elogios. Desta maneira, a exclamação: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.” (BARRETO, 1956, p. 35) sintetiza a relação visceral que o romancista mantinha com sua arte e ofício.

Algum tempo antes do problema com o alcoolismo se agravar e movido pela necessidade premente de ganhar algum dinheiro, o escritor, por recomendação do jornalista João Melo, lança-se na empreitada de escrever um novo romance para ser publicado no *Jornal do Comércio*.

A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e, cheio de dívidas, sem saber como pagá-las, o J. M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse para ser publicado no *Jornal do Comércio*.

Assim o fiz. Pus-me em casa dous meses e escrevi o livro. Saiu na edição da tarde e ninguém o leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro. Desalentado, desanimado, sentindo que eu não podia dar nenhuma satisfação àqueles que me instruíram tão generosamente, nem mesmo formando-me, não tendo nenhuma ambição política, administrativa, via escapar-se por falta de habilidade, de macieza, a única cousa que me alentava na vida – o amor das letras, da glória, do nome, por êle só. (BARRETO, 1956, p. 48 – 49).

A doença do pai forçara o escritor a deixar quase que imediatamente a Escola Politécnica e assumir as responsabilidades da casa e da família. Na qualidade de filho mais velho, a ele cabia arcar com todas as obrigações financeiras e domésticas. Para tanto, em outubro de 1903, através de concurso público, toma posse como amanuense da Secretária de Guerra, o que lhe garantiu uma renda mensal regular, mas não suficiente para dar conta de todas as demandas. Com o passar dos anos, a família vai acumulando dívidas, a situação de Lima Barreto fica cada vez mais insustentável e as dificuldades em administrar todas as questões o oprimem.

Em 1911, afundado em dívidas e atormentado pelas privações vividas na realidade familiar, o escritor reúne forças e consegue – mesmo em meio às inúmeras dificuldades enfrentadas – trabalhar em casa no novo romance. A negociação para publicação da narrativa inédita no *Jornal do Comércio* poderia

ser um alívio importante para os problemas financeiros e, quem sabe mesmo, até a solução tão ansiada. Entretanto, ao que parece, não foi exatamente o que aconteceu. Apesar de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ter sido publicado em formato de folhetim no prestigiado jornal, isso não representou uma mudança substancial no quadro de dificuldades vivenciadas pelo escritor.

Além disso, a continuação da leitura do fragmento em análise apresenta a mudança do foco das preocupações do romancista. Após ver a obra publicada no periódico, seu grande desassossego e desalento se resumiam no fato de quase ninguém ter lido a narrativa. O problema da falta de dinheiro é abandonado, passando a ocupar o centro da cena a dor de não ver seu talento como romancista reconhecido logo de primeira. Nem mesmo o sucesso experimentado após a publicação do romance no formato de livro foi suficiente para consolar o escritor do sentimento de derrota.

Durante toda a vida, Lima Barreto foi perseguido pela falta de dinheiro. Mesmo publicando, em determinado momento, em um dos jornais mais importantes da Capital – como era o caso do *Jornal do Comércio* – ou quando provou do doce, mas breve gosto do sucesso editorial, o escritor continuou a passar por privações materiais. É importante lembrar que estas dificuldades não podem ser atribuídas apenas ao desgoverno sob o qual boa parte de sua vida foi pautada. Pouquíssimos são e foram os escritores, em qualquer tempo, que conseguiram viver com um rendimento digno, oriundo exclusivamente do seu ofício. Ainda hoje, os poucos e privilegiados que vivem do trabalho intelectual e artístico são, em sua grande maioria, aqueles provenientes das classes médias e altas. Diante disso, torna-se possível imaginar as dificuldades enfrentadas pelo intelectual que tentava romper este círculo nada virtuoso, contando apenas com seu discurso que emergia do subúrbio daquele Rio de Janeiro do início do século XX. Desta maneira, é perfeitamente compreensível que a temática da dificuldade financeira saia, ainda que momentaneamente, do centro das atenções, dando lugar a preocupações referentes aos aspectos da afirmação e do reconhecimento intelectuais, tão caros ao escritor.

A questão da afirmação e reconhecimento intelectual será sempre um tema bastante delicado para Lima Barreto. Em muitos momentos foi motivo de intensa militância, em outros, razão de profundo recalque por conta de toda dificuldade enfrentada durante o percurso de sua formação. Não por acaso, no trecho em análise, é possível perceber de maneira inequívoca o quão desgostoso e humilhado o escritor se sentia pelo fato de não ter concluído seus estudos na Politécnica. Na sua maneira de compreender a matéria, ter de abandonar os estudos superiores – mesmo que este fato tenha ocorrido contra sua vontade – configurava-se como numa espécie de ingratidão com aqueles a quem prezava e respeitava. Nos momentos de maior abatimento, até mesmo “o amor das letras, da glória, do nome” tornava-se fugidio, escorregadio, de difícil sustentação, isso por conta da perda da esperança nesses elementos estruturantes para o seu ser.

O escritor encontrava-se estigmatizado socialmente pelo excesso de álcool, dilacerado existencialmente pelo imenso abismo que separava a vida desejada da possível, recolhido ao hospício como indigente e excluído em nome de uma suposta loucura. Estas são algumas das condições sócio-históricas que envolviam a trajetória de Lima Barreto, tão melancólica e lucidamente retratada no *Diário do Hospício*. Uma vez internado, era preciso ser avaliado e diagnosticado, para assim passar pelo tratamento que fosse capaz de reconduzir o indivíduo a um estado racional. Para médicos, parentes e conhecidos a fonte de sua loucura era o uso cada vez mais constante e imoderado do álcool. Mas será que a loucura vem apenas da embriaguez do álcool?

Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e como tôda a gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a êle, embora sabendo bem que êle não é o factor principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontraram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; porque – pergunto eu – não é factor de loucura também?

Porque a riqueza, base da nossa atividade, cousa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra, não é também a causa da loucura?

Porque as posições, os títulos, cousas também que o ensino quase tem por meritório obter, não é causa de loucura? (BARRETO, 1956, p. 54).

A passagem apresentada funde a um só tempo: consciência, profundidade filosófica, e inquietação. A lucidez na construção do pensamento contribui para a articulação de um olhar desmistificado sobre as razões para a loucura. No caso de Lima Barreto, aos olhos dos mais distintos grupos, a causa de sua suposta insanidade residia no excesso de bebida. Apesar de reconhecer a influência do alcoolismo nos seus surtos, o escritor demonstra clara consciência que as motivações para suas crises não se resumem ao problema do vício. É possível supor inclusive que sua “loucura” fosse justamente fruto também do excesso de lucidez, especialmente no que tange à sua realidade e destino. Provavelmente, para outros que sofreram com as mesmas desventuras que se abateram sobre o escritor o efeito seria bem distinto daquele exercido sobre ele. Mas, é preciso lembrar que “o pior inimigo do louco é ele próprio” (BRECHT, 2002, p.182), como advertiu o anti-juiz *Azduk* da peça *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Brecht. Sendo assim, só o romancista sabia a exata dimensão dos fantasmas que assombravam sua existência, restando a outros, apenas o largo campo das especulações.

O “perturbado” profere um discurso inquietante sobre a loucura. Ao olhar para a questão a partir de ângulos diferentes – inclusive o ângulo intrínseco, pois ele dá a sua opinião situado dentro do problema – o romancista problematiza os sentidos de insânia e racionalidade. Contrariando certa visão consagrada de razão, sobretudo aquela defendida pelo pensamento cartesiano, o escritor questiona valores quase indiscutíveis socialmente. Ao enfocar os temas do amor, da riqueza e da posição social, ele toca diretamente nessa tríade considerada por muitos, indispensável para o estabelecimento da imagem de lucidez dos indivíduos. Entretanto, a maneira como aborda a matéria é desprovida de maiores reverências, se não chega a ser totalmente irreverente, também não será domesticada ou submissa. Pautam seus questionamentos a provocação e o desejo de desmonumentalizar os fundamentos sob os quais estão erigidas as estruturas mais profundas da sociedade, acatada invariavelmente como saudável.

O sentimento de humilhação despertado pela experiência do hospício, ao mesmo tempo em que provocou uma visão desapontada sobre a vida e o mundo, trouxe também a dura compreensão da falibilidade de todos os projetos humanos.

O que decorre daí é o entendimento profundo de que a vida não é uma operação aritmética, fundada sobre uma lógica imutável. A despeito de qualquer plano, o imponderável pode invadir nossas vidas, convidando a rir ou chorar.

[...] Sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura. Parecia que sendo assim, que – sendo eu um rapaz que, antes dos dezesseis anos, estava numa escola superior (que todos me gabavam a inteligência, e mesmo até agora ninguém nega) – estivesse a coberto de tudo isso. Mas eu e a sorte, a sorte e eu, nos juntamos de tal sorte, nos irmanamos, que vim a passar por transe dêses.

Desde a minha entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória me tenha dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim. Não quero, entretanto, morrer; queria outra vida, queria esquecer a que vivi, mesmo talvez com perda de certas boas qualidades que tenho, mas queria que ela fôsse plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos.

Penso assim, às vezes, mas, em outras, queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal. Esta passagem várias vezes no hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que me parece ser sem remédio a minha dor. (BARRETO, 67 – 68)

Apesar de, aparentemente, reunir todas as condições para a efetivação dos projetos urdidos, independente da dignidade e honradez dos seus sonhos, não obstante sua retidão de caráter, o escritor viu quase todos os seus desejos e planos serem frustrados. Entregue ao abandono do hospício, restava o gosto amargo da realidade malograda pela constatação da fragilidade da existência. Depois de tantos invernos e tão poucos verões, como ainda ter algum apetite pela vida? A existência delineava-se – sobretudo naquele momento – insípida, desinteressante e sem nenhuma perspectiva pela qual valesse realmente a pena lutar. Mesmo diante de tal quadro, a opção não era pela morte, mas por outra vida, diferente daquela marcada por raras alegrias e constantes tristezas. Mesmo correndo o risco de se mediocrizar, nos momentos de maior angústia afloraram desejos por uma vida mais ordinária, sem a consistência e profundidade oferecidas pelo mundo da literatura.

Viver ordinariamente Lima Barreto já vivia, sobretudo na perspectiva do plano material. É fato que ter de conviver com sua consciência aguçada e hipersensível até aquele momento não tinha se mostrado uma tarefa fácil devido

às privações das mais diferentes naturezas que experimentara. Esta situação conduziu o escritor a sérios conflitos, a tal ponto que, em alguns momentos, o fazia desejar aniquilar sua vida a fim de tentar aplacar as insatisfações e dores geradas pelos destinos que ela havia tomado. Entretanto, nem mesmo alentar a possibilidade de dar fim à vida seria suficientemente forte para fazê-lo apagar as marcas das passagens pelo hospício bem como os desdobramentos causados em sua alma de artista. Por isso, morrer seria apenas uma maneira de tentar fugir de suas angústias, mas viver era uma dor sem remédio ou uma causa perdida. Optar entre um e outro caminho jamais seria tarefa fácil.

A consequência da incapacidade de escolher abertamente entre morrer ou viver angustiado gera, ao mesmo tempo, um torpor e uma clarividência sobre a condição de sua existência. A situação de interno no hospício precipitou a efetivação de um balanço nada otimista sobre o estado em que se encontrava a vida do romancista.

Vejo a vida tôrva e sem saída. A minha aposentadoria dá-me uma migalha, com que mal me daria para viver. A minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em tais futilidades. Ainda tenho alguma verve para a tarefa do dia a dia; mas tudo me leva para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma e do Universo. (BARRETO, 1956, p.68)

Perto de completar quarenta anos, encontrava-se macambúzio e sem a tranquilidade financeira desejada. O breve prestígio literário não lhe rendeu o capital social necessário para que pudesse viver de sua arte, tampouco lhe garantiu ingresso e permanência nos veículos de comunicação respeitados. Viver dos rendimentos da Secretaria de Guerra era impossível. A solução paliativa para as aflições financeiras vinha da “prostituição” de sua pena, posta a serviço de revistas, por ele consideradas de segunda linha, onde não haveria espaço para a expressão de uma literatura mais elaborada. Lima Barreto era o retrato da frustração, da vergonha e do abandono. A realidade o arrastava para os braços da mediocridade, mas em seu íntimo debatia-se contra o conformismo e a aceitação de imolar sua arte e ofício em nome da sobrevivência. Abatido e sem muitas razões para ter esperança, restava-lhe a possibilidade de encontrar algum

alento nas reflexões mais profundas sobre a condição existencial humana. Como mote preferencial para o desenvolvimento de tais reflexões, o escritor partia dos fatos acontecidos em sua vida e os sentimentos por eles gerados a fim de tentar entender melhor os sentidos do “Universo”.

Outra vertente importante enfocada no *Diário do Hospício* diz respeito aos relatos que dão conta dos aspectos institucionais do hospital. A partir de observações apuradíssimas, somos conduzidos pelas dependências do Hospício Nacional de Alienados. Temos a oportunidade de refletir sobre aquele mundo, tendo como condutor o olhar privilegiado do interno que utilizou de toda sua lucidez para dar notícias sobre as condições estruturais do manicômio, com sua variedade de pacientes, médicos, enfermeiros e funcionários. Para cada grupo que povoava aquele universo foi dedicada especial atenção no que diz respeito aos procedimentos, práticas e maneiras de ali viverem e se relacionarem.

Esses apontamentos, além de fornecerem farto material de análise sobre a rotina da instituição são, ao mesmo tempo, uma declaração inequívoca da lucidez de seu narrador e uma indispensável estratégia de resistência ao estigma da loucura. Contava sobre as coisas que observava durante a estadia no hospício com grande riqueza de detalhes e com espírito diligentemente crítico. Com isso, o narrador–personagem organizava seu mundo interno e externo. Além disso, também apresentava sua visão sobre aquele ambiente desolador, que se configurou como seu discurso sobre o real.

O ingresso no hospício pela mão da polícia e o consequente recolhimento no *Pavilhão de Observações* geraram reflexões marcantes sobre este setor do hospital. Após ser entregue pelo guarda-civil aos cuidados de um enfermeiro que o conduziu ao manicômio propriamente dito, teve início, mais uma vez, seu périplo pelo mundo dos alienados.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até ao hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sôbre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (BARRETO, 1956, p.36).

A porta de entrada do hospício para os indigentes era o *Pavilhão de Observações*. Como se percebe, apesar de a loucura não fazer distinção e acometer os mais diversos tipos de indivíduos, independente de suas origens, será entre os mais pobres que ela fará estragos bem maiores. Se levarmos em consideração o desamparo a que estão entregues as pessoas mais humildes da sociedade, logo entendemos a proporção imensa da desgraça que alcança este grupo. A realidade do hospício para os mais pobres é mais degradante ainda, pois como se não bastasse a condição de paciente, que por si só já estigmatiza os sujeitos, a falta de recursos financeiros próprios também se configurava como empecilho para um tratamento mais digno.

Tudo no *Pavilhão de Observações* remetia à pobreza. Do mobiliário de uma simplicidade franciscana até às indumentárias rotas do aposento, tudo ali era de uma escandalosa e aviltante penúria. Essa situação revela bem qual o destino dos pobres dentro da sociedade brasileira daquele período. Aliás, não apenas naquele momento, ainda hoje a parcela menos favorecida da nação está entregue, praticamente, à própria sorte. E, como sabemos, a sorte dos menos abonados do Brasil equivale a antessala do inferno, dadas as condições precárias a que estão submetidos os milhares de brasileiros pobres espalhados pelos quatro cantos deste continental e injusto país.

A indigência sem par não era a realidade de todas as seções do Hospício. A *Pinel*, para onde o romancista havia sido transferido, por exemplo, apresentava-se de maneira mais estruturada. Lá, o escritor tinha acesso aos jornais, conseguia fazer as refeições no refeitório dos residentes, comprar cigarros e até passear pela chácara existente naquela seção. Além disso, percebeu claramente as boas condições estruturais da edificação, descritas com elegância e clareza de ideias.

O hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acôrdo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... Lá entra por ela adentro uma falua, com velas enfunadas e sem violentar; e na rua embaixo passam môças em traje de banho, com as suas bacias a desenharem-se nítidas no calção, até agora inúteis. (BARRETO, 1956, p.38)

Chama a atenção do romancista a excelente condição do prédio do Hospício Nacional de Alienados. Especialmente as salas claras e arejadas e os dormitórios amplos da *Pinel*, que vão se revelar como marcas importantes de que ali, as condições de vida eram bem mais salutaras. É fato que o conforto e o bem estar existentes naquele espaço não garantiam, por si mesmos, a recuperação de nenhum paciente, contudo proporcionava a cada um deles circunstâncias mais favoráveis ao tratamento.

A paisagem vista da *Pinel* é outro elemento que chama especial atenção do escritor. A beleza da enseada de Botafogo contrastava com a situação de desterro e desesperança vivenciada por grande parte dos pacientes do hospício. A sua situação de interno no manicômio contrastava, enormemente, com a vida comum daqueles que estavam fora dos muros do hospital psiquiátrico. Dentro da instituição estranheza e solidão, nas ruas ao redor, a simplicidade das vidas emolduradas pelo cotidiano do vai e vem a caminho do banho de mar. As embarcações com suas velas abertas na enseada avisavam que era tempo de liberdade, hora de partir, momento de fruição indelével da existência. O hospício com seus portões fechados era a negação do gozo e a reafirmação da impossibilidade de transcender diante de um mundo absurdamente interditado.

Apesar de bem tratado na *Pinel*, o escritor conseguiu ser transferido para a seção *Calmeil*, local que lhe interessava especialmente, pelo fato de ali estar localizada a biblioteca do Hospício Nacional de Alienados. Para alguém cuja literatura era a principal razão do viver e que lutava pela reafirmação de sua

lucidez, estar em contato com os livros era a oportunidade de ouro para não se perder de si mesmo e de sua identidade social.

O hospício tem uma biblioteca; antigamente, isto é, há cinco anos, quando aqui estive, estava nos fundos da secção, em uma pequena sala. Tinha uma porção de livros, até um Dostoiévski lá havia e um excelente dicionário das literaturas, de Vapereau, que eu lia com muito agrado; atualmente, porém, conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e tomar notas, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs (estas últimas peças já existiam), não possui mais a mesma quantidade de livros, e a frequência é dos delirantes, que lá vão dar pasto a seu delírio, berrar, gritar, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura. [...]

O lugar era cômodo e agradável. Dava para a enseada, e se avistava doutra banda Niterói e os navios livres que se iam pelo mar em fora, orgulhosos de sua liberdade, mesmo quando tangidos pelos temporais. Às vezes, lendo, eu me punha a vê-los, com inveja e muita dor na alma. Eu estava prêso, via-os por entre as grades e sempre sonhei ir por aí afora, ver terras, coisas e gentes...

Um dia, não sei se foi na biblioteca ou no salão de bilhar, vi entrar barra adentro um grande quatro mastros à vela. Há muito tempo que não via êsses quadros marítimos, que foram o encanto da minha meninice e da minha adolescência. A minha literatura começou por Jules Verne, cuja obra li tôda. Aos sábados, quando saía do internato, meu pai me dava uma obra dêle, comprando no Daniel Corrazzi, na Rua da Quitanda. Custavam mil-réis o volume, e os lia, no domingo todo, com afã e prazer inocente. Fêz-me sonhar e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras, que até hoje não morreu, no meu sedentarismo forçado na minha cidade natal. O mar e Jules Verne me enchiam de melancolia e de sonho. (BARRETO, 1956, p.87 – 88).

O enunciado apresentado expressa um pleno domínio da cronologia dos fatos e dos acontecimentos do mundo dentro e fora do hospício. Ao apresentar a diferença entre a biblioteca existente no manicômio durante sua primeira passagem por lá – cinco anos antes – e a encontrada na ocasião de sua segunda internação, o romancista acaba por apresentar um breve inventário das mudanças acontecidas naquele ambiente, para ele tão importante.

Mesmo com a ampliação do espaço ocupado pela biblioteca e do melhor aparelhamento do mobiliário, no que tange ao acervo, ela havia decaído bastante desde a última passagem do escritor pelo hospital. Apesar de acomodações mais amplas, confortáveis e melhores equipadas, faltava àquele lugar duas coisas fundamentais. Primeira, um acervo mínimo satisfatório que, pelo menos, correspondesse àquele encontrado no passado. Segunda, a tranquilidade de outrora, para que o romancista voltasse a fazer dali um lugar de refúgio, silêncio,

recolhimento e reflexão. Mas, a constante presença de loucos delirantes que invariavelmente gritavam, impedia a realização do seu intento.

Em que pesem todas as barreiras encontradas na biblioteca, ali ainda seria, de alguma maneira, o seu “quartel general” na luta contra a opressão da loucura, do tédio e da solidão, inerentes aos que estão privados da liberdade. O que decorre desta postura são algumas reflexões indispensáveis para a verificação da perspicácia do pensamento do suposto louco. A contemplação da paisagem marítima, vista daquele ponto do hospício, motivou a construção de uma bela imagem sobre a inegociável importância da liberdade, independente de qualquer tempestade. Se as tempestades marítimas não eram a especialidade do escritor, o mesmo não se pode dizer das tempestades existenciais. Lima Barreto foi um homem de muitos temporais, para quem as minguadas alegrias sempre foram breves interlúdios entre as grandes tristezas.

Ainda com relação à estrutura física e material da seção *Calmeil*, o trecho apresentado revela como aquele setor encontrava-se em uma situação privilegiada, se comparado com a disposição do ambiente do *Pavilhão de Observações*. Enquanto este era a própria “geena social” para os que ali eram conduzidos, aquele tinha até salão de bilhar para os doentes ocuparem o tempo. Tempo, aliás, que não lhes faltava, posto que em situações de privação da liberdade os relógios tendem sempre a caminharem lentos.

A paisagem vista a partir da biblioteca ou do bilhar era tão cara ao romancista que, naquele espaço, suas reminiscências mais distantes e, de alguma maneira, felizes se faziam presentes. Júlio Verne e seu mundo de aventuras, a fase feliz dos tempos do colégio interno, o amado e empenhado pai, a Rua da Quitanda, a leitura dominical e o prazer inocente. Tudo trazido à vida pela memória afetiva do homem que buscava a impetuosidade do menino, em cada embarcação que içava as velas para entrar na barra ou para sair das páginas do grande escritor francês. Com Júlio Verne, Lima Barreto, despertara para os primeiros desejos pelo saber, com a vista do mar recuperara, ainda que momentaneamente, a possibilidade do sonho. Durante seu enleio paisagístico,

sentiu novamente sede das façanhas alimentadas em sua mente, em um passado distante. No entanto, o contraste entre a realidade do hospício e as memórias dos mares imaginados ou vistos, o inundava de uma melancolia quase irremediável. Diante das asperezas da vida no manicômio, como encontrar um antídoto contra a melancolia?

Tenho dúvidas sinceras se é possível encontrar algum antídoto contra a melancolia. Entretanto, defendo a proposição de que ao construir uma narrativa sobre a experiência do hospício, Lima Barreto fez do discurso seu engenho para não enlouquecer completamente. Na organização desse engenho, quanto mais detalhes sobre o asilo de loucos fossem colhidos, mais suas ideias repercutiriam conscientes para si e para os outros. De modo que, atribuir a riqueza de detalhes do *Diário do Hospício* a mero acaso é desconsiderar a capacidade discursiva do autor, juntamente com o seu talento para gerar inquietações e questionamentos nos leitores da obra.

O olhar pormenorizado sobre o cotidiano do Hospício Nacional de Alienados, mais especificamente sobre a variedade de pacientes, favoreceu a emersão de pelo menos três categorias mais comuns de loucos: a primeira é formada pelos pacientes tomados pela mania de grandeza, a segunda é constituída pelos doentes acometidos pelo mutismo e a terceira é estruturada em torno dos assassinos delirantes. Vejamos alguns desses casos.

Há um doente aqui, F. P., em que eu vejo misturados o amor e a presunção de inteligência e de saber. É o mais bulhento e rixento da casa. Desde as cinco horas da manhã até às sete ou oito da noite, ri, vive a gritar, a berrar, proferindo as mais sórdidas pornografias. Compra barulho com doentes e guardas, descompõe-nos, como já disse; mas, dentro em pouco, está ele abraçado com aqueles mesmos com que brigou há horas, há dias.

Há muita coisa de infantil nas suas atitudes, nas suas manias de amor, na estultice de se julgar com grande talento e saber, de provir de uma raça nobre ou parecida. Diz-se descendente de um revolucionário pernambucano, em sexta geração, e que foi fuzilado.

[...] Tem sempre na boca a palavra formidável: meu talento é formidável; tenho uma força formidável; o poder de Deus é formidável; H. é um general formidável. [...]

Fila os jornais do médico, mas só para tê-los embaixo do braço, pois não os lê e nota-se mesmo em todos os seus atos, gestos e palavras, uma falta de seriação, uma instabilidade mental, mais fácil de perceber,

quando se lhe expõe qualquer coisa, do que quando êle pretende narrar um fato ou contar uma anedota. (BARRETO, 1956, p. 54 – 55).

O quadro apresentado é uma das manifestações de loucura mais conhecidas. Quem já não ouviu falar ou conheceu alguém que ao ser acometido por algum distúrbio mental, passou a narrar os fatos mais fantásticos sobre si e sobre o mundo? É interessante notar que a fixação na ideia do saber vem acompanhada por uma série de cacoetes manifestados no modo de falar, nos apetrechos que ostenta e na disposição para o confronto. Em seus rituais e narrações há uma coerência que até pode confundir os menos atentos, contudo, basta observar mais detidamente seu proceder, para que a sandice seja identificada. A caracterização do doente com mania de grandeza apresentada no *Diário do Hospício*, não deixa margem para dúvidas sobre seu estado de insanidade, sobretudo quando analisado sob uma perspectiva considerada racional. Ou seja, ao que tudo indica, estamos diante de um típico doente mental. Agora, caso a mesma descrição fosse apresentada sobre um sujeito que estivesse fora de um hospital psiquiátrico e ainda ocupasse uma posição social privilegiada, dificilmente alguém iria classificá-lo como louco, no máximo como excêntrico.

É evidente que não se trata aqui de banalizar a questão da insanidade, no entanto, é preciso relativizar a noção de sanidade. Ao que parece, em muitos sentidos, a fronteira entre lucidez e loucura vai depender do lugar ocupado pelo sujeito na sociedade. Por exemplo, se o indivíduo encontra-se do lado de dentro dos muros de um hospício na condição de paciente – em uma perspectiva médica – é porque ele é louco. Já o sujeito que está do lado de fora dos muros do manicômio, muitas das vezes apresentando características semelhantes, é apenas considerado soberbo, tem-se em alta conta, tende a supervalorizar as suas possíveis qualidades, ainda que trate os que estão em situação social menos privilegiada com desprezo e arrogância, nem por isso é tachado de louco. Logo, na maioria das vezes, louco é aquele que diverge da ordem estabelecida social e historicamente, assumindo para si uma razão dissonante. Entretanto, repito: não se trata de desprezar o fato da efetiva existência das patologias

mentais. Porém, é preciso olhar com olhos livres e críticos para a questão a fim de amplificar as reflexões sobre tema.

Ainda sobre o tema das patologias mentais é interessante perceber que a diferença entre o louco e o não louco está ligada ao diagnóstico clínico, sendo assim além da instituição manicômio a classe dos médicos também é detentora do poder de classificar, de separar pessoas normais de pessoas “anormais”. Isso naquela época e hoje ainda com mais força, por exemplo, os inúmeros diagnósticos de depressão, muitas das vezes errados, equivocados, a falta de distinção entre tristeza e doença, o excesso de “medicalização”, ou ainda as crianças desobedientes e sem limites classificadas de “hiperativas”. A necessidade de rotular como premissa da sociedade, assim como no passado, é hoje um fato consumado. E tudo isso tem em comum o “saber científico” dos especialistas. O filósofo Michel Foucault em seu consagrado estudo intitulado de *História da Loucura* defende a ideia de que a loucura não é um problema médico, mas político, pois em todas as sociedades sempre haverá um grupo de homens que detém o poder de determinar quem é louco e quem não é.

Voltando à obra em análise, vê-se que o narrador personagem destaca ainda a pretensão dos títulos e a presunção de alguns doentes em autodenominarem-se “salvadores da pátria”, como outras características comuns aos acometidos pela mania de grandeza. Esta é outra figura de louco bastante recorrente no imaginário coletivo. O lunático caracterizado como grande general, importante estadista, destacado doutor ou célebre conselheiro.

Havia um outro, que diziam ser engenheiro; êste guardava uma certa presunção do “anelado” brasileiro. Sentava-se perto de mim e sempre atirava com maus modos o seu prato servido para cima do meu. Andava sempre com um ponche, parecia ser isso um hábito de viajante. O seu orgulho não parecia vir do título, mas de um sentimento desmedido da sua aptidão para endireitar a pátria. Soltava frases sôltas como esta:

-Que podem êstes broncos de empregados conhecer das necessidades do Brasil?

Ou senão:

-O presidente deve vir aqui para conferenciar comigo.

Às vezes, na janela, através da grade, gritava para os bondes, a passar:

-Digam ao doutor E (o presidente) que não aceite alianças, que só podem perder o Brasil. (BARRETO, 1956, p. 58)

Mais uma vez, olhado no contexto da realidade do hospício, o paciente descrito apresenta sintomas inequívocos de insânia. Contudo, fora dos domínios do manicômio, quantas pessoas se julgam mais bem preparadas e suficientemente capazes de, sozinhas, resolverem os problemas mais diversos. É interessante ainda perceber, que, em tese, elas são capazes de encontrar soluções para qualquer tipo de demanda, não apenas suas, mas a dos outros também. Nem por isso essas pessoas são chamadas de loucas, pelo contrário, muitas são encaradas como empreendedores, criaturas dotadas de iniciativa e senso de oportunidade. Por isso, insisto: quem é o louco? Louco sob a perspectiva de quem? É evidente que existem pessoas portadoras de distúrbios mentais graves catalogados e cuidados com medicamentos. Não se trata de desprezar aqui a loucura enquanto patologia, mas é preciso problematizar o estigma existente em torno das suas concepções.

Outra categoria de loucos listada no *Diário do Hospício* é a do grupo entregue ao mutismo. Tais indivíduos vivem mergulhados em um silêncio absoluto, alheios ao mundo, com uma especial ausência da necessidade de falar e de impulso verbal – características comuns nos casos de esquizofrenia e de histeria. Além disso, quase sempre são acometidos por um estado de não-reatividade e de imobilidade.

Há uma grande parte que se condenam a um mutismo eterno. Como descrever êstes? Êstes silenciosos são bizarros. Há três aqui muito interessantes. Um é um tipo acaboclado, com um *cavaignac* crêspo, denunciando sangue africano, que vive embrulhado em trapos, com dous alforjes pendurados à direita e à esquerda, sequioso de leitura, a ponto de ler qualquer fragmento de papel impresso que encontre. Não chega aos extremos de um português, que vive dia e noite, nas proximidades das latrinas, senão nelas, e que não trepida em retirar os fragmentos de jornais emporcalhados, para ler anúncios e outras cousas sem interêsse, mas sempre delirando. O silencioso leitor não faz tal, mas escolheu o vão de uma janela, para aí passar horas inteiras deitado, como se fôsse um beliche de navio. Outro silencioso, que tem a mesma atitude, é mulato, simpático, calmo, que só vai para as refeições a correr. O refeitório fica fora da secção e um pouco distante. Outro silencioso interessante é um matuto de Cabo Frio, que parece uma estátua. É de uma grande atonia, de uma inércia que não se concebe. Para deitar-se, é preciso ser trazido para a cama, mas logo se levanta e encosta-se à parede de um corredor e aí fica, até que o tragam de novo. Ama o silêncio e estar de pé. Encostado à parede, hirtos, olhos parados, sem brilho nem expressão qualquer, parece uma estátua egípcia, um cimélio de templo. (BARRETO, 1956, p.63).

As condições de vida destes pacientes eram absolutamente degradantes. Um trajando andrajos vagava solto, sem destino, sem direção dentro da seção, sequioso por ler. Outro em sua fixação pelos jornais chafurdava as latrinas na mais abjeta das práticas. Um terceiro prostrava-se no vão de uma janela entregando-se ao mais resolutivo isolamento, afastando-se de tudo e de todos, concentrava-se apenas no seu abandono. O último, como um boneco de chumbo postava-se em pé, junto a uma parede, paralisado em sua inexpressividade, com os olhos perdidos, desprovido de alma.

O estado em que estes homens se encontravam ainda desperta certo desalento. Imaginar uma pessoa completamente confinada em si, vivendo alheia até mesmo aos acontecimentos mais mezinhos, não é a melhor das tarefas. Observar pessoas que não conseguem refletir sobre a própria individualidade, ou que não levam em conta a natureza ancestral da condição gregária humana é, sem dúvida, aviltante. Mas, esta era a situação daqueles quatro desgraçados tão precisamente descritos pelo narrador do *Diário do Hospício*. Este, apesar de também se encontrar na condição de paciente do manicômio, não economizou esforços no sentido de preservar sua consciência dentro daquele soturno mundo. A julgar pelo teor do discurso do narrador-personagem, podemos concluir que ele foi bem sucedido no intento de reafirmar sua sanidade.

O terceiro grupo significativo de alienados apresentado nos relatos é formado pelos assassinos delirantes. Há entre os pacientes inscritos neste rol os homicidas comuns e aqueles que fazem parte de uma classe diferenciada de assassinos por terem sido responsáveis pela morte de suas próprias mulheres. Os uxoricidas, especialmente, têm um comportamento completamente imprevisível e seus delírios eram de difícil apreensão, dada a grande diversidade de assuntos abordados durante cada surto.

Aqui, no hospício, há dous oficiais uxoricidas, e o tal engenheiro, em quem não desculpo a arrogância, apesar de sua insânia, o é também. Dos oficiais, um é positivamente louco. Delira, e o seu delírio é típico, passa das coisas mais opostas e sem intermédio algum logo, presente ou oculto. É muito difícil reproduzir um delírio de louco, principalmente o

dêste, que é de uma incoerência inacreditável. Eu quis segui-lo e guardá-lo, já de memória, já por escrito; mas nada pude conseguir, mesmo aproximadamente. Ele acaba em casas de alugar, passa para o curso dos rios, história da guerra do Paraguai, etc., etc.

Além do delírio em voz alta, a sua loucura se revela pela necessidade em que ele está de quando em quando fazer o maior barulho possível. Ele dá murros nas mesas, bate com estrondo as portas, levanta as cadeiras e fá-las cair sôbre o assoalho com toda a fôrça, e assim por diante, tudo entremeado de palavras escabrosas e porcas. (BARRETO, 1956, p.73).

É interessante observar, no trecho destacado, o trabalho do narrador a fim de tentar encontrar o melhor caminho para registrar os delírios do oficial uxoricida. Na busca pela articulação do seu trabalho testemunhal sobre o tipo de vida e práticas daqueles doentes, o narrador-personagem acabou assumindo a função de um diligente pesquisador. A sua prática era similar a de um antropólogo ou um sociólogo, buscava descrever sistematicamente o comportamento daquele tipo de sujeito, a fim de avaliá-lo. No entanto, durante toda a narração, as marcas de estilo do hábil romancista ficaram evidenciadas. O tratamento aguerrido dado ao discurso produzido durante o tempo de internação no Hospício Nacional de Alienados, por si só, foi suficiente para revelar a pena do escritor.

A captação das nuances comportamentais dos pacientes vai revelar a dose de incongruência que tornava o discurso do oficial uxoricida quase incompreensível. Aliados ao discurso incoerente, os distúrbios comportamentais revelavam o grau de instabilidade daquele homem que bradava os maiores impropérios, dando sinais evidentes de seu desequilíbrio. Entretanto, nem todos os assassinos davam mostras tão evidentes de seus transtornos mentais. Alguns passavam longas temporadas sem nenhum tipo de surto, até que das partes mais recônditas do ser eclodiam as crises de fúria, seguidas dos mais variados gestos. Outros apresentavam hábitos aparentemente corriqueiros e, ao mesmo tempo, monomanias bastante curiosas.

O da Secção Pinel é um velho, que anda sempre irrepreensivelmente vestido, muito limpo, engravatado, e foi empregado na Central, não sei com que título. Matou um colega, não me disseram por que motivo; mas o certo é que a sua aparência calma, de homem normal, causa um engano à primeira vista.

Passa assim dias, meses; mas lá vem um minuto, à noite ou de dia, em que ele sai da secção, fazendo gestos de fúria, de raiva e raivosamente a excluir referindo-se à sua vítima:

- Dá-me um descanso, miserável!

O outro é um pensionista de primeira, que tem curiosos hábitos. Delira à meia voz, tem o seu quarto muito limpo pelas suas mãos, cuida dos gatos, das plantas, chegou até a plantar batatas e colhê-las, gosta de agarrar camundongos, esfolá-los e conservar as peles. (BARRETO, 1956, p. 75 – 76).

A linha que separava um paciente do estado de lucidez para a situação de surto era tênue e quase inexplicável. Certas pessoas, em determinado momento, encontravam-se serenas, tranquilas e integradas à rotina do hospital. De repente, sem nenhum motivo aparente vinha o delírio como um cobrador implacável a reclamar seu tributo sobre a psique daqueles homens. Em um instante tudo mudava e a calma se esvaia dando lugar a um comportamento absolutamente contrário às leis da civilidade. Aqueles que mantinham um padrão comportamental aparentemente integrado à ordem social, davam mostras de seu estado de insanidade através da fixação em algum tipo de comportamento excessivo ou bizarro. O caso, por exemplo, do paciente que caçava camundongos para esfolá-los e guardar as peles.

Há no *Diário do Hospício* o registro de outras manifestações de loucura. No entanto, em função da recorrência, as três categorias aqui exploradas foram eleitas como objeto de análise. Outros tipos de insanidade são registrados, porém, sem o mesmo grau de recorrência e detalhamento dos casos relacionados nestas classes. Mesmo assim, chama atenção a capacidade analítica contida na íntegra dos relatos. A organização das reflexões e a arquitetura do diário, independentemente de sua brevidade, conseguem dar conta de maneira eficiente do mundo do manicômio. E as informações que são fornecidas aos leitores chegam através da voz de um narrador que elabora seu discurso a partir da perspectiva de um paciente do hospício. Como sabemos, apresentar uma versão para o mundo do manicômio na qualidade de um paciente é absolutamente diferente de narrar em qualquer outra condição. Essa situação atribui à obra um caráter instigante e especial, que é revelado passo a passo, durante a leitura.

Do ponto de vista institucional, resta ainda observar o tratamento dispensado pelo narrador à categoria dos médicos, enfermeiros e guardas que atuavam no Hospício Nacional de Alienados. A análise da categoria dos médicos

foi realizada sob a égide do rigor e de certo grau de ressentimento por aquilo que eles representavam segundo a visão do narrador personagem. Mesmo assim, depois de passar por pelo menos quatro médicos diferentes, reconheceu em alguns um senso profissional e humanitário bastante acentuado.

Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo. Há quatro anos, nós nos conhecemos. É bem curioso êsse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente tôda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por êle antipatia; mas nada me atrai a êle. (BARRETO, 1956, p. 35).

As restrições ao médico apresentavam alguns fundamentos. Ao analisar o doutor Henrique Roxo, o narrador, de imediato, associa aquela figura a um tipo de saber arrogante, intransigente e distante da realidade da vida. O conhecimento teórico do alienista incomodava o escritor – projetado na figura do narrador – que se sentia desconfortável diante de um sujeito que, apesar de muito instruído, era incapaz de orientar este saber para promoção da aproximação das pessoas na dimensão da humanidade. Tanto conhecimento acumulado não era suficiente para fazer do médico alguém capaz de encarar os pacientes, não apenas como casos a serem estudados. Este fato, sem dúvida, corroborou para a carga de rejeição presente neste trecho.

Irritava ao romancista a pretensão dos jovens médicos de se julgarem superiores às demais pessoas, em virtude da formação acadêmica. É claro que esta era a sua impressão, talvez se outros fossem instados a fazerem uma apreciação crítica sobre os médicos, imagens diferentes poderiam ser desenhadas. Entretanto, é preciso considerar o desprendimento do narrador, que soube atribuir parte daquele comportamento excessivamente distante e “asséptico” de alguns alienistas à imaturidade juvenil.

Esperei o médico. Era um doutor Airoso, creio eu ser êsse o nome, interrogou-me, respondi-lhe com tôda a verdade, e êle não me pareceu mau rapaz, mas sorriu enigmáticamente, ou, como dizendo: “você fica

mesmo aí” [...]. Ele era muito mûço; na sua idade, no caso dêle, eu talvez pensasse da mesma forma. (BARRETO, 1956, p. 37).

Apesar do olhar condescendente lançado sobre o jovem médico, o discurso do narrador não disfarça o fastio de ter de passar pela avaliação de mais um homem imbuído de um saber incomensurável. No fragmento em análise, o enfado fica patente na expressão da incerteza quanto ao nome do médico que iria examiná-lo e na maneira como o narrador se refere a ele, julgando-o bom rapaz.

A pessoa do doutor Juliano Moreira, então diretor geral do Hospício Nacional de Alienados, é uma das poucas encaradas com bastante distinção. Ao fazer considerações sobre ele, o narrador ressalta o aspecto afetuoso do emérito alienista: “fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. [...]” (BARRETO, 1956, p. 38 – 39). Sem dúvida, a amabilidade do diretor comoveu sinceramente o romancista, que se encontrava com a alma deveras abatida.

O provincianismo de certos médicos também foi objeto de duras críticas. Causava-lhe verdadeiro horror a fé cega nas novidades científicas que estes alienistas professavam. O aspecto autômato de suas práticas era tão lamentável para o romancista, que este chegou a considerar tais médicos mais neuróticos do que ele mesmo, que ali se encontrava como paciente.

Outra coisa que me fêz arrepiar de mêdo na Secção Pinel foi o alienista. [...]
Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoadado do que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraitre*, das últimas criações científicas ou que outro nome tenham. (BARRETO, 1956, p. 43).

A maneira como o alienista é descrito neste trecho mostra bem o desprezo do narrador pelo cientificismo professado por determinados médicos. O comportamento vassalo e acrítico assumido como prática corrente entre parte dos representantes das ciências era motivo de espanto. A sede irrefletida por

novidades científicas ilustrava bem o perfil de determinados profissionais de saúde existentes no Hospício Nacional de Alienados.

Nem mesmo o doutor Humberto Gatuzzo, que se transformara numa espécie de protetor do escritor durante o tempo passado no hospício, foi poupado de críticas. Apesar de simpatizar com o médico que, além de regular com a sua idade, dispensara a ele um atendimento pormenorizado e humano, o narrador não deixa de apontar certa afetação em seu comportamento.

No dia seguinte à minha entrada na seção e no outro imediato, fui à presença do médico. É um rapaz do meu tempo e deve ter a minha idade; conheci-o estudante; ele, porém, não me conheceu por esse tempo.

[...] Ele me tratou muito bem, auscultou-me, disse-lhe tudo o que sabia das conseqüências do meu alcoolismo e eu saí do exame muito satisfeito por ter visto no moço uma boa criatura. [...]

Era uma alma boa, em quem o dandismo era mais uma aquisição que uma manifestação de superficialidade de alma e inteligência. (BARRETO, 1956, p. 44).

A consulta com o médico havia transcorrido de maneira cordial e também por isso, além do ponto de vista clínico, o romancista mostrava-se satisfeito; existia também uma empatia com o alienista que o tratara com deferência e soubera dar ouvidos à suas considerações sobre os efeitos do excesso do álcool sobre sua vida. Definitivamente, via naquele médico a postura de um profissional exemplar, aliada à figura de um homem generoso. Talvez por isso mesmo, tenha amenizado as críticas dirigidas a ele. Via o dandismo de Humberto Gatuzzo não como uma falha de caráter, mas sim como um traço inerente à classe dominante, da qual o alienista era partícipe.

O olhar lançado pelo narrador do *Diário do Hospício* sobre os médicos do manicômio foi norteado basicamente pelos sentimentos de rigidez e contrariedade. Molestava-o a passividade com que os alienistas aceitavam e propagavam qualquer nova teoria científica, sobretudo aquelas vindas do exterior. Outra coisa que o aborrecia era a presunção da maioria dos médicos de se julgarem superiores aos seus pacientes, enxergando-os somente como casos a serem investigados pela ciência. O narrador via naqueles homens uma soberba

generalizada, originária do excesso de confiança em seus saberes teóricos. Os raros momentos em que expressou simpatia por algum médico, ele o fez com alguma desconfiança ou crítica velada, como foi o caso do registro de seu encontro com o doutor Humberto Gatuzzo. Apenas o doutor Juliano Moreira foi totalmente poupado das críticas, talvez isso tenha acontecido em função da brevidade do encontro com o importante médico.

Antes de encerrar a análise do olhar de Lima Barreto para a classe dos médicos, vale a pena problematizar a postura do escritor. Apesar de ele ter efetuado críticas pertinentes às práticas e comportamentos dos médicos, é possível ver no seu tom, muitas vezes, enfadado e irritado uma demonstração de certo grau de recalque. Aqueles profissionais – alguns da mesma faixa etária do escritor, outros bem mais jovens – tinham conseguido alcançar os propósitos acadêmicos tão desejados, mas não atingidos por ele. A frustração decorrente do malogro dos seus objetivos acadêmicos aliada à situação adversa em que o escritor se encontrava como paciente do hospício funcionava como uma espécie de combustível para o seu recalque. Além da dor gerada pela reclusão, o romancista passava também pelo dissabor de se deparar com profissionais totalmente estabelecidos e integrados ao sistema social. Isso só destacava ainda mais seu sentimento de inadequação, responsável por boa parte do desgosto que acompanhou sua infeliz existência. Todas essas questões levam a crer que a postura ressentida de Lima Barreto em relação aos alienistas guardava relação íntima com a experiência do recalque. É importante ressaltar que a manifestação desse desconfortável sentimento em nada reduz a grandeza humana do escritor, mas ao contrário confirma a matéria prima contraditória presente em tudo que é humano.

Dentro da perspectiva institucional do manicômio, os enfermeiros e guardas do Hospício Nacional de Alienados compõem as últimas duas categorias analisadas. Embora desempenhassem funções diferentes – os enfermeiros auxiliavam no tratamento médico e cuidavam do bem estar dos pacientes, já os guardas, desempenhavam a tarefa de vigiar a conduta dos internos – estas duas classes tinham na sua atividade fim, muita coisa em comum. Contudo, o narrador

do *Diário do Hospício* ao apresentá-los, ressaltou o caráter heterogêneo dos mesmos. Para ele, havia os que pareciam ter sido especialmente separados para o trabalho com os loucos, e, existiam aqueles cuja sordidez e descaso em relação aos pacientes desonravam completamente ambas as classes.

Dias, desde êsse tempo, e parece que já mesmo antes, nunca largou êsse ofício de pajear malucos. Não é dos mais agradáveis e é preciso, além de paciência e resignação para aturá-los, uma abdicação de tudo aquilo que faz o encanto da vida de todo o homem. É êle, por assim dizer, obrigado a viver no manicômio, só podendo ir ter com a família, ou o que com isso se parece, a longos intervalos, demorando-se pouco no lar. Ouvir durante o dia e a noite tôda a sorte de disparates, receber as reclamações mais desarrazoadas e infantis, adivinhar as manhas, os seus *trucs* e dissimulações – tudo isto e mais o que se pode facilmente adivinhar, transforma a vida dêsses guardas, enfermeiros, num verdadeiro sacerdócio.

Estive mais de uma vez no hospício, passei por diversas secções e eu posso dizer que me admirei que homens rústicos, os portugueses, mal saídos da gleba do Minho, os brasileiros, da mais humilde extração urbana, pudessem ter tanta resignação, tanta delicadeza relativa, para suportar os loucos e as suas manias. [...] (BARRETO, 1956, p. 42)

O Dias em questão era o inspetor da Seção *Calmeil*. Era um velho português, de aproximadamente sessenta anos, conhecido de longa data do romancista, que trabalhara com seu pai na colônia de alienados da Ilha do Governador. É preciso destacar que o pai de Lima Barreto fora escriturário da colônia, desempenhando a função de administrador do almoxarifado do estabelecimento. Durante anos, a família Barreto viveu em uma casa localizada na própria instituição, só deixando o local por conta da doença mental do patriarca, que culminou com sua aposentadoria.

É evidente que a proximidade com o inspetor pode ter interferido de alguma maneira no julgamento do escritor sobre o caráter e atuação do funcionário. Todavia, não se pode desprezar a análise apresentada, pois ela nos permite ter uma visão sobre as condições de trabalho destes guardas: praticamente morar no hospício, ter a serenidade como princípio, conseguir suportar os desvarios alheios, abrir mão da individualidade a ponto de incorporar a própria vida à realidade do hospício. Tudo isso fazia daqueles homens pessoas realmente apropriadas para tão difícil ofício. A despeito de toda rusticidade dos tipos mais humildes que ocupavam a função de guarda, era exatamente de

muitos deles que partiam os exemplos de desapego e compaixão pelos infelizes do mundo do hospício.

Impressionara muito ao narrador os tipos humanos dos guardas do hospício. Especialmente aqueles que eram incansáveis no trabalho de vigiar os insanos das mais variadas castas, dotados de diversos comportamentos, manias e surtos.

O guarda rondante, aquele que vigia os doentes, à noite, é um velho português paciente e enérgico, que não tem nenhuma espécie de mau humor, para trazê-lo, duas, três e mais vezes para a cama.

O que assombra nestes portugueses é que, sendo homens humildes, camponeses em geral, de fraca educação e quase nenhuma instrução, se possam conter, abafar os ímpetos de mau humor, de cólera, de raiva, que o procedimento dos doentes provoca. (BARRETO, 1956, p.64)

Mais uma vez volta ao centro da questão o assombro do narrador com o fato de a classe dos guardas ser formada, basicamente, por gente simples e de baixa instrução formal. Aos olhos do intelectual era difícil conceber que alguém com um ofício tão sinuoso fosse capaz dar conta de atribuições tão variadas, sem uma instrução minimamente sólida. Como ninguém fala no vazio, podemos atribuir parte do espanto apresentado pelo narrador à dificuldade de olhar além da sua perspectiva. Ou seja, para o intelectual, a tarefa de vigiar doentes mentais requeria alguma instrução organizada que viabilizasse o estabelecimento de uma alma mais sensível e polida, capaz de compreender as mazelas humanas. A admiração do narrador diante do bom desempenho de alguns guardas – apesar da falta de formação dos mesmos – expressa a contradição e a dificuldade do sujeito de sair do seu lugar e colocar-se na posição do outro. Revela também a incapacidade de perceber que senso de humanidade não é uma prerrogativa exclusiva dos letrados. Na realidade, ele pertence a todos aqueles que conseguem enxergar no outro um semelhante, apesar de existirem diferenças dos mais variados matizes. No entanto, é preciso não esquecer que as contradições são inerentes ao que é humano. Por isso, este episódio pode ser tomado como um momento de reafirmação da humanidade que é sempre composta por alguns momentos de clareza e outros de intensa dubiedade.

Assim como existiam os guardas aplicados e cômicos de seus afazeres, havia também aqueles que exacerbavam suas funções, tratando os doentes de maneira degradante, sem nenhum tipo de respeito. Esta situação marcou profundamente a experiência do escritor durante o período passado no hospício.

Os guardas em geral, principalmente os do pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem. Já lhes contei como baldeei no pavilhão, como lavei o banheiro e como um médico ou interno me tirou a vassoura da mão quando estava varrendo o jardim. (BARRETO, 1956, p. 65 – 66).

Se a maneira desumana como alguns guardas tratavam os mais necessitados indignava o narrador, imagino que aos leitores atuais, ela não chegue a gerar grande surpresa. Isto acontece porque, infelizmente, a trajetória dos pobres – especialmente em países com enormes desigualdades sociais como o caso Brasil – tem sido marcada pela carência dos mais diferentes recursos e pela fatura de indiferença dos sucessivos governos. É interessante notar ainda que os guardas que tratavam os mais necessitados como verdadeiros feitores eram provenientes também das classes menos favorecidas. Ou seja, eram miseráveis oprimindo miseráveis, não levando em conta que agindo desta maneira apenas fortaleciam o sistema que os aceitava apenas como meros cães de guarda ferozes, sempre prontos a atacar.

De maneira geral, os enfermeiros foram apresentados nos relatos do *Diário do Hospício* como bons agentes e cumpridores dos encargos concernentes à profissão. Contudo, aos olhos severos do narrador, esta classe de empregados do manicômio não era composta apenas por profissionais exemplares.

Os enfermeiros, na secção em que estou, são em geral bons. Há, porém, uma casta deles que não presta. São os tais particulares. Êstes são aqueles que os doentes abastados das primeiras classes são autorizados a trazer. Nem todos são assim, mas com dois eu implico solenemente; [...]
Êsses dois enfermeiros são absolutamente insuportáveis. Um, pela conversa que ouvi dele, é chucro português, sem as qualidades dos portugueses em geral, mas fátuo dos seus namoros e da sua irresistibilidade como homem, em face das mulheres. Ouvi-o conversar e sinto não poder reproduzir a conversa. Enumerava as enfermeiras que havia namorado, [...]

O outro é muito confiado, tem uns ares de fadista e guitarreiro, com quem eu implico mais do que com o ar fanfarrão e meloso do nosso capadócio. (BARRETO, 1956, p. 64 – 65).

Em primeiro lugar, salta aos olhos a interferência do poder econômico dentro do manicômio. Os doentes provenientes de famílias mais abastadas, além de contarem com o atendimento convencional do hospital, podiam dispor de enfermeiros particulares, caso seus recursos fossem suficientes para manter tal despesa. Em um segundo plano, destaca-se o incômodo do narrador com relação à postura de alguns desses enfermeiros, que agiam, a seu ver, levemente no ambiente de trabalho.

Entretanto, é importante ressaltar que o aborrecimento do narrador era motivado principalmente por certa antipatia que nutria por dois enfermeiros em especial. As notas sobre eles sublinhavam o comportamento namorador de um e o aspecto de “guitarreiro” do outro, mas não expressavam qualquer prática que desabonasse a conduta propriamente dita profissional de ambos. Mais uma vez, ao que parece, vem à superfície certo recalcado do romancista que, apesar da vida boêmia que levava fora do hospício, nunca deu mostras efetivas de preocupações relacionadas ao campo das paixões amorosas. Além disso, em razão dos constantes dissabores por ele experimentados, parecia não haver espaço em sua vida para a fruição de momentos regados pelas alegrias simples geradas, por exemplo, por uma boa roda de violão.

A partir das análises conduzidas pelo autor, através do seu narrador, fica reiterada a convicção de que, mesmo com algumas contradições, ele soube captar com propriedade a rotina daqueles tipos sociais. Ao apresentar o cotidiano dos guardas e enfermeiros, o romancista conseguiu expressar bem a natureza desigual que os constituía.

Analisados os aspectos existenciais e institucionais do *Diário do Hospício*, resta ainda abordar a vertente sócio-histórica da obra. Este enfoque é encarado a partir do entendimento do hospício como metáfora da sociedade existente fora dele. A compreensão do manicômio como representação do mundo existente fora

dos seus muros não se dá por acaso. Quando nos debruçamos sobre os relatos do romancista feito personagem, começamos a conhecer melhor não apenas os motivos que o levaram para aquela instituição, mas também a dinâmica do próprio hospital, com seus doentes, médicos, enfermeiros e guardas. Na medida em que a leitura é aprofundada, somos surpreendidos com a semelhança existente entre o mundo narrado e o modelo social presente fora dele.

A partir da leitura da narrativa, traços importantes da personalidade do escritor vieram à tona, revelando o acentuado grau de melancolia e desencanto da “vida inteira que podia ter sido e que não foi” (BANDEIRA, 1991, p. 225). Além da carga existencial dramática e de um relevante inventário institucional, o discurso do narrador nos fornece uma interpretação crítica que se configurou como uma contribuição inestimável para uma melhor compreensão do mundo do hospício, e, por extensão, da própria sociedade em um sentido mais amplo.

Os relatos são contundentes ao abordarem, por exemplo, a questão da organização espacial do manicômio. Eles demonstram claramente que os critérios adotados na estruturação das dependências do hospício vão muito além das preocupações médicas ou científicas. Como sabemos, o hospício estava organizado em pelo menos três seções: o *Pavilhão de Observações* – setor destinado aos indigentes que davam entrada na instituição pela mão das forças policiais –, a *Pinel* – área reservada aos pacientes com distúrbios mentais intensos, porém com um poder econômico mais elevado – e a *Calmeil* – espaço ocupado pelos doentes com estágios de loucura variados, mas que por força da posição social ou em razão de algum apadrinhamento, dispunham de dependências muito bem estruturadas. Ao contrário do que pode sugerir à primeira vista, esta organização obedecia aos critérios médicos e terapêuticos e também se estruturava para atender aos critérios socioeconômicos. Ou seja, basta que se olhe para as condições de vida dos mais pobres do hospício para que se compreenda a desigualdade existente ali. Os melhores aposentos e cuidados médicos eram desfrutados pelos mais abonados economicamente ou por aqueles que contavam com uma rede de relações influente. Assim como a sociedade fora do hospício estava organizada em torno da divisão de classes

sociais, a vida no manicômio – guardada as devidas proporções – também reproduzia este modelo.

Outro ponto de contato entre o mundo do hospício e o mundo supostamente são se dá na prática de muitos médicos. Ao manterem uma postura de distanciamento, aparentemente científico, em relação aos pacientes, os alienistas deixavam de perceber o caráter humano dos doentes para confrontá-los basicamente como casos a serem estudados. Essa ação é bastante semelhante ao processo de alijamento social vivido por grupos expressivos das classes mais pobres. Quando os setores mais humildes da sociedade são encarados apenas como parte dos dados estatísticos elaborados por aqueles que detêm o poder econômico e político, é estabelecida uma relação perversa de afastamento social. Ao desconsiderarem a carga humana dos indivíduos menos abastados, setores das classes dominantes contribuem para a anulação dos indivíduos como seres morais e para o estabelecimento de um processo de invisibilidade desses indivíduos. Quando o narrador do *Diário do Hospício* apresenta, perplexo, a sua visão sobre aquele mundo, simultaneamente, nós leitores podemos perceber a semelhança existente entre os esquecidos do hospício e os abandonados socialmente.

Engana-se quem imagina que a relação de alheamento no hospício acontecia apenas entre as classes sociais diferentes. Não eram apenas aqueles que estavam do ponto de vista econômico e social numa classe mais elevada que desconsideravam os menos privilegiados como sujeitos morais. Basta apenas que voltemos, mais uma vez, o olhar para as práticas de alguns guardas e enfermeiros para compreendermos como o alheamento também ocorria entre indivíduos da mesma classe social. Quando somos confrontados com relatos sobre guardas e enfermeiros – devemos atentar para o fato de que os profissionais também eram oriundos das classes mais humildes da sociedade – que tiranizavam pacientes pobres, compreendemos melhor como era manifestado um outro tipo de alheamento no manicômio.

Apesar de pertencerem às camadas pobres da população, aqueles sujeitos oprimiam os miseráveis que se encontravam como pacientes naquele “cemitério dos vivos”, não por causa de sua origem social, mas sim porque os pacientes eram diagnosticados como loucos. Portanto, o que movia a opressão dos guardas e enfermeiros em relação aos pacientes pobres era o fato de estes serem doentes, enquanto os primeiros se viam como saudáveis. Os dois grupos de profissionais não conseguiam ver os pacientes como semelhantes, uma vez que os acometidos pela insânia estavam fora da ordem social considerada sadia e “normal”. Como se pode observar, independente de fazerem parte do mesmo segmento social, a relação dispensada por alguns profissionais aos internos se pautava no jogo de negação da alteridade dos pacientes. Se dentro do hospício era possível encontrar aquele tipo de experiência humilhante, fora dele era fácil detectar ações semelhantes. Pois, infelizmente, a intolerância das mais diversas ordens têm sido uma constante nas sociedades através dos tempos.

Lima Barreto soube, como poucos, captar em sua obra a situação de exploração dos menos favorecidos pelos seus pares. No romance *Clara dos Anjos*, o escritor apresenta de modo eficiente uma das faces da exploração existente entre as classes populares. Ao abordar o tema das moças humildes que eram desonradas pelos “Don Juans” dos subúrbios, o romancista pôs em xeque a imagem idealizada da solidariedade e respeito existentes entre os supostamente iguais. O personagem Cassi Jones era o retrato acabado do mau-caratismo de alguns sujeitos provenientes das classes baixas. Espécie de vagabundo doméstico, se esquivava dos seus delitos através da guarida encontrada na figura respeitável do pai. Tinha na mãe a grande aliada que não se furtava a manipular o pai para facilitar a vida do jovem canalha, que tratava as moças pobres como meros objetos:

Em geral, as moças que êle desonrava eram de humilde condição e de tôdas as cores. Não escolhia. A questão é que não houvesse ninguém, na parentela delas, capaz de vencer a influência do pai, mediante solicitações maternais. (BARRETO, 1956, p. 46).

Ao eleger as moças das camadas mais pobres e sem nenhum tipo de respaldo familiar que lhes garantissem alguma salvaguarda em caso de abuso de

qualquer natureza, Cassi Jones procurava fugir de possíveis problemas gerados por suas ações. Além disso, as moças desonradas também tinham sua parcela de responsabilidade na desonra, uma vez que o jogo de sedução não era unilateral, mas sim estabelecido como via de mão dupla. Do ponto de vista ideológico, a narrativa traz à luz o processo de estratificação que ocorre no interior das classes. Ou seja, mesmo sendo proveniente do subúrbio – “o refugio dos infelizes” – a personagem se sentia e era encarada como alguém superior dentro daquela realidade, revelando a heterogeneidade e os conflitos existentes nos mais diversos grupos sociais.

Como se viu, o manicômio apresentado no *Diário do Hospício* guarda semelhanças irrefutáveis com a sociedade existente fora de seus domínios, que tende a se considerar racional, objetiva e saudável. Este fato reforça a convicção de que o mundo da loucura não é determinado apenas pelos pareceres médico-científicos. Pelo contrário, além da importância do olhar da ciência para o universo da loucura, é preciso considerar a abordagem desta realidade a partir de uma perspectiva sócio-histórica. Assim se percebe que, seguindo os mesmos moldes da sociedade, o manicômio também se apresentava hierarquizado. Prescindir deste enfoque é, necessariamente, reduzir e estreitar a produções de significações possíveis sobre um tema tão instigante.

Olhado panoramicamente, o discurso contido no *Diário do Hospício* possui grande abrangência. Nele foram enfocadas de maneira concomitante questões existenciais, institucionais e sócio-históricas, que ajudaram a revelar a força narrativa de um escritor profundamente marcado pelas adversidades. Como ninguém passa impunemente pelas tribulações, considero que uma poderosa imagem de Lima Barreto que emerge destes relatos é a do homem que se sentia um deslocado social. Ou melhor, um naufrago perplexo diante das estranhezas do mundo e da vida.

2.2 – Memórias de um Mundo Avesso

Então, é isto o inferno. Eu não poderia acreditar... Vocês se lembram: enxofre, fornalhas, grelhas... Ah! Que piada. Não precisa de nada disso: o inferno são os outros. (SARTRE, 2005, p.125).

No ano de sua publicação, 1864, e nos anos subsequentes, *Memórias do Subsolo* passou praticamente despercebida pelos leitores e pela crítica literária. Além de não haver registro de resenhas em nenhum periódico russo da época, as poucas impressões de leitura de que se têm notícias indicavam uma forte resistência ao conteúdo da novela. A. P. Súslova estudiosa de literatura e amiga diletta de Dostoiévski, após ler a primeira parte da narrativa, expressa todo seu descontentamento com o recente trabalho do amigo: “que novela escandalosa você está escrevendo? (...) Não gosto quando você escreve coisas cínicas” (SÚSLOVA, A. P. apud SCHNAIDERMAN, 1983, p.31). A reação da estudiosa sintetiza bem a perplexidade que vários contemporâneos do escritor viriam a experimentar diante das novas diretrizes adotadas por Dostoiévski na sua produção literária. A dificuldade de compreensão da temática mais profunda da novela, se não provocou, seguramente contribuiu para o incômodo silêncio que envolveu a narrativa durante quase duas décadas. A orientação filosófica adotada na narrativa e sua elaboração superior – se comparada às obras anteriores do escritor – deixaram os poucos leitores de então atordoados e, aparentemente, com muito mais perguntas do que respostas para o enigma em que se convertera Dostoiévski com a publicação de *Memórias do Subsolo*.

Em 1881, morria Dostoiévski consagrado como uma das vozes mais importantes dos círculos intelectuais e literários da Rússia. A publicação, no ano anterior, de *Os Irmãos Karamázov* encerrava gloriosamente a carreira artística de um escritor profícuo, dono de uma vasta obra literária e autor de clássicos como *Crime e Castigo* (1866), *O Idiota* (1868), *Os Demônios* (1871) e *O Adolescente* (1875). Tais obras influenciaram decisivamente os rumos da literatura russa e também da literatura ocidental produzida após o surgimento de seu monumental legado literário. Entretanto, apenas em 1883 – dois anos depois de sua morte e dezenove anos após a primeira publicação de *Memórias do Subsolo* – é que a

crítica passaria a se ocupar de maneira mais sistemática da novela. Ainda assim, muitas das análises feitas na ocasião sobre a narrativa não avançaram significativamente na exegese da obra, pois desprezavam ou simplesmente não compreendiam plenamente a relevância da polêmica que Dostoiévski levantava com aquela desconcertante história.

O crítico N. K. Mikháilovski, pioneiro na análise de *Memórias do Subsolo*, ainda em 1883 escreveu o artigo “Um Cruel Talento”. Apesar de muito prestigiado naquele momento, seu trabalho não conseguiu ir além da livre associação entre as falas e ações das personagens – por ele consideradas sádicas – e as supostas inclinações à tortura manifestadas por Dostoiévski na novela. É inegável que o trabalho do crítico teve o mérito de assumir uma posição analítica bastante direta e até certo ponto ousada diante de uma narrativa que havia se transformado em uma espécie de tabu, sobre o qual a crítica silenciara por dezenove anos. Contudo, quando encaramos o trabalho de N. K. Mikháilovski com o devido distanciamento histórico, as limitações de sua análise ficam evidentes. O biografismo de suas postulações acabou por empobrecer o percurso crítico, reduzindo a novela a mero canal de expressão das supostas perversidades maquinadas na mente de Dostoiévski. O procedimento analítico do crítico russo do final do século XIX expressa a limitação de um segmento da crítica da época. A concepção inflexível de que uma obra literária se resumia à transposição imediata das experiências de vida de um autor para o universo narrativo, sem dúvida alguma, se mostrou insuficiente para dar conta do fato literário. Como contraponto a este quadro, podemos evocar as seguintes palavras do poeta: “Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro são indiferentes. [...] O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia” (DRUMMOND, 2005, p. 247). Ou seja, a literatura é antes de tudo, um discurso sobre o real, e não uma cópia dele.

Oito anos mais tarde, em 1891, V.V. Razânov trouxe uma nova luz sobre *Memórias do Subsolo*, deixando para trás o sectarismo de N. K. Mikháilovski. O crítico aprofundou em seu trabalho aspectos importantes da obra que, até então, não haviam sido objeto de análise de nenhum outro estudioso. Para V.V.

Razânov, a novela era fruto da consciência de Dostoiévski de que as profundezas irracionais humanas, com todos os seus aspectos positivos e negativos, jamais poderiam ser contidas por nenhuma ordem social baseada na razão. Para ele somente a religião ortodoxa oriental seria capaz de auxiliar o homem a aplacar o ímpeto destrutivo existente em sua natureza. Apesar de avançar no trabalho de crítica da obra, o estudioso não foi capaz de apreender que o ataque à razão na novela se dava de maneira muito mais sutil do que captara.

Outra leitura bastante estimulante da novela foi realizada por Lev Chestov. A novidade dessa análise consistia no destaque da força dominadora e tirânica exercida pelo homem do subsolo sobre as demais personagens da narrativa. Para o crítico, que fizera sua leitura da obra sob a influência do nietschismo russo, Dostoiévski colocou em evidência a realidade do egoísmo humano. A narrativa toda convergia para o triunfo do egoísmo. A criação de um universo balizado pelo sofrimento, pela dor e pela crueldade seria o reconhecimento do escritor de que nenhuma perspectiva moral ou racional bastaria para desviar o ser humano da sua caminhada rumo ao egoísmo total. Lev Chestov atribuiu ao romancista uma relutante, mas evidente, defesa da filosofia do amoralismo. Apesar de alcançar com sua análise aspectos relevantes da narrativa, o crítico acabou reduzindo a amplitude de seu trabalho ao encarar o homem do subsolo pura e simplesmente como um porta-voz das ideias de Dostoiévski.

A crítica da virada do século, embora empenhada, deixou escapar um dado muito importante na análise de *Memórias do Subsolo*. Não obstante ser público e notório que a novela, especialmente na primeira parte, era um ataque frontal à filosofia do egoísmo racional, encampada pelo romancista, filósofo, crítico literário e militante revolucionário, Nikolai Tchernichévski, a crítica de então deu pouca importância para esse fato. Até o início da década de 1920 a crítica corrente não enxergava na oposição de Dostoiévski a Tchernichévski uma situação relevante que interferisse substancialmente na maneira de analisar a narrativa. Entretanto, as concepções de mundo do militante revolucionário radical vão se mostrar imprescindíveis para uma análise mais apurada do universo do homem do subsolo. Tchernichévski acreditava que o ser humano estava fadado ao bem e à

razão, como se estes elementos fossem inatos aos indivíduos. Uma vez despertados nos homens estes valores, todos convergiriam para o estabelecimento de uma sociedade justa, erigida com auxílio da razão e da ciência. Dostoiévski até pode ter acreditado também que o ser humano fosse capaz de realizar o bem, mas diferente de seu opositor, tinha clareza que igualmente o ser humano poderia praticar as ações mais torpes e destrutivas. O homem do subsolo era a própria personificação da contradição humana desprezada na visão radical e limitada de Tchernichévski.

A partir de 1921 diversos outros críticos russos e ocidentais se ocuparam da análise de *Memórias do Subsolo*. Algumas delas convergiam em suas visões, outras divergiam radicalmente. Sem dúvida, cada uma teve e tem o seu lugar nos estudos do legado literário de Dostoiévski. Pois todas tentaram, no entanto, desvendar os sentidos da obra que apresentava ao mundo os temas que impregnaram a produção literária da maturidade do romancista. Em busca do meu espaço neste vasto universo de analistas da obra do mestre russo, apresento uma leitura da novela que se configura como o esforço de decifrar o que denomino de memórias de um mundo avesso aos dogmas.

O mundo do homem do subsolo se constitui como um mundo avesso. Uma vez que a própria figura deste indivíduo é, em muitos sentidos, a personificação do desatino, quando encarada pelo prisma do determinismo racional. Todavia, um dos grandes lampejos de sua inteligência – senão o maior – pode ser sintetizado a partir da máxima: “o inferno são os outros”, pronunciada por Garcin, personagem da peça *Entre Quatro Paredes*, de Jean-Paul Sartre. A sentença criada pelo escritor e filósofo francês em 1947 ficaria célebre. Sua influência no pensamento das diversas gerações que se sucederam ao longo de toda segunda metade do século XX foi inegável. Neste início do século XXI ela ainda nos soa vigorosa. Porém, muitos ainda não se deram conta de que oitenta e três anos antes, com quase um século de antecedência em relação a Sartre, Dostoiévski criara o homem do subsolo. Um dos personagens mais inquietantes de sua obra, diante da qual seria improvável qualquer leitor ficar indiferente em função de sua natureza desencadeadora dos sentimentos de estranheza, atração e repulsa. A

força desse personagem consiste exatamente na capacidade provocadora de um discurso que interpela, sem cerimônias, a crença no espírito positivista, tido como o fiel depositário de uma idealizada concepção de harmonia social.

A primeira parte da novela intitulada de “O Subsolo”, durante muito tempo foi a mais explorada pela crítica. Isso aconteceu justamente porque essa etapa da narrativa foi identificada como aquela que continha o que se qualificou como a sùmula filosófica de *Memórias do Subsolo*. Entretanto, para o presente estágio deste trabalho, a segunda parte da obra possui especial importância pelo fato de ali encontrarmos o que denomino de **memórias das práticas**. A partir do segundo trecho da narrativa intitulado de “A Propósito da Neve Molhada” as experiências do homem do subsolo serão examinadas detidamente. Ao esmiuçar as vivências do filósofo do subsolo, um mosaico significativo do seu mundo avesso será construído, colocando em evidência a carga dramática que envolve as relações humanas. Na gênese do pensamento do homem do subsolo, em cada uma das suas ações e na maneira dele se relacionar com os outros, delineia-se a convicção de que esses outros serão, a um só tempo, vítimas e algozes de nosso filósofo, assim como o inverso também será verdadeiro. Uma trama tensa, engenhosa e riquíssima é tecida a cada encontro do homem do subsolo com as várias personagens que transitam pela segunda parte da novela.

Examinemos, inicialmente, a situação que se estabelece a partir do episódio do atrito ocorrido entre o oficial e o homem do subsolo. A desavença originou-se quando ambos se encontravam dentro de uma taberna. Nosso filósofo do subsolo, sem se dar conta, estorvava a passagem e o militar ao tentar sair do estabelecimento percebeu que alguém atravancava o caminho. Esse, sem nenhum embaraço, tomou pelo ombro o homem que atrapalhava a passagem, tirou-o do lugar e passou, como se ali existisse apenas um objeto qualquer. Esse ato foi suficiente para indignar e deixar o homem do subsolo descompensado, ao ponto de afirmar: “até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 63).

O rancor originado pela ação do oficial corpulento e alto acompanharia o franzino habitante do subsolo por mais de dois anos. Se no calor do momento, ainda na taberna, ele não agiu no sentido de buscar um desagravo através de uma briga com o militar, talvez não tenha sido por medo do embate, mas pela perplexidade diante da situação. Entretanto, a ideia de vingança se fixou na cabeça do homem do subsolo a tal ponto que o este passou a seguir todos os passos do militar, buscando a melhor oportunidade de recompor sua honra. Para cumprir tal intento, urdia planos que iam desde a difamação pública de seu inimigo, passando por calúnias, até chegar a um possível desafio para um duelo. Quanto mais o tempo passava, mais detestava o oficial: “mas eu, eu o olhava com raiva e ódio, e isto continuou assim... por alguns anos! A minha raiva até se fortalecia e se expandia com o passar do tempo” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 64).

A obsessão pela desforra dominou completamente o homem do subsolo levando-o ao ódio contumaz pelo militar. Assim, o oficial passou a ser o outro em relação ao nosso filósofo do subsolo, isto é, aquele a quem se desejava refutar. Esse desejo era insuflado em razão da suposta postura de indiferença e desprezo adotada pelo oficial em relação ao homem do subsolo, causando-lhe perturbações e sofrimentos psíquicos sem precedentes. Nesse sentido, o oficial assumia o papel de algoz, contribuindo para a exacerbação do inferno particular do filósofo do subsolo.

Depois de arquitetar alguns planos de vingança o narrador de *Memórias do Subsolo* decidiu desafiar o militar para um duelo. A convocação para o embate seria feita através de uma carta. Nela ele suplicava ao oficial que se retratasse de toda humilhação impingida ou só restaria aos dois a saída honrosa do duelo. A epístola tão importante jamais foi entregue. Mesmo assim, vale a pena conhecermos melhor seu teor:

A carta foi escrita de modo que, se o oficial compreendesse um pouco sequer o “belo e sublime”, seguramente viria correndo à minha casa, para se atirar ao meu pescoço e oferecer sua amizade. E como seria bom! Viveríamos tão bem, como amigos! Tão bem! Ele me defenderia com a imponentia da sua posição; eu o tornaria mais nobre com minha cultura, bem... com as idéias também, e muita coisa mais poderia acontecer! Imaginai que já se haviam passado dois anos desde que ele

me ofendera, e o meu desafio a um duelo constituía o mais feio anacronismo, apesar de toda a habilidade da minha carta, que explicava e disfarçava o anacronismo. Mas, graças a Deus (até hoje agradeço ao Altíssimo com lágrimas nos olhos) não a enviei. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 65).

Apesar de nunca ter sido entregue, a carta ao oficial vai evidenciar a face contraditória desse homem atormentado. De um lado, nosso filósofo assumia uma posição de ruptura radical em relação ao modelo social vigente. De outro, ele também expressava a necessidade de obter o reconhecimento e aprovação do outro que balizava a existência pela lógica dominante naquela sociedade. Esse mesmo outro que o faz caminhar rumo ao seu inferno particular, será também aquele que poderá desempenhar o papel de preceptor do mundo ordenado segundo os valores de uma suposta racionalidade. Não nos esqueçamos que esta racionalidade prezava sobremaneira as hierarquias das mais distintas ordens: da posição social, passando pela posição intelectual, até chegar à condição econômica. E quem melhor do que um militar, naquela circunstância, poderia encarnar o referido *status quo*? Sendo assim, aquele oficial de estatura tão decida e austero nas suas ações despertou no homem do subsolo, a um só tempo, os sentimentos de liberdade e submissão. A aparente contradição se desfaz, pois a liberdade está representada no estado permanente de rebelião de nosso filósofo. Já a submissão se dá em função da conflituosa necessidade do reconhecimento do outro para o estabelecimento da sua própria identidade.

É preciso ter em conta ainda, que as fronteiras entre liberdade e submissão existentes dentro da narrativa são delimitadas claramente pela posição social ocupada pelos indivíduos. O oficial, que durante suas caminhadas pelos espaços públicos de São Petersburgo, se mostrava decidido e inflexível diante dos mais simples do ponto de vista socioeconômico, era o mesmo que em plena Avenida Niévski – a principal da capital russa na época – cedia espaço àqueles de estatura social mais elevada em relação à sua:

Também ele ia à avenida, sobretudo nos dias de feriados. Embora também se desviasse ante os generais e outras pessoas de alta posição, e também se esgueirasse por entre eles como uma enguia, quando se tratava de pessoas de nossa espécie, ou mesmo um pouco melhor, ele simplesmente as pisava; ia na sua direção como se tivesse

diante de si um espaço vazio, e jamais cedia caminho. (DOSTOIÉVSKI, 2007, 66).

O homem que havia imposto uma enorme humilhação ao filósofo do subsolo conhecia muito bem os jogos de poder desenvolvidos no seio da sociedade russa do século XIX. A prática de sempre ceder passagem diante dos mais poderosos e nunca abrir o caminho frente aos mais humildes pode ser entendida como uma metáfora evidente do tipo de relação social preponderante naquela sociedade. Ou seja, só seriam capazes de conviver harmonicamente, naquele modelo, as pessoas que compreendessem bem que as noções de liberdade e submissão variavam de acordo com a posição ocupada por cada elemento ativo daquele meio social.

Depois de arquitetar os mais mirabolantes planos de retaliação contra o oficial, sem executar nenhum, o homem do subsolo chegava àquele que definitivamente saciaria sua sede de vingança. Não ceder passagem ao militar na via pública em hipótese alguma! Tal procedimento equivaleria a colocar-se, ainda que simbolicamente, no mesmo nível do seu inimigo. Além disso, ao executar seu plano, ele conseguiria a desforra sem precisar ficar exposto aos perigos de um duelo com armas e sem se submeter ao martírio de uma luta corporal. Entretanto, para consumir seu ardil o filósofo do subsolo precisou abrir mão de algo que lhe era absolutamente caro:

E eis que de chofre um pensamento muito surpreendente tomou conta de mim. “E que tal”, pensei, “que tal se me encontrar com ele e... não ceder passagem? [...] Está claro que não devo propriamente dar-lhe um empurrão” pensava, [...] “mas simplesmente não ceder caminho, chocar-me com ele, não de modo muito doloroso, mas apenas ombro a ombro, na exata medida que a decência permitir; de modo que não vou esbarra nele com mais força do que ele em mim.” Afinal, decidi-me de uma vez. Os preparativos levaram, porém, muito tempo. Em primeiro lugar, **ao executar o ato, deveria estar bem apresentável, e por isso, tive de me preocupar com o traje. [...] é preciso estar bem trajado; isto impressiona e há de nos colocar, de certo modo, no mesmo pé aos olhos da alta sociedade** (grifo meu). [...] Saí para a Avenida Niévski, [...] a três passos de meu inimigo, [...] franzi o sobrolho e... chocamo-nos com força, ombro a ombro! Não cedi um *vierchók* e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. [...] O que importa era que eu atingira o objetivo, mantivera a dignidade, não cedera nem um passo, e, publicamente, me colocara ao nível dele, do ponto de vista social. Voltei para casa vingado de tudo. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 67 – 70)

Ao optar pelo desafio insólito de enfrentar o militar, através de um esbarrão na via pública, o narrador conseguiu encontrar uma fórmula eficaz – ao menos para ele – de realizar seu desejo de desagravo. Medir forças com seu inimigo figadal em plena Avenida Niévski era para nosso filósofo uma vitória sem precedentes. Sobretudo porque no espaço da rua transitavam pessoas das mais diversas camadas sociais e todas elas – aos seus olhos – seriam testemunhas do triunfo do homem insignificante frente aquele “Golias” intimidador. Como mecanismo de compensação psicológica a estratégia era perfeita, já como ação efetiva, que pudesse desmoralizar o oficial, o plano era duvidoso. Não nos esqueçamos de que episódios de encontros entre estranhos, em ruas movimentadas sempre fizeram parte das situações mais corriqueiras de qualquer grande cidade. Portanto, para os transeuntes e talvez mesmo para o militar, o enfrentamento arquitetado pelo homem do subsolo não possuía nenhum sentido mais profundo do que o de um simples incidente envolvendo dois completos desconhecidos.

Mas quero chamar a atenção para um dado muito importante sobre o caráter contraditório do filósofo do subsolo e sobre sua obsessão pela reparação da suposta afronta. Apesar de sentir-se contemplado com a solução encontrada para a situação que o atormentava, os meios utilizados para alcançar tal fim expunham a fragilidade do comportamento do homem mau, desagradável e doente, como gostava de autodenominar-se. Na condição de um homem simples, de aparência empobrecida, expressão comum, baixinho e fraco, ou seja, o retrato da mediocridade, nossa personagem não sentia segurança suficiente para por em prática seu projeto pessoal de vingança. Para enfrentar o oficial em plena Avenida Niévski era necessário assumir – ainda que fosse apenas no plano da aparência – uma outra identidade. E foi exatamente isso que ele fez. Para executar seu ato de desagravo, passou a preocupar-se com sua apresentação, fato impensável em outras circunstâncias. Cuidou diligentemente para que suas vestimentas fossem as melhores possíveis. Esse fato, no modo particular do filósofo do subterrâneo de ver o mundo, faria com que ele se sentisse alçado ao mesmo patamar social do militar. As roupas novas funcionariam como uma espécie de credencial para a

“luta”, imprimindo à situação uma coerência interna. Porém, a situação também pode nos encaminhar para o entendimento de que o homem do subsolo só estaria realmente apto para a vingança, na medida em que deixasse de ser ele mesmo, assumindo o papel de outra pessoa. Essa outra pessoa bem vestida e que transitava pela rua integrada ao modelo social burguês, sim, seria suficientemente capaz de dar cabo ao plano. Ou seja, apesar de voltar para casa se sentindo vingado, nosso filósofo só conseguiu experimentar tal sentimento deixando de ser ele mesmo, assumindo a identidade de um outro. Era necessário tentar igualar-se, estar no mesmo nível para agir de igual para igual, assim a aparente vingança pode ser vista (pelo avesso) como mais um reforço do não-lugar ou do complexo desse homem. Do lugar que ele ocupava realmente (o subsolo) não era possível vingar-se, pois ele era socialmente invisível!

Antón Antônitch Siétotchkin é outra personagem que nos ajuda a compreender o temperamento avesso e dissonante do homem do subsolo, pois é o chefe da seção onde este dava expediente. Aliás, única pessoa com quem o filósofo do subsolo mantivera relações sociais regulares por longo tempo. Mas, era sempre ele quem visitava o chefe e nunca o contrário. Tais visitas aconteciam basicamente por causa de uma motivação utilitária. Depois de passar longos períodos em devaneios, que o faziam sentir-se um sujeito cheio das melhores qualidades, capaz dos atos mais bondosos e afeito a tudo que representasse o belo e o sublime, nosso filósofo necessitava entrar em contato com o mundo concreto. Ao visitar seu chefe submetia-se a um choque de realidade que o fazia enxergar o enorme abismo que separava seus idílios da vida concreta.

Mas só ia visitá-lo [...] quando os meus devaneios me traziam tamanha felicidade que me era inevitável e imediatamente necessário abraçar as pessoas e toda a humanidade; e, para este fim, **necessitava contar ao menos com uma pessoa que existisse realmente.** (grifo meu) [...] O referido Antón Antônitch morava nas Cinco Esquinas, num quarto andar, em apartamento de quatro cômodos dos baixos, um menor que o outro, amarelados e muito modestos. Vivia com duas filhas e a tia destas, que servia chá. As filhas, uma de treze anos e a outra de quatorze, tinham ambas nariz arrebitado; eu ficava extremamente encabulado na sua presença, pois não cessavam de trocar segredinhos, acompanhados de um riso abafado. O dono da casa ficava comumente em seu escritório, [...] Nunca encontrei ali mais de duas ou três visitas, e sempre as mesmas. **Falavam do imposto de consumo, da adjudicação no senado, dos salários, da produção, de Sua Excelência, dos meios**

de agradar etc. etc. (grifo meu) Eu tinha a paciência de ficar feito um imbecil, durante umas quatro horas, na companhia daquelas pessoas, ouvindo-as, sem ousar nem poder puxar com elas qualquer assunto. **Ficava embotado começava diversas vezes a suar, pairava sobre mim uma paralisia; mas isto era bom e útil.** (grifo meu) Voltando para casa, adia por algum tempo o meu desejo de abraçar toda a humanidade. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 73 – 74).

A clareza de se saber solitariamente divergente face à tônica positivista dominante na sociedade russa do século XIX gerava um agudo desassossego no filósofo do subsolo. Até mesmo o homem doente, mau e desagradável tinha seus momentos de hesitação e anseio de integração ao mundo tantas vezes combatido e repudiado. Antón Antônitch, de alguma forma, representava para o homem do subsolo a possibilidade de por em contato o mundo dos sonhos e a realidade da vida concreta. A ida à casa do chefe deixou transparecer a busca pela conformação social e a inserção em um meio onde o homem do subsolo pudesse realizar seu desejo de reconhecimento e aceitação por parte dos outros. Porém, as experiências vividas durante a visita logo fizeram desaparecer toda a esperança de unir as duas pontas de sua existência, representadas pela vida sonhada e por aquela vivida de fato.

Da casa humilde, passando por uma configuração familiar em que a ausência da figura materna era notória, até chegar às enfadonhas conversas travadas entre o chefe e os outros convidados que habitualmente frequentavam a residência, tudo concorria para que nosso filósofo recebesse um choque de realidade. O referido choque se materializou a partir de dois eixos. O primeiro é expresso no embaraço do homem do subsolo diante dos cochichos e risadinhas das filhas adolescentes do chefe, que pareciam zombar de sua estranha imagem. Já o segundo, deu-se durante as horas devotadas ao silêncio, enquanto os outros conversavam animadamente sobre os mais variados assuntos que aos seus olhos pareciam banais e sem capacidade de transcender à mediocridade daquela realidade. Esses dois momentos são imprescindíveis em função de demonstrarem a tomada súbita de consciência do filósofo do subsolo, que passou a perceber a inutilidade de tentar ser ou se parecer com o homem direto e de ação.

Ficar embotado, sem vigor e com sensações que remetem à náusea, de modo geral, são sintomas indesejáveis para qualquer pessoa. Mas, para nosso homem do subsolo esses sinais eram apenas as manifestações físicas do seu caráter dissonante. Por mais que ele, em alguns momentos, sinalizasse através de seus devaneios a necessidade de ser aceito no mundo da lógica positivista, quando saía do universo onírico, percebia claramente o engano sob o qual a concepção de objetividade racional fora erguida. Desta maneira, cada visita ao chefe, ao mesmo tempo em que funcionava como uma tentativa de inserção no mundo balizado pelos valores positivistas, funcionava também como uma oportunidade de ser confrontado com a mediocridade paralisante de tal mundo. Sendo assim, todos aqueles sintomas, que normalmente afligiriam a média das pessoas, provocavam naquele homem excepcional o reforço da convicção de que era impossível pactuar com indivíduos que se supunham regidos, na maior parte do tempo, pela noção de objetividade. Em decorrência disso, ao habitante do subsolo cabia o papel imprescindível de ser o homem inoportuno. Aquele cuja voz ou o silêncio ousava desafinar o coro dos contentes e atormentar os conformados. Era ele, então, a mosca fétida que Dostoiévski construiu para não nos deixar esquecer o quanto há de ridículo neste mundo muito menos sublime do que o imaginado.

A continuidade do exame das **memórias das práticas** desenvolvidas pelo homem do subsolo não deixa margem para dúvidas quanto à sua escolha deliberada pelo mundo da contrariedade. Independente da pessoa com a qual mantivesse algum tipo de relação, de antemão, já poderíamos ter a convicção de que a relação duraria o tempo necessário para que ele expressasse sua repulsa em relação aos outros e aos valores por eles adotados. Mas, ao contrário do que se pode imaginar, a aversão não se dava unilateralmente. Nosso filósofo também sentia o gosto amargo da rejeição. Nesse sentido, a visita feita ao ex-colega de escola, Símonov, é exemplar para compreendermos como se dava esse jogo dialético.

Aliás, eu tinha ainda outro conhecido, por assim dizer: Símonov, meu ex-colega de escola. [...] Pois bem, de uma feita, numa quinta-feira, não suportando mais minha solidão [...] lembrei-me de Símonov. Enquanto

subia a escada para o quarto andar, onde ele morava, ia justamente pensando que esse cavalheiro já se cansava da minha companhia e que eu ia em vão a sua casa. Mas, como sempre ocorria, tais considerações pareciam impelir-me, ainda mais, para uma situação dúbia e, por isto, entrei. Havia quase um ano que eu vira Símonov pela última vez.

Encontrei ali mais dois colegas de escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas. [...] Compreendia, naturalmente, que deviam desprezar-me pelo fracasso da minha carreira de funcionário e pelo fato de eu ter decaído muito, de andar mal trajado etc., o que, aos seus olhos, era um sinal evidente da minha incapacidade e insignificância. Mas apesar de tudo eu não esperava um desprezo tão imenso. Símonov foi até surpreendido com minha entrada. Também antes já parecia surpreender-se com minhas visitas. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 74 – 75).

Visitar Símonov era uma maneira de tentar driblar a solidão do subsolo. Esse fato, por si só, aponta para a contraditória psique da personagem que pode ser resumida pelos versos do poeta Ferreira Gullar: “uma parte de mim / é todo mundo; / outra parte é ninguém: / fundo sem fundo.” (GULLAR, 1980, p. 11). Por um lado, era impossível àquele homem negar o fato de que ele era parte integrante daquela ordem social que lhe suscitava tanta aversão – daí a recorrente necessidade de sair da solidão do subsolo para interagir com outros indivíduos. Por outro, cada incursão no mundo alicerçado a partir da ótica positivista funcionava como uma oportunidade de reafirmar para si e para os outros, que tal realidade encontrava-se em um estado de colapso silencioso. Por de trás da aparente normalidade social manifestada nas práticas dos “homens diretos e de ação” escondiam-se os fantasmas da intolerância, do egoísmo social e do alijamento humano.

Apesar da consciência de que havia se tornado um fardo para Símonov, o homem do subsolo insistia em visitá-lo. Cada encontro lhe possibilitava explorar mais e mais a crescente rejeição que ele evocava no colega dos tempos de escola. É possível imaginarmos que inicialmente Símonov recebia em sua casa o visitante indesejado, disfarçando sua contrariedade com o lustre da falsa polidez. A fim de manter o simulacro de cordialidade social – muito comum entre aqueles que se relacionam exclusivamente movidos por uma pulsão utilitária – continuava a acolher o homem do subsolo em sua casa, como se ele fosse alguém a quem realmente quisesse franquear sua intimidade. Entretanto, as espaçadas visitas

tiveram como consequência a construção de uma relação repleta de perversidade. Na medida em que o filósofo do subsolo se revelava ao colega como uma pessoa desprovida de qualquer capital financeiro ou relacional transfigurava-se em um sujeito indesejável, inconveniente e torpe aos olhos do antigo companheiro de escola. Símonov, muito provavelmente, de início, recebia o homem do subsolo em sua casa em função de terem sido colegas de escola – fato que de alguma maneira os nivelava socialmente. A partir do momento que Símonov percebeu a situação de penúria do narrador, este passou a ser encarado como um visitante indesejado e cansativo.

Mesmo percebendo a rejeição que sofria por parte de Símonov, o homem do subsolo sentia-se impelido a estar na presença daquele que tanto o repelia. Tal comportamento não deve ser atribuído a uma simples vocação para a humilhação. Se, de certa forma, a rejeição do colega causava-lhe algum embaraço, ele também açoitava a consciência de seu interlocutor com sua presença indesejada. Ou seja, deliberadamente cada um assumiu a função – voluntária ou involuntariamente, não importa – de ser um o carrasco do outro. O homem do subsolo torturava Símonov com a imposição de sua lastimável presença. Já Símonov o afligia com seu desprezo.

Na segunda parte do fragmento em análise, a relação de repulsa e rejeição foi ampliada com a presença de outros dois antigos companheiros do tempo de escola, que se encontravam na casa de Símonov. O homem do subsolo ficou surpreso não só com o fato dos contemporâneos da vida estudantil ali se encontrarem. Mas, sobretudo, pela solene indiferença a ele destinada por aqueles homens. Rapidamente analisou a situação e compreendeu a origem do tratamento recebido. Em sua análise da situação, o alheamento a ele dispensado pelos colegas era motivado pelo estado de “calamidade” em que se encontrava. Aos olhos daqueles indivíduos guiados por uma ética burguesa, nosso filósofo era o retrato do fracasso. Não conseguira corresponder a nenhuma das expectativas impostas como modelos a serem cultivados e seguidos socialmente. Não prosperara financeiramente, vestia-se praticamente com andrajos e não ocupava nenhum posto relevante dentro do funcionalismo. Pecados imperdoáveis dentro

do mundo burguês! Apesar de tudo isso e de ter consciência de que não cumpria nenhum dos pré-requisitos impostos pelos valores morais e sociais dos colegas, o homem do subsolo espantou-se com a enorme indiferença sofrida.

No entanto, a surpresa da situação apresentada converteu-se em uma via de mão dupla. Símonov se mostrou consternado com a presença inesperada do “homem mosca”. Era no mínimo embaraçoso para ele receber em sua casa uma visita tão incômoda e justamente quando ali se encontravam pessoas distintas e bem colocadas socialmente. A apreciação do homem do subsolo de que, há algum tempo, suas visitas desagradavam o colega, nos ajuda a compreender a relação intrincada que ele mantinha com a realidade existente fora do subsolo. Nosso filósofo repudiava violentamente o mundo burguês sustentado pelos valores positivistas – mas, contraditoriamente queria, em alguns momentos, fazer parte dele. Ele tinha clareza de que tal realidade desumanizava as pessoas em função de negar-lhes o direito de exercerem livremente seus desejos, em nome de uma uniformização de mentes e comportamentos orientados segundo os parâmetros gerais dos ideários da racionalidade positivista. Para isso, era preciso suprimir o pensamento divergente em nome de um suposto bem estar comum. Por compreender o grau de alienação dessa visão de mundo, nosso filósofo decidiu apartar-se dela e ao mesmo tempo combatê-la. Um dos artifícios utilizados na contenda foi a de impor sua aborrecedora presença e suas estranhas atitudes para aqueles que além de partilharem dos ideais positivistas, os defendiam com seus modos de agir e viver. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o homem do subsolo vivia a experiência da humilhação imposta pela indiferença de Símonov e dos outros colegas, ele também os perturbava, tornando suas vidas muito menos agradáveis. Sendo assim, o tipo de relação desenvolvida entre o homem do subsolo e aqueles homens ilustra perfeitamente o papel complexo de duplo que cada um representa em relação ao outro e em relação à diversidade do mundo. O homem do subsolo era, por assim dizer, a consciência entorpecida de seus colegas de escola, e eles representavam o desejo – sempre frustrado – de respeitabilidade e aceitação de nosso filósofo.

Os dois colegas de escola que se encontravam na casa de Símionov quando o homem do subsolo lá chegou inesperadamente tratavam de um assunto muito importante para eles. Planejavam um jantar em homenagem a Zvierkóv – outro companheiro dos tempos de escola – que era oficial e estava de partida para uma província afastada. O jantar para os quatro amigos seria um momento de celebração memorável. Para o homem do subsolo, entretanto, seria um evento sinistro em que a sua rejeição ao modelo social burguês se manifestaria de forma veemente nas múltiplas experiências degradantes que viria a experimentar. Contudo, neste momento, será focado o tipo de relação mantida entre o filósofo do subsolo e o homenageado.

Zvierkóv era odiado pelo homem do subsolo desde os tempos de escola, já nos primeiros anos de vida estudantil, detestava-o pelo fato dele ser um menino “bonitinho e vivo”. Na escola, mesmo sendo um aluno medíocre, Zvierkóv conseguiu se formar com sucesso porque dispunha de proteção. No último ano do colégio, a aversão ganhara maiores proporções após Zvierkóv receber uma herança de duzentas almas (na Rússia antiga os servos eram designados por “almas”). O dinheiro adquirido através da herança e temperamento falastrão tornaram o futuro oficial uma presença praticamente irresistível no meio dos colegas, quase todos de origem pobre. Aos poucos, ele foi se transformado numa referência de habilidade e boas maneiras. Esse fato só fazia crescer a raiva nutrida pelo homem do subsolo que via naquele belo e bem relacionado rapaz o retrato da superficialidade que tanto desprezava. “Odiava a sua voz abrupta, de quem não duvida de si, a adoração de suas próprias pilhérias, lhe saíam terrivelmente estúpidas, embora fosse de fato ousado ao falar” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 76).

O filósofo do subsolo repudiava aquele modelo social aceito e vivenciado pelos seus ex-colegas. Para ele, Zviérkov simboliza o que havia de mais lamentável dentro de uma sociedade burguesa. Sua presença e projeção se configuravam como o elogio da aparência, da superficialidade e do engano. Tinha sido estudante medíocre, mas fora salvo pelas redes de relação; vivia a contar vantagens falsas sobre si, mas ainda assim era admirado pelos contemporâneos;

era prepotente, mas visto como ousado ao falar, era popular em seu meio, apesar de ser um embusteiro; utilizava de sua herança para se passar por um homem honrado, mas era absolutamente vulgar na maioria de suas ações. Apesar de Zviérkov impressionar sobremaneira os mais simples ou os sedentos pelo poder da riqueza e da glória, não conseguia cooptar o homem do subsolo. Este rejeitava violentamente o que o futuro oficial representava e os valores por ele defendidos.

Odiava o que dizia sobre seus futuros êxitos com as mulheres (ele não ousava começar a ter casos com mulheres enquanto não usasse galões de oficial, e esperava-os com impaciência) e como ia participar de duelos. Lembro-me de que eu, sempre calado, atraquei-me de súbito com Zvierkóv, quando este – comentando, certa vez, com alguns colegas, num momento de folga, os futuros prazeres e, desenfreando-se por fim, como um cãozinho novo ao sol – disse de repente que não deixaria sem atenção nenhuma das moças camponesas da sua aldeia, que isto era *droit de seigneur* e que, se os mujiques se atrevessem a protestar, haveria de espancá-los e impor-lhes, àqueles canalhas barbudos, uma corvéia dupla. Os nossos patifes aplaudiram-no, mas eu me atraquei com ele, e não foi de modo algum porque tivesse compaixão pelas moças e seus pais, mas simplesmente porque estavam aplaudindo um inseto daqueles. Saí vencedor naquela ocasião, mas Zvierkóv, ainda que estúpido, era alegre e insolente, e, por isto, saiu-se de tudo rindo, e de modo tal que eu até, a dizer verdade, não venci de todo: o riso ficara a seu favor. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 76 – 77).

O hábito de sujeito galanteador, o uso da farda e da posição de tenente, para angariar simpatia e conquistas junto às mulheres, somados ao desejo de posar de corajoso através dos supostos embates nos quais se envolveria, transformavam Zvierkóv em uma pessoa medíocre, aos olhos do homem do subsolo. Tudo nele soava superficial, ou melhor, encarnava o espírito de um tempo, em que a aparência contava muito mais do que a consistência. Diante das condições de produção apresentadas, o rapaz belo e falante reunia todas as possibilidades de desfrutar de um futuro promissor na sociedade russa do século XIX. Aliás, o então futuro promissor materializou-se anos mais tarde, por exemplo, no episódio da organização do jantar em homenagem à sua transferência para uma outra província, onde assumiria um novo posto.

Apesar de tudo isso, o jovem promissor contaria com um opositor ferrenho que não cessaria de enfrentá-lo nas mais diversas oportunidades. A primeira, e, talvez, mais significativa se deu justamente após mais um momento de bravata

pública de Zvierkóv. Animado diante da platéia de colegas o futuro tenente se refere desdenhosamente às camponesas de sua aldeia, assumindo sem nenhum pudor ou sentimento de acanhamento, que lançaria mão do direito de senhor sobre tais moças. O direito de senhor de que tratara aludia a um suposto direito feudal do senhor de obrigar toda camponesa do seu domínio a passar com ele a primeira noite do casamento. Mesmo antes de gozar dos benefícios da farda, Zvierkóv já mostrava como a usaria em proveito próprio e para promover a desonra de outros. Este sujeito tido em tão alta conta, amado, respeitado e tomado como exemplo a ser seguido por muitos extrapolara os limites da conduta tolerável para o homem do subsolo. Ele suscitara a ira de nosso narrador que não titubeou e partiu para a luta corporal.

A indignação do homem do subsolo não era motivada propriamente pela sorte destinada às mulheres mais pobres e aos seus parentes. O que efetivamente o perturbava era a postura dos colegas de escola, que sem nenhum escrúpulo aplaudiram abertamente a impostura do futuro oficial. A ação dos colegas, sob uma ótica utilitarista e patrimonial, se justificava, quer o filósofo do subsolo gostasse ou não. Em razão disso, parecia evidente que mudar a sorte dos menos favorecidos e historicamente explorados era uma tarefa praticamente impossível. Isso ocorria justamente porque a mentalidade das classes dominantes não só aprovava como via ideias similares àquela apresentada por Zvierkóv, como um direito legitimamente adquirido por elas. Se a situação de submissão dos camponeses por si só já era desumana, mais desumano ainda era o espírito de corpo das classes dominantes. Pois, como sabemos sem nenhum constrangimento elas buscavam e buscam – ao que tudo indica, não importa o tempo – se perpetuar no poder através da consolidação de práticas e padrões julgados como racionais, razoáveis e até naturais.

Ao chegar às vias de fato com Zvierkóv, o filósofo do subsolo mais do que expressar sua repulsa em relação aquele indivíduo, apresenta toda sua contrariedade com o sistema social. O referido sistema estava, aparentemente, centrado na noção de racionalidade positivista, que podia ser traduzida pela máxima: ordem e progresso. No entanto, cabem aqui as indagações: ordem sob o

ponto de vista de quem? Progresso para quem? Ao que parece, as respostas são relativamente simples: ordem sempre para os mais pobres que devem obedecer cegamente os desígnios dos poderosos e progresso apenas para os donos e beneficiários diretos do poder.

Ao digladiar-se com Zvierkóv o homem do subsolo o atinge fisicamente, mas é, ao mesmo tempo, atingido psicológica e moralmente. Apesar da dor afligida em seu oponente, este saiu da situação rindo de tudo, o que contribuiu para diluir a importância da vitória do nosso filósofo. Mesmo tendo vencido a briga, ele perdeu a disputa pelo comando da situação e acabou sendo envolvido pelo riso sarcástico do perdedor. Aquele que perdeu a luta corporal acabou por ganhar a disputa pelo prestígio social. Com seu riso Zvierkóv desmoralizou completamente o ímpeto violento do homem do subsolo, impondo-lhe a humilhação de passar por uma pessoa grosseira e desequilibrada. A atitude acalorada ou o arroubo do narrador é desfeito pelo sorriso sarcástico que simboliza o vitorioso, o bem sucedido e dotado de futuro promissor, a quem não se vence com uma simples surra. O poder do futuro militar simbolizado pelo riso vai muito além! É o riso sarcástico de quem nasceu para ganhar e mandar e isso vai fundo, fere o íntimo do homem do subsolo.

Sob a ótica burguesa mensurada pelo determinismo social, Zvierkóv realmente saíra por cima. Sagrara-se vitorioso na disputa por prestígio social entre os colegas de escola, e também mais tarde, como era de se esperar, logrou êxito na vida militar. Zvierkóv cumpriu perfeitamente todo percurso acalentado, transformando-se em um homem respeitável, com trânsito livre nos mais variados salões da sociedade. Já o filósofo do subsolo acatou sua sina de se constituir, sobretudo aos olhos dos antigos companheiros dos tempos de escola, como o homem mosca, insignificante e completamente apartado dos valores morais e sociais que regiam os “homens diretos e de ação”.

Ouvi falar mais tarde, dos seus êxitos de caserna, de tenente, e de como ele *farreava*. Seguiram-se outros boatos, acerca do seu sucesso na carreira. Não me cumprimentava mais na rua, e eu suspeitava que ele temesse comprometer-se saudando uma pessoa insignificante como eu. Vi-o também certa vez no teatro, no terceiro balcão, já de alamares.

Solícito, curvara-se diante das filhas de um velho general.
(DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 77).

Com o fim dos anos de escola, cada um seguiu seu caminho. Zvierkóv deu passos seguros em direção aos seus objetivos de acumular reconhecimento e posição social. O homem do subsolo, naturalmente, trilhou o caminho contrário, acabou personificando a insignificância em pessoa. Era a sua maneira de resistir e, ao mesmo tempo, questionar os valores convencionados como positivos no âmbito da sociedade russa do século XIX. É interessante observar ainda, que apesar de terem tomado caminhos opostos, as vidas das duas personagens continuavam a se cruzar. Quer fosse através de notícias esparsas sobre os progressos de Zvierkóv, quer em decorrência de eventuais encontros nos espaços públicos, as trajetórias de ambos se tocavam de alguma maneira. No entanto, algo havia mudado irreversivelmente em relação ao procedimento do agora oficial. No passado, ele fazia questão de fanfarronar diante de qualquer colega de escola – até mesmo perante o homem do subsolo que era completamente avesso ao seu comportamento. Já no presente, Zvierkóv fazia questão de sequer cumprimentar nosso filósofo para não ter sua imagem de militar bem colocado comprometida ou arranhada ao estabelecer qualquer tipo de contato com um pária daqueles. Seu interesse voltava-se agora para os grupos iguais ou superiores socialmente a ele, dos quais pudesse extrair algum tipo de benefício efetivo ou simbólico. Daí deriva, por exemplo, a sua postura solícita para com as filhas do velho general no teatro.

Para Zvierkóv, deixar de cumprimentar o homem do subsolo na rua não tinha nenhuma relação com a desavença do tempo de escola. Não manter nenhum tipo de ligação com ele era uma questão de simplesmente procurar apagar qualquer rastro que pudesse vinculá-lo a tipos sociais localizados fora dos círculos de influência e poder. Por mais prosaico que fosse o elo, era preciso evitá-lo. Zvierkóv, que era um hábil jogador, logo compreendeu que para não colocar em risco sua posição social era preciso afastar-se por inteiro da choldra. Caso não agisse assim, seria um forte candidato a cair socialmente em desgraça, o que transformaria sua vida em um verdadeiro inferno.

Zvierkóv com seus imponentes alamares representava tudo o que o homem do subsolo mais execrava. No entanto, ao mesmo tempo em que sua aversão simbolizava uma tomada de posição bem definida em relação ao outro, ela também deixava entrever como esse outro tinha o poder de atormentá-lo. A vida do homem do subsolo era infernizada pela clareza de sua feiura, de sua insignificância, de sua vileza, de sua inexpressividade física e de sua misantropia, sobretudo quando ele se olhava a partir dos olhos do outro. O oficial era uma espécie de espelho para o filósofo do subsolo. Mas, ao invés deste espelho refletir a imagem daquilo que o homem do subsolo supostamente era, ele refratava exatamente tudo o que não era. Desde sempre encarar Zvierkóv era ser confrontado por alguém tido pelos outros como despachado, abonado financeiramente, bom sujeito, galanteador, bem-humorado e belo. Ou seja, tudo que o filósofo do subsolo não era.

Apesar de repudiar Zvierkóv prioritariamente em razão do que ele representava do ponto de vista social, o homem do subsolo também o odiava pelos atributos a ele conferidos: “odiava seu rostinho bonito, estupidozinho (pelo qual, aliás, eu trocaria de bom grado o meu, que era inteligente)” (DOSOIÉVSKI, 2007, p. 76). A passagem apresentada expressa com bastante propriedade o alto grau de complexidade que envolve a natureza humana e os jogos sociais. Se, de um lado, o homem do subsolo rejeitava a lógica das classes dominantes da Rússia do século XIX – que tinha na figura do militar um representante típico –, de outro, ele sofria por compreender que a inteligência por si só não seria uma qualidade suficiente para fazê-lo respeitável aos olhos dos outros. Instaurava-se assim um conflito que o supliciava. A sua voz divergente só se faria ouvir caso os donos do poder a legitimassem. Mas como legitimá-la se ela se erguia justamente contra as classes influentes da Rússia? Ao que tudo indica a pretendida legitimação só aconteceria nos momentos em que seu discurso fosse refutado por seus interlocutores. Pois uma ideia retorquida equivale a uma clara manifestação de que, em alguma medida, um discurso gerou incômodo. No entanto, como dialogar com pessoas que não o reconheciam como um interlocutor qualificado em razão da sua aparência abjeta? A saída, talvez, estivesse na postura de tentar assimilar a aparência do outro, para assim questionar suas posições de uma

perspectiva mais próxima possível da realidade desse outro, ainda que essa ação fosse um inferno para o homem afeito ao universo do subsolo. Contudo, uma outra hipótese bastante plausível precisa ser levada em consideração: o homem do subsolo era antes de tudo um ser paradoxal. Portanto, essa característica também pode explicar os sentimentos de atração e repulsa que ele mantém em relação aos valores e modos das classes hegemônicas da Rússia do século XIX.

De volta à sala da casa de Símonov, lá se encontravam Fierfítchkin e Trudoliubov que em companhia do anfitrião davam seguimento aos planos para o jantar em homenagem a Ziverkóv. Durante longo tempo desprezaram a presença do homem do subsolo que chegara inesperadamente à residência do antigo colega de escola e ali topara com os preparativos para o referido tributo. Intrigado com a indiferença com que fora recebido, o narrador das memórias passou a observar a situação: “sentei-me, preso de certa angústia, e me pus a ouvir o que diziam” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 75). Após muito observar como os contemporâneos conduziam a ordenação do festejo e logo perceber como era sumariamente excluído da ação – mesmo tendo consciência que suas sucessivas arengas com o homenageado serviam como justificativa plausível para a situação – não tardou em intrometer-se no assunto, e, a contragosto de todos, forçar sua participação no evento.

Nem mesmo a argumentação seca de Trudoliubov de que o homem do subsolo nunca teve boas relações com Zvierkóv foi suficiente para demovê-lo do seu ímpeto de participar do jantar. Manteve a posição a despeito da insatisfação dos organizadores do evento, apesar do aumento gradual da irritação dos cavalheiros e mesmo depois de Fierfítchkin ser o mais explícito possível: “– Temos nosso grupinho de amigos – disse, irritado, Fierfítchkin, apanhando também o chapéu. – Não se trata de uma reunião oficial. Talvez nem queiramos sua companhia...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 79). Naquele momento, o inconveniente da insistência do homem do subsolo ao impor sua presença no jantar acabou por convertê-lo em um verdadeiro algoz dos aborrecidos colegas, que teriam de “engolir” sua irritante pessoa na celebração. Todavia, sua ação acabou por colocá-lo em uma situação, no mínimo, embaraçosa. Forçou sua

presença no jantar, mesmo sem saber ao certo como faria para conseguir os sete rublos para custear a sua parte nos gastos com o restaurante.

O homem do subsolo saiu da casa de Símonov irado com os colegas e com o patético da situação que, por sua pura insistência, acabara se envolvendo. Aventou a possibilidade de cancelar sua participação. Em primeiro lugar, porque desprezava aqueles homens e era claramente por eles desprezado também. Em segundo lugar, mas não menos importante, porque não dispunha dos recursos necessários para honrar sua parte nas despesas do jantar.

E havia um pretexto ponderável para não ir: estava sem dinheiro. Ao todo, tinha nove rublos guardados. Mas destes, era preciso dar sete no dia seguinte, como ordenado mensal, a meu criado Apolón, a quem eu pagava sete rublos sem comida.

Não os pagar era impossível, tendo em vista o gênio de Apolón. Mas deixarei para alguma outra ocasião falar deste canalha, desta minha úlcera.

Bem que eu sabia, porém, que não lhe pagaria o dinheiro e iria, sem falta, ao jantar. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 81).

Como sempre, suas finanças estavam limitadas e comprometidas com as obrigações cotidianas. Esse fato já deveria ser suficiente para afastá-lo do encontro com os colegas. Além disso, havia a despesa com o ordenado de Apolón, o criado, com quem mantinha uma relação conturbada e até certo ponto perversa, como veremos no decorrer da análise. Independente de todos os indícios evidentes que apontavam para a desistência da ideia de ir ao encontro no restaurante, nosso filósofo manteve-se irredutível em sua decisão de estar presente na homenagem. Contudo, na noite que antecedeu a reunião o homem do subsolo fez uma digressão temporal que o conduziu aos tempos de escola. Com isso, viu-se compelido a efetuar uma série de reflexões sobre os colegas e sobre si mesmo no referido período. Passou-lhe pela cabeça a sua condição de inadequado ao modelo social difundido na escola, o enorme fosso que o separava dos demais alunos, a angústia pelas constantes zombarias a que era submetido por parte dos colegas, o ódio acumulado contra os alunos, o profundo rancor que ele dispensava aos companheiros, e que esses lhe dedicavam também e a contraditória necessidade de ser aceito em um meio ao qual tanto desprezava.

Essas reflexões tiveram como desdobramento o resgate de um episódio importante para a construção do mosaico do mundo avesso de nosso personagem. Apesar de sua firme decisão de se afastar do convívio dos outros estudantes, mesmo depois de cessarem as zombarias e de se estabelecer uma relação fria e tensa, o filósofo do subsolo não resistiu, sentiu um desejo incontido de travar relações com outras pessoas e de, contrariando sua decisão anterior, fazer amigos. Vejamos a trajetória e as consequências de sua tentativa em estabelecer laços de amizades.

Por fim, eu mesmo não resisti: com a idade, aumentava a necessidade de privar com pessoas, de ter amigos. Tentei aproximar-me de alguns, mas nesta aproximação havia sempre algo pouco natural, e ela extinguiu-se por si. De uma feita, cheguei a ter um amigo. Mas, no íntimo, eu já era um déspota, e quis ter um domínio ilimitado sobre sua alma; quis infundir-lhe desprezo pelo ambiente que o cercava; exigi-lhe um rompimento altivo e total com aquele meio. Assustei-o com minha apaixonada amizade; fazia-o chegar às lágrimas, às convulsões; ele era uma alma ingênua, que se entregava; mas, quando se entregou a mim de todo, passei imediatamente a odiá-lo e repeli-lo como se ele me tivesse sido necessário apenas para que eu o vencesse, para que ele se submetesse a mim. Todavia, eu não podia vencer a todos; o meu amigo também não se parecia com nenhum deles e constituía a mais rara das exceções. A minha primeira tarefa, ao sair da escola, foi abandonar o serviço especial a que eu fora destinado, a fim de romper todos os liames, amaldiçoar o passado e cobri-lo de cinzas... (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 82 -83).

Desde a juventude o homem do subsolo sentiu a barreira da artificialidade que o separava dos outros indivíduos. Por mais que desejasse fazer amigos, sua condição de inadequado se manifestava claramente em seu comportamento pouco natural diante das outras pessoas. Nem mesmo a sinceridade de seu desejo foi suficiente para romper o círculo inoportuno da falta de fluência, simpatia e integração com os outros. Em meio ao tipo de relação que se desenvolvia na sociedade, nosso jovem sentia-se literalmente como alguém alijado do sistema de valores burguês que dominava a cena em sua realidade social. Mesmo quando ele conseguiu estabelecer um laço de amizade com um suposto amigo, este definitivamente não era alguém integrado à ordem social dominante. O próprio homem do subterrâneo fez questão de destacar que o seu amigo “constituía a mais rara das exceções” dentro daquele modelo social. Ou seja, o amigo a quem ele designava como uma “alma ingênua”, embora fizesse

parte do corpo discente da escola, não fazia parte do esquema geral que regia as relações sociais desenvolvidas naquele espaço.

Não por acaso, o único “amigo” que o homem do subsolo faz dentro do ambiente escolar foi alguém a quem ele conseguiu dominar com requinte de perversidade. Sua postura para com o amigo era de absoluta tirania. Se não chegava a dominá-lo fisicamente, dominava-lhe completamente o universo psicológico. Criou com este um vínculo de dependência tão intenso e doentio, a ponto de subjugar-lhe não só as ações como as vontades. Na medida em que a relação se desenvolvia, crescia seu assenhoreamento e domínio sobre o outro. Seu comportamento em relação a este outro é análogo ao de um conquistador bárbaro diante de uma cidade: primeiro lutava para invadi-la, vencidas as resistências exigia a submissão total do povo devassado, depois saqueava suas possíveis riquezas, para por fim partir deixando atrás de si apenas os rastros da destruição. Esse procedimento deixa claro que até mesmo quando nosso filósofo sentia a necessidade de desfrutar da presença de outras pessoas, isso se dava da maneira não convencional. Seu modo de encarar a vida era tão particular, que a forma possível de mediação de sua existência com as convenções sociais era através da manifestação da repulsa a tudo que fosse caro ao âmbito da sociedade, incluindo-se aí a noção de amizade.

Um homem doente, mau e desagradável como nosso filósofo, justamente por se sentir atormentado pela inadequação ao modo de vida das pessoas consideradas diretas e de ação – aquelas que pautavam suas existências segundo os parâmetros da razão positivista – não poderia de modo algum desenvolver uma relação de companheirismo ou camaradagem com quem quer que fosse, sem deixar aflorar o aspecto subterrâneo de seu caráter. Por isso, a maneira como subjugou o suposto amigo, manipulando-o, usando-o, determinando como deveria sentir, pensar e agir deve ser entendida como a expressão do comportamento de um sujeito que operava dentro da lógica de uma razão divergente, até certo ponto perversa e afeita ao utilitarismo. O que importava efetivamente para o homem do subsolo era marcar sua diferença em relação à razão positivista das classes dominantes da Rússia do século XIX,

mesmo que para isso fosse necessário sujeitar outra pessoa aos seus caprichos, para logo em seguida desprezá-la exatamente em função da devoção demonstrada por ela.

Sobre a relação perversa mantida entre o homem do subsolo e o “amigo” de escola resta desenvolver ainda uma questão relevante. Toda a dominação imposta através da “amizade” só foi possível acontecer porque, assim como ele, o “amigo” também era alguém que estava fora do jogo social desenvolvido pelos outros jovens da escola. A esses o narrador das memórias sabia que não poderia dominar, no máximo, atormentar-lhes a vida com o inconveniente de sua presença e ações. Já ao estudante de “alma ingênua” era possível inspirar confiança, para em seguida dominar completamente seu querer, sagrando-se vencedor, pelo menos, em relação àquela pessoa de exceção. Dessa relação advém o sentido de sua afirmação: “todavia, eu não podia vencer a todos; o meu amigo também não se parecia com nenhum deles e constituía a mais rara das exceções.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 83).

Ao mesmo tempo em que nosso filósofo impunha sofrimento, medo e terror ao “amigo” da escola, ele também se via frente a uma situação que lhe causava profundo desgosto e angústia. Diante dos colegas por ele tantas vezes recriminados e odiados, o homem do subsolo se sentia vulnerável pela sua incapacidade de despertar em qualquer um deles sentimentos como os de respeito ou admiração. Mesmo depois de se ver livre da convivência forçada dos tempos estudantis e decidir: “romper todos os liames, amaldiçoar o passado e cobri-lo de cinza...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 83), sempre que, por alguma razão, se via diante de algum dos antigos colegas, seu comportamento era de rancor misturado com uma dose de desorientação. Nunca sabia bem como se portar ou agir. Por mais que renegasse tudo o que eles representavam do ponto de vista social – talvez exatamente por isso – experimentava sempre uma sensação de desconforto e estranhamento ao ser confrontado com eles. Dirigia-lhes críticas amargas, mas contraditoriamente, desejava despertar em cada um deles consideração e apreço. Esse fato nos leva a acreditar que o alardeado ódio que o homem do subsolo dizia sentir pelos colegas deve ser compreendido como a

força motriz que ainda o ligava à realidade existente fora de seu subsolo. Para ele, estar em contato com tal realidade era de suma importância, pois, ao se colocar em contraposição aos outros, compreendia melhor quem ele mesmo era. Ainda que para isso tivesse de pagar o preço de se sentir açoitado social e moralmente pelos antigos colegas – que no passado ou no presente – continuavam a ser, simultaneamente, os cruéis torturadores de nosso filósofo e, ao mesmo tempo, os legitimadores de sua identidade.

Apesar de ter anunciado que o fim do período escolar marcaria a sua ruptura com os valores e pessoas daquele mundo, mesmo tendo excomungado o passado, o homem do subsolo não conseguia – talvez não quisesse mesmo – se desvencilhar dele, pois assim manteria nutrido o rancor que o movia. Com a entrada na vida adulta, fora da escola, ele tinha tudo para lançar a definitiva pá de cal em tudo que vivera e romper com todas as pessoas com as quais havia se relacionado até então. Essa seria uma maneira contundente de deixar as coisas velhas para trás. Entretanto, não agiu assim, e, de tempos em tempos, submetia-se às experiências mais degradantes frente aos indivíduos que tanto odiava. A decisão, no mínimo desastrada, de forçar sua ida ao jantar em homenagem a Zvierkóv é um ótimo exemplo de como nosso filósofo permitia-se aviltar só para ter o prazer masoquista de incomodar.

O rosário de humilhações vivido durante o jantar teve início com a chegada antecipada do homem do subsolo ao restaurante. Os demais participantes da reunião mudaram o horário de início da reunião de dezessete para as dezoito horas sem lhe comunicar. O convidado indesejado chegou as dezessete e vinte e cinco, sem que nem ao menos o local destinado ao encontro estivesse reservado, tampouco encontrou a mesa arrumada. Depois de muito insistir com os funcionários do estabelecimento, foi que tomou conhecimento da mudança do horário, tendo permanecido sozinho no local até que o grupo chegasse, por volta das dezoito horas. Ninguém apresentou qualquer explicação ou pedido de desculpas. Porém, sentira-se tão oprimido pelas pessoas e pelo ambiente do restaurante durante o tempo da solitária espera que ao ver os convivas chegarem refletiu: “quando eles apareceram todos juntos, eu, no primeiro momento, alegrei-

me com sua presença, como se fossem não sei que espécie de libertadores, e quase me esqueci que devia parecer ofendido.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 86).

O peso da espera solitária e a constante sensação de deslocamento em relação aos outros fizeram o homem do subsolo alegrar-se, por um breve momento, com a chegada do grupo de colegas ao local marcado para o encontro. No entanto, a sensação de alívio sentida com a presença de Ziverkóv e companhia cederia lugar rapidamente à indignação por ter ficado só e por não ter sido informado previamente da mudança de horário da reunião. Não tardou para que se sentisse melindrado com os sucessivos questionamentos sobre sua vida. O homenageado da noite através das insistentes perguntas visava expor a situação de penúria em que se encontrava nosso filósofo. Cada pergunta feita sobre a repartição onde trabalhava, sobre a remuneração que recebia ou a simples constatação de que havia emagrecido muito, desde a última vez que haviam se visto, era entrecortada por comentários maldosos ou colocações grosseiras dos outros colegas. Quanto mais a noite avançava, mais avançavam também as ofensas, multiplicando-se os diálogos das humilhações, fazendo nosso filósofo ponderar: “Meu Deus, será isto companhia para mim?!, pensava. E que imbecil me mostrei diante deles! Permiti que Fierfitchkin me ofendesse demais. [...] Vou-me embora neste instante!...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 90). Naturalmente, permaneceu na mesa e continuou em sua jornada rumo à multiplicação do rebaixamento e do desprezo.

Todos os momentos de silêncio e reflexão do homem do subsolo o instavam a deixar o restaurante e a companhia daqueles homens a fim de não ser aniquilado moralmente. Entretanto, sua opção pela permanência deixava patente o caráter ambíguo de suas práticas. Ele tinha o pleno entendimento de que ficar significaria ser enxovalhado até o limite da honra, mesmo assim aceitava continuar. Talvez, nutrisse a esperança de dobrar o ânimo daqueles camaradas, para que compreendessem o seu inestimável valor escondido sob suas vestimentas rotas, de seu salário medíocre e de sua aparência repugnante. Sucessivos copos de bebida somados ao ódio pelos colegas serviam de

combustível para a movimentação da máquina de experiências abjetas em que ele havia se transformado.

Por falar em bebida, quando o jantar chegou à etapa dos brindes de felicitações e discursos calorosos em honra do homenageado, Trudoliubov inaugurou os tributos. Fez um brinde desejando saúde e uma viagem proveitosa para Zvierkóv, tendo sido acompanhado pelos outros participantes, com exceção do homem do subsolo que se manteve calado, não tocando sequer no copo para acompanhar o ato efusivo dos outros. O mal estar gerado pela situação tornou-se momento propício para o homem do subsolo pronunciar um corrosivo discurso, obviamente hostilizado pelos demais presentes.

– Eu quero pronunciar meu próprio *speech* separadamente... e então beberei, sr. Trudoliubov.

– O nojo que dá este rabugento! – resmoneou Símonov.

Endireitei-me na cadeira e apanhei a taça. Estava febril e preparava-me para algo extraordinário, mas eu próprio ainda não sabia bem o que dizer.

– *Silence!* – gritou Fierfitchkin. – Aí vem coisa inteligente!

Zvierkóv aguardava, muito sério, compreendendo do que se tratava.

– Sr. Tenente Zvierkóv – comecei –, saiba que detesto as frases, os fraseadores e as cinturas apertadas...Este é o primeiro ponto, e agora vem o segundo. – Todos ficaram muito agitados. – Ponto número dois: detesto a bajulação e os bajuladores. Sobretudo os bajuladores! Ponto número três: amo a verdade, a franqueza e a honradez – prossegui quase maquinalmente, porque eu mesmo estava ficando gelado de horror, não compreendendo como ousava falar daquele modo... – Amo o pensamento, *Monsieur* Zvierkóv; amo a camaradagem de verdade, de igual para igual, e não... hum... Amo... Aliás, por que não? Eu também vou beber à sua saúde, *Monsieur* Zvierkóv. Seduza circassianas, atire nos inimigos da pátria e... e... À sua saúde, *Monsieur* Zvierkóv!

Zvierkóv levantou-se da cadeira, inclinou-se em minha direção e disse:

– Fico muito grato.

Estava terrivelmente ofendido e até empalidecera.

– Com os diabos! – urrou Trudoliubov, batendo na mesa com o punho.

– Não, merece que lhe quebrem a cara! – ganiu Fierfitchkin.

É preciso expulsá-lo daqui! – resmungou Símonov. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 91 – 92).

Tudo indicava que finalmente tinha chegado o momento do confronto definitivo com aqueles homens. Enquanto os outros brindavam à saúde do tenente, o homem do subsolo erguia seu brinde como quem desembainhava a espada que rasgaria o véu da hipocrisia, revelando as relações espúrias mantidas entre aqueles indivíduos. Apesar de ironizado pelos outros participantes, nosso filósofo não se deteve, seguiu pronunciando seu discurso exaltado contra a

artificialidade dos gestos e falas dos homens tidos como civilizados, personificados na figura de Zvierkóv. Além disso, ousou atacar a subserviência dos que se supunham camaradas entre si, expondo o ridículo do servilismo de suas ações que, invariavelmente, apresentavam-se disfarçadas com as máscaras do respeito e da cordialidade.

De uma só vez, o homem do subsolo atacou a aparência de dignidade que encobria a sordidez de suas práticas e a suposta independência das suas ideias. Para ele, aquela mentalidade não passava de uma falácia, visto que praticamente todos – dentro daquele modelo social – estavam atados a preceitos considerados justos, mas que careciam de ser questionados. Nosso filósofo não se esquivou de relativizar a probidade de tais preceitos e expôs a carga contraditória existente, por exemplo, na atitude belicista de exterminar o “inimigo” ou na ação de seduzir as moças. Se, dentro da lógica positivista, a tarefa militar de destruir o opositor era vista como um ato heroico, na perspectiva cáustica e dissonante de nosso filósofo ela pode ser encarada como um grande absurdo. Afinal de contas, qual o sentido humano mais profundo que justifique as guerras? Alguns poderiam responder que elas são feitas em nome das causas. Aliás, todo combatente está sempre a serviço de uma causa, muito embora ele mesmo não seja a “causa” de coisa alguma. Via de regra, os militares são adestrados para odiarem os “inimigos” mesmo que esses sejam completos desconhecidos ou outrora vizinhos com quem se partilhava o pão. Mas, o fundamental mesmo é matar em nome da pátria, não importando a (des)razão. Já a questão da sedução das mulheres era apenas parte do jogo social pactuado entre os homens diretos e de ação. Entre eles considerava-se perfeitamente lícito e até prestigioso agir assim, independente de essa prática conduzir muitas mulheres à situação de desonra moral. Por isso, quando nosso filósofo ordenava a Zvierkóv que seduzisse as circassianas, ele o fazia não porque, necessariamente, concordasse com tal procedimento, mas com o intuito de expor a estupidez da ação que transformava as mulheres em simples objetos de manipulação.

É evidente que um discurso duro e inflamado como aquele suscitaria reações na mesma proporção. Zvierkóv num misto de perplexidade e afronta

tentou manter a pose de falsa cordialidade com a finalidade de diminuir o impacto das palavras do homem do subsolo. Os outros comensais menos prudentes e mais açodados partiram para as ofensas pessoais e já estavam dispostos a responder as provocações do convidado indesejado através da execração pública ou da luta corporal. Foram impedidos pelo oficial que retrucou dizendo: “– Nem uma palavra, senhores, nem um gesto! – gritou solenemente Zvierkóv, reprimindo a indignação geral”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 92). Através do brado o militar recobrou, de certa maneira, o equilíbrio da situação procurando esperar o momento apropriado para desqualificar completamente aquele sujeito ignóbil, o qual causava tanto embaraço aos amigos ali reunidos. A retomada do discurso aparentemente conciliatório dava o tom de sua estratégia: “agradeço a todos, mas eu mesmo saberei demonstrar-lhe como aprecio as suas palavras”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 93).

A atitude inesperada do militar confundiu até mesmo o homem do subsolo, que passou a fazer várias conjecturas sobre a melhor posição a tomar diante dos fatos. Primeiro imaginou-se jogando uma garrafa de bebida contra todos eles, não o fez. Depois, pensou na satisfação que propiciaria aos cavalheiros em retirar-se do recinto, também não agiu assim. Optou obstinadamente por impor sua presença com o objetivo de enfatizar seu livre arbítrio em relação à razão daqueles sujeitos. Entendia que ao proceder dessa forma, conseguiria marcar mais firmemente sua posição de suposta indiferença em relação aos outros: “permanecerei sentado, bebendo, porque os considero uns peões de xadrez, uns peões inexistentes”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 93). A indiferença é apenas suposta porque se, de fato, nosso filósofo fosse indiferente aos antigos colegas, nem se daria ao trabalho de se convidar para o jantar. Tampouco suas ações o abalariam tanto a ponto de, mesmo supliciado, permanecer na companhia daqueles indivíduos.

Os ânimos haviam definitivamente azedado entre o homem do subsolo e os colegas. Mesmo assim, ele buscava insistentemente ser aceito e reconhecido pelo grupo: “assumia as atitudes mais independentes e esperava com impaciência que eles fossem os *primeiros* a dirigir-me a palavra. Infelizmente, eles

não começaram. E como eu gostaria [...] de fazer com eles as pazes nesse momento”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 93). Com essa reflexão tem início a transição de uma postura duramente crítica para uma posição contraditoriamente leniente em relação àquelas pessoas. O homem do subsolo, mais do que suavizar sua postura, atira-se num caudal de questionamentos que o fazem naufragar no desejo de ser aceito e reconhecido pelos outros.

Eles se transferiram para o divã. Zvierkóv estendeu-se, colocando o pé sobre uma mesinha redonda. O vinho foi transportado para lá. [...] Naturalmente, não fui convidado. Todos se sentaram à sua volta, no divã. Ouviam-no quase com veneração. Via-se que gostavam dele. “Por quê? Por quê?”, pensei no íntimo”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 93 – 94)

A saída dos quatro amigos para a degustação de vinho no divã, sem que ninguém estendesse o convite ao filósofo do subsolo, soou-lhe como uma seta em seu peito. Pior ainda, eles não só desconsideraram a sua presença, como também se fixaram de tal forma nos assuntos tratados por Zvierkóv, que pareciam enfeitiçados pela grandiloquência do oficial. Este, por sua vez, refestelava-se no divã, seguramente satisfeito com o magnetismo exercido sobre os demais. O homem do subsolo não conseguia compreender como um indivíduo tão medíocre, segundo sua concepção, era capaz de despertar tamanha admiração. Enquanto isso, ele que se via tão inteligente e profundo era categoricamente desprezado. Sem encontrar resposta para sua indagação, nosso filósofo lança-se nas águas profundas da abjeção e passa a zanzar de um lado para o outro no salão do restaurante, com objetivo de mostrar que era possível dispensar a companhia e a aceitação daquele bando. É evidente que seu ato não deu certo, e, ainda o expôs ao vexame de ter ser portado como uma criatura ridícula durante três horas consecutivas.

Tive a pachorra de ficar andando assim, bem diante deles, das oito às onze, sempre no mesmo lugar, da mesa à lareira e da lareira de volta à mesa. [...] Nessas três horas, três vezes fiquei suado e três vezes tornei a ficar enxuto. De quando em quando cravava-se em mim, com dor profunda, venenosa, um pensamento: passariam dez, vinte, quarenta anos, e eu, mesmo decorridos quarenta anos, haveria de lembrar com humilhação e repugnância estes momentos, os mais imundos, ridículos e terríveis de toda a minha vida. Era impossível rebaixar-me de modo mais desonesto e deliberado. Eu compreendia isto perfeitamente, mas assim mesmo continuava a caminhar da mesa à lareira e vice-versa. Oh, se ao menos soubessem de que sentimentos e idéias sou capaz e

como sou culto! Pensava por instantes, dirigindo-me, mentalmente, ao divã, onde estavam sentados os meus inimigos. Mas os meus inimigos comportavam-se como se eu nem estivesse na sala”. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 94 – 95).

A ação apresentada pode ser desmembrada em dois planos distintos. O primeiro trata-se do plano dos fatos concretos: a situação quase ensandecida em que nosso filósofo se envolve, a partir de seu comportamento inesperado de caminhar obsessivamente por três longas horas, apenas para marcar sua desejada posição de prescindir da aceitação dos outros. No entanto, enquanto ele caminhava com fúria, os “colegas” dedicavam-lhe o maior dos desprezos, transformando, assim, sua atitude em um protesto vazio e de eficácia duvidosa. Isso nos leva a relativizar o seu intento de renunciar da aquiescência dos outros. O segundo plano refere-se ao universo do pensamento e da reflexão: quanto mais o homem do subsolo se aprofundava nas atitudes ignóbeis, mais caía em si de que nenhum tempo seria suficiente para apagar as marcas do rebaixamento moral ao qual, voluntariamente, se submetia. Apesar de compreender bem que cada passo dado entre a mesa e a lareira o conduzia diretamente para o labirinto da solidão e do abandono, o filósofo do subsolo alentava em seu arroubo a tênue esperança de se fazer conhecer de modo profundo pelos outros. Entretanto, a realidade da experiência concreta chocava-se com essa pretensão, impondo-lhe o duro grilhão do descaso daqueles de quem queria, paradoxalmente, angariar o respeito e a simpatia.

Quanto mais o tempo passava, mais a situação tornava-se patética. Insistir na caminhada do nada para lugar nenhum era apenas prolongar o martírio. O homem do subsolo enveredava pelo caminho da angústia e do tormento de se descobrir a partir do olhar dos outros. Estes “outros” exerciam deliberadamente um poder de coação sobre nosso filósofo porque o impeliam a esquadrihar o mais profundo do seu eu. Isso, necessariamente, propiciava o entendimento da sua total inadequação em relação ao mundo dos considerados “homens diretos e de ação”. Sendo assim, era preciso interromper o ciclo da dor, independente do preço a ser pago:

Achava-me a tal ponto atormentado, a tal ponto ferido, que precisava terminar tudo, nem que tivesse de me apunhalar! Estava febril; os cabelos, molhados de suor, grudaram-se à minha testa e às têmporas.
 – Zvierkóv! Peço-lhe perdão – disse, decidida e abruptamente. – E ao senhor também, Fierfitchkin; a todos, a todos, eu ofendi a todos!
 [...] – Está simplesmente se divertindo – observou Símonov.
 – Ele perdeu a tramontana! – replicou Trudoliubov.
 – Mas deixe-me passar, por que se atravessou no caminho?!... Ora, o que deseja? – replicou desdenhosamente Zvierkóv.
 Estavam todos vermelhos; brilhavam-lhes os olhos: haviam bebido muito.
 – Peço-lhe a sua amizade, Zvierkóv, eu o ofendi, mas...
 – Ofendeu? O senh-or! A mi-im! Saiba prezado senhor, que nunca nem em circunstância alguma o senhor me pode ofender!
 – E basta da sua presença, fora daqui! – reforçou Trudoliubov. – Vamos! (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 95 – 96).

A tentativa de interrupção da dor foi manifestada da maneira mais humilhante que se poderia imaginar. Para sair da roda viva na qual havia se lançado, o homem do subsolo decidiu passar por cima de seu orgulho, buscando a reconciliação com Zvierkóv e os demais colegas. Nem mesmo os próprios colegas compreenderam a atitude de nosso filósofo: primeiro acharam que ele estava tentando fazer graça agindo ironicamente, depois consideraram que ele havia perdido o juízo. Nenhum deles foi capaz de perceber que a procura de se desculpar pela sucessão de afrontas por ele cometidas se constituía como uma medida de alguém que se encontrava completamente obcecado pela ideia de ser aceito no grupo. Embora seja difícil pontuar o momento do jantar que mais revele a carga contraditória do caráter do homem do subterrâneo, o episódio em questão, certamente, figura entre aqueles em que a busca de reconhecimento chegou ao ponto mais alto de sua ultrajante condição servil.

Apesar de ter criado uma sucessão de constrangimentos durante o jantar, o mais enxovalhado e ofendido no transcorrer da ceia foi o próprio homem do subsolo. A começar pela sua atitude em buscar reconciliação com indivíduos que jamais nutriram qualquer sentimento sincero de amizade por ele e vice-versa. Como reatar laços com quem nunca se estabeleceu concretamente qualquer tipo de aliança? Ou seja, a obstinação em ser aceito e respeitado pelos outros acabou se transformando no seu verdadeiro inferno moral. A insistência do homem do subsolo em submeter a afirmação de sua identidade ao crivo dos outros revelou-se como uma decisão desastrosa – embora saibamos que o olhar do outro é

fundamental para a formação de nossa identidade. Isso se evidencia, por exemplo, quando ele se aproxima de Zvierkóv e pede perdão por tê-lo ofendido. Independente do mal-estar por ele causado ao oficial e seus companheiros, estes, em momento algum, chegaram de fato a ser moralmente rebaixados por suas ações. Primeiro, porque eles incorporavam de maneira plena o papel de representantes do modelo social aristocrático, – e isso fazia com que, acima de tudo, prezassem pela aparência de civilidade e ordem, independente da situação. Segundo, porque mesmo nos momentos de maior exasperação, eles não se permitiam extrapolar os limites da cordialidade recomendável aos cavalheiros do século XIX.

Desta maneira, além de o homem do subsolo ter pago um preço muito elevado para extravasar o seu apelo desesperado por aceitação, ele também fez uma avaliação bastante errônea da sua condição em relação aos outros. Quando nosso filósofo se aproxima de Zvierkóv suplicando amizade e tentando se retratar das possíveis ofensas cometidas é que compreende mais profundamente como a sua condição social em relação àqueles homens era desfavorável. Ele nunca estivera em pé de igualdade com os colegas de infância, porque desde sempre operava fora da lógica positivista que regia as práticas e ações dos outros. Esse fato, por si só, o tornava incapaz de atingir a susceptibilidade dos “amigos”, uma vez que eles o enxergavam como parte da escória da sociedade. Por isso, o verdadeiro humilhado e ofendido era sempre o homem do subterrâneo. A atitude de Zvierkóv ao desdenhar de suas desculpas expõe claramente isso. Ao afirmar que jamais o homem do subsolo poderia ofendê-lo, o oficial não só lança mão da prática do alheamento moral, como também o desqualifica socialmente, legitimando sua condição de pária diante do mundo aristocratizado da Rússia do século XIX.

Apesar de ser tão duramente menosprezado pelos “colegas”, ao que tudo indica, a necessidade de autoafirmação diante dos outros era maior do que a experiência da dor. É importante lembrar que o sofrimento experimentado pelo homem do subsolo era muito intenso, não apenas por causa da aridez dos fatos, mas também porque ele era deflagrado por si mesmo e por pessoas que

aceitavam de maneira irrestrita o determinismo racional tão firmemente combatido e rejeitado por nosso filósofo. As questões apresentadas ajudam a compreender melhor a constituição contraditória do seu ser, que ora declara guerra a quem finge tolerá-lo, ora clama pela aceitação dos seus inimigos como a mais abjeta das criaturas.

O comportamento contraditório do homem do subsolo, em muitos momentos, o expôs às mais variadas experiências nocivas. Entretanto, em algumas situações ele passou de vítima à protagonista de ações que impunham dor e sofrimentos a outros. É o caso – já parcialmente analisado no capítulo I deste trabalho – do seu encontro com a jovem prostituta Liza. Como vimos, houve dois encontros distintos entre o narrador personagem e a jovem: o primeiro no prostíbulo e o segundo no subsolo. Na primeira circunstância, apesar de o homem do subsolo ocupar o papel principal com seu discurso sobre regeneração, Liza, de certa forma, acabou desempenhando a função de seu algoz, em razão de representar ainda que discretamente, o lugar de fora da ordem social do filósofo do subterrâneo. Já no segundo encontro, o homem do subsolo personifica o inferno do mundo psicológico de Liza, através da agressividade discursiva com a qual destrói as expectativas de mudanças dos rumos de sua vida.

Ao recapitularmos o encontro na casa de tolerância, imediatamente, vem à tona o jogo perverso de manipulação e convencimento que lá se desenvolveu. Embora o referido jogo tenha ocupado o centro da cena, outro acontecimento mais sutil também adquiriu importância. Tratava-se do alcance do discurso de convencimento que era dirigido inicialmente à Liza, mas que também se destinava ao próprio homem do subsolo, uma vez que a imagem da jovem funcionava como um espelho que refletia o destino dos apartados – por opção ou pelas circunstâncias – da ordem social positivista. Ao apresentar a trajetória de degradação da moça, nosso filósofo também enxergava o circuito de abjeções ao qual sua própria existência estava ligada. A exortação para que a jovem abandonasse a prostituição funcionava simultaneamente como um apelo a si mesmo. O seu comportamento antagônico o fazia vislumbrar também uma outra vida, livre do subsolo e perfeitamente integrada às práticas dos “homens diretos e

de ação” de seu tempo: “é bom viver no mundo, ainda que se viva seja lá como for. E aqui, o que se tem, além de... mau cheiro? [...] não argumentava mais friamente. Eu mesmo começava a sentir aquilo que dizia, e me agitava.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 107). O discurso do homem do subsolo ao mesmo tempo em que era dirigido a Liza, era também dirigido a si mesmo. Por alguns momentos sua argumentação deixava de ser meticulosamente calculada, para se converter em um apelo à aspiração por uma vida diferente daquela vivida no subsolo ou no prostíbulo. Isso confirma o caráter conflituoso desta personagem e a maestria com que Dostoiévski construiu discursivamente um jogo de espelhos, que extrapola a relação do homem do subsolo com os outros personagens e se instala na consciência dos leitores, levando-os a refletir sobre suas próprias contradições e tormentos.

Em *Memórias do Subsolo* a palavra do outro vai se revelar como um elemento fundamental, tanto para a pacificação dos indivíduos quanto para seu tormento. O extenso diálogo travado entre o homem do subsolo e Liza, que tem início na casa de tolerância e depois continua na residência de nosso filósofo, nos ajuda a compreender a dimensão desta afirmação. Vejamos um episódio do referido diálogo, no momento em que nosso filósofo está prestes a partir do prostíbulo:

– E agora eu vou embora, adeus... até logo. [...]
– Espere – disse ela de súbito, já junto à porta da rua, segurando-me o capote para me deter; depôs às pressas a vela e saiu correndo...
[...] ela voltou um instante depois, com um olhar que parecia pedir perdão. Não era mais o mesmo semblante, o mesmo olhar – sombrio, desconfiado, obstinado. Agora tinha um olhar súplice, suave e, ao mesmo tempo, confiante, carinhoso, tímido. Assim olham as crianças para aqueles a quem muito amam e a quem pedem algo. [...]
Sem me explicar nada, como se eu, na qualidade de criatura superior, devesse saber tudo sem explicações, estendeu-me um papelzinho. [...] Desdobrei-o. Era a carta que lhe dirigia certo estudante de medicina ou coisa parecida, uma declaração de amor, grandiloquente e muito floreada, mas extremamente respeitosa. [...] transparecia um sentimento sincero, que não se poderia fingir. [...]
Pobrezinha, guardava a carta daquele estudante como uma preciosidade, e corra para apanhar aquele seu único tesouro, não querendo deixar-me partir sem ficar sabendo que ela também era amada, honesta e sinceramente, que também lhe falavam com respeito. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 120 – 121).

Antes de partir em direção a sua casa, o homem do subsolo havia conseguido derrubar todas as barreiras de resistência e desconfiança de Liza. Seu discurso de regeneração encontrara eco na mente e coração da jovem, que diante de argumentações tão convincentes acabou depositando toda sua confiança nas palavras proferidas por aquele estranho. A confiança foi tamanha que a moça mostrou-lhe aquilo que talvez fosse seu único e mais precioso tesouro. Se a ação da jovem não chega a surpreender nosso filósofo, pelo menos aguça a sua vaidade, pois faz com que ele se sinta alçado à condição de sábio. Esta situação, além de lhe assegurar um prazer imenso, acabou funcionando, ainda que indiretamente, como um desagravo às humilhações sofridas na noite anterior, durante o jantar com os colegas. Sem dúvida o discurso do homem do subsolo envolvia completamente a jovem, ao ponto dela confiar-lhe o que possuía de mais importante. Mas, assim como as suas palavras foram fundamentais para que Liza nutrisse alguma esperança diante da vida, o discurso e os gestos da moça, pelo menos naquele momento, também foram muito importantes no processo de remissão da dor de ter sido enxovalhado. O homem do subsolo, durante este primeiro encontro com Liza, acabou assumindo a posição de conselheiro, o que o fez sentir-se respeitado e amado.

Em Liza, pelo menos inicialmente, a palavra do outro também vai infundir esperança. Tanto a carta do estudante quanto as admoestações do homem do subsolo, durante o diálogo no prostíbulo, fizeram com que a jovem se reencontrasse com sentimentos que pareciam adormecidos ou embotados em razão das dificuldades da vida. As palavras do estudante eram guardadas como se fossem sua mais preciosa joia. Elas se constituíam numa espécie de atestado de idoneidade moral para a moça dentro daquele ambiente degradante. Na escuridão do prostíbulo, a epístola do apaixonado estudante era, talvez, um último facho de luz que a ajudava resistir ali. Ao ser confrontada pelo discurso do homem do subsolo, um outro fio de esperança parecia ter se acendido, tudo concorria para que Liza assumisse uma outra postura diante da existência. De um momento para o outro, sua vida se enchera de novas possibilidades como se fosse sacudida por um vento forte e refrescante que chegou para afastar as nuvens que encobriam sua existência, dando-lhe um novo ânimo para viver.

Se o primeiro encontro entre nossas personagens foi marcado pelo signo da esperança – apesar de uma semente perversa ter sido lançada ali pelo homem do subsolo –, o segundo estava condenado ao tormento. Voluntária ou involuntariamente o diálogo mantido entre nosso filósofo e Liza na casa deste, se configurou como um momento de desmascaramento, desilusão e dor. Exatamente quando o homem do subsolo encontrava-se aliviado, achando que a jovem prostituta não o procuraria mais – não nos esqueçamos que ele havia dado seu endereço a moça e recomendado que ela fosse até lá – foi que ela chegou à sua residência, talvez, no pior momento possível. Ele estava envolto em uma ferrenha discussão com seu criado Apolón, a quem odiava profundamente, e encontrava-se em trajes rotos, completamente descompensado do ponto de vista emocional e físico. Em nada sua medíocre figura lembrava a imagem heroica do estranho que havia enchido o coração da jovem de esperança.

Achava-me em pé diante dela, abatido, humilhado, repulsivamente envergonhado e, ao que parece, sorria, procurando com todas as forças cobrir-me com as abas do meu roupãozinho de algodão, puído... [...] – Sente-se – disse eu maquinalmente, pondo para ela uma cadeira junto à mesa e sentando-me no divã. Obedeceu-me no mesmo instante, dirigindo para mim os olhos bem abertos e, provavelmente, esperando que eu fizesse algo. Aquela ingenuidade foi justamente o que me enfureceu, mas contive-me. [...] E senti confusamente que ela haveria de me pagar caro por tudo aquilo. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 133 – 134).

Apesar de nosso filósofo ter sido surpreendido pela chegada inesperada de Liza, provavelmente, foi ela quem mais se surpreendeu com a situação encontrada. Mesmo assim, ainda tomada por seu enlevo de reafirmar a possibilidade de uma outra vida para si, insistia em esperar que alguma explicação convincente pudesse esclarecer a confusão daquele cenário. Essa postura da jovem em nada contribuiu para arrefecer o ânimo exaltado do homem do subsolo que se viu mais acossado ainda depois de sua chegada. Em certo sentido, a ingenuidade de Liza acabou funcionando como o sinal de alerta de que a máscara de herói e salvador de nosso filósofo começava a cair. Esse fato converteu-se no ponto de partida para a construção de um discurso perverso que precipitaria a vida de ambos, pelo menos durante o tempo de duração do diálogo,

em um verdadeiro inferno. Mesmo depois de encerrada a conversa que se seguiu após a chegada de Liza, seguramente, aquele dia ficou irreversivelmente tatuado na memória de ambos. Mas, voltemos ao diálogo:

– Eu não vim estorvá-lo? – insinuou com timidez, quase imperceptivelmente, e começou a levantar-se.

Mas apenas vi esta primeira explosão de dignidade ofendida, fiquei trêmulo de furor e imediatamente perdi a contenção.

– Diga-me, por favor, para que veio a minha casa? – comecei perdendo o fôlego e até mesmo sem atentar para a ordem lógica das minhas palavras. Eu queria dizer tudo de uma vez, numa rajada; nem me preocupou sequer saber por onde começar. – Por que você veio? Responda! Responda! Exclamava, quase perdendo a consciência de mim mesmo. – Vou dizer-lhe, mãezinha, para que veio aqui. Veio porque eu disse então palavras piedosas. Pois bem, você ficou enternecida com elas, e agora quis ouvir de novo “palavras piedosas”. Pois saiba, saiba de uma vez, que eu então estava rindo de você. E agora também rio. Por que está tremendo? Sim, eu ria! Eu tinha sido ofendido, ao jantar, pelos que estiveram naquela casa antes de mim. [...] tinha que desabafar sobre alguém o meu despeito, tomar o que era meu; apareceu você, e eu descarreguei sobre você todo meu rancor, zombei de você. Humilharam-me, e eu também queria humilhar; amassaram-me como um trapo, eu também quis mostrar que podia mandar... Eis o que aconteceu; e você pensou que eu fui lá de propósito para salvá-la, não? Você pensou isto? Você pensou isto? (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 137).

Nem mesmo a altivez de seus modos foi suficiente para livrá-la da verdadeira avalanche que se precipitara sobre sua cabeça. Liza sequer dimensionava o tamanho do golpe que começava a ser desferido contra ela. O discurso do homem do subsolo foi, gradualmente, do tom mais formal e distante possível até converter-se em uma violenta metralhadora cujo alvo preferencial era a jovem prostituta. Cada palavra pronunciada pelo filósofo do subsolo era como se uma faca afiada cortasse o peito da jovem, que atônita escutava a tudo, mas, no íntimo, não queria acreditar em nada. Contudo, era impossível se desviar do feroz ataque proferido pelo cruel discurso daquele homem que, anteriormente, lhe despertara arroubos de esperança. Violência, opressão e opróbrio eram destilados a cada enunciado pronunciado pelo rancoroso homem do subsolo que tinha sede de vingança, não se importando contra quem seus sentimentos se dirigiriam. Liza até “quis dizer algo, [...] mas caiu sobre a cadeira, como que decepada a machado.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 137 -138). Não havia jeito de se desvencilhar do tormento daquele discurso que cada vez mais a esmagava, sem qualquer compaixão ou senso humanitário.

A continuidade do discurso do homem do subsolo vai, mais uma vez, apresentar toda a contradição do seu caráter. Recorrentemente, ele oscilava entre o desejo de ser absorvido pela ordem social vigente e a repulsa por todos e tudo que de alguma maneira aludisse a ela. No entanto, além da referida contradição, o discurso pronunciado, durante este segundo e definitivo encontro com Liza, possibilitou a ela e a nós leitores também conhecermos as fragilidades existentes por detrás das palavras do filósofo do subterrâneo.

Bem, quanto a mim, sei que sou um canalha, um patife, um egoísta, um preguiçoso. Nestes três dias, tremi de medo que você viesse. E sabe o que me inquietou, de modo particular, em todos estes dias? Foi que então eu me apresentei tão heróico diante de você, e de repente você me veria indigente, repulsivo, com este roupãozinho esfrangalhado. [...] Mas será possível que até agora você não tenha compreendido que eu nunca lhe perdoarei o fato de me ter encontrado com este roupãozinho, quando eu me lançava sobre Apolón, como um cachorrinho raivoso? [...] E nunca desculparei também a você as lágrimas de há pouco, que não pude conter, como uma mulher envergonhada! E também nunca desculparei a você as confissões que estou lhe fazendo agora! [...] Uma pessoa se revela assim apenas uma vez na vida, e assim mesmo somente num acesso de histeria!... Que mais você quer? E por que, depois de tudo isto, você fica aí espetada na minha frente, por que me tortura e não vai embora? (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 138 – 139).

A presença de Liza, por si só, já simbolizava tormento para nosso filósofo. Sem permitir que ela pronunciasse uma única palavra, o homem do subsolo antecipa-se a qualquer pedido de explicação ou contestação de sua postura e passa a tentar justificar parte da origem de seu lamentável comportamento. Ao agir assim, ele acaba por apresentar a sua identidade secreta de homem acuado e enfraquecido, o verdadeiro retrato da miséria humana. Naquela circunstância, até mesmo sua inteligência – que sempre fora motivo de orgulho – lhe valia muito pouco ou praticamente nada, uma vez que ela não era capaz de lhe proporcionar nem mesmo autocontrole sobre seus atos. Por isso, esmagar Liza, ainda que fosse moral e psicologicamente, era uma maneira viável de afastar de si a fragorosa supremacia de suas fraquezas. Repelir a presença de Liza, a qualquer custo, talvez fosse essa a saída para se redimir de parte de suas humilhações.

Parecia óbvio que Liza após um golpe tão duro reunisse as poucas forças que lhe restavam e partisse para nunca mais voltar. Isso até viria a acontecer mais adiante. Mas, naquele momento, frente à tamanha confissão de infelicidade a moça, para surpresa geral, reagiu estendendo-lhe os braços e amparando-o: “Nesse ponto, meu coração também se confrangeu [...] passei um quarto de hora soluçando, [...] ela deixou-se cair junto a mim, abraçou-me e pareceu petrificar-se naquele abraço.”(DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 140). Agindo dessa forma Liza, de certa maneira, acabava assumindo o papel de uma espécie de duplo do homem do subsolo. Assim como ele, no prostíbulo, atuou como um conselheiro, ela agora chamava para a si a responsabilidade de consolá-lo diante da imensidão de sua fraqueza.

O aparente equilíbrio instaurado pelo inusitado da ação da jovem prostituta durou menos do que qualquer um poderia supor. Confuso diante da nova situação e convicto de que não poderia viver “sem autoridade e tirania sobre alguém...” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 141), o homem do subsolo recobrou o domínio próprio e partiu para dar o golpe final sobre Liza. Sem maiores explicações tornou a andar de um lado para o outro do quarto furiosamente. Bastou apenas isso para a moça compreender a sordidez do momento:

Ela adivinhara que o arroubo da minha paixão fora justamente uma vingança, uma nova humilhação, e que ao meu ódio de antes, quase sem objeto, se acrescentara já um ódio pessoal, invejoso, um ódio por ela... (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 141).

A súbita ação de Liza de procurar amparar o homem do subsolo em sua fraqueza – a despeito de toda a humilhação que ele havia lhe imposto – teve o efeito inverso. Ao invés de nosso filósofo se comover com a atitude, ele a repeliu através de mais um de seus comportamentos aviltantes. A conduta e as poucas palavras proferidas pela moça foram suficientes para supliciar o homem do subsolo, que via nelas exatamente a grandeza que tanto reclamara para si, e que jamais teve a coragem suficiente para encampá-la. Sendo assim, restava a ele, mais uma vez, lançar mão do artifício do menosprezo e da vileza com o objetivo de amesquinhar e, se possível, neutralizar a integridade de Liza.

O mundo do homem do subsolo era por princípio um mundo avesso. Em sua inadequação à ordem das coisas, nosso filósofo, de maneira recorrente, enxergava o outro como sendo, a um só tempo, seu carrasco e juiz. A maneira dele se relacionar com o universo era necessariamente pautada por esta premissa. Não importava por onde transitasse ou com quem se relacionasse sua conduta sempre estava vinculada a esta convicção. Até mesmo quando se relacionava com Apolón, seu criado, a quem destinava o “sutil” epíteto de “minha úlcera”, assim procedia. Vejamos como este empregado nos é apresentado.

Era a minha úlcera, o flagelo que me fora enviado pela providência. Havia alguns anos que nos alfinetávamos mútua e incessantemente, e eu o odiava. Meu Deus, como eu o odiava! Parece-me que nunca odiei ninguém como o odiava, sobretudo em determinados momentos. Era um homem de meia-idade, de ar importante, que exercia durante parte do tempo o ofício de alfaiate. Mas, sem se saber por que, desprezava-me, além de qualquer medida até, e me olhava intoleravelmente de cima. Aliás, olhava a todos de cima. Bastava lançar um olhar àquela cabeça muito loura, [...] para se compreender estar diante de uma criatura que jamais duvidava de si. Era um pedante no mais alto grau, [...] e tudo isto acrescido de um amor-próprio que talvez fosse decente apenas num Alexandre da Macedônia. [...] Tratava-me de modo totalmente despótico, falava comigo o mínimo possível, e, se lhe acontecia lançar-me um olhar, este era sempre firme, altivo, auto-suficiente e zombeteiro, e às vezes me fazia chegar a um estado de furor. Cumpria as suas obrigações com um ar de quem estivesse fazendo o maior dos favores. [...] Não podia haver dúvida de que ele me julgava o último imbecil do mundo, e, se “me mantinha junto a si”, era unicamente porque podia receber de mim mensalmente um salário. (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 128)

A apresentação que o homem do subsolo faz de Apolón dá bem a medida do tipo de relação mantida entre estes dois estranhos seres. Apesar de odiar profundamente o criado, nosso filósofo parecia não conseguir ou não querer se desvincular dele. Toda a arrogância e empáfia do empregado presentes na caracterização feita pelo homem do subterrâneo não foram suficientes para que, simplesmente, este o enquadrasse no tipo de conduta que julgasse acertada ou então o demitisse. Havia algo mais profundo que os unia, como se ambos fossem vozes que compunham um coral destinado a entoar o cancionero do tormento. Apolón, com seu ar pedante, mesmo dependendo do ordenado provido pelo patrão, o despreza solenemente. Este, por sua vez, mesmo sentindo-se torturado por tal prática insistia em não se desvincular do sofrimento. Em seu discurso o homem do subsolo mostra como os papéis eram invertidos durante a maior parte

do tempo. Apesar de ele ser o patrão, afirmava ironicamente que o criado era quem o mantinha junto de si. Ou seja, uma relação perversa de dominação presidia as práticas daqueles dois homens que se odiavam, mas utilitariamente não se separavam. Apolón carecia do dinheiro e por isso tolerava o patrão. O homem do subsolo precisava de alguém palpável a quem pudesse insultar e martirizar. Ao fim e ao cabo, entre afrontas e falso desprezo, eles seguiam mantendo uma relação que ora podia ser encarada como simbiótica, ora devia ser vista como parasitária. Por breves momentos conviviam juntos, sem maiores conflitos, para logo em seguida sugarem doentamente as energias um do outro.

Depois de analisar os diversos encontros do homem do subsolo com as mais variadas estirpes de pessoas, reafirmou-se a convicção de que a figura do outro é fundamental para a constituição da identidade dos indivíduos. Aliás, ter a identidade forjada a partir do encontro com o outro não era uma prerrogativa exclusiva de nosso filósofo. Todos nós, em maior ou menor escala, estamos submetidos a esta trama dialética que acaba por tecer muito do que somos ou deixamos de ser. A questão central que daí advém é: por mais estranho ou comum que sejamos sempre seremos o desconhecido em relação a alguém e esse fato pode nos encaminhar para uma existência de liberdade ou submissão, dependendo da maneira como nos posicionamos no mundo.

Ao longo das *Memórias do Subsolo* vimos transitar uma infinidade de “outros” que, de alguma maneira, deram sua contribuição para tornar a vida de nosso filósofo do subterrâneo – apesar das múltiplas situações infames em que se envolveu – mais inconformada. É notório que a contradição e a angústia nortearam, na maior parte do tempo, os seus passos pela vida. Como companheiras inseparáveis e, muitas vezes, indesejáveis, elas marcaram a existência desse homem com a abjeção e o desprezo que, sistematicamente, o atormentavam, mas também o faziam ser quem era.

É preciso enfatizar ainda, que a relação com os outros é e sempre será conflituosa, independente de onde ou em que tempo se viva. As **memórias das práticas** do homem do subsolo, nesse sentido, são absolutamente didáticas.

Nelas desfilaram personagens dos mais variados extratos sociais que tinham em comum o fato de se constituírem como tiranos em relação ao o homem do subsolo. No entanto, é necessário compreender que a relação tirânica desenvolvida entre eles não era unilateral, mas sim compartilhada. Pois, a cada encontro ocorrido, nosso filósofo era martirizado pelos outros, mas também ele se configurava como o algoz que supliciava todos quantos passassem pelo seu caminho. Nesse sentido, nem mesmo os interlocutores com quem o homem do subsolo dialogou, durante toda a narrativa, conseguiram fugir deste fado. É importante ressaltar que aqueles interlocutores, em grande parte, eram também responsáveis pelo tormento do filósofo do subsolo. Visto que em função do diálogo estabelecido com eles, nosso filósofo se viu compelido a contar suas dilacerantes memórias. Mesmo diante da árdua tarefa de narrar situações muitas vezes insólitas, sórdidas e dolorosas, o homem do subsolo não abriu mão de provocar aqueles sujeitos, que se tinham como uma espécie de modelo de equilíbrio e racionalidade.

Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desamarrai a qualquer de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante pediremos que se estenda novamente sobre nós a tutela. Sei que talvez ficareis zangado comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: "Fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer 'todos nós'". Mas com licença, meus senhores, eu não me estou justificando com este *todos*. E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos. De modo que eu talvez esteja ainda mais "vivo" que vós. Olhai melhor! (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 146).

Apesar do tom aparentemente respeitoso e cordial mantido com seus interlocutores, o homem do subsolo põe em dúvida a noção de independência tão cara a todos aqueles que se supunham regidos pela racionalidade. Ele ousa afirmar que nenhuma independência individual é possível e que os que se julgam livres, vivem em um engano. Ainda que fosse possível experimentar tal emancipação, o ser humano não saberia o que fazer com ela, simplesmente porque ele nunca a conheceu de verdade. Sem nenhuma piedade, nosso filósofo desmonta a tese de que ao "homem direto e de ação" é dada a autonomia para agir segundo sua vontade.

Mais do que “zangados” os “homens diretos e de ação” com quem o filósofo do subterrâneo polemizava se mostraram escandalizados com uma afirmação, supostamente, descabida como aquela. Ao antecipar a reação de seus interlocutores, o homem do subsolo preparava o caminho para desferir o mais pesado e duro golpe contra tais pessoas e sua visão de racionalidade. Ao falar de si e de sua escolha por tudo quanto representasse o avesso da vida “viva”, o filósofo do subterrâneo confronta seus interlocutores com a mesquinhez de suas existências. O que os outros consideravam sensatez, nosso filósofo chamava de covardia, o que entendiam como equilíbrio, ele via como engodo. De engano em engano, todos aqueles que estavam perfeitamente integrados à ordem social sustentada pela razão positivista eram encarados pelo homem do subsolo como “uns homens gerais que nunca existiram” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p 146).

O filósofo do subterrâneo ousava afirmar que se encontrava mais vivo do que aqueles “homens gerais”. Talvez sua existência fosse mais autêntica exatamente porque ele optara pelo subsolo. A trincheira do seu subsolo deve ser entendida como a metáfora do avesso da vida considerada reta e digna. O modelo existencial tomado como honrado e conveniente, aos olhos de nosso filósofo, só podia gerar frutos natimortos. É evidente que um discurso tão corrosivo como esse incomodava profundamente. Sobretudo por ser pronunciado por um indivíduo contraditório, inconstante e polêmico que, ao mesmo tempo em que desejava ser aceito e respeitado pelos outros, os repelia com fúria e perversidade. Sem dúvida alguma, chegamos ao fim de *Memórias do Subsolo* convictos do caráter complexo do homem, que bem poderia tomar de empréstimo a sentença: “Querer ser o que sou, eis a liberdade que me resta” (SARTRE, 1983, p. 240), proclamada por Mathieu, personagem do romance *A Idade da Razão*, de Jean-Paul Sartre.

3 – LIMA BARRETO E DOSTOIÉVSKI: DESAFINANDO O CORO DOS CONTENTES

Isso de criar pensamentos novos é sempre tarefa muito delicada [...] e conheço o caso de dois sujeitos que, à força de quererem criar pensamentos novos, acabaram, um no manicômio, e o outro nas estepes da Sibéria... (CARVALHO, 2005, p. 146).

Levantar a voz ou a pena para se contrapor aos discursos hegemônicos não é nem nunca foi tarefa simples. Em geral, é sempre muito mais fácil navegar nas águas tranquilas da adesão irrefletida ou oportunista das ideias dominantes. A questão torna-se mais séria ainda quando quem ousa duvidar das certezas de seu tempo não pertence a nenhum núcleo de poder específico. Aqueles que não são partidários da situação, tampouco da oposição, invariavelmente, sequer têm suas vozes ouvidas e, nas breves oportunidades que podem fazê-las ecoar, são rapidamente silenciados, quer seja por um grupo ou por outro. É praticamente improvável que um discurso independente consiga sustentação política suficiente para se propagar de maneira sólida e constante. No entanto, ele não deixa de existir e procurar espaço entre as frestas do discurso oficial. O quadro apresentado além de não ser muito otimista, indica algumas dificuldades concretas enfrentadas por aqueles que fizeram e fazem a opção pelo livre pensamento.

Se a situação de todos quantos se encontram fora dos grupos de poder é dura, a realidade dos indivíduos que estão ligados de alguma forma a esses núcleos, mas ousam construir uma visão crítica em relação a eles, não é menos difícil. Em geral, depois de assumirem tal posição, eles passam a ser olhados com desconfiança e restrição pelos seus pares, perdem espaço nas esferas onde antes se destacavam, veem seu prestígio interno se esfacelar e são paulatinamente excluídos das decisões, até se verem completamente entregues ao ostracismo. Em muitos casos chega-se ao extremo de serem vitimados por intrigas que visam desmoralizá-los moral e socialmente. O poder representado nos diversos tipos de relações que estabelece pode ser compreendido como uma patrula que não poupa os inimigos nem os dissidentes, muito menos os independentes, passando-lhes por cima a fim de aplinar as diferenças e nivelar a todos segundo seus ditames.

Alguém, talvez, indague o que Lima Barreto, no Rio de Janeiro do início do século XX, e Dostoiévski na Rússia da segunda metade do XIX têm a ver com as questões postuladas até aqui? Eu diria, sem medo de errar, muita coisa! Sobretudo quando acompanhamos suas trajetórias social e literária. Mesmo distantes no tempo e no espaço, esses escritores têm muito a nos comunicar sobre a fundamental tarefa de duvidar de todas as certezas, especialmente daquelas que individualmente construímos ao longo da vida. O legado artístico deixado por esses romancistas é fundamental para que possamos compreender melhor a dimensão do inconformismo de cada um face à realidade social que dominava a cena em suas respectivas épocas.

Lima Barreto encontrava-se na cidade do Rio de Janeiro capital da *belle époque tropical*, ansiosa por civilizar-se, sedenta por modernizações e disposta a dar o grande salto para o futuro. Essa cidade alimentava a crença na ciência e a fé no progresso que se materializava nos trens elétricos e nos automóveis. Contudo, tal crença não motivava tanto o escritor, como era de se esperar de um homem esclarecido do recém inaugurado século XX. A civilização que chegava à velocidade da luz ao Centro do Rio de Janeiro, pretensamente cosmopolita, parecia se dirigir aos esquecidos dos subúrbios com a lentidão dos velhos tálburis ou pelos carros de boi do século já sepultado. Ainda no Centro, as principais ruas eram tomadas por hordas de dândis que, com seus modos afetados de vestir e agir, davam um tom de elegância superficial aos transeuntes. Enquanto isso, nos morros e nas partes menos assistidas dos subúrbios, a moda não era ditada por tamancos ou por sapatos, mas sim pelos pés descalços que denunciavam a pobreza endêmica que ali se multiplicava. Na esfera política, a recém nascida República ensaiava seus primeiros passos claudicantes fundamentando-se na deformada anatomia do corporativismo e na política dos favores. No plano intelectual, reproduzia-se a chaga do tráfico de influência em detrimento do conhecimento sólido, do talento e da competência, valores tão caros aos que se ocupavam do pensamento e da reflexão. Pois bem, foi nesse cenário controverso da Primeira República que Afonso Henriques de Lima Barreto chamou para si a responsabilidade de se constituir como uma voz destoante dentro do coro, quase

uníssono, dos que satisfeitos aderiam aos valores dominantes daquele tempo das certezas.

Já a Rússia de Dostoiévski, a partir dos anos quarenta do século XIX, se encontrava cindida por ondas de conspirações, tentativas de golpes e revoluções contra o regime czarista que dava provas contundentes do seu desgaste. Em um curto espaço de tempo, tendências antagônicas passaram a coexistir e lutar pela supremacia do poder político e intelectual. De um lado, os elementos arcaicos que prendiam a Rússia à realidade medieval dos senhores de terra e almas, de outro, o influxo do pensamento e das ideias externas, que vinham da Europa ocidental criando grande impacto entre parte da intelectualidade russa de então. No meio desses caminhos, encontravam-se pelo menos dois grupos majoritários: o primeiro era dos eslavófilos, que resistiam às novidades ocidentais, permanecendo aguerridos à velha noção de pátria e reivindicando a permanente redescoberta dos valores nativos. O segundo grupo era representado pelos ocidentalizantes partidários das modernizações capitalistas e voltados “para uma filosofia da ação política a fim de transformar o mundo à luz da razão consciente” (FRANK, 1992, p. 70).

Profundamente influenciado pelas teorias socialistas ocidentais, o grupo dos ocidentalizantes, ao longo da década de cinquenta, sofreu uma dura crítica por parte de intelectuais que se encontravam descontentes com os rumos do socialismo do ocidente, que, aos seus olhos, transformara-se em burguês. A geração dos radicais dos anos sessenta, encabeçada pelo triunvirato formado por Nikolai Tchernichésvski, Nikolai Dobroliúbov e Dmítri Píssarev, sucedeu os primeiros ocidentalizantes e se pôs numa posição extrema àquela assumida pelos pensadores revisionistas dos anos cinquenta. O grupo propunha, por exemplo, a revolução a qualquer preço e um uso utilitarista da arte que deveria estar a serviço exclusivo da causa revolucionária.

Exatamente nesse contexto conturbado e polifônico se forjou uma das vozes mais poderosas e profundas da vida russa do período, a saber, Fiódor Dostoiévski. Com seu magistral talento, o escritor conseguiu interpretar, profundamente, os

conflitos, a história e a alma do povo russo do século XIX. Chegando até mesmo a ser nomeado como o profeta da cultura russa, por respeitáveis estudiosos de seu legado literário. Essa referência foi feita em função do caráter visionário de sua literatura, dotada da capacidade de antecipar aspectos da vida social e política da Rússia que se consolidariam apenas no decorrer do século XX. Em função disso, fica evidente que para alcançar tão elevada estatura intelectual e artística era preciso ser um homem que desafinasse o coro dos contentes!

3.1 – Lima Barreto: A Vida Breve

A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco – faz isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado. (SHAKESPEARE, 2003, p. 238)

Nos seus breves quarenta e um anos de vida, Lima Barreto soube como poucos desafinar o coro dos contentes. Expôs as contradições de uma sociedade que procurava veicular uma imagem de moderna, mas ainda encontrava-se presa à práticas atrasadas e conservadoras. Em um tempo marcado pelas certezas científicas, pelo convencimento da vocação cosmopolita do Rio de Janeiro, pelo arrebatamento supostamente democrático impresso nas concepções republicanas e na excitação induzida pelo progresso, a vida e a obra do romancista se interpenetravam para ousarem falar sobre o que a maioria não queria ouvir: a cidade e o país, mas sobretudo sua gente, não iam tão bem como tantos queriam fazer acreditar. Seu discurso incomodava os bem comportados tal qual zumbido dos mosquitos que infestavam os subúrbios ou a lama que emporcalhava os ternos e as sobrecasacas, sempre bem cortadas, das autoridades que visitavam a contragosto e rapidamente aquelas paragens.

Em um momento tão auspicioso para o Rio de Janeiro e para o Brasil, no qual tudo parecia apontar para um futuro promissor que alçaria a pátria à condição de país moderno e civilizado, praticamente não havia espaço para o pensamento divergente. Aliás, tal pensamento só poderia ser atribuído às mentalidades atrasadas, antipatrióticas e contrárias ao inevitável progresso apresentado ao mundo como solução de todos os males da humanidade. Os primeiros anos do

século vinte, especialmente a primeira década, foram marcados por uma onda de otimismo cuja extensão ia desde as nações economicamente centrais, até àquelas, como o caso do Brasil, que buscavam reconhecimento e prestígio frente à comunidade internacional.

[...] no período que vai de 1890 até a Primeira Guerra, a certeza da prosperidade deu lugar a uma sociedade de “sonhos ilimitados”, mais conhecida como *belle époque*. No Brasil, por sua vez, a atmosfera que no Rio de Janeiro ficou conhecida como “regeneração” parecia corresponder ao surto que ocorria em outras partes do mundo, além de trazer a sensação de que o país estava em harmonia com o progresso e a civilização mundiais.

O suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-o da “letargia monárquica” ou da “barbárie da escravidão”. (COSTA & SCHWARCZ, 2000, p. 27).

Expurgar da história da jovem nação brasileira o refugo abjeto da escravidão e superar os descompassos da inércia do período monárquico eram tarefas, verdadeiramente, difíceis. O estado de atraso do país só poderia ser combatido por um regime político que simbolizasse a utopia das certezas do novo século. Nascia assim, em 1889, a República, como a mais nova promessa que garantiria, ao longo do século entrante, um desenvolvimento jamais experimentado no país. O sonho republicano era o de aproximar o Brasil, o máximo possível, das nações mais desenvolvidas e avançadas do mundo naquele período. Todavia, mudavam os mandarins e a forma de jogar, mas a mentalidade patrimonial continuaria como princípio e o favorecimento aos grupos de interesse permaneceria como o fim, dentro da suposta nova ordem social e política. A Primeira República nascida do sonho de modernidade e civilização, passo a passo se converteu em uma grande ilusão brasileira porque insistiu em se manter fiel ao espírito corporativista.

Exatamente no momento em que a ideologia desenvolvimentista e modernizadora da Primeira República se impunha como um processo irreversível Lima Barreto ousou, a partir de sua obra literária e jornalística, duvidar das certezas indubitáveis do sistema. O regime republicano, cujos princípios fundamentais eram sustentados pelas teorias Positivistas, acreditava-se portador de uma verdade indiscutível. Afinal de contas, o pensamento político tomou de

empréstimo as concepções mecanicistas da ciência para justificar sua visão de verdade e de real. Então, como questionar o futuro de progresso, abundância e felicidade reservado ao Brasil naquele início de século? Para se contrapor às verdades indiscutíveis, somente a “verdade” inconveniente de um escritor inconformado, descontente e desconfiado.

Lima Barreto, seguramente, não foi o único intelectual a se levantar contra as “verdades” impostas pelos setores majoritários da sociedade durante a Primeira República. Mas, a sua voz soube se impor como um discurso consistente que manteve coerência e fidelidade aos seus princípios, mesmo nos momentos de maior adversidade. Sua obra é o testemunho vivo da capacidade crítica e da intransigência do escritor que não aceitou a comodidade de aderir cegamente às ideias e aos comportamentos dominantes em sua época. O seu romance de estreia, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) já dava mostras contundentes do veio ácido, crítico e corajoso de seu trabalho. Nele, o escritor provocou abertamente um dos setores mais poderosos da sociedade brasileira do início do século XX, qual seja, a imprensa. Setor que se consolidou, no Brasil, ao longo do século passado, ao lado dos poderes executivo, legislativo e judiciário como o quarto poder da República: “Era a Imprensa, a Onipresente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!” (BARRETO, 1956, p.174).

Narrativa aparentemente simples, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* conta a trajetória de um jovem mulato que sai do interior e busca realizar o sonho de se fazer doutor no Rio de Janeiro. Apesar de ser inteligente, honesto e ambicioso, se vê impedido de realizar seu principal desejo em razão do preconceito racial ao qual é submetido na cidade. De dificuldade em dificuldade, acaba tornando-se contínuo do jornal *O Globo*. De lá nos apresenta um rico painel das relações espúrias mantidas no âmbito das entidades jornalísticas, tidas como uma das mais importantes instituições da República. Por essa narrativa desfila uma coleção de personagens que relevam muito da identidade e das práticas das classes dominantes do Rio de Janeiro do início do século XX. São jornalistas manipuladores e vigaristas, políticos desonestos e sequiosos pelo poder a qualquer custo, burocratas insensíveis que não enxergam nada fora da rigidez do repertório

de legislações, códigos e estatutos. Além, é claro, de bajuladores das mais diversas naturezas, sempre prontos a devotarem sua fidelidade a quem melhor os recompensar.

O livro foi considerado o primeiro romance a ter a imprensa como tema preferencial. Este fato, ao que tudo indica, custou ao escritor a sua inclusão durante cinquenta anos no *index* do jornal *Correio da Manhã*. Segundo Francisco de Assis Barbosa, “o livro era sabidamente contra o *Correio da Manhã*, uma força da época. O mandarinato literário tinha sua bastilha no *Correio da Manhã*, onde escrevia Coelho Neto, João do Rio, homens que manipulavam a glória literária”.(BARBOSA. In. BARRETO, 1997, p. 405 – 406). A identificação de personagens do romance com figuras importantes do jornalismo carioca teria despertado a ira de Edmundo Bittencourt dono do órgão de imprensa ironicamente atacado. O crítico e ensaísta Jackson de Figueiredo nos fala sobre Lima Barreto e seu romance de estreia:

Lima Barreto, é, entre nós, na verdade o tipo perfeito do analista social, mas um analista que combate [...] Ele não se limita a mostrar todos os fundos da cena, o que vai pelos bastidores da nossa vida; toma partido, assinala os atores que falam a linguagem da verdade, mostra o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros.

Ele apareceu definitivamente com as suas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, livro que teria feito época se acaso não fosse, ele todo, como que um desafio ao nosso jornalismo, e por melhor que fosse a boa vontade de dois ou três desabusados das letras, a conspiração do silêncio fez-se em redor daquela obra vigorosa e sincera.

Li-a já conhecendo o Rio de Janeiro e nunca panfleto mais vibrante, acusação mais verdadeira e esmagadora passou ante aos meus olhos. O escritor é simples, tem a serenidade dos que representam em todos os povos a realidade mesmo do espírito e dignificam a Arte pela clareza com que vestem o pensamento. (FIGUEIREDO. In. BARRETO, 1997, p. 420).

A crítica, de imediato, relativiza certa visão difundida pelo senso comum de que Lima Barreto não obtivera nenhum reconhecimento por parte da crítica especializada de sua época. O trecho aqui destacado apesar de ter sido retirado da edição crítica da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, organizada pelo filólogo Antonio Houaiss e pela professora e pesquisadora Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, chegou ao público leitor originalmente através da publicação *A Lusitana*, em 10 de junho de 1916. A maneira elogiosa como Jackson de Figueiredo se refere ao romancista evidencia o impacto arrebatador que obra do

escritor carioca causou no crítico. Para ele, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* só não obtivera o prestígio merecido, no momento de sua publicação, devido ao silêncio imposto por parte da imprensa que havia se sentido ofendida com o teor da obra. Ao abordar esta questão, sete anos após a primeira publicação do romance, o crítico ajuda a recompor os fatos históricos e ainda reverencia o autor que, para ele, dignificava a Arte pela clareza de suas ideias.

A grandeza de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* advém, por exemplo, de sua capacidade de representar o que havia de mais incisivo em termos de crítica ao comportamento da imprensa. Já naquele início do século XX, os veículos de comunicação procuravam estender seu campo de influência pelos mais diversos setores da sociedade. Lima Barreto, através de sua obra, soube captar muito bem os efeitos nocivos disso. Esse fato acabou lhe rendendo o desafeto de alguns dos mais importantes homens da imprensa e da literatura da época. Mesmo assim, como o romance pôde mostrar, o escritor não se intimidou e apresentou suas impressões sobre a referida instituição.

Diversos aspectos contraditórios e antiéticos da imprensa são explorados na obra. Temos, por exemplo, a denúncia do envolvimento dos órgãos jornalísticos com trapaças políticas; a imprensa como máquina da propaganda oficial a fim de beneficiar quem estava no poder; como patrocinadora de campanhas de pressão contra o governo, objetivando influenciar a nomeação dos por ela apaniguados; a torpe prática de manipular a opinião pública e a promoção de intrigas contra homens públicos visando promover ou destruir a imagem de alguém. Vejamos no trecho a seguir um desses exemplos:

O seu gabinete era alvo de uma peregrinação. Durante o dia e nas primeiras horas da noite, entrava toda a gente, militares, funcionários, professores, médicos, geômetras, filósofos. Uns vinham à cata de elogios, de gabos aos seus talentos e serviços. Grandes sábios e ativos parlamentares eu vi escrevendo os seus próprios elogios. O *leader* do governo enviava notas, já redigidas, denunciando os conchavos políticos, as combinações, os jogos de interesses que se discutiam no recesso das antecâmaras ministeriais. Foi sempre cousa que me surpreendeu ver amigos, homens que se abraçavam efusivamente, com as maiores mostras de amigos, vinham ao jornal denunciar-se uns aos outros. Nisso é que se alicerçou o *O Globo*; foi nessa divisão infinitesimal de

interesses, em uma forte diminuição de todos os laços morais. (BARRETO, 1956, p.190).

Em apenas um parágrafo, o escritor, através de seu narrador, traça um painel desolador das práticas sociais correntes naquele distante Rio de Janeiro da primeira década do século passado. Pelo gabinete do diretor do jornal passava todo tipo de gente que, em maior ou menor escala, se relacionava com o poder. Muitos para lá convergiam como uma grande procissão que pretendia alcançar a dádiva da autopromoção. Outros buscavam denegrir a imagem dos desafetos, alguns pretendiam destruir os próprios “amigos”. Enfim, quer fossem burocratas medianos, políticos das mais diferentes orientações partidárias, militares da ativa ou da reserva, grandes sábios, professores ou filósofos, todos quando entravam pelos umbrais do gabinete do diretor de *O Globo*, ali se colocavam para articular alguma manobra desonesta. A imagem que a obra apresenta da imprensa é, então, de uma organização que se estruturou tendo como base a trapaça e a traição. Lima Barreto podia ser acusado de tudo, menos de não assumir uma posição crítica e bem definida diante dos diversos segmentos de poder da Primeira República.

Triste Fim de Policarpo Quaresma (1916) é outro romance do escritor em que seu olhar dissonante se manifestou profundamente. A obra conta o percurso de Policarpo Quaresma, funcionário público do Arsenal de Guerra que exercia ali a função de subsecretário. Vivia uma vida pacata, cercado de livros, poucos amigos e um espírito nacionalista exacerbado que o conduziu a uma busca pela nação dos seus sonhos. Procurou no violão e nas modinhas entoadas por Ricardo Coração dos Outros as origens de seu país, mas não encontrou. Decidiu retornar aos costumes dos indígenas, primeiros habitantes do Brasil, recebendo o compadre Vicente e a afilhada Olga com choros, berros e descabelamentos, bem ao estilo da tradição Tupinambá. Animado com as descobertas sobre os valorosos primeiros habitantes de nossa pátria, Quaresma decidiu enviar uma petição ao Congresso Nacional reclamando o retorno à língua “original” do país, o tupi-guarani. Depois de amplamente ridicularizado por essa ideia, deixa por distração passar um ofício redigido em tupi, que acaba na mão do Ministro da Guerra. Policarpo por força dos acontecimentos se vê, pois, aposentado por invalidez, após passar uns meses

internado no hospício a fim de curar sua insânia. Recuperado da temporada no sanatório, o Major se transfere para o sítio do “Sossego”, no interior do Rio de Janeiro, onde decide cultivar a terra, símbolo da prosperidade brasileira. Depois de algum tempo, o projeto agrícola de Quaresma é vencido por três imbatíveis inimigos. Primeiro, o clientelismo hipócrita dos políticos. Como Policarpo não quis compactuar com uma fraude da política local, passa a ser multado indevidamente. O segundo foi a deficiente estrutura agrária do país, que não lhe permitia vender uma boa safra, sem tomar prejuízo. O terceiro foi a força dos poderosos exércitos de saúvas, que, avidamente, devoravam sua lavoura e reservas de milho e feijão. Finalmente, retorna ao Rio de Janeiro por ocasião da Revolta da Armada, alistando-se e tomando posição em defesa do Marechal Floriano Peixoto. Ao final da revolta é nomeado carcereiro da Ilha das Enxadas, local de detenção dos vencidos. Lá trava contato com o verdadeiro espírito republicano que clamava pelo derramamento de sangue do inimigo subjugado. Revolta-se contra a atrocidade cometida pelo governo e acaba preso como traidor, sendo condenado à morte por aquele a quem fora fiel.

Uma narrativa pungente, assim pode ser definida a trajetória do Major Quaresma, homem de temperamento dulcíssimo. Sua doçura somada ao seu patriotismo ingênuo serão, simultaneamente, os motivos de sua prisão e liberdade. Prisão, pois quando a narrativa tem início, nos vemos diante de um Policarpo Quaresma encarcerado por uma visão desfocada do Brasil e de suas instituições. Por outro lado, a detenção imposta ao major – na última parte do romance – vai se revelar como o ápice da sua libertação do sonho republicano. Ao ser feito prisioneiro, acusado de traição pelo próprio regime ao qual servira, defendera e acreditara, caía por terra o último dos símbolos que o ligava a uma visão excessivamente idealizada da nação. A condenação ao pelotão de fuzilamento decreta a morte de um sonhador. Entretanto, assim como o grão que precisa morrer para germinar, a prisão e a morte de Quaresma representaram o adeus à inocência dos mitos românticos sobre a pátria brasileira. Lima Barreto faz através do Major Quaresma um profundo exame da visão grandiloquente utilizada à exaustão para criar uma imagem de país que, na verdade, nunca correspondeu àquela concreta. Acompanhemos as reflexões do Major Quaresma.

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha êle feito de sua vida? Nada. Levava tôda ela atrás de uma miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo êsse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, êle não vira, êle não provara, êle não experimentara.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por êle fizera a tolice de estudar inutilidades. [...] Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois êle não a via combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por êle no silêncio de seu gabinete. (BARRETO, 1956, p. 284 – 285).

Esse trecho da obra marca a passagem da postura ufanista caricatural de Policarpo Quaresma para outra completamente diferente, lúcida e crítica. A sua trajetória pode ser encarada como uma metáfora de certos setores da intelectualidade brasileira que estavam em pleno processo de reformulação de suas posturas e ideais. A referida reformulação implicava, necessariamente, numa mudança na maneira de olhar o país. Agora era preciso fazer como o Major Quaresma: ir além das páginas dos livros e da cultura letrada para ter um contato direto com a realidade do Brasil, com sua gente, sua natureza, seus campos e suas cidades, construindo assim, um outro olhar crítico. O resultado da experiência existencial do contato íntimo com a terra e seu povo seria a construção de uma consciência crítica, capaz de avaliar as condições reais do país. Por isso, a última palavra em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* não é desilusão, mas sim consciência. Consciência que nos conduz a uma outra visão sobre o país, rica em indagações.

Mais do que apresentar uma visão desencantada do país, o escritor procurou interpretá-lo, passando a limpo a história de sua formação, revendo seus mitos, deficiências, realidades e possibilidades de transformações. Para isso,

lançou mão de seu discurso literário, que de maneira destemida ousava desconfiar das certezas deterministas e cientificistas dos primeiros anos do século XX. Dessa maneira, ele acaba por construir uma visão profunda da diversidade dos problemas e desafios enfrentados pelo país.

Nesse contexto, a opção de Lima Barreto, enquanto intelectual, para discutir os valores da cultura brasileira é a Literatura, por acreditar quer na profundidade de sua abordagem, quer no seu poder de transformação da realidade.

Assim, não toma partido do nacionalismo reformista – a formação e a presença do caráter nacional conforme um modelo de grandeza épica e continuidade ininterrupta – nem tampouco adota o tom trágico e pessimista da inviabilidade da nação brasileira, devido à natureza tropical ou à degeneração racial que diminui os valores da sociedade e da cultura. Demonstra, por isso, aversão aos determinismos e imposições que configuram a realidade a partir de uma tendência absoluta e linear.

A opção pela Literatura possibilita oferecer ao leitor um convite instigante: seguir as marcas do sonho, num percurso em direção ao nosso próprio rosto! (FIGUEIREDO. In. BARRETO, 1997, p. 389).

As reflexões apresentadas por Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo nos ajudam a compreender melhor o aspecto inconformista e dissonante do discurso de Lima Barreto. Não foi por acaso que o romancista elegeu a literatura como o veículo preferencial para apresentação de suas críticas, indagações e discordâncias em relação aos valores hegemônicos da sociedade brasileira da Primeira República. Para o escritor, a vocação, quem sabe mesmo o destino, da arte literária era procurar decifrar o mundo para todos os homens que se encontravam inconformados com os destinos de suas vidas e do mundo.

Lima Barreto transitou também com bastante desenvoltura pelo universo da narrativa curta. Escreveu diversos contos, abordando os mais diferentes temas, mas sempre esteve preocupado em compreender e interpretar a realidade brasileira. Algumas vezes, o escritor foi classificado (que palavra medonha!) como um autor de textos de “acabamento desleixado”. Porém, aqueles que assim o designaram não souberam compreender bem a dimensão de uma obra que procurava refletir e comunicar, sem, no entanto, utilizar o artifício da afetação formal, muito comum entre vários dos seus contemporâneos. Um contraponto importante a essa questão nos é apresentado pelo escritor João Antônio, que chama a atenção para o fato de Lima Barreto ter produzido suas narrativas “contra

as rotinas, os preconceitos, contra a tolice, contra as frivolidades, contra o ramerrão, contra as normas e regras, que só o tempo consagra”. (ANTÔNIO. In. BARRETO, 1997, p. 486). O autor de *Malaguetas, Perus e Bacanaço*, na continuação de sua análise, arremata afirmando: “Nunca houve, nas letras brasileiras, escritor tão revolucionário”.(Idem, p.486) A firmação apaixonada do escritor pode até ser questionada, porém não se pode fechar os olhos e ouvidos para o fato de que Lima Barreto foi um dos mais vigorosos intérpretes da diversidade cultural brasileira.

O conto “Despesa Filantrópica” ilustra bem a questão apresentada anteriormente. A narrativa pertencente ao livro *Histórias e Sonhos*, publicado pela primeira vez em 1920 apresenta com muita ironia um quadro exemplar da realidade do rural no Brasil. Narrada a partir da perspectiva de um fazendeiro, a história revela muito do tipo de relação intrincada que as classes dominantes, ali representadas pela figura do proprietário rural, mantêm com os mais pobres no interior do país. O leitor toma conhecimento do teor da narrativa a partir do diálogo estabelecido entre o fazendeiro e seu amigo de nome Felício que muito provavelmente era oriundo de uma cidade grande, pois desconhecia completamente as práticas sociais existentes naquela localidade.

Contava o fazendeiro sobre a visita inesperada que recebera de um jovem matuto, cujo ofício era o de matador de aluguel. Confuso com a chegada repentina de um elemento tão perigoso em suas terras, só o recebera porque não o reconheceu de pronto. “Se soubesse quem era, teria dado ‘pouso’ em qualquer dependência da fazenda e evitado que ele me entrasse em casa; mas... o que estava feito, estava feito, tanto mais...” (BARRETO, 1956, p. 245). De imediato, o leitor começa a perceber que as leis que regem as relações no campo não são exatamente aquelas estabelecidas pelos códigos do Direito Constitucional. Um fazendeiro recebe em sua propriedade um matador profissional e fica consternado apenas por ter permitido que este entrasse em sua casa. Pior ainda, afirma que se tivesse percebido logo de quem se tratava, teria dado guarida na fazenda, preservando apenas o espaço de sua residência. O comportamento do narrador revela que, no campo, a principal lei é a da sobrevivência. Pois, apesar de ser um

fazendeiro, nada poderia garantir que em algum momento ele não fosse vitimado por um pistoleiro contratado a mando de um desafeto. Por isso, a atitude mais conveniente é não contrariar o matador e procurar tê-lo sempre sob seus olhos. A ação do narrador demonstra claramente como duas razões opostas, em muitos momentos, coabitam o mesmo espaço. A rigor o fazendeiro representava o mundo oficial e o pistoleiro o mundo marginal. Portanto, numa perspectiva meramente positivista estes mundos não deveriam se cruzar, tampouco, cambiarem relação. Mas, na realidade do mundo concreto, a dinâmica era outra. Eles não apenas se cruzavam como ajudavam a sustentar o equilíbrio um do outro.

A narrativa prosseguia na mesma proporção em que a curiosidade de Felício aumentava. Este queria muito saber como o amigo fazendeiro conseguiu se ver livre da visita indesejada. O espanto de Felício era muito grande com o fato do visitante, apesar de ser bem moço, já carregava três mortes nas costas, como quem ostentava medalhas de bravura. O narrador explicou ao amigo que mantivera uma prosa cordial com o assassino, procurando não ferir nenhuma de suas suscetibilidades, dando corda para que este falasse de suas proezas e aventuras vividas no ofício: [O matador] “falava com a calma mais natural dêste mundo, empregando os mais lindos dos modismos do dialeto caipira”. (BARRETO, 1956, p. 247). Aqui a engenhosidade irônica do autor coloca na boca do narrador um importante detalhe. O matador não tinha as características caricaturais, muito comuns aos assassinos de alguns tipos de narrativas de aventura. Ao contrário, ele foi apresentado como um jovem matuto de fala mansa, como muitos outros existentes nos grotões deste imenso país. Lima Barreto ao retratar, através da voz de seu narrador, a personagem do matador como um homem comum do interior, desmonta o estereótipo de homem cordial ou indolente, geralmente atribuídos às figuras do campo. O escritor buscava compreender as coisas e as gentes do Brasil, para além das imagens idealizadas.

O conto chega ao seu fim de maneira simples, porém muito bem engendrada. O romancista oferece ao seu leitor um desfecho surpreendente. O efeito de surpresa vai ser desencadeado pelo caráter irônico e patético da situação. Acompanhemos o narrador:

Num dado momento sacou da cinta uma imensa pistola *parabellum* e disse: “esta bicha ta virge, mas ela corre que nem veado”. Era uma magnífica arma de treze tiros, com alcance de mais de mil metros. Pedi-lhe que me deixasse ver. Examinei-a, pensando tristemente no esforço de inteligência que representava aquele aparelho, e que, entretanto, estava destinado a tão má aplicação. De repente perguntei ao assassino: “Aluísio, você quer vender esta arma? Dou trezentos mil-réis”. Ele não pensou – porque Jeca está sempre disposto a fazer negócio, barganha, rifas – e disse: “Dotô, nós faz negócio”. Dei-lhe o dinheiro, fiquei com a arma; e ele se foi, para voltar mais tarde. Voltou, de fato; mas sabe, sabes o que ele trazia quando voltou?

– Não.

– Um rifle, Winchester que comprara por duzentos mil-réis. Eis em que deu minha despesa filantrópica. (BARRETO, 1956, p. 247).

O desfecho da narrativa ajuda a desmontar os estereótipos de indolente e tolo atribuídos durante muito tempo ao homem do campo. Aquele rapaz reunia muitas das supostas características de um matuto. No entanto, seu comportamento em nada se assemelhava a de um parvo, sempre pronto a ser enganado ou explorado pelo primeiro que passasse. Já o fazendeiro, por sua vez, também não foi representado através dos clichês da austeridade e tirania, comumente atribuídos a esta classe. Sua figura encarnava, em muitos aspectos, o cinismo e um particular instinto de preservação das classes dominantes. Estes elementos ficam evidentes no momento em que ele compra a arma do pistoleiro, imaginando que ao agir assim tornaria seu visitante indesejado menos perigoso. No entanto, o retorno do pistoleiro agora portando um rifle Winchester encerra ironicamente a narrativa e, ao mesmo tempo, aponta para a penetrante capacidade crítica de Lima Barreto. O escritor via de maneira muito clara que para muitas pessoas, particularmente aquelas provenientes das elites, o amor à humanidade, significava em primeira e em última instância, o amor a si mesmas.

Os outros gêneros dos discursos trilhados pelo romancista também são muito importantes para a compreensão da sua condição de intelectual dissonante. O *Diário do Hospício*, por exemplo, vai se revelar como uma narrativa muito importante dentro do conjunto de suas obras. Isso acontece porque a referida narrativa se constituiu simultaneamente – conforme se disse no capítulo II deste trabalho – como um discurso de resistência à loucura, uma análise da sociedade brasileira do início do século XX e as bases para a elaboração de um romance,

cujas temáticas centrais são a loucura. Ao analisar esta obra a partir de três eixos temáticos distintos, é surpreendente perceber a capacidade do romancista em resistir e se reinventar intelectualmente, mesmo diante de uma situação tão adversa.

A experiência do hospício, certamente, não foi fácil. Por isso mesmo, os apontamentos e reflexões desenvolvidos durante o período de internação nos ajudam a ter uma ideia da coerência intelectual do escritor, que mesmo confinado conseguiu – através de um narrador projetado a partir da imagem de si mesmo – efetuar uma série de indagações profundas sobre aquele mundo. Vejamos, por exemplo, um valioso apontamento sobre a loucura:

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só. (BARRETO, 1956, p.53).

A presente reflexão contraria todas as expectativas em torno de alguém internado num hospício na condição de desequilibrado mental. O pensamento apresentado pelo narrador do *Diário do Hospício* é engendrado com enorme lucidez e ousadia. Na medida em que propõe uma visão bastante diferente daquela defendida pela mentalidade cientificista do início do século XX, ele passa a operar dentro de uma lógica dissonante. Enquanto o conhecimento científico, representado pelos saberes, opiniões e diagnósticos dos alienistas, estava mais preocupado em catalogar, enumerar, separar e selecionar os tipos de doenças mentais, o narrador de Lima Barreto chegava à dura constatação de que a insânia é o abismo da alma humana. Portanto, em última instância, pouco importava determinar as possíveis variedades da loucura. Por extensão, também não importava muito saber quem era, de onde vinha, a grande questão, ali pelo menos, era para onde se iria. Ou seja, o que realmente contava era o futuro de cada um.

O espaço hospitalar ainda hoje é o lugar onde as hierarquias científicas mais intensamente se manifestam. Para a obra em análise, o hospício incorporava bem o anseio do pensamento científico em procurar determinar minuciosamente as

origens das patologias. Todavia, por mais que a ciência investigasse a origem da loucura, ela ainda não tinha sido capaz – como no presente também ainda não foi – de encontrar uma solução definitiva para o mal, bem como de entender os recônditos dos males da mente humana. Por isso, o narrador do *Diário do Hospício* criticava abertamente a incapacidade da ciência para encontrar uma cura para o problema da insanidade mental.

Tôdas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo o problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutôres mundanos ainda gritam nas salas diante das môças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode. (BARRETO, 1956, p. 54).

Ao efetuar a crítica apresentada, o narrador da obra relativiza as certezas da ciência, expondo as fragilidades de um campo do conhecimento que se supunha ou se pretendia inquestionável naquela época. Mais uma vez, a voz que se lança na tarefa de questionar a ordem social constituída é proveniente das regiões menos prestigiadas da sociedade, visto que, pertencia a uma pessoa considerada pelo pensamento hegemônico como alguém insano. É importante lembrar que contrariar as posições dos setores majoritários da sociedade nunca foi uma tarefa simples. O poder concreto e simbólico exercido por esses grupos, invariavelmente, não faz concessão de nenhuma ordem a nada, nem a ninguém. O mais grave ainda: na maioria das vezes, essas corporações procuram silenciar os insubordinados através dos mais diferentes mecanismos de controle social, que têm como objetivo principal neutralizar o pensamento dissidente a qualquer custo.

Então, o narrador construído por Lima Barreto, a partir de uma projeção de si mesmo, no *Diário do Hospício* expressará muitas das principais convicções do escritor. De certa forma, o hibridismo autor-narrador é uma das questões centrais da narrativa, pelo fato de desvelar marcas importantes das condições de produção do discurso construído por Lima Barreto. No exame da obra, percebemos, por exemplo, que de modo particular e tenaz a questão da obsessão pelo título de doutor no Brasil será objeto de apreciação crítica. Um olhar duro e, ao mesmo tempo consciente, é lançado sobre esta situação. Com a autoridade de quem

sentiu na própria pele o peso da ação leviana de muitos “doutores”, o narrador expõe, de maneira pertinente, o atraso e o provincianismo presentes nesta postura.

Hoje, a vaidade nacional batiza os lugares com os mais feios nomes que se podem esperar. Enseada Almirante Batista das Neves! Só falta um doutor, também. Esta nossa sociedade é absolutamente idiota. Nunca se viu tanta falta de gosto. Nunca se viu tanta atonia, tanta falta de iniciativa e autonomia intelectual! É um rebanho [...] que só quer ver o doutor em tudo, e isso cada vez mais se justifica, quanto mais os doutores se desmoralizam pela sua ignorância e voracidade de empregos. Quem quiser lutar aqui e tiver de fato um ideal qualquer superior, há de por força cair. Não encontra quem o siga, não encontra quem o apóie. Pobre, há de cair pela sua própria pobreza; rico, há de cair pelo desânimo e pelo desdém por esta Bruzundanga. Nos grandes países de grandes invenções, de grandes descobertas, de teorias ousadas, não se vê nosso fetichismo pelo título universitário que aqui se transformou em título nobiliárquico. É o *Don* espanhol. (BARRETO, 1956, p. 80).

A passagem apresentada é bastante emblemática da questão do fetichismo pelo título de doutor. A situação incomodava profundamente Lima Barreto pelo fato de o romancista ter a clareza dos efeitos nocivos provenientes dessa prática. Entretanto, não devemos esquecer que a própria concepção de modernidade estabelecida no Rio de Janeiro favoreceu bastante o desenvolvimento do referido fetiche. A nova organização do espaço urbano, por exemplo, preconizava a substituição das pequenas e estreitas ruas pelas grandes e largas avenidas, como a Central. A modificação do espaço público disseminou uma mudança comportamental sem precedentes, pois o novo modelo urbanístico permitiu o aumento e a diversificação dos meios de transporte, gerando um maior fluxo e concentração de pessoas pelas ruas do Centro. A consequência desse fato “foi a transformação das vias públicas em vitrines para a economia de consumo, no desfile incessante de tecidos, calçados, vestuários, amostra de mobiliários etc.” (FIGUEIREDO, 1995, p. 76). Ou seja, a concepção de modernidade trazia embutida em si um desenvolvimento e uma transformação do mercado consumidor de bens e serviços. Esses elementos rapidamente foram associados à ideia de moderno, transformando-se em símbolos da nova sociedade civilizada. Simultaneamente houve uma valorização dos títulos acadêmicos que se transformariam em marcas de distinção de poder e diferenciação de classes. O bacharel, o engenheiro e o médico eram indivíduos que se ocupavam do pensamento e da ciência, portanto, não poderiam perder tempo com os trabalhos

manuais ou de estiva, mais apropriados às classes inferiores. Não demorou muito para que as classes altas e médias fizessem do título de doutor a sua meta prioritária. Pois, o anel de doutor funcionava como uma espécie de passaporte que garantia o direito e a manutenção do poder de classe.

Lima Barreto, como poucos naquele período, compreendeu claramente que, para o tipo de classe dominante existente no Brasil republicano, mais importante do que a consistência era a aparência. Afinal de contas a própria ideologia de civilização e modernidade no país fundara-se sob as bases da aparência, não na consistência. Se essa situação não fosse um fato concreto, como explicar, já naquele momento, o abandono da busca de soluções eficientes para questões fundamentais como: da falta de água, moradia, transportes e saúde? Os problemas básicos da cidade foram esquecidos para “favorecer a construção de uma imagem através de um projeto urbanístico que tem em Paris o seu modelo político e metodológico” (FIGUEIREDO, 1995, p. 68). O romancista, na qualidade de intelectual dissonante, soube captar muito bem esse espírito de sua época. Além disso, ele conseguiu realizar a difícil tarefa de se constituir como um grande intérprete das questões candentes do seu tempo.

A crônica foi outro gênero discursivo muito utilizado por Lima Barreto para propagar suas ideias a um público leitor mais extenso. Contudo, em um primeiro momento, entre os anos de 1907 a 1918, suas crônicas foram publicadas nos jornais da época com uma periodicidade ainda irregular. Somente a partir do período que se estende do ano de 1919 até pouco antes de sua morte em 1922 é que o escritor terá uma participação mais constante na imprensa. A face cronista do escritor também expressava sua opção por desafinar o coro dos contentes. Esta marca acompanharia o romancista ao longo de toda sua trajetória existencial e intelectual.

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema. O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações. Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social. (BARRETO, 1956, p. 77).

Essa pequena crônica intitulada “As Enchentes” foi publicada originalmente em 19 de janeiro de 1915 no jornal *Correio da Noite*. Mais tarde reunida no volume XI de suas obras completas, sob o título de *Vida Urbana*. Trata-se de um exemplo acabado da atuação implacável do crítico do cotidiano da cidade e da atuação dos nossos “honoráveis” homens públicos e suas máquinas burocráticas. Em pouco mais de vinte linhas, o escritor apresenta um quadro muito conhecido dos cariocas do passado e, lamentavelmente, do presente também. Desde aquele tempo, as chuvas expunham as condições precárias do saneamento da cidade, que tanto transtornavam e ainda transtornam a vida das pessoas. Além disso, Lima Barreto denuncia com denodo a ineficiência dos serviços públicos, sempre enredados nos labirintos da inércia. Ele questiona também a capacidade administrativa do todo poderoso prefeito Pereira Passos, visto por muitos como um paladino da modernidade. Por fim, o romancista mostra claramente que tanto o governo quanto uma parcela significativa dos cidadãos estavam mais preocupados com os aspectos superficiais das questões que envolviam a vida da cidade. Sem dúvida alguma, a capacidade de síntese, o olhar perspicaz e o espírito crítico do intelectual dissonante são impressos na presente crônica com muita propriedade.

Ao longo de sua trajetória como escritor, Lima Barreto nunca se constituiu como unanimidade, nem como um consenso entre a crítica literária, especialmente,

aquela contemporânea ao seu trabalho. Após a sua morte, o escritor passou um longo período esquecido ou silenciado em razão da possível ação revanchista de alguns desafetos, motivados pelo seu discurso literário dissonante – não podemos esquecer a ira de Edmundo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*, com a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Todavia, não gostaria de atribuir esse “esquecimento”, que durou pelo menos duas décadas, exclusivamente, ao grande poder de seus adversários. Outras e diversas situações podem ter influenciado para que esse triste fato se concretizasse. O mais importante, porém, é que entre os anos 40 e 50 do século passado, a obra e o pensamento do autor do *Diário do Hospício* foram redescobertos através do esforço de estudiosos do quilate de um Francisco de Assis Barbosa, de um M. Cavalcanti Proença ou de um Antonio Houaiss. A ação desses pesquisadores abriu uma porta importante para o surgimento de outras gerações de estudiosos interessados em se lançarem na tarefa de decifrar os sentidos de uma obra extensa, rica e que procurou pensar o Brasil a partir do diapasão da dissonância.

Alguns críticos do passado viam em Lima Barreto simplesmente o retrato de um recalcado que fracassara na sua vida pública e privada. Entretanto, prefiro considerá-lo um inconformado que se revoltava contra as injustiças do mundo. A meu ver, quem melhor conseguiu traduzir os sentidos dessa revolta foi o grande pintor brasileiro Di Cavalcanti: “sua revolta era contra a sordidez e as aparências hipócritas da sociedade, não contra o homem. Para este, ele guardava todas as simpatias, dedicando aos humildes todo seu amor”. (DI CAVALCANTI. In. BARRETO, 1997, p. 435). Da mesma maneira que Lima Barreto dedicou toda simpatia e amor aos mais simples, alguns destes, além de lhe recompensar com os mesmos sentimentos, fizeram-se leitores de suas obras, prestando a maior de todas as homenagens.

Durante o velório aparecera um homem com um pequeno ramalhete de perpétuas. Ninguém o conhecia. Curvou-se diante do morto, e espalhou as flores no caixão. O depoimento pertence a Pereira da Silva e deve ser transcrito com as próprias palavras do poeta: ‘Quando transpusemos a sala em cujo centro jazia o cadáver, o homem correu a espalhar no caixão , votivamente, aquelas perpétuas de um roxo tão expressivo. Depois, mal contendo a emoção, descobriu-lhe o rosto, beijou-o na testa, que ainda recebeu algumas lágrimas. Uma pessoa da família dirigiu-se ao visitante. Quis saber quem ele era.

– Não sou ninguém, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados.’ (Grifo meu) (BARBOSA, 1988, p.276).

Mesmo não sendo uma unanimidade ou consenso entre os críticos, como aqui já foi destacado, Lima Barreto conseguiu a glória de ter cultivado leitores entre as gentes mais simples que o amaram e souberam compreender perfeitamente a dimensão do seu discurso.

3.2 – Dostoiévski: Um Dissonante

O leitor não deve imaginar que esteja descobrindo o amargo fruto de minha situação; não deve, tampouco, comprazer-se com a fácil associação das palavras perseguido, solitário, misantropo. (BIOY CASARES, p. 49, 2009)

Ao terminar de ler pela primeira vez a novela *Memórias do Subsolo*, escrita por Dostoiévski no ano de 1864, a sensação que tive era de que acabara de ser atingido por um violento soco, que não sabia exatamente de onde havia vindo. A narrativa, apesar de relativamente curta, trazia ao longo de suas pouco mais de uma centena de páginas a perturbadora trajetória de um homem, no mínimo, indigesto que se apresentava a nós leitores, ainda nas duas primeiras linhas da história, como: “um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.” (DOSTOIÉVSKI, 2007, p. 15). Aquela estranha figura aguçou minha curiosidade de buscar saber mais sobre sua constituição. Por isso, segui em frente desbravando os parágrafos seguintes e as páginas subsequentes, esperando chegar o momento em que a narrativa contrariaria a afirmação inicial de seu narrador personagem. Na realidade, cheguei a imaginar que aquela afirmação desconcertante do início da história pudesse ser um artifício do escritor que procurava prender a atenção do seu leitor, da primeira a última palavra da narrativa, com algo inesperado e polêmico. Ledo engano! Na medida em que avançava na leitura, desistia de tentar desempenhar o papel de conhecedor das tramas literárias e me compenetrei em procurar, realmente, entender a matéria de que era formado aquele homem do subterrâneo.

A hipótese seguinte e mais palpável era de que me deparara com um personagem que incorporava tudo aquilo que correspondia à negação da beleza, da alegria, da vivacidade, da harmonia, da bondade, da pacificação e da afetuosidade. Ou seja, ao que tudo indicava, acabara de penetrar nos sótãos da existência de um homem sórdido. Ele se apresentava como um daqueles tipos sociais que figuram nas obras literárias para nos fazer ver que a literatura é, antes de tudo, um discurso sobre o real. Por isso mesmo, dela fazem parte todas as criaturas que transitam pelo chamado mundo concreto, quer sejam admiráveis ou hediondas. Independentemente dessas personagens incorporarem as grandezas ou contradições humanas, o que importa de fato, é que elas nos ensinam uma infinidade de questões, muitas vezes negligenciadas por preguiça, medo ou precaução. Além disso, quando ficamos frente a frente com uma figura tão, aparentemente, distante daquilo que julgamos ser, é que nos damos conta da grandiosidade da literatura. Ela, a todo o momento, nos adverte para o fato de que sempre podemos ser muitos, mesmo sendo um só, sobretudo, quando nos lançamos corajosamente nos seus mares profundos!

A epígrafe que abre este tópico do capítulo nos admoesta a não cedermos à tentação das associações imediatistas e redutoras. Por isso, encarar o filósofo do subsolo, por exemplo, exclusivamente como um misantropo pode se revelar como uma atitude precipitada e nada dialógica. É bastante recomendável atentarmos para a questão de que, mais do que criar um personagem mau, vil e doente, Dostoiévski teve a coragem de, através do homem do subsolo, polemizar com setores importantes do pensamento revolucionário russo dos anos sessenta do século XIX. Muito para além de ter dado vida a um personagem misantropo, ele criou uma figura capaz de expor a ideologia dos radicais que depositavam uma fé praticamente mística na concepção de razão. Com sua obra, o romancista ousou desafiar as verdades revolucionárias difundidas pelos radicais russos. A atitude do escritor acabou por transformá-lo numa voz inconveniente, desagradável e dissonante como seu personagem que habitava o subsolo. Desta maneira, Dostoiévski se converteu, na década de sessenta, no retrato do intelectual impertinente porque não aceitava figurar entre os membros do orfeão dos satisfeitos com os rumos que a sociedade russa começava a tomar premida pelos

sombrios excessos dos revolucionários radicais. Através de *Memórias do Subsolo*, o escritor pôde demonstrar como que a racionalidade e o espírito positivista elevados à máxima potência lançam, inevitavelmente, os seres humanos nos abismos dos egoísmos, tornando-os capazes de cometerem as ações mais torpes e inumanas.

A fim de zelar para que as questões apresentadas, até o momento, não sejam tomadas como meras especulações vazias, julgo pertinente efetuar algumas considerações sobre a situação social em que a Rússia se encontrava no século XIX. A apresentação da referida conjuntura permitirá um melhor dimensionamento das razões e valores que motivaram a acirrada polêmica desenvolvida entre Dostoiévski e os radicais russos, representados pela figura de Tchernichévski, uma das suas mais importantes lideranças.

O ponto de partida para buscarmos uma compreensão mais sólida da Rússia do século XIX, necessariamente, passa pelo entendimento das características profundas que forjaram as duas principais tendências política e cultural do país: o movimento eslavófilo e o grupo dos ocidentalizantes. Os primeiros, inicialmente, representavam uma continuação ou desdobramento dos núcleos de poder oriundos das tradições patriarcais, que eram sustentadas pelo arcaísmo das estruturas sociais do país, assim dispostas:

“De um lado, a nobreza, concentrando poder e riquezas. De outro, a massa de camponeses servos, cerca de 90% da população. As camadas intermediárias, constituídas por burgueses, comerciantes, clero, funcionários, etc., não pesavam numa sociedade basicamente agrária e incipientemente urbanizada.” (REIS FILHO, 2004, p.4).

Os eslavófilos utilizavam a seu favor a argumentação de que a Rússia não havia compartilhado do mesmo passado clássico que forjou a sociedade ocidental. Isso, em grande medida, facilitava o combate à glorificação da civilização europeia que foi difundida por pensadores como Tchaadáiev durante os anos trinta. Para Tchaadáiev a Rússia era “um país sem personalidade moral porque foi isolado das raízes da civilização ocidental” (FRANK, 1992, p. 67). Curiosamente, anos mais tarde, este mesmo homem transformou-se, talvez, no primeiro pensador a

sistematizar a tese do privilégio do atraso, que via na falta de desenvolvimento da Rússia, especialmente quando comparada com os padrões ocidentais, um fator positivo, pois esta situação fazia com que o país, durante sua caminhada para o crescimento, tivesse a oportunidade de não repetir os erros da sociedade ocidental, podendo transformar-se em um exemplo moral e espiritual para as outras nações. Outros eslavófilos aderiram convenientemente à tese de Tchaadáiev e passaram a defender a ideia de que a vocação “natural” da Rússia era de servir de modelo de desenvolvimento e retidão para os países ocidentais.

As concepções dos eslavófilos dos anos trinta foram fundamentais para dar forma e corpo aos planos da geração seguinte de levantar a bandeira da manutenção das tradições patriarcais em nome de uma resistência “aos males da modernização capitalista, que já se tinham tornado evidentes nos países ocidentais mais altamente desenvolvidos” (FRANK, 1992, p. 68). O pensamento mais conservador da geração de quarenta favoreceu a uma idealização aguerrida das tradições patriarcais e das estruturas sociais obsoletas que dominavam a vida russa do período. Alguns desses eslavófilos, em particular Kirêievski, chegavam a atribuir ao excessivo racionalismo da cultura ocidental a responsabilidade pelo suposto esfacelamento do eu, que só seria novamente recomposto através da fé. Para eles a Rússia conseguia escapar de tão melancólico destino, exatamente por causa da fé ortodoxa. Ela era a responsável por manter viva, principalmente, entre as camadas pobres da população a confiança em seus governantes e a satisfação por prescindirem do corrosivo egoísmo da propriedade privada. Apesar de seu fundamento histórico nas tradições do patriarcado, essa tendência defendida por setores mais conservadores dos eslavófilos – especialmente quando olhada à distância – vai se apresentar como um paradoxo: ou ela era por demais idealizada, o que a tornava pouco crível, ou era excessivamente cínica a ponto de fechar, voluntariamente, os olhos para o fato de que desde a época de Pedro I a alta sociedade russa se encontrava enredada por preceitos e valores da cultura ocidental. Era público e notório, pelo menos entre os intelectuais, que aquele segmento social havia, majoritariamente, se desvinculado das raízes russas.

As diversas etapas do pensamento eslavófilo suscitam discussões e questionamentos sobre a carga contraditória existente na base de sua formação. O seu desenvolvimento pode ser considerado míope, se confrontado com a realidade de pobreza e abandono vivenciada pela parcela menos assistida da população, representada pelos camponeses. Todavia, o estudioso da cultura russa, Andrzej Walicki – cujas ideias são bastante respeitadas por outro grande estudioso do tema, Joseph Frank – considerava, por exemplo, que os eslavófilos eram a materialização de um sonho conservador. É bem verdade que esta utopia eslavófila pode ser compreendida, em grande medida, como uma espécie de saudade de uma experiência que nunca, de fato, se efetivou, dado o afastamento entre o pretendido por esse grupo e os contrastes da realidade concreta da Rússia de então.

Apesar de todas as contradições internas e do caráter utópico do eslavofilismo, nenhum estudioso da cultura russa pode negar-lhe pelo menos um mérito importantíssimo: o de se estabelecer como uma corrente do pensamento político e cultural que introduziu uma proposta sistematizada de definição da cultura russa. A principal novidade de tal corrente de pensamento consistia na renúncia aos modelos socioculturais da Europa ocidental. Apesar dessa importante inovação, os ideais dos eslavófilos para a sociedade russa vão encontrar no pensamento ocidentalizante um excelente exemplo concreto de incompatibilidade para a realização efetiva de seus planos.

As ideias ocidentalizantes, em grande medida, devem muito ao império de Pedro I, também conhecido como Pedro, o Grande, (1689 – 1725). Desde os últimos anos do século XVII, até o primeiro quartel do XVIII o imperador se empenhou em abrir a Rússia para o mundo ocidental por acreditar que a nova frente possibilitaria um desenvolvimento para a Rússia, como nunca se havia visto até então. O intenso convívio com ocidentais em Moscou, sua atração pelo mar, o grande interesse pela fabricação de navios e pelo comércio marítimo, bem ao gosto da cultura ocidental, contribuíram para ditar o tom de seu governo. “Para Pedro, as técnicas ocidentais e as instituições econômicas do Ocidente significavam modelos indispensáveis para a transformação da Rússia, operação

que estava decidido a realizar, utilizando a força bruta, se necessário” (HOETZSCH, 1966, p. 80, 83). Entretanto, buscou em primeiro lugar a diplomacia para alcançar seus objetivos, sem abrir mão – como era de se esperar – da sua autoridade e poder de imperador. Em 1697 dá um importante passo para a execução de uma guinada em direção ao mundo ocidental. Organiza a expedição que ficou conhecida como a “Grande Embaixada”. Viagem feita à Europa Ocidental em busca de adquirir conhecimentos técnicos, militares e náuticos. Na ocasião, procurou consolidar também alianças políticas que fortalecessem a Rússia no cenário mundial. Outro grande feito de seu império foi a construção da nova capital russa, São Petersburgo (1703), com uma arquitetura de influência ocidental, a cidade deveria funcionar como um ponto de ligação cultural entre o país e a Europa ocidental. Por todos esses feitos, podemos atribuir a Pedro, o Grande, a condição de uma espécie de precursor daquilo que viria a ser o pensamento ocidentalizante na Rússia. Seguramente, seu governo de orientação modernizadora e reformista preparou e semeou o terreno para que pudesse crescer em solo russo uma mentalidade empenhada em colher os frutos do modelo cultural do ocidente.

Se por um lado Pedro, o Grande, teve pulso e soube ser hábil suficiente para promover reformas que aproximaram a vida russa do mundo ocidental, por outro, não podemos afirmar que as diversas gerações de ocidentalizantes que se sucederam, conseguiram obter o êxito esperado na efetivação do objetivo de integrar a Rússia ao modo de vida da Europa ocidental. Para compreendermos melhor a natureza das dificuldades dos ocidentalizantes não podemos esquecer uma das principais querelas existente entre este grupo e os eslavófilos. O conflito mencionado dizia respeito à visão equidistante que cada um deles tinha da concepção de sujeito na sociedade russa. Os primeiros viam na emancipação das estruturas sociais arcaicas a condição primária para que os indivíduos se constituíssem como pessoas autônomas e livres do legado patriarcal. Já os outros acreditavam que apenas a manutenção da tradição patriarcal seria capaz de garantir à sociedade russa a preservação dos males do individualismo do ocidente. Entretanto, os ocidentalizantes viviam um drama particular com relação à linha mestra de orientação de seu pensamento. Apesar de reverenciarem Pedro, o Grande, e de serem partidários da emancipação dos indivíduos na Rússia, eles

encontravam-se em uma encruzilhada: Como conciliar o individualismo do Ocidente, que avançara em direção ao Capitalismo, com o “seu” ocidentalismo teórico? A busca por uma resposta satisfatória para o problema conduziu os ocidentalizantes para uma importante polêmica.

Um conflito a respeito do capitalismo alastrou-se então entre eles no fim da década de 1840, com Herzen e Bakúnin argumentando que a Rússia deveria contar apenas com os camponeses e a *intelligentsia* para moldar o futuro, enquanto outros insistiam, como os marxistas mais recentes, em que uma fase capitalista burguesa de desenvolvimento econômico era indispensável. (FRANK, 1992, p. 71).

Dois dos principais expoentes do pensamento ocidentalizante do período, Herzen e Bakúnin, com suas posições, expressavam a imagem do comedimento. Diante da “ameaça” capitalista, eles assumiram a posição moderada de procurar limitar a abrangência das influências da Europa ocidental – principalmente do capitalismo com seus efeitos colaterais predatórios – sobre a vida da sociedade russa. Ao contrário desses, os ocidentalizantes mais afeitos aos modos da sociedade da Europa ocidental e também insuflados pelas ideias marxistas foram menos pragmáticos e mais sonhadores – talvez incapazes de avaliar, plenamente, que a tarefa de implantar o socialismo sob aquelas bases era inexequível. O comportamento de aceitação de uma fase capitalista burguesa assumido pelos ocidentalizantes influenciados pelo marxismo, olhado com o devido distanciamento histórico, chega a parecer ingênuo e simplista. Se nem no ocidente as ideias marxistas haviam sido encaradas consensualmente, como esperar que na singularidade da cultura russa, elas pudessem encontrar os espaços necessários para crescer se reproduzirem? Pior ainda, no caso da Rússia, se a tese dos ocidentalizantes de orientação marxista tivesse saído vencedora, seria necessário fazer uma transição do modelo patriarcal, para o paradigma capitalista burguês, para só após a sua superação, chegar-se a um socialismo efetivo. Toda essa controvérsia parecia não ter solução. Cada um mantinha teso o arco, pronto a atacar a posição do outro e defender a sua, em nome da supremacia socialista que, utopicamente, era aguardada para um futuro indeterminadamente promissor.

A bem da verdade, a polêmica se arrastou ainda por mais algum tempo, sem que nenhum dos dois lados conseguisse se sobrepor ao outro. Além disso, o

pensamento russo tomaria um caminho muito diferente daquele pretendido pelas duas tendências ocidentalizantes. O que se veria, especialmente, a partir dos anos sessenta seria a emergência de um pensamento radical, que dispensaria a discussão travada entre os dois segmentos citados, por julgá-los excessivamente reformistas. Mas, antes de examinar mais detidamente o pensamento radical dos anos sessenta, considero importante acompanhar os desdobramentos das reflexões de Herzen. Partidário de uma visão mais conciliadora e, em certo sentido, herdeiro de uma concepção messiânica sobre o papel da Rússia frente às outras nações, Herzen buscou obstinadamente lançar as bases para o estabelecimento de um socialismo russo. Sua convicção original de que a união entre a *intelligentsia* e o campesinato se constituiria como a raiz do autêntico socialismo russo o levou a produzir uma doutrina de sustentação para sua tese. Ao longo da década de cinquenta ele se dedicou à formalização de seu ideário.

Diferentemente de outros ocidentalizantes, Herzen nutria certa afinidade pelos eslavófilos por reconhecer neles traços importantes da cultura russa que não deveriam ser desprezados. Contudo, nem de longe tal afinidade significava uma renúncia às suas convicções, esta postura apenas facilitava sua compreensão das razões do outro. A essa visão tolerante sobre as razões dos eslavófilos, aliou-se a frustrante experiência de ter vivido durante um longo período na Europa ocidental. Lá, pôde testemunhar os efeitos do capitalismo sobre o modo burguês de viver, concluindo que ele em nada se coadunava com sua visão de autonomia e liberdade. Estas situações, seguramente, contribuíram para que Herzen procurasse um modelo interno que pudesse simbolizar a possibilidade de afirmação de um socialismo fundamentalmente russo. Por isso, sua doutrina procurou valorizar elementos próprios da cultura local como a *obschina* – tipo de instituição agrária comunitária que representava bem as tradições rurais russas. Para o pensador a *obschina* poderia funcionar como o alicerce do seu socialismo, que, necessariamente seria de base agrária e se organizaria a partir de federações de comunas rurais.

Unindo o messianismo de Tchaadaiev à visão eslavófila da história ocidental e à *obschina*, Herzen combinou tudo com o seu ocidentalismo anterior, através do papel que atribuía à *intelligentsia* russa. Seriam seus

membros, produto das reformas de Pedro, o Grande, que levariam o princípio da personalidade ao povo e o fundiriam ao comunismo do homem comum. Essa era a visão que Herzen tinha do futuro... (FRANK, 1992, p. 72).

A capacidade de Herzen em conciliar ideias muitas vezes antagônicas é surpreendente. O filósofo, mais do que fazer uma ordinária aglutinação de pensamentos, procurou construir uma doutrina que integrasse os diversos segmentos da cultura russa. Ele acreditava que valorizando as comunidades camponesas, o regime de servidão poderia ser superado, implantando-se assim o socialismo russo, que prescindiria da fase capitalista burguesa defendida pelos marxistas. Herzen sem dúvida era um libertário que procurava construir o caminho para o florescimento de uma Rússia moderna, sem, no entanto, abrir mão das liberdades individuais e do primado da democracia.

Durante a segunda metade da década de cinquenta até o início dos anos sessenta as teses de Herzen foram amplamente discutidas e respeitadas pelos mais variados setores da *intelligentsia* russa. Porém, a nova década trouxe o vento forte das mudanças e o pensamento revolucionário foi tomado por uma reviravolta. Entravam em cena os radicais russos que encamparam uma posição revolucionária balizada pelo princípio de uma ruptura enérgica em relação ao poder autocrático do Czar. Para este grupo, era imperioso executar um plano de redenção que fosse capaz de conduzir a Rússia para um caminho de justiça e abundância, mesmo que para isso fosse necessário precipitar o país em um sangrento conflito. O desencanto com as reformas sociais e políticas empreendidas pelo governo a partir de 1861 ajudaram a exaltar os ânimos e a fermentar o desejo por um confronto direto contra as forças do Estado.

A maneira como aconteceu a abolição da servidão pode dar uma boa medida do tamanho da frustração da *intelligentsia* russa frente às reformas efetuadas pelo governo. As condições pretendidas pelas diversas correntes libertárias para que a abolição da servidão acontecesse eram muito diferentes daquelas que, na prática, foram implementadas pelo império russo.

Assim, [...] o projeto finalmente aprovado foi um híbrido, um meio termo, onde era possível perceber, ao mesmo tempo, as intenções dos intelectocratas, as hesitações do Tsar e a firme resistência dos que se viam atingidos em seus interesses tradicionais.

Os camponeses seriam emancipados, mas nem todos imediatamente; com a terra, mas não com toda a terra, nem com as melhores, e a teriam como propriedade comunal, e, mais importante, e mais terrível para os *mujiks*, seria necessário pagar por elas preços escorchantes, em pesadas e longas prestações, apenas abolidas mais de quarenta anos depois. (REIS FILHO, 2004, p.13).

O hibridismo do projeto que viria a promulgar abolição da servidão mostra bem as posições e papéis assumidos pelos diversos atores envolvidos na questão. Os intelectocratas – intelectuais que se encontravam a serviço do aparato oficial – tentavam construir uma versão que atendesse aos interesses do equilíbrio do Estado e os anseios dos diversos setores revolucionários. O Czar, por sua vez, titubeava diante da proposta original apresentada por seus asseclas. Os grandes proprietários de terra insistiam na “queda de braço” com o governo, a fim de não perder nenhum dos seus privilégios adquiridos através das tradições arcaizantes. No final de tudo, o documento aprovado se consagrou como um verdadeiro escárnio perante as expectativas geradas em seu entorno. Mormente a *intelligentsia* revolucionária recebeu o resultado final da abolição da servidão como a prova incontestável da incapacidade de conciliação dos diversos interesses presentes na sociedade russa e, na maioria das vezes, conflitantes.

Uma parte da *intelligentsia* ficou convencida de que as mudanças parciais não atendiam as necessidades mais profundas da Rússia. Além disso, os grupos de descontentes estavam convictos da impossibilidade de pactuarem com o Estado ou com os setores esclarecidos da elite sobre uma agenda de mudanças graduais e negociadas para o país. A saída mais próxima que levaria à superação dos impasses seria o mergulho irrevogável no regime de revoltas e lutas metódicas contra o sistema, o que abriria as portas da inevitável revolução. A estratégia utilizada pelos radicais russos para alcançar tal intento se prefiguraria na tática das ações violentas. Caberia aos insurgentes a organização, orientação e disseminação da luta entre os vários setores da sociedade simpáticos à causa. Por outro lado, o grupo radical nutria uma esperança particular nas massas camponesas – talvez fosse melhor chamar de uma excessiva idealização – que,

premidas pela miséria, pelo autoritarismo e pela exploração engrossariam o cordão dos revoltosos em busca de um novo país, liberto da ação perniciosa das elites agrárias e do poder autocrata do Czar.

É evidente que a luta delineada da maneira como foi apresentada anteriormente assumiria uma condição, fundamentalmente, autoritária. Isso, por si só, indica toda carga contraditória de um movimento que se pretendia revolucionário e libertário, mas utilizava como técnica de combate, ações cujo caminho desembocaria, mais uma vez, na supressão das liberdades e no despotismo. Entretanto, para sermos dialógicos, é preciso que levemos em conta as condições de produção dos discursos dos radicais naquele momento. Os revolucionários radicais da década de sessenta tentaram executar seus ideais em meio a um ambiente completamente desfavorável.

Não será possível, em qualquer caso, considerando-se a completa inexistência de liberdade na Rússia tsarista, e a atmosfera sufocante de opressão e censura, desenvolver um processo de debate e de convencimento na esfera pública, que, a rigor, sequer existe. Assim, a revolução não será fruto de uma decisão amadurecida e aferida no livre jogo das instituições autônomas e das opiniões contraditórias, mas produto da determinação e da organização (contra-elites revolucionárias), associada à irrupção insurrecional, súbita, maciça e necessariamente violenta das massas. (REIS FILHO, 2004, p. 20).

A própria condição de inexistência de um contexto que garantisse liberdades mínimas empurrava a causa revolucionária para o, supostamente, inevitável labirinto das ações violentas. Sem dúvida, o historiador Daniel Aarão Reis Filho fez uma análise sobre a situação de opressão em que estavam entregues tanto os camponeses, quanto a *intelligentsia* da Rússia muito apropriada. Entretanto, me pergunto se a polarização das ideias e o primado da violência, realmente, se apresentavam como únicas alternativas de luta. Utopia por utopia, prefiro sempre acreditar nos caminhos da paz, do diálogo e da não violência. Nesse sentido, me sinto mais atraído pelas inquietações de Herzen, quanto aos efeitos devastadores que uma torrente revolucionária violenta poderia provocar. Mas, como se sabe, as preocupações políticas de Herzen foram deixadas de lado pela nova geração que se levantava no alvorecer dos anos sessenta. Os radicais reclamavam para si uma postura mais ativa e voluntariosa

no cenário político da Rússia. Quem melhor orientou e personificou essas propostas inconformistas foi o jornalista, filósofo, ativista político e romancista Nikolai Tchernichévski.

Representante direto de uma linhagem revolucionária que buscava uma Rússia mais justa e formada pelo exemplo de solidariedade presente entre os camponeses. Tchernichévski via no *mir* (tipos de comunas rurais russas) e na *obschina* os espaços perfeitos para manifestação das qualidades fundamentais que sustentariam o novo país. O ativista político e seus partidários pretendiam implantar um socialismo agrário que valorizasse as tradições e cultura dos mujiques, o que daria um cunho efetivamente nacionalista à causa. Em linhas gerais, as propostas de Tchernichévski e seus seguidores não eram muito diferentes daquelas pretendidas pelo moderado Herzen. Ambos lutavam pela implantação de um socialismo genuinamente russo, que se estabeleceria como o grande responsável por transformar as estruturas sociais, conduzindo o país em um caminho de justiça e igualdade. No entanto, os métodos elaborados por cada um para alcançar tais objetivos os colocava em campos opostos, como se um imenso abismo os separasse.

Tchernichévski se converteu no grande teórico dos radicais russos. Ele elaborou uma doutrina que propunha unir ciência e política, dando origem assim ao chamado cientificismo político. Este se amparava em preceitos deterministas que levavam em consideração, basicamente, as categorias antagônicas de “verdadeiro” e “falso”, muito comuns nos procedimentos cientificistas da época. A transposição das certezas científicas do século XIX para o campo da política favoreceu o surgimento de uma postura inflexível. Consequentemente, qualquer alternativa ideológica diferente daquela adotada pelo empedernido filósofo e seu grupo não seria sequer levada em consideração, em nome da construção do novo homem russo. Para o ativista, o modelo deste novo homem seria sustentado pelo cientificismo político e pela fusão da vida pública com a privada. Juntas essas duas tendências consagrariam o homem integral russo, guiado pela razão e pela firmeza de seus propósitos. Todavia, nem todos estariam preparados para responder positivamente às exigências advindas da junção dos aspectos públicos

e privados. Este fato, sem dúvidas, ajudou a mitificar a imagem pretendida do novo homem russo, que ao responder à convocação para a luta, transformaria sua existência ordinária numa aventura, ao mesmo tempo, messiânica e heroica. Naturalmente, só estariam aptos a seguir tal chamado, os indivíduos que, mesmo no meio das massas, descobrissem sua condição de extraordinário e aceitassem a vocação para “santo”.

Apesar de vermos na doutrina de Tchernichévski, sob vários pontos de vista, aspectos utópicos, voluntaristas, ingênuos e totalitários, – sobretudo quando olhada com o devido distanciamento histórico – temos de reconhecer que ela era a expressão de uma vida coerente. Pois, o filósofo fez de seus postulados mais do que uma carta de intenções, uma verdadeira profissão de fé e ação. Sua própria trajetória de vida nos mostra claramente isso.

Preso em 1862, peregrino de várias cadeias e exílios, até à morte, em 1889, recusando-se sempre a conciliar com propostas de negociação do Estado, disposto, em determinado momento, a conceder-lhe a liberdade no exílio em troca de uma declaração de arrependimento, terá assumido na vida pessoal, como os personagens de sua ficção, as conseqüências das opções preconizadas e realizadas. E o fez com uma tenacidade e uma perseverança excepcionais, quase sobre-humanas, figurando como arquétipo na galeria de *anjos vingadores*, revolucionários devotados de corpo e alma aos objetivos colimados, ascetas de um determinado ideário, prontos ao supremo sacrifício pela causa maior que os transcende e dá sentido à vida que escolheram. (REIS FILHO, 2004, p. 21).

Mais do que tudo, Tchernichévski fez da luta política o eixo central que guiava o itinerário das demais atividades desenvolvidas ao longo de sua existência. Com coerência e desvelo manteve-se firme aos seus princípios até o fim. Mesmo não concordando com a maneira belicista escolhida para conduzir sua luta, reconheço que este homem soube infundir perseverança às disputas sociais e políticas do seu tempo. Apesar de tudo isso, ou melhor, em razão disso mesmo, devo dizer que me incomoda bastante a atribuição da aura de semideus auferida a qualquer pessoa, quer seja ela a mais comum ou a liderança mais expressiva de um movimento. Pois, na maioria das vezes que alguém age no sentido de monumentalizar um indivíduo, está dado o primeiro e definitivo passo para que este saia da esfera do humano, e, se instale no campo do divino. Como sabemos, as esferas divinas são regidas pelos dogmas e onde há dogma, não sobra espaço

para dúvidas, questionamentos ou críticas. Nesse sentido, é preciso atenção com aqueles que falam em nome das grandes causas, mas suprimem o inegociável direito da livre manifestação do outro. Como as questões que os motivam são sempre muito elevadas, urgentes e imprescindíveis não podem e não querem perder tempo com banalidades, tais como: indagações, hesitações e opiniões divergentes das suas.

Entre as várias contradições presentes no pensamento e nas práticas de Tchernichévski que saltam aos olhos está o fato de que, apesar de socialista e revolucionário, ele aceitou de maneira irrestrita as premissas do utilitarismo inglês, em particular as formulações de Jeremy Bentham e de seu discípulo John Stuart Mill. O primeiro preconizava, por exemplo, a ideia de que o indivíduo deve procurar sempre reconciliar-se com a sociedade, mesmo que para isso seja necessário o sacrifício de supostos direitos humanos. Para o filósofo o que realmente importava eram os interesses da comunidade em geral, o bem comum em detrimento das dores dos indivíduos. Um dos problemas desta visão é saber quem teria a autoridade para definir o “bem comum”. Já Stuart Mill procurou fazer uma modulação da posição de Bentham, para isso convencionou que a moral utilitarista deveria considerar que o ser humano, em nome do bem comum, seria capaz de abrir mão do seu próprio bem. Por mais estranho e antagônico que possa parecer, Tchernichévski conseguiu unir na construção de sua doutrina radical o cientificismo determinista, o utilitarismo inglês, a visão messiânica proveniente do cristianismo ortodoxo russo e o socialismo utópico ocidental. Tudo isso em nome da causa revolucionário de libertação do povo russo.

O que mais assusta nas formulações de Tchernichévski não é tanto a condensação de vertentes tão contrastantes, mas os usos que o ativista radical fez delas. Independente do gênero percorrido: escritos filosóficos, políticos, jornalísticos ou literários, o ativista lançou mão de sua doutrina para construir o ideal do revolucionário que conduziria a Rússia na direção irreversível da libertação da tirania czarista. No entanto, o que se anunciava, na prática, era a tentativa de derrubar um regime totalitário para que outro fosse erigido.

O ideal do revolucionário disciplinado, dedicado, friamente utilitário e mesmo cruel consigo mesmo e com os outros, mas inflamado por um amor à humanidade que ele reprime duramente, com medo de enfraquecer sua decisão; o líder dotado de vontade de ferro, que sacrifica sua vida privada em favor da revolução e que, já que vê a si próprio apenas como um instrumento, sente-se livre para usar os outros da mesma maneira – em resumo, a mentalidade bolchevique, para a qual é impossível encontrar qualquer fonte no socialismo europeu, sai diretamente das páginas de *O que fazer?* (FRANK, 1992, p.216).

Na passagem em destaque temos o estudioso da cultura russa Joseph Frank apresentando resumidamente as características do herói revolucionário Rakhmiétov, personagem do romance *O Que Fazer?* (1862), de Tchernichévski. Obra que em um curto espaço de tempo transformou-se no verdadeiro catecismo dos revolucionários radicais russos da geração de sessenta, mas que também alcançou as gerações seguintes influenciando inclusive o ideal leninista do bolchevique, segundo nos relata ainda Joseph Frank. O pesquisador destaca o fato de Lênin ter sido bastante impactado pela leitura da obra, a ponto de ter adotado o mesmo título do romance de Tchernichévski para um dos seus panfletos mais importantes, no qual propunha uma “adequação” das ideias de Karl Marx: [Lênin] “ênfatisou a necessidade de que um grupo de conspiradores revolucionários profissionais, dedicados em tempo integral, assumisse controle absoluto e guiasse a luta revolucionária.” (FRANK, 1992, p.217). A proposta de Lênin, nada mais era, segundo a análise de Frank, do que uma substituição de Marx pelo modelo de revolucionário desenhado por Tchernichévski em seu romance.

Ao adaptar as concepções de Marx assumindo a posição extremada prefigurada na personagem de Tchernichévski, Lênin apresentou aos seus companheiros de luta aquilo que seria o paradigma do revolucionário bolchevique. Os desdobramentos das propostas de Lênin são bastante conhecidos e o caminho percorrido até a Revolução de 1917 também. A Rússia realmente carecia de mudanças profundas e a maneira como a luta foi conduzida transformou a revolução socialista em um imperativo inevitável. Assim como pareceu inevitável um regime daquela natureza ingressar em uma escalada totalitarista sem perspectiva de retorno. Para o bem e para o mal o socialismo russo procurou se afastar da herança czarista. Porém, no quesito repressão talvez seja difícil estabelecer quem foi mais nefasto.

Sem dúvida alguma a história da formação do pensamento revolucionário russo é muito instigante, especialmente o período do século XIX. A trajetória percorrida até aqui além de ampliar os horizontes do entendimento dessa história, também nos ajudou a compreender melhor a percepção e coragem de Dostoiévski. O escritor, deliberadamente, escolheu se colocar em rota de colisão com o pensamento da *intelligentsia* radical da geração de sessenta. É importante que se diga que adotar tal posição, no caso do romancista, não tinha nenhuma relação com a ideia de um possível apoio ao regime czarista. Mais do que se posicionar ao lado de um grupo ou de outro, o escritor soube como poucos discernir o espírito de seu tempo. Só que essa capacidade de traduzir as contradições, quase sempre, vem acompanhada de um custo bastante elevado. Imaginemos a situação do intelectual que rejeitava o atraso da sociedade russa, mas via também a adesão indiscriminada a uma mentalidade ocidentalizante e capitalista com muitas reservas. Seguramente não era a mais confortável. Mais sério ainda, em um momento em que boa parte da *intelligentsia* se deixava seduzir pelo apelo da razão revolucionária armamentista não cerrar fileiras com o movimento seria um pecado imperdoável.

Dostoiévski convertera-se nesse inominável “pecador”! Especialmente quando ousou polemizar com Tchernichévski – o portador das grandes “verdades” de que o povo russo precisava – através da publicação de *Memória do Subsolo* em 1864. É bem verdade que a novela foi pouco e, em geral, mal lida na ocasião do seu lançamento, mas não podemos desprezar o seu teor explosivo, quando lida na perspectiva de uma resposta às proposições do ativista radical. Aliás, o próprio fato da narrativa ter recebido pouca atenção na época de sua publicação é uma prova evidente de que aqueles eram tempos de polarização. Afinal de contas, em meio às agitações revolucionárias, qual o sentido de se dedicar atenção para uma narrativa, cuja personagem principal era um homem sem brilho e medíocre? À primeira vista, poderia parecer que com o lançamento de *Memórias do Subsolo*, o romancista fazia uma confissão de sua alienação e desinteresse pela causa revolucionária. Pela causa revolucionária radical até poderia ser, mas pela situação periclitante de seu país seguramente, não.

Para compreendermos melhor a afirmação anterior, basta que façamos uma breve comparação entre o herói revolucionário do romance de Tchernichévski – tão bem caracterizado por Joseph Frank em trecho apresentado neste trabalho – com o homem do subsolo de Dostoiévski. O primeiro é apresentado como o revolucionário que entrega mente, corpo e alma à causa. Não se importando em ser cruel nem consigo mesmo, nem com o outro em nome da revolução. A luta era suficiente para justificar qualquer sacrifício pessoal, além, é claro, das atitudes mais torpes, manipuladoras e violentas. Como o motivo era nobre, não importava os recursos e meios utilizados para se alcançar a vitória final. Eis o retrato do revolucionário, do novo homem russo. Já o homem do subsolo se apresenta aos leitores como um indivíduo “doente, mau e desagradável”, como de fato podemos verificar ao longo da narrativa. A contradição marca toda a trajetória dessa personagem que nos faz caminhar pelas trilhas inseguras do seu mundo ora assustador, ora lamentável, ora lúcido, ora absolutamente desequilibrado.

Aparentemente, o homem do subsolo não guarda nenhuma semelhança com a imagem do revolucionário Rakhmiétov pintada pelas tintas de Tchernichévski em *O Que Fazer?*. Mas, quando olhados bem de perto, a personagem de Dostoiévski vai se configurar como uma espécie de duplo do protagonista criado pelo ativista radical. Com esse duplo o romancista explora os aspectos absurdos e o patéticos contidos no modelo de revolucionário que era venerado pelos radicais russos. O homem do subsolo que tanta aversão causava com suas ações, pode ser visto como o anti-herói. Sua persona biliosa, e até certo ponto, perversa em nada lembra a estatura de um herói. Ele era cruel consigo mesmo e com aqueles que se atravessassem em seu caminho, era manipulador e torturava cruelmente aqueles com quem se relacionava. No entanto, as mesmas características por muitos censuradas no filósofo do subterrâneo eram largamente valorizadas pelos revolucionários radicais em Rakhmiétov. Estes estavam tão imbuídos de uma certeza salvadora que acataram a manipulação, a violência e a crueldade como instrumentos lícitos na luta contra a opressão do Estado. Dostoiévski, com seu homem do subsolo, teve coragem de denunciar o perigo da aceitação irrestrita do determinismo racional, que inevitavelmente, conduziria os

indivíduos a um vazio moral. Em resumo, o romancista utilizou seu discurso literário para se contrapor aos discursos políticos totalitários que prometiam o paraíso na terra, mas religiosamente transformavam as vidas em um inexorável inferno.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, meus amigos, é preciso nos consolarmos com isto: que a minha realidade não é mais verdadeira que a sua, e que tanto a minha quanto a sua duram só um momento.

Sua cabeça está girando um pouco? Então... então concluamos. (PIRANDELLO, 2001, p.56).

Depois de quase cinco anos de trabalho, é chegado o momento de fazer um balanço final com vistas à apresentação dos resultados deste estudo. Antes de tudo, gostaria de deixar claro que as considerações aqui apresentadas são fundamentalmente provisórias, visto que elas sempre estarão sujeitas ao imprescindível olhar dos outros para quem todo discurso é dirigido. Esses outros, ao exercerem a inegociável liberdade de divergir, convergir ou negar as questões postuladas, acabam por atribuir novas significações àquelas já propostas. Dessa forma, “cada discurso agrega-se aos demais, antes dele produzidos, e a cultura como um todo apresenta-se como um complicadíssimo processo de luta entre significações cristalizadas e novas significações...” (RIBEIRO, 2000, p. 222). O caráter provisório dessas considerações finais reside, então, nessa disputa entre o velho e o novo.

No exato momento em que escrevo, meu discurso pode abarcar significações que o precedem, ao mesmo tempo em que aponta para outras tantas futuras significações, em função das apreciações dos seus potenciais leitores. Mas também os discursos desses leitores poderão ser apresentados ao exame alheio. A observação alheia, por sua vez, também será interpelada pela avaliação de outrem. Dessa maneira, é estabelecida uma rede discursiva, praticamente, interminável e sempre diversa. Este processo, por mais paradoxal que possa parecer, contribui para o estabelecimento da dialética da permanência e da duração dos discursos no grande tempo que forja a história das sociedades.

Se, por um lado, o aspecto provisório dos discursos pode gerar certo desalento pelo fato de expor a ilusão da perenidade das coisas humanas, por outro, ele nos ajuda a compreender melhor a condição precária de tudo. Ou seja, como a própria existência está sempre por um fio, só nos resta viver imbuídos do

desejo de tentar atribuir algum sentido a ela. Por isso, creio eu, dormimos, acordamos, nos vestimos, nos despimos, amamos, comemos, bebemos trabalhamos, estudamos, lemos, escrevemos, pesquisamos, vamos ao teatro, ao cinema, aos museus, aos concertos, enfim, tentamos imprimir algum sentido mais profundo ao mundo, ao mesmo tempo em que ele nos lega suas marcas, durante a brevidade de nossas existências.

A partir da perspectiva apresentada, podemos compreender a existência como uma busca incessante de atribuir sentido às coisas. Sendo assim, este trabalho buscou construir significações para os discursos dos autores que, através de suas obras, se converteram em grandes intérpretes do espírito de suas épocas. Lima Barreto e Dostoiévski colocaram toda sua capacidade intelectual e artística a serviço da elaboração de um pensamento crítico independente e desmistificador das verdades, supostamente, incontestáveis existentes em suas respectivas sociedades. Por isso, enveredar pelo universo narrativo criado pelos escritores, se converteu, a um só tempo, em motivo de desafio e satisfação. Desafio, por conta de me sentir provocado pelo legado desses dois grandes artistas. Satisfação, pela oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre duas realidades literárias tão ricas e muito mais próximas do que eu poderia supor antes do início desta investigação.

A referida aproximação se manifesta, por exemplo, quando lemos suas obras e constatamos que, independente da temática desenvolvida em cada uma delas, um sentimento comum às suas personagens centrais irá se manifestar de maneira indiscutível. Todas, em maior ou menor escala, se sentem inadequadas ao mundo que as rodeiam. Em decorrência disso, afloram sensações de desamparo e de grande desconfiança em relação aos sistemas sociais ali abarcados. Os grandes romances de Lima Barreto e Dostoiévski captaram as contradições e os equívocos presentes no pensamento e nas ações dos setores hegemônicos das suas sociedades. Eles apresentaram ainda a distância abissal que separa a razão das classes dominantes da razão das classes menos favorecidas ou deserdadas da ordem oficial. Ao lermos tais obras somos estimulados a olhar o mundo a partir de uma outra perspectiva. Somos exortados a enxergar a vida, a partir do ponto de

vista daqueles que vivem a beira do abismo social e existencial, dos humilhados e enganados. Estes, invariavelmente, são tratados como massa de manobra na mão de poderosos e arrogantes, que os usam como bucha de canhão, como máquinas sem desejo ou vontade própria, ao seu bel prazer. Encarar o mundo desse ponto de vista, sem dúvida, nos leva a compreender que a vida pode e precisa ser diferente do que tem sido até o momento presente.

Mesmo tendo vivido e produzido suas obras em momentos históricos e culturais distintos, podemos dizer que há entre os discursos de Lima Barreto e Dostoiévski – guardadas as devidas proporções – uma aproximação intelectual e artística. Tal aproximação se dá de modo específico pelo fato de ambos efetuarem uma “radiografia” detida e apurada dos tipos humanos social e historicamente definidos, conseguindo apresentar um apanhado bastante significativo dos anseios, dúvidas, dramas, paixões, grandezas e misérias de homens e mulheres de seus tempos e culturas.

É relevante destacar que, Lima Barreto era um leitor atento e constante das obras de Dostoiévski. Não por acaso, encontramos pelo menos cinco referências explícitas ao pensamento, às narrativas e à vida do romancista russo ao longo do *Diário do Hospício*. A primeira delas nos é apresentada pelo narrador, que destacava algumas semelhanças entre sua trajetória pessoal e a do autor russo:

Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. (BARRETO, 1956, p. 35).

A comparação apresentada permite entrever como a imagem de Dostoiévski era presente e servia de parâmetro à extensão das dores e dificuldades do autor de *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Na medida em que o narrador projetado a partir da imagem de Lima Barreto comparava suas dores e privações com aquelas vividas pelo romancista russo, ele criava a consciência de que elas não eram apenas suas. Tratava-se de uma possibilidade na existência de todos os seres humanos. Além disso, a sequência da passagem indica também que ele buscava

alento e esperança quando comparava seu destino ao de escritores da estatura de um Dostoiévski ou de um Cervantes.

A segunda referência a Dostoiévski presente no *Diário do Hospício* ocorre quando o narrador fala de sua passagem pela seção Calmeil, onde consegue ter acesso à biblioteca do setor. Ali, ele constatou que o acervo havia se deteriorado bastante desde a última vez em que estivera internado no Hospício Nacional de Alienados: “[...] sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, *Dicionários das Literaturas*; **dous romances de Dostoiévski, creio que *Les Possédés, Les Humiliés et Offensés...***” (Grifo meu) (BARRETO, 1956, p. 43). Ao destacar a ausência dos romances do autor de *Memórias do Subsolo*, o narrador evidencia sua capacidade de percepção do espaço físico onde se encontrava, além de apresentar uma grande familiaridade com as obras do russo. A terceira referência acontece em um momento de reflexão do narrador sobre seus projetos e empreendimentos não realizados: “Sonhei Spinosa, mas não tive força para realizar a vida dêle; **sonhei Dostoiévski, mas me faltou a sua névoa.**” (Grifo meu) (BARRETO, 1956, p. 81). Mais uma vez, o narrador lança mão de suas inspirações intelectuais. Porém, nesse caso específico ele assim o faz para constatar a dificuldade em alcançar os seus modelos desejados. Há mais uma alusão a Dostoiévski no capítulo VIII, quando é feita a retomada da questão da redução do acervo da biblioteca. A última referência acontece quando o narrador comenta sua antipatia por um paciente:

V. O. tem o riso algo parecido com o J. B. e algumas vezes sublinha as frases com contrações da fisionomia e do canto dos lábios, e tem gestos parecidos com êle.

O riso é antipático. **Dostoiévski diz que se o riso de um desconhecido é agradável, êle é homem honesto.** (Grifo meu) O do V. O. é desagradável, soa como um chocalho de côco ou cabaça. (BARRETO, 1956, p. 112).

A passagem apresenta um uso bastante particular das palavras de Dostoiévski. Possivelmente, em um momento de casmurrice, o narrador compara a expressão facial e o sorriso de dois pacientes para justificar sua antipatia por um deles. Não satisfeito, tenta explicar melhor seu sentimento utilizando as

formulações do romancista russo, tentando assim dar uma maior respeitabilidade ao que sente.

Dostoiévski, ao que tudo indica, exerceu uma influência muito importante na formação literária e intelectual de Lima Barreto. Entretanto, a literatura de Lima Barreto também conseguiu penetrar no universo da cultura russa a partir dos anos de 1959 e 1961. Juntamente com outros escritores brasileiros, o romancista foi publicado em terras russas, tendo sido considerado por lá um clássico da Literatura Brasileira.

Castro Alves é traduzido, na Rússia, pela primeira vez em 1958. [...] Em seguida vieram os romances de José Lins do Rego, *Cangaceiros*, e de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, editados respectivamente em 1959 e 1961. [...] Ainda naquele período foram traduzidos romances de Afonso Schmidt, Alina Pain e Maria Alice Barroso, e lançada uma coletânea de contos de Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Aníbal Machado. Em 1961 aparece *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo e livros e autores considerados lá como nossos “clássicos”, como Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Lima Barreto. (grifo meu) (BRASIL, 1982 p. 115).

O romancista e crítico literário Assis Brasil assinalou, em seu ensaio intitulado “Rússia e Brasil: Paralelo Cultural”, o momento exato em que as obras de Lima Barreto começaram a ser traduzidas e divulgadas na Rússia. O interesse russo pela Literatura Brasileira, além de se mostrar como uma importante ponte cultural entre os dois países, marca, de maneira especial, a trajetória do autor de *Numa e a Ninfa*. Trinta e sete anos após a sua morte, Lima Barreto conseguiu desembarcar, através de suas obras, na terra onde foi forjada uma das mentalidades artísticas mais impressionantes e profundas que a literatura de todos os tempos já produziu, a saber, Dostoiévski. Finalmente Lima Barreto e Dostoiévski, ainda que de maneira simbólica, se encontraram através da obra do escritor brasileiro e da recepção dos leitores russos. Essa ocasião pode ser encarada como o coroamento da trajetória literária de um escritor, que durante um longo tempo foi rejeitado por parte da *intelligentsia* brasileira, em particular aquela contemporânea a ele. Apesar da rejeição inicial, o tempo transcorrido, somado ao trabalho de alguns valorosos pesquisadores e as diversas gerações de leitores

trataram de conduzir este grande escritor brasileiro ao lugar de destaque onde sempre mereceu estar.

Assim, a pesquisa como um todo foi organizada em torno da hipótese geral de que tanto Lima Barreto quanto Dostoiévski se instituíram, a partir dos seus legados literários, como intelectuais dissonantes em suas sociedades. Gostaria de ressaltar que a categoria “dissonantes” aqui foi compreendida como a daqueles artistas e intelectuais que, além de conseguirem analisar de maneira profunda e intensa as questões primordiais de suas épocas, construíram uma crítica contundente aos valores hegemônicos. Nesse sentido, cada capítulo, apesar das suas especificidades analíticas, procurou demonstrar como essa tese geral se manifestava. Ao mesmo tempo em que se buscou analisar as obras selecionadas, partindo da premissa geral exposta, procurou-se também avaliar como os seus discursos dissonantes produzidos, respectivamente, no Brasil do início do século XX e na Rússia da segunda metade do século XIX nos chegam neste início de século XXI.

O primeiro capítulo procurou investigar os narradores de *Diário do Hospício* e *Memórias do Subsolo*, bem como delimitar as condições de produção de seus discursos. Isso se justifica em função da centralidade de tais categorias para os estudiosos que pautam suas pesquisas no referencial teórico da Análise do Discurso de orientação bakhtiniana. Pois, necessariamente, encaramos tanto a literatura, quanto os demais campos do conhecimento humano, como discursos sobre o real. Nesse sentido, procurar definir o ponto de vista histórico, social e ideológico de quem produz os discursos torna-se um imperativo. Ao procedermos desta maneira, temos ampliada a capacidade de compreensão das condições de produção dos enunciados e assim conseguimos apreender melhor como eles constituem o universo narrado. Dessa forma, durante a análise dos narradores das obras selecionadas foi constatado que, ambos pronunciavam seus discursos de uma posição divergente em relação à ordem oficial de suas sociedades. Tanto o narrador projetado a partir da imagem de Lima Barreto quanto o narrador-personagem de Dostoiévski ao assumirem esta posição acabaram se configurando como duas vozes ousadas e, ao mesmo tempo, impertinentes porque decidiram

trilhar os caminhos do inconformismo e da negação da razão das classes dominantes. O que se concluiu desta perspectiva foi que Lima Barreto e Dostoiévski colocaram suas prosas a serviço de um incansável questionamento da concepção da razão das classes dominantes como única alternativa viável para as sociedades.

No segundo capítulo efetuou-se uma análise mais abrangente das obras selecionadas, com vistas à reafirmação do caráter dissonante dos narradores presentes em cada uma delas. No *Diário do Hospício*, foi possível constatar que a narrativa se estabeleceu a partir de três eixos discursivos simultâneos. Por isso, a obra foi compreendida como um discurso de resistência à loucura, uma análise da sociedade brasileira do início do século XX e as bases para a construção de um romance, cujo tema principal era a loucura. Em *Memórias do Subsolo*, por sua vez, foi investigada a condição contraditória do narrador-personagem que hesitava entre a rejeição à ordem social sustentada pela razão positivista e o desejo de ser aceito por ela. Como não podia deixar de ser, foi feita também uma avaliação das consequências desta posição hesitante do narrador.

Após empreender tal percurso de análise, cheguei à conclusão que os discursos dos narradores de Lima Barreto e Dostoiévski apresentavam aspectos contraditórios. Tais contradições manifestavam-se através do comportamento paradoxal de seus narradores. Eles, ao mesmo tempo em que divergiam e criticavam a ordem hegemônica de suas sociedades, expressavam também o desejo de serem aceitos por elas. Esse fato apontou para uma questão que não podemos desprezar: todo marginal é um candidato, hipotético, a uma vaga no sistema. Penso que no caso específico dos narradores em questão, eles, com seus discursos e posições, estavam mais dispostos a provocar inquietações que conduzissem à reforma ou transformação dos sistemas aos quais estavam ligados.

O terceiro e último capítulo se constituiu como um elogio à capacidade dos discursos artísticos, particularmente o literário, de construir uma crítica pertinente, profunda e atual aos preceitos, muitas vezes, tomados com “verdades” indiscutíveis no mundo. Para melhor compreender esta questão, analisou-se o

aspecto dissonante dos discursos produzidos por Lima Barreto e Dostoiévski. Nessa etapa, procurei destacar como esses escritores, através de suas obras, tiveram coragem de questionar os valores hegemônicos no Rio de Janeiro do início do século XX e na Rússia da segunda metade do século XIX.

Lima Barreto, com seu *Diário do Hospício* nos legou um discurso de denúncia ao engano presente nas concepções de modernidade e civilização propostas pelas classes dominantes do Brasil daquele distante início do século XX. Mesmo estando dentro do verdadeiro “Cemitério dos Vivos”, o romancista constatou a reprodução de muitos dos males que infestavam o Brasil da Primeira República. A segregação em nome da ordem social, o tráfico de influências, a corrupção, a soberba dos mais abastados, o desamparo dos mais pobres diante do poder oficial da instituição médica e a ação nefasta dos pequenos funcionários que representavam o Estado naquele local, como se representassem, exclusivamente, seus próprios interesses. Sobre esta questão específica, o historiador Caio Prado Júnior afirmou:

Ninguém como Lima Barreto sentiu e exprimiu tão bem até que ponto a política brasileira e os fatos máximos de sua vida são função daqueles pigmeus que formam a sua burocracia mesquinha onde se esterilizam todos os ideais. (PRADO JÚNIOR. In. BARRETO, 1997).

De fato, em suas obras, Lima Barreto conseguiu demonstrar como os ideais no Brasil eram sufocados em nome de uma prática política acanalhada e medíocre. Entretanto, sem dúvida alguma, não podemos dizer o mesmo do romancista e de sua extensa obra produzida com tanto afincamento e entrega durante sua vida tão breve.

Uma vida breve, mas cheia de som e fúria. Assim podemos resumir a trajetória de Afonso Henriques de Lima Barreto, ou, simplesmente Lima Barreto: mulato, pobre, jornalista e escritor, que encarnou perfeitamente as contradições sociais e históricas do seu tempo. Era intelectual, mas proveniente das camadas pobres da população; conhecia muito bem os códigos burgueses do Centro e de Botafogo, mas escrevia do subúrbio; transitava com desenvoltura pelos cafés e salões frequentados majoritariamente por brancos, mas era mulato. Além disso, os protagonistas de seus romances e contos eram, na maioria das vezes, os

pequenos funcionários, os pobres, os feios, os esquecidos e desvalidos da sociedade, os quais tanta repulsa provocavam à bem nascida e perfumada elite brasileira. Aliás, contra essa elite que fez questão de tentar silenciar sua obra, é que Lima Barreto ousou erguer sua pena e sua voz definitivamente inconformadas.

Dostoiévski, com seu narrador-personagem absolutamente incômodo, chamou a atenção para os riscos inerentes da aceitação irrestrita do determinismo racional propagado através das ideias totalitárias. Com suas *Memórias do Subsolo* o escritor foi capaz de perceber claramente o caminho de violência e exceção que a sua Rússia começa a percorrer, insuflada pelo pensamento radical que se alastrava rapidamente entre a *intelligentsia* insatisfeita e desencantada da década de sessenta, em seu país. A configuração do homem do subsolo como um duplo do revolucionário Rakhmiétov, personagem do romance *O Que Fazer?*, de Tchernichévski, expõe toda a perspicácia de Dostoiévski ao polemizar com o líder radical. Ao confrontar o herói revolucionário do romance que havia se transformado no verdadeiro manual dos radicais russos, o escritor trouxe a público o perigo subjacente às doutrinas redentoras e ditatoriais.

Ao finalizar a caminhada pelas *Memórias do Subsolo*, vale a pena ainda levantar uma última questão. Um fato que, inicialmente, não geraria maiores repercussões despertou minha atenção. Ao longo da leitura da novela, somos impelidos a desbravar passo a passo o universo exterior em que nossa personagem habitou ou transitou: a repartição pública, as vias principais e as menos nobres, o restaurante, o bar sujo, o prostíbulo, enfim, seu recolhimento no subsolo que era a sua casa. Também passamos a conhecer seu universo mental atormentado pela clareza de suas ideias, a dor gerada por elas, o desencanto da excessiva lucidez e a desconfiança permanente com relação à ordem estabelecida e o mundo ao seu redor. Porém, há uma única coisa que em momento algum nos é dado conhecer. Em nenhuma das páginas que compõem a narrativa, nem o narrador, nem nenhum outro personagem nos fornece uma informação simples, mas de grande importância, ninguém dentro ou fora da narrativa menciona o nome do homem do subsolo.

O que para alguns poderia parecer um mero detalhe “técnico”, um simples preciosismo, a meu ver, vai se revelar como algo emblemático. Sobretudo, quando levamos em consideração que o nome é um dos primeiros e mais importantes traços de distinção entre os indivíduos, algo que marca nossa identidade. O nome é o elemento que pode chegar antes de nós e também pode permanecer a despeito de nossa ausência. Desde que os seres humanos se constituíram como sujeitos sociais, um dos seus principais esforços tem sido o de perpetuar seu nome através das marcas deixadas ao longo do tempo. Invariavelmente propagamos que pessoas têm nome e não números, que a identidade do sujeito começa com seu nome e não com os números inscritos em sua cédula de identificação e que a cidadania tem início com o registro do nome e do sobrenome na certidão de nascimento.

Ao que parece, na novela, esta questão da identidade pode parecer apenas um detalhe sem grande importância. Uma vez que, passamos a conhecer tanto deste homem, chegamos mesmo a nos sentir íntimos dele, como se conversássemos diariamente à mesa de um café ou na noite insone de um botequim, o fato de saber seu nome não faria grande diferença. Entretanto, não encaro a questão desta maneira, a falta de um nome definido poderia, por exemplo, nos levar a supor que estamos diante de alguém que precisa esconder alguma coisa ou está entregue a própria sorte, fadado ao completo desaparecimento social. Contudo, também não acho que estas perspectivas respondam de forma satisfatória ao problema.

A ausência de um nome específico vai nos remeter para o caráter da identidade universal que o homem do subterrâneo adquire. O homem do subsolo, em maior ou menor escala, sou eu, é você, é ele, ela, todos nós com nossas camadas visíveis e a porção até aqui guardada, trancada, escondida, muitas vezes rejeitada, porém sempre vibrante. Por isso mesmo, pronta a irromper como a força das águas represadas que, inevitavelmente, seguirão seus cursos, tão logo abramos as páginas da narrativa e nos encontremos com as vozes que habitam o subsolo de nossa existência.

“Mas chega; não quero mais escrever ‘do subsolo’...” (DOSTOIÉVSKI, 1992, p.186). Com esta sentença a novela está praticamente encerrada e, nós leitores, saímos perplexos e com nossas certezas abaladas, depois de mergulharmos naquela que, certamente, está entre as obras mais provocadoras do escritor russo. A admiração provocada pela leitura proporcionou a renovação da convicção de que é na mudança, no inconformismo, na dúvida, no questionamento e na ação de sair do lugar convencionalmente selecionado para habitar, que surge a possibilidade da reafirmação do caráter humano existente em cada um de nós. Quando nos acomodamos em um espaço específico e restrito vivemos uma vida menor, mesmo que estejamos cercados de toda fartura material, isso ainda não será suficiente para responder as nossas questões mais profundas, nem conseguirá nos fazer mais felizes ou pacificados com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor.

Com efeito, as questões abordadas tanto no *Diário do Hospício*, quanto em *Memórias do Subsolo*, são de uma atualidade impressionante. Elas já eram totalmente pertinentes no Brasil do início do século XX e também na Rússia do fim do século XIX. Hoje, nessa primeira década do século XXI, mais do que nunca, se faz necessário desafinar o coro dos contentes. Para isso, é preciso nos indagar diariamente sobre a presença sorrateira do espírito totalitarista, que cada vez mais nos chega disfarçado, nesse estranho tempo, com os trejeitos supostamente democráticos. É preciso, ainda e mais uma vez, ouvir as vozes dissonantes de Lima Barreto e Dostoiévski para não esquecermos que as serpentes podem chocar seus ovos nos lugares mais inimagináveis.

5 – Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 56ª ed, São Paulo: Editora Record, 2005.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas. : Edição Crítica*. (Org.) Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte; São Paulo: Editora Itatiaia e EDUSP, 1987

ADRIANO. “Lima Barreto: Mulato Pobre, Mas Livre.” In. *Sambas de Enredo*. Som Livre, Faixa. 07, 1982.

ANTÔNIO, João. Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ANTUNES, Arnaldo. *Ninguém*. São Paulo: BMG, 1995.

ARLT, Roberto. *Os Sete Loucos e Os Lança-Chamas*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira: Poesia Reunida*. 19ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 7ª ed., São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2003.

_____. *Problemas na Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: 4ª ed., Forense Universitária, 2008.

_____. *Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rebelais*. São Pulo: 3ª ed., HUCITEC – UNESP, 1993.

BARAQUIN, Noëlla & LAFFITTE, Jacqueline. *Dicionário Universitário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 7ª ed., 1988.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1993.

_____. *Obras Completas*. (Org.) Francisco de Assis Barbosa et alii. S.P., Brasiliense, 1956, vols. I – XVII.

_____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma: Edição Crítica*. (Org.) Antônio Houaiss & Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Madri; Paris, México, Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José da Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1997. Coleção Arquivos: 1ª ed.; vol 30.

_____. *Lima Barreto: Toda Crônica*. (Org.) Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir Editora. 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *Todos os Homens São Mortais*. Rio de Janeiro: 4ª ed, Editora Nova Fronteira, SD.

BEIGUELMAN, Paula. *Por Que Lima Barreto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BEZERRA, Paulo. *Dostoiévski: “Bobók” – Tradução e Análise do Conto*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Dialogismo e Polifonia em Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Mimeo, 2007.

_____. *Brás Cubas: Ainda um Desafio*. Rio de Janeiro: Mimeo, 2008.

BIOY CASARES, Adolfo. *A Invenção de Morel*. São Paulo: 3ª reimpressão, Cosac Naif, 2009.

BRASIL, Assis. *A Técnica da Ficção Moderna*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

BRECHT, Bertolt. *O Círculo de Giz Caucasiano*. Trad. Manuel Bandeira, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 4ª ed., 2004.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que Não Foi*. São Paulo: Cia das Letras. 1987.

CARVALHO, Walter Campos de. *Obra Reunida*. 4ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positivista; Discurso Preliminar Sobre o Conjunto do Positivismo; Catecismo Positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

CONRAD, Joseph. *Lord Jim*. Trad: Mário Quintana, São Paulo: Abril Cultural, 1982.

COSTA, Ângela Maria da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890 – 1914: No Tempo das Certezas*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. Série – Virando Séculos.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: 37ª ed, Francisco Alves Editora, 1995.

DARNTON, Robert. *Os Dentes Falsos de George Washington: Um Guia Não Convencional Para o Século XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

DESCARTES, René. *Discurso Sobre o Método*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Trad: Paulo Bezerra, 4ªed., São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. *Os Demônios*. Trad: Paulo Bezerra, 2ªed., São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *O Idiota*. Trad: Paulo Bezerra, 3ªed., São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *Memórias do Subsolo*. Trad: Boris Schnaiderman, 5ªed., São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. *Os Irmãos Karamazov*. Tradução, Posfácio e Notas de Paulo Bezerra, São Paulo: Editora 34. 2008.

ERASMO, Desidério. *Elogio da Loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FAULKNER, William. *O Som e a Fúria*. Trad: Paulo Henrique Brito, São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o Fim do Sonho Republicano*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1995.

_____. *Trincheiras de Sonho: Ficção e Cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. 7ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski: As Sementes da Revolta – 1821 a 1849*. Trad. Vera Pereira, São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. *Dostoiévski: Os Anos de Provação – 1850 a 1859*. Trad. Vera Pereira, São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. *Dostoiévski Os Efeitos da Libertação – 1860 a 1865*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. *Dostoiévski: Os Anos Milagrosos – 1865 a 1871*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo: EDUSP, 2003.

_____. *Dostoiévski: O Manto do Profeta – 1871 a 1881*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *Pelo Prisma Russo: Ensaaios Sobre Literatura e Cultura*. São Paulo: EDUSP, 1992.

GROSSAN, Leonid. *Dostoiévski Artista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GULLAR, Ferreira. *Na Vertigem do Dia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da Urgência: Lima Barreto no Domínio da Loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

HOETZSCH, Otto. *A Evolução da Rússia*. Lisboa: Editorial Verbo. 1966.

LUKÁCS, Georg. *Ensaaios Sobre Literatura*. 2ª ed..Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MÁRAI, Sándor. *As Brasas*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

MAUGHAM, W. Somerset. *A Servidão Humana*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

MEYER, Augusto. *Ensaaios Escolhidos*. Seleção e Prefácio de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.

MORAES, Vinicius de. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1981.

PESSOTTI, Isaias. *A Loucura e as Épocas*. São Paulo: 2ª ed, Editora 34, 1995.

_____. *O Século dos Manicômios*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Os Nomes da Loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIRANDELLO, Luigi. *Um, Nenhum e Cem Mil*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *À procura de modernidades alternativas: a aventura política dos intelectocratas russos em meados do século XIX*. Mimeo, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Os intelectuais russos e a formulação de modernidades alternativas: um caso paradigmático?* Mimeo, 2005.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro, UFRJ/UNICAMP, 1993.

_____. "Lima Barreto: A opção pela marginália." In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 73-78.

RIBEIRO, Luis Filipe. *Geometria do Imaginário*. Santiago de Compostela, Laiovento, 2000.

_____. *Mulheres de Papel: Um Estudo do Imaginário em Machado de Assis e José de Alencar*. Niterói, EDUFF, 1996.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

ROUANET, Sergio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre Quatro Paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Que é Literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *A Idade da Razão: Os Caminhos da Liberdade – I*. Rio de Janeiro, 3ª ed., Editora Nova Fronteira, 1983.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e Semente: Ensaio Sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SHAKESPEARE, William. *Tragédias: Romeu e Julieta, Macbeth e Otelo, O Mouro de Veneza*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VARGAS-LLOSA, Mário. *A Verdade das Mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.

VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a Agulha e a Caneta: A Mulher na Obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, Lacerda Editora, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: 43ª ed., Editora Globo, 1994.

VOVELLE, Michel. (Org.) *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Editora Presença, 1997.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)